

UM NOVO *recomeço*

UM ROMANCE ESCRITO POR

TATIANE BIASI

UM NOVO *recomeço*

UM ROMANCE ESCRITO POR
TATIANE BIASI

Copyright © 2023 Tatiane Biasi

UMA NOVO RECOMEÇO

1^a Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

Capa: Lilly Desiggn

Ilustração: @olhosdtinta

Revisão: Gabrielle Andrade e Dayhara Ribeiro Martins

Diagramação: Tatiane Biasi e Camila Cocenza

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA
PORTUGUESA.

SUMÁRIO

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Capítulo 46](#)
[Capítulo 47](#)
[Capítulo 48](#)
[Capítulo 49](#)
[Capítulo 50](#)
[Capítulo 51](#)
[Capítulo 52](#)
[Capítulo 53](#)
[Capítulo 54](#)
[Capítulo 55](#)
[Capítulo 56](#)

[Epílogo 01](#)

[Epílogo 02](#)

[Notinha Final](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras Obras](#)



Esse livro é recomendado para maiores de 18 anos, por conter cenas de sexo, uso de substâncias lícitas ou ilícitas, violência e palavras de baixo calão. Ele também faz menção à temas sensíveis, como aborto, violência contra a mulher, luto e câncer. Apesar de não me aprofundar nos assuntos, se você não se sentir confortável, pare a leitura. Além disso, gostaria de deixar claro que é sempre importante buscar informação sobre educação sexual e temas sensíveis. Ressalto também que o livro é uma **obra de ficção**, assim, qualquer semelhança com a realidade é **mera coincidência**.

ESSE É UM LIVRO INDEPENDENTE.

A todas as pessoas que perderam um amor.
A todos os pais que infelizmente tiveram
uma jornada dolorosa por ter a vida dos
seus filhos interrompida.

Sua dor não é trivial, não é invisível.

Ao meu amor infinito que
eu nunca pude conhecer.

NOTA 01

As pessoas sempre me falaram que era impossível viver da escrita. Isso fez com que eu desistisse dos meus sonhos, por medo de não conseguir me manter. Atualmente, sou uma autora independente e a escrita é minha única fonte de renda. Esse é o meu trabalho e é gratificante poder fazer o que eu amo e pagar minhas contas.

Se isso for um PDF, espero que tenham plena consciência do quanto isso me prejudica. Os livros estão de graça para assinantes do Kindle Unlimited e por um valor acessível na Amazon. Muitos não entendem que isso é um trabalho, assim como o de vocês. Pelo menos da minha parte, existe muito estudo, pesquisa e conversas com profissionais de diversas áreas. Algumas pessoas não possuem o mínimo de empatia e pegam pesado até mesmo na forma de falar sobre a obra, caso não as agrade.

Espero que vocês sempre sejam valorizados no trabalho de vocês e que nunca sejam humilhados como já aconteceu comigo em alguns casos isolados por alguns leitores. Não sejam esse tipo de pessoa, existe sempre alguém por trás e ninguém sabe sobre minhas dores. Minhas histórias são o meu trabalho, são a minha vida.

Valorizem os autores nacionais.

NOTA 02

Escrever esse livro não foi fácil para mim. Eu não o fiz apenas para meus leitores, eu o escrevi porque precisava disso.

Eu me conectei com o Domenico desde o momento em que ele apareceu para mim, principalmente pela sua dor silenciosa, que trouxe de volta feridas que eu não desejava cutucar. Ele surgiu na história inicial como uma parte pequena e eu nunca imaginei que ganharia o espaço que ganhou. Demorei muito para entender por que nós tínhamos aquela conexão tão forte, porém, mesmo que nossas dores fossem diferentes, no fundo, elas eram iguais.

Nós dois perdemos algo que queríamos muito.

Talvez esse não seja meu melhor trabalho, talvez vocês não gostem de algumas coisas ou não se conectem tanto quanto eu.

Está tudo bem.

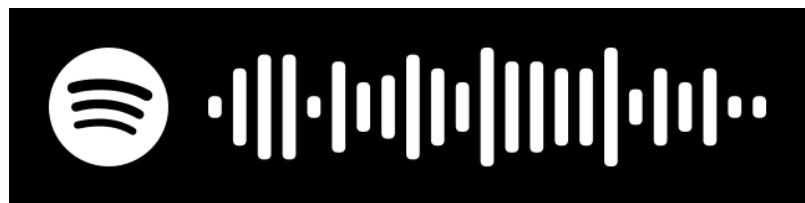
Esse livro é diferente dos outros que escrevi, mas definitivamente foi o que mais me marcou e se tornou uma peça fundamental para o meu processo de cura.

Domenico, eu sempre vou ser grata por você ter aparecido para mim e ter dividido sua história comigo.

Como sempre digo, escrevo personagens reais, quebrados e com muitas falhas e defeitos. Meu novo casal não é nada diferente disso, mas do fundo do meu coração, eu torço para que vocês se apaixonem por eles assim como eu.

PLAYLIST

Ouça a playlist do livro clicando [aqui](#)
ou escaneie o code abaixo.





Prólogo

PRÓLOGO

Domenico Perazzo

Talvez eu estivesse morto. E não que eu tenha morrido antes, mas a sensação era bem semelhante ao que eu achava que era a morte. O desespero se apossando do meu corpo, aquele silêncio gélido e sufocante rasgando minha alma por completo até que eu me visse imerso em uma escuridão que conhecia tão bem. A cada batida do meu coração, o ar se tornava mais pesado, quase como fosse ser extinto.

Senti o sangue se esvair do meu rosto, o pânico engolindo todo meu oxigênio. A sensação de desespero cresceu de forma exponencial e, como se fosse uma fagulha, o medo se espalhou consumindo cada um dos meus órgãos.

Não, eu não estava passando por aquilo novamente.

Não iria sobreviver tendo outra parte de mim arrancada daquele jeito.

Acho que preferia a morte.

Capítulo 1



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

A vida nada mais é do que uma tela em branco em que cada pessoa vai realizando a sua pintura, mas na minha, tudo o que eu via era uma grande mancha de merda. Eu não conseguia entender por qual motivo tomava rasteiras atrás de rasteiras, mas não era minha culpa.

Não fazia o menor sentido. Sempre aproveitei minhas oportunidades, era responsável mesmo quando criança. Não dei trabalho para os meus pais, não me meti em brigas... Eu nunca sequer coloquei o disco da Xuxa para rodar ao contrário, porra!

Trabalhei desde cedo, me formei com excelência, tinha um cargo de respeito e deixava muitas mulheres satisfeitas pelo caminho.

Ou seja, vivia da melhor forma, obrigado.

E como era recompensado por fazer minha parte contribuindo para uma sociedade melhor? Com a merda de um carro espirrando água de uma poça em cima do meu terno italiano novinho. E a cereja do bolo: bem no dia em que eu estava retornando à empresa.

Eu nem tinha tomado uma xícara de café ainda, inferno!

Então era difícil compreender o motivo pelo qual o universo insistia em fazer da minha jornada na Terra uma tortura. Como disse, sempre fui um filho exemplar e, diferente do meu irmão, sabia das minhas responsabilidades como um Perazzo.

O nome da minha família tinha muita relevância no Rio de Janeiro, em especial dentro do Círculo de Ouro, uma sociedade de famílias de elite respeitada no país e fortalecida por diversas conexões e tradições de longa data.

Por anos, sempre me senti grato por fazer parte de uma linhagem de tanto prestígio e me esforcei para honrar o título que tínhamos, para provar o meu valor e deixar perpetuado que, sim, eu era adequado para aquela posição. E, por mais que minha mentalidade não fosse tão limitada quanto a do meu pai, entendia o meu lugar e o que eu precisava fazer pelo meu nome.

Era como as coisas funcionavam e eu não tinha problema nenhum em aceitar o que me foi imposto. Como falei, entendia os meus privilégios e buscava honrar tudo o que vinha com o sobrenome Perazzo.

A única vez em que cogitei me desprender e confrontar a nossa forma de viver foi quando me apaixonei aos dezoito anos. Tália era uma mulher linda, mas não fazia parte da nossa sociedade. E sempre fomos orientados a não nos envolvermos com pessoas de

fora do C.O., mas ela me amarrou de um jeito que até hoje não sou capaz de entender.

Culpo a idade, no entanto.

Aquela vagabunda fodeu com a minha vida de formas que nunca imaginei que seria.

Meu pai sempre nos incentivou a deixar as emoções de lado, entretanto não era muito bom nisso quando mais novo. E por mais que acreditasse em amor naquela época, nunca tive muito anseio em ter uma família. Eu tinha consciência de que eventualmente ela seria formada pelas alianças dentro do Círculo de Ouro e estava bem com isso.

Casamentos arranjados eram bem comuns na nossa sociedade, mas não funcionavam como antigamente. Ninguém era obrigado a nada, apesar disso, a maioria de nós tinha consciência dos benefícios de algumas uniões.

Óbvio que muitas delas eram de fachada, vários casais sequer se relacionavam de verdade. Havia a vida para ser exibida para os membros e a mídia e a realidade fora daquela ilusão.

Então nunca me importei em qual dedo eu colocaria uma aliança, contanto que meu pau estivesse dentro da boceta que eu quisesse.

Até que eu a conheci.

— Você continua recusando as ligações deles? — meu irmão perguntou, arrancando-me dos meus devaneios.

Pedi que Dante tomasse café da manhã comigo porque estava super estressado em voltar para a empresa. Eu não pisava na *Petrolio* desde que tinha decidido cortar laços com meus pais, após descobrir que eles mentiram para mim por anos.

Eu disse que minha vida era um cu, não disse?

— Oh, não. Fomos tomar um chá ontem no Forte de Copacabana — debochei, olhando para ele cheio de desdém e dando um gole na minha bebida. — Claro que não, seu idiota.

— Nossa mãe tem entupido não só a mim como também a Manuela de mensagens.

— Te falei que isso aconteceria.

Um pouco antes do carnaval, meu irmão deu uma entrevista para a *QueenG!* contando sobre a atual gravidez. As pessoas já estavam especulando porque era visível, mas os dois preferiram esperar um pouco mais do que o normal para se manifestarem na mídia.

Assim que meu pai soube, ele teve um infarto. Literalmente.

No instante em que Genaro Perazzo descobriu que seu filho tinha engravidado (pela primeira vez) uma mulher fora do Círculo de Ouro, ele surtou e desde então dizia para todos que meu irmão estava apenas experimentando uma fase rebelde tardia.

Assim que Dante entrou no escritório para trabalhar com a mulher que ele sempre odiou, recebeu a notícia de que era pai de uma bebezinha de dez meses.

Os dois se xingaram por anos durante a faculdade, mas na primeira oportunidade em que ficaram sozinhos em uma sala, conceberam uma criança.

Sério, parecia até mesmo um filme.

Quem em sã consciência trepava sem camisinha com a garota que infernizou por toda a vida e que tinha como meta foder a nossa empresa? Porque sim, Maria Manuela havia feito (e fazia) a *Petrolio* perder rios de dinheiro e nos atormentava dia e noite.

Saber e ter a confirmação pública de que Dante não só casaria, como também teria um segundo filho com a *ecochata* por livre e espontânea vontade pelo visto foi o fim para Genaro Perazzo.

Para ser sincero, inicialmente eu também achei que Dante estava emocionado por todo o contexto de ter descoberto que era pai. Até que eu vi o quanto ele era louco por aquela psicopatinha defensora de árvores. Cheguei a dar um anel da família para ele, o que eu tinha escolhido para pedir minha futura esposa em casamento.

Meu Deus, lembrando de tudo, tinha vontade de dar com a minha cabeça na parede. Cogitei até mesmo a maluca da Marcella para ser a mãe dos meus herdeiros, apenas porque era o que minha família desejava.

Puta merda, como eu era um idiota do caralho! Fui manipulado por anos porque meu pai era obcecado por sua posição dentro do

Círculo de Ouro.

A obsessão era tamanha que teve um ataque do coração apenas com a possibilidade de que a vida do meu irmão atrapalhasse seus planos.

Doente babaca e burro do caralho.

Como vaso ruim não quebra, meu pai apenas passou por uma cirurgia, mas tinha sido orientado pelos médicos a se afastar por um tempo da empresa e de assuntos que pudesse estressá-lo. Cheguei a visitá-lo no hospital, esse foi o único contato que tivemos depois da briga catastrófica de uns meses atrás.

Por mais que eu não quisesse contato com o idiota, eu dei minha vida por aquela empresa e não iria deixá-la nas mãos de qualquer pessoa. Não tivemos bem uma conversa, apesar de ele querer entrar no assunto. Disse que estimava suas melhorias, mas que não estava ali para “consertar” nossa relação. Meu pai pareceu entender e pediu apenas que eu voltasse para a empresa, lembrando-me das minhas obrigações.

— É foda — ele soltou o ar sem muita vontade, dando um gole no seu café e depois mexeu no celular, animado e decidido a mudar o rumo daquele papo merda. — Te falei que comprei uma máquina de fazer sorvete?

— Sério, Dante?

Balancei a cabeça sem acreditar. Meu irmão era consumista ao extremo. Tudo bem que eu não era muito diferente, mas comprava coisas realmente úteis, como por exemplo, presentes para minha sobrinha.

Nada que fosse para Gigi era inútil.

— É muito foda! — Meu irmão começou a se agitar na cadeira e me mostrar um vídeo. — Fiz ontem de amarena e de *brownie*. Dá para fazer de qualquer sabor!

— Uau! Quando eu for lá pode fazer o meu com sabor de arrependimento? E ao invés do granulado no topo, você pode adicionar uns pedaços de confiança quebrada — respondi com sarcasmo, e Dante riu, balançando a cabeça em uma negativa.

— Tão amargurado... — meu irmão zombou, estalando a boca.

— É o meu charme.

— Manuela ficou louca com isso. Outro dia ela me disse que queria comer sorvete de bacon.

— Sorvete de bacon? — Fiz uma careta. — Sua mulher realmente é esquisita.

— É a gravidez, idiota. Pior que ficou gostoso, acredita? — comentou, dando uma risada. — Ela anda tendo uns desejos esquisitos e quase todos envolvem misturar alguma coisa com sorvete. Agora eu posso fazer o sorvete que minha mulher quiser com minha máquina.

Dante me olhou como se estivesse tentando provar um ponto, o queixo projetado para frente e os braços cruzados no peito.

— Continuo achando inútil.

— A Gio amou — ele contou, sabendo que pegaria no meu ponto fraco. — Consigo fazer uns *sorbets* de fruta pra ela.

Nesse caso era superaceitável. Estava um calor do caralho no Rio de Janeiro! Com certeza minha sobrinha se refrescaria.

— Ah, mas aí você tem um ponto — respondi, como se fosse óbvio. — Outro dia a sensação térmica chegou em 58 graus!

— Aquecimento global, irmãozinho... — implicou e eu revirei os olhos.

— É, já sei. De qualquer forma, eu já tinha te mandado um artigo falando para você congelar as frutas para ela, não tinha? — lembrei, apontando o dedo na sua direção. — Então, se for para fazer sorvete de frutas para minha sobrinha, é mais do que aceitável. É necessário!

Dante riu.

— Eu disse que era necessário.

— Você disse que comprou para a ecochata.

— Não, eu comprei para a nossa família.

— Que infelizmente inclui a ecochata — pontuei.

— Vai fazer com que eu me arrependa de ter vindo tomar café com você?

— Não consigo começar o dia sem uma dose extra de ofensas. Não é minha culpa se resolveu se envolver com a inimiga e se bandear para o lado dela.

— Dom! — ele me chamou, irritado, e eu ri.

— Tá, parei! — afirmei, acalmando o ar com as mãos e depois me levantei, ajeitando meu terno. — Preciso ir embora.

— Eu também. — Meu irmão fez o mesmo. — Vê se não fode o meio ambiente hoje.

— Só porque você pediu com jeitinho, vou usar canudos de papel hoje — brinquei e ele levantou o dedo do meio enquanto se afastava.

Sai da cafeteria prestando atenção na rua, ainda puto pelo carro que tinha espirrado água em mim naquela manhã. Maldita foi a hora em que decidi passar na farmácia e descer do *Uber* uma quadra antes da cafeteria.

E maldito seja o mecânico que não deixou minha *Lamborghini* pronta no dia anterior. Era só a porra de um pneu furado!

Estava caminhando com todo o cuidado do mundo quando passei na frente de uma vitrine de loja de bebês.

Engoli em seco.

Toda a minha atenção foi voltada para um sapatinho de recém-nascido em formato de girafa. E em menos de um segundo, eu me senti completamente impotente, o pânico crescendo e sufocando todos os pensamentos coerentes.

Meu estômago revirou, minha respiração se tornou nula e eu desejei não ter tomado café da manhã. As memórias me atingindo tão forte a ponto de parecer rachar o meu crânio.

A sensação de que eu iria colapsar se arrastava pela minha pele e tudo o que eu tentava era focar na dor das minhas unhas cravando com força nas palmas das minhas mãos como uma forma de distração.

Não!

Eu precisava me recompor.

Não!

Não queria revisitar tudo aquilo mais uma vez.

Capítulo 2



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

FLASHBACK

Fiquei apaixonado por Tália no instante em que seus olhos pretos piscaram para mim. Eu não deveria ter ignorado o frio na barriga, aquele que a gente sente quando tudo está prestes a desmoronar. Deveria ter visto no reflexo da íris daquela mulher toda a sua escuridão.

Fiquei de quatro por ela, completamente cego a ponto de ignorar todas as regras de Genaro Perazzo. Sabia que ela jamais seria aceita pelos meus pais, mas eu era burro, e como todo adolescente idiota apaixonado, achei que poderia encontrar uma saída.

Comecei a repensar algumas coisas eachei que aquele poderia ser um recomeço. Uma chance para mudar toda a minha vida.

Tália era uns cinco anos mais velha e eu a achava muito madura e inteligente. Minha namorada parecia tão compreensiva em relação a tudo e dizia não se importar em manter nosso relacionamento às escondidas.

Nuncaachei que a diferença de idade fosse um problema, mas mudei minhas percepções depois porque com apenas dezoito anos eu nunca teria visto o quanto ela era manipuladora.

Era a primeira vez que eu me apaixonava e fui derrubando cada um dos ensinamentos do meu pai. Deixei que as emoções transbordassem, ignorei todas as minhas obrigações e quando Tália pediu que eu parasse de usar camisinha, confiei nela. Comprei as pílulas, pois sabia que aquilo era minha responsabilidade também e acreditei em todas as vezes que aquela maldita jurou estar tomando.

Não demorou muito para que ela engravidasse. E então tudo mudou.

Quando ela me deu a notícia, alguma coisa cresceu dentro de mim e um mar de sentimentos começou a inundar cada lacuna vazia do meu corpo como uma avalanche. Tinha acabado de completar dezenove anos e não fazia ideia do que fazer com um bebê, mas eu o amei desde o primeiro minuto em que as palavras deixaram sua boca.

— Vamos ter um filho? Eu e você? — perguntei com os olhos marejados, ainda imerso naquele furacão de emoções e comecei a distribuir diversos beijos no seu rosto.

— Dom, me solta — pediu, afastando-se de mim e seu tom passou a ser impaciente. — Sua família não vai querer um escândalo e nós não precisamos fazer isso.

— Como assim não precisamos fazer isso? — indaguei, confuso. — Do que está falando?

— Estou falando que estou disposta a abortar, podemos resolver isso da melhor forma para que ninguém saia lesado.

— Você não precisa fazer isso! Não! Eu estou feliz com a notícia, amor. Isso nunca seria um problema, eu vou dar um jeito na situação com meus pais. Se eles não ficarem do nosso lado, rompo qualquer laço com minha família. Você não precisa cogitar nada do tipo, pelo amor de Deus, é meu filho também e eu estou com você para qualquer coisa — avisei, encostando a mão na sua barriga, sentindo meu coração disparado dentro do meu peito. — Eu te amo muito e realmente quero esse bebê.

Meu Deus, eu teria um filho!

Ela me encarou por alguns segundos sem dizer uma única palavra e depois se afastou, avisando que precisava pensar. Tália sumiu por alguns dias e enquanto isso, toda aquela nova realidade começava a se solidificar na minha mente. Eu hiperfoquei, li vários livros sobre bebês e gravidez e em uma semana sabia absolutamente tudo sobre o assunto.

Estava agitado, animado e enxergando a vida de outra forma. Era como se as cores fossem mais radiantes e um novo propósito estivesse crescendo dentro de mim. A palavra “pai” reverberava na minha cabeça, ecoando até o meu peito e preenchendo-o com um calor que nunca imaginei existir.

Os detalhes do futuro se desdobravam na minha mente e me consumiam noite após noite. Ainda não conseguia acreditar que haveria um outro pedaço de mim, uma parte minha e da mulher que eu amava.

Sempre soube que precisaria gerar um herdeiro, porém, não imaginei de fato como seria isso. E nem mesmo me reconhecia, porque ter um filho nunca foi uma prioridade, mas cheguei até mesmo a fazer uma listinha de possíveis nomes e comprei um par de sapatinhos em formato de girafas.

Lembro que mandei mensagens atrás de mensagens para o seu celular até que ela decidiu me encontrar. E assim que a vi, comecei um discurso deixando claro que iria confrontar meus pais, que faria o que fosse para que pudéssemos ficar juntos e a pedi em casamento.

E eu nunca vou apagar da minha cabeça a mudança repentina de expressão, o sorriso debochado e desumano que surgiu no rosto daquela mulher.

— *Meu Deus, como você é patético, Domenico.* — *Ela riu, os lábios se curvando em um sorriso tortuoso, sarcasmo escorrendo por cada uma das palavras fazendo com que eu tremesse até a alma.* — *Acha mesmo que eu me casaria com você? Pelo amor de Deus, você é carente demais, infantil, ciumento e insuportável! Isso é só uma transação, nada mais.*

Ignorei o fato de que aquelas palavras absurdas pareceram cravar fundo no meu peito e pisquei, incrédulo.

— *Transação?* — perguntei com a voz falhando. — *Do que você...*

— *Não quero casar e muito menos desejo ter um filho com você* — *ela afirmou, séria.* — *Acha mesmo que me apaixonei pelos seus lindos olhos, Dom? Me poupa, na vida existem coisas mais importantes.*

O ar desviou do caminho habitual para os meus pulmões e senti minha visão turvar. O gelo se arrastava pela minha espinha enquanto eu tentava entender o que estava acontecendo e era angustiante. O silêncio sepulcral no cômodo soava mais alto do que qualquer estrondo e a sensação era de que meus órgãos estavam sendo dilacerados.

Aquela mulher diante de mim não era a pessoa pela qual tinha me apaixonado.

As palavras demoraram alguns segundos para se fixarem na minha mente. E acho que na verdade, eu não queria aceitar.

— *Tália, de que merda você está falando, porra?* — gritei, furioso e completamente incrédulo. — *É sério isso? Estava comigo esse tempo todo por causa do meu dinheiro?*

Ela riu de forma cruel e eu senti o meu coração se partir um pouco mais. Meu Deus, como eu era burro. Meu pai havia me alertado tantas vezes e foi a primeira coisa que disse quando, um mês atrás eu tomei coragem e contei que estava com ela.

— *Sem drama, por favor* — pediu, soltando o ar cheia de impaciência.

— Não pode ser verdade... Que porra? Você literalmente me deu um golpe da barriga? E está assumindo isso?

Que audácia do caralho!

— Menos, querido. — Ela colocou as mãos na cintura e revirou os olhos. — Estou literalmente te poupando de um golpe da barriga. Tenho uma vida pela frente, não vou perdê-la tendo um filho e brincando de casinha com você!

Qualquer palavra existente morreu na minha boca. Foi como se eu tivesse me esquecido de como pronunciá-las. Apenas permaneci inerte, com os lábios entreabertos, sem saber o que fazer.

— Isso é o que eu quero pelo meu silêncio e para que a gente resolva essa situação da melhor forma. Existem clínicas especializadas. — Tália entregou um papel na minha mão com um valor e eu nem mesmo consegui absorver tudo.

— Você quer que eu te pague para tirar meu filho? — Sequer conseguia raciocinar, mas o arquear da sua sobrancelha foi o suficiente. — Nem fodendo!

Ela me encarou sem reação. Abriu e fechou a boca, mas nenhum som saiu. Podia ouvir suas engrenagens trabalhando, tentando buscar uma saída, como se estivesse recalculando uma rota porque ela definitivamente não esperava que eu fosse agir daquela forma. Era nítido em todas as suas feições.

— Você quer isso?

Isso.

Como ela podia tratar uma gravidez ou nosso filho como algo tão irrelevante?

A ardência nos meus olhos era quase insuportável e a dor da decepção que inundava o meu peito ultrapassava o limite, atingindo até mesmo o físico. Um buraco gigante começou a se abrir abaixo dos meus pés, a respiração ficando mais difícil a cada segundo.

Eu queria chorar. E gritar com ela. Desejava mais do que tudo sair daquele pesadelo e acordar na minha cama.

Não fazia uma porra de ideia de quem era aquela mulher e onde estava a Tália por quem eu tinha me apaixonado. Durante todo aquele tempo, ela havia usado uma máscara, pois observando com

atenção agora, conseguia ver toda indiferença estampada no seu rosto.

Puxei a respiração e passei as mãos pelo rosto, em busca de algum tipo de equilíbrio.

— Tália, pelo amor de Deus — tentei, falando calmamente. — É nosso filho! Acho que você não está raciocinando direito e...

— Estou raciocinando muito bem, Domenico. Cresce! Não vou estragar o meu corpo à toa por conta de uma criança.

— Tália, por favor — eu implorei, minha voz saindo fraca e uma lágrima escorrendo dos meus olhos.

Minhas mãos tremiam e não conseguia raciocinar direito. A brutalidade daquelas frases me atingia de novo e de novo, como um looping sem fim. Não havia nada dentro daqueles olhos, ocos como se não restasse um pingo de humanidade por trás deles.

Ela me encarou dos pés à cabeça, os braços cruzados no peito e o desprezo presente até mesmo na sua postura. Revirou os olhos e deu uma risada fraca, que ecoou nos meus ouvidos como cacos de vidro se quebrando em um vácuo. O tempo escorregava lentamente entre nós, e eu tinha medo de emitir qualquer som, de falar qualquer coisa que piorasse a situação.

Suplicar me parecia a única alternativa.

— Você é tão ridículo... Bem, se realmente quer isso, acho bom que faça valer a pena — respondeu, seca antes de se virar e sair pela porta, batendo-a em seguida.

Fiquei estático, ainda tentando absorver o que tinha acabado de acontecer. Senti as lágrimas correrem pelo meu rosto e a sensação de sufocamento me puxar pela garganta. Meu coração bombardeava contra minha caixa torácica como uma marreta querendo arrebentar minhas costelas, fazendo até mesmo com que meus olhos turvassem.

Achei que iria desmaiar e mais uma vez busquei por ar.

Tália nunca me amou. Tudo o que vivemos não havia passado de uma mentira. Ela me usou como um peão apenas para obter uma vantagem.

Por dinheiro.

Era só o que ela queria desde o início. E eu liberei o caminho fácil demais para seu plano seguir como deveria. Fui imaturo, idiota e emocionado. Deixei de lado todos os alertas que meus pais me deram desde que eu era uma criança.

Nós, do Círculo de Ouro, não podíamos nos dar ao luxo de nos relacionar com pessoas de fora. Não havia espaço para isso, a diferença era gritante demais.

Fiquei me perguntando como tudo tinha chegado àquele ponto. Em qual momento eu tinha perdido os freios da minha vida? Não sabia se tinha conduzido tudo da melhor forma e me sentia um idiota por isso.

Era tão errado que eu quisesse o meu filho? Eu era patético por isso?

Meu pai certamente me chamaria de fraco.

Eu jamais a obrigaria a manter uma gravidez e parir uma criança minha, afinal, era o corpo dela, mas tudo era errado pra caralho. Não tinha sido um acidente, ela me enganou e planejou aquilo. Sem se importar com porra nenhuma porque não fazia diferença para ela.

"É só uma transação".

Meu Deus!

Não fazia sentido.

Eu chorei por horas. Revi nossas fotos, mensagens e vídeos até que a exaustão me consumisse. Ainda não conseguia compreender como uma pessoa era capaz de fingir por tanto tempo.

Precisava fazer alguma coisa, não podia deixar que aquela lunática interesseira tivesse as rédeas da situação. Então, fui até os meus pais e contei tudo o que tinha acontecido.

Soube, no minuto em que vi o olhar de reprovação e decepção do meu pai, que aquilo me marcaria para sempre. E então ele começou a berrar em plenos pulmões, cheio de desgosto, algumas palavras que eu nunca esqueceria:

"Você acabou com sua vida, seu idiota do caralho! Eu sabia, desde o segundo que me falou sobre essa vagabunda, que iria fazer merda. Isso é sua culpa, Paola! Por ser fraca demais e emotiva com esses dois! Agora seu filho vai manchar o nome da nossa família

com um bastardo. Eu te dei tudo, você seria o responsável por dar continuidade à nossa linhagem pura, mas como posso ter confiança em um moleque que joga no lixo seus valores assim? Que vergonha! Tenho tanta vergonha de ter você como filho..."

Tudo me machucou demais, mas foi exatamente como eu previ. O sentimentalismo nunca teve espaço dentro daquele homem.

Tentei argumentar, em vão. Genaro Perazzo não era alguém que gostava de ser contrariado e eu não havia apenas feito isso. Tinha destruído a porra da nossa linhagem inteira me envolvendo com alguém de fora do Círculo e gerando um "herdeiro ilegítimo", um bastardo, como o C.O. costumava chamar.

Havia manchado o nome da nossa família e nossa reputação. E nunca mais nós seríamos vistos da mesma forma na sociedade.

Óbvio que eu me sentia culpado, até porque eles estavam certos, no final das contas. Tália era uma golpista.

Ainda assim, havia o meu filho. E para ser sincero, não dava a mínima se aquela gravidez iria acabar com nossa imagem.

Decidimos que meu irmão não saberia de nada por enquanto e era uma merda não poder desabafar com ele, mas Dante era mais novo e aquilo só encheria sua cabeça com problemas que ele não precisava lidar.

Perdi a conta de quantas mensagens enviei para a maldita. Algumas vezes, acabei bebendo demais e implorei para que ela repensasse e voltasse para mim.

Sim, porque Tália estava certa, eu era patético.

Conforme os dias foram passando, a vagabunda foi entendendo o quanto eu queria aquele bebê e começou a me chantagear. Nós nos encontramos algumas vezes e naquele meio tempo eu dei para ela uma quantidade absurda de dinheiro, um iPhone de última geração, um Blackberry, um MacBook e a porra de um Camaro amarelo.

Meu pai demorou dias para falar comigo novamente e eu passei horas com a minha mãe, tentando expor meus pontos, pensando em soluções em uma tentativa de que ela me ajudasse a ver qualquer caminho.

Meu pai estava tão surtado que até mesmo sugeriu uma aliança com os Braga, uma família que não fazia parte do Círculo de Ouro. Explicou que seria mais aceitável me casar com a filha de Virgílio, já que nenhuma mulher do C.O. iria querer se casar comigo quando a merda estourasse e uma família desesperada para fazer parte da nossa sociedade com certeza estaria disposta.

Lembrei da nossa diferença de idade, mas ele não deu a mínima. Afirmou que eu poderia me casar com Paula Braga no momento em que ela completasse dezoito anos, que nada disso seria um empecilho.

A ideia não me agradou, porém, já tinha feito merda demais para discordar. Meu pai estava sendo complacente e me dando uma saída. Eu teria o bebê, foda-se todo o resto. Faria o que fosse para melhorar a imagem da minha família.

As coisas não estavam boas entre nós e meu pai decidiu que só tomaria alguma decisão se a gravidez fosse para frente, deixando claro que era comum que as mulheres perdessem no primeiro trimestre. Tentei ignorar o fato de que sabia que ele estava pedindo para o universo que não vingasse.

Por quase dois meses, Tália me ameaçou e acabou com meu psicológico. Ela me levou para uma ultrassonografia, fez um exame de sangue e descobrimos que seria uma menina.

Minha ex-namorada via como eu estava emotivo e assim que saímos do exame, ela tornou a ameaçar interromper a gravidez usando até mesmo as palavras "sua filha". Um momento que sempre ficaria marcado na minha cabeça, o dia em que cheguei a me ajoelhar, chorando e implorando para que ela não fizesse aquilo.

Aquela vaca não deu a mínima, sequer demonstrou alguma emoção.

Sabia que tudo o que ela estava fazendo era uma forma de mexer comigo e meus sentimentos, mas não conseguia ser indiferente. Estava tão emocionado, com o coração transbordando de sentimentos, ainda sem acreditar como era possível me sentir daquela forma e amar tanto alguém que eu sequer conhecia.

Era como um vínculo inexplicável. Um fio invisível que me ligava àquela garotinha que seria parte de mim.

E havia todo o temor... O medo era desesperador, principalmente porque a todo instante aquela escrota dava a entender que interromperia a gravidez. Acho até mesmo que aquela mulher era meio sádica e sentia prazer em me ver contorcendo, como uma criança segurando uma lupa no sol torturando os insetos.

Naquele tempo, eu vi que a pessoa que eu me apaixonei era cruel ao extremo. Minha ex não dava a mínima para a vida que estava gerando dentro de si, não existia vínculo algum e já estava meio implícito que eu pagaria uma quantia absurda e ela largaria a bebê comigo.

Não me importava com isso. Foda-se. Eu criaria minha bebezinha sozinho.

Comecei a imaginar como seria explicar para a minha filha que sua mãe não a queria, que a havia abandonado. E depois de muito pensar, cheguei à conclusão de que talvez eu pudesse mentir que Tália havia morrido no parto. Assim poderia poupar qualquer sentimento ou dor futura.

A minha cabeça parecia um turbilhão e quase todas as noites eu tinha terrores noturnos, acordando com crises de ansiedade. Sempre o mesmo pesadelo: ela me avisando que tinha dado um fim na vida da minha filha.

Até que, em uma manhã, meu pesadelo virou realidade.

Era véspera do Natal e ela mandou uma foto na clínica acompanhada de uma mensagem confirmando que havia feito o aborto. Disse que não queria que chegasse àquele ponto, mas ela não aguentava mais. Afirmou que era melhor assim e que em alguns meses eu acharia o mesmo. Também pediu que eu nunca mais a procurasse e bloqueou todos os meus números.

"Era melhor assim".

Melhor para quem, porra?

Naquele momento, o meu mundo desabou e tudo parou de fazer sentido. Foi como se um membro tivesse sido arrancado de mim. Não consegui manter o café da manhã no estômago e corri para o banheiro, sentindo minhas entradas revirando e o amargor queimando a garganta enquanto eu vomitava.

Levantei algum tempo depois com dificuldade e abri a torneira, jogando a água no rosto em uma tentativa de acordar daquele sonho horrível.

Não.

Aquilo não era real.

Ela não tinha sido capaz.

Cerrei as pálpebras com força, tentando canalizar toda a onda de raiva que parecia transbordar em mim. Segurei a bancada da pia com tanta força, os nós dos dedos ficando brancos. Um grito gutural rompeu minhas cordas vocais, a tristeza e o desespero convergindo, rasgando o ar e ricocheteando no banheiro diretamente para o meu peito.

O som cru pareceu ecoar pelos ladrilhos, fazendo um zumbido no meu cérebro e quando percebi, minha mão se fechou em um punho e eu acertei o espelho, quebrando-o em centenas de pedaços. Minha respiração era ofegante e eu olhei para baixo, vendo um grosso filete de sangue escorrer pelo mármore até o ralo.

Aquilo não era um dos meus pesadelos.

As lágrimas tomaram conta de mim e engasguei um soluço, sendo preenchido pelo peso daquela dor que eu jamais imaginei poder existir. Eu me vi desabando, caindo de um precipício e tinha a certeza de que jamais iria me levantar da queda ilesa.

Quebrei todo o meu quarto e cheguei a me cortar quando uma parte do espelho afundou profundamente no meu peito e na minha costela. E a dor sequer foi relevante, nada se comparava à sensação de ter minha alma estraçalhada em milhares de pedaços.

Meu sangue fervia, escaldando minha pele através das veias que pulsavam desenfreadamente. O vazio tomado conta de tudo, engolindo-me por completo, encolhendo-me até que eu me resumisse a nada.

Era essa a sensação.

Eu vi todos os meus planos queimarem e serem levados como cinzas por uma brisa. Eu vi a minha garotinha arrancada dos meus braços sem que eu pudesse fazer nada, sem que ao menos pudesse conhecê-la.

Por que aquilo estava acontecendo comigo?

O que eu tinha feito de errado?

Eu queria minha bebezinha, eu desejava ao menos a oportunidade de conhecê-la, de segurá-la nos meus braços. A oportunidade de olhar dentro dos seus olhinhos e ver meu reflexo neles enquanto eu brincava com seus pezinhos dentro dos sapatinhos de girafa.

Será que ela seria parecida comigo? Por semanas, eu imaginei como seriam os seus traços, qual seria sua personalidade...

Deus, doía tanto.

Queria sentir suas mãozinhas em cima das minhas. Queria que ela me chamassem de papai. Eu estava ansioso para descobrir quais seriam suas primeiras palavras, seus gostos. Tinha tantos planos e agora os sonhos estavam sendo incendiados diante de mim.

Queria viver tantas coisas com a minha filha e agora nada disso seria possível. A sensação de impotência me consumia, misturando-se com a turbulência caótica de tantos sentimentos.

Olhei para o pedaço afiado do espelho no chão e comecei a me questionar se seria menos doloroso morrer. Talvez então algo passasse a fazer sentido.

Senti meus órgãos faltarem, o meu coração exposto em cima de uma mesa, fragmentado antes de ser esmagado. Não conseguia entender os motivos pelos quais eu estava passando por aquilo ou por que aquele sofrimento tinha sido direcionado especialmente para mim.

Como era possível que eu amasse tanto um ser que sequer tive a oportunidade de conhecer? Por que a dor era tão dilacerante?

Minha cabeça doía com tantos questionamentos e a verdade é que eu não tinha uma resposta. E talvez nunca fosse ter.

Em toda minha vida, nunca imaginei que pudesse ser tão machucado e a impressão era de que alguém estava esfregando sal em todas as minhas feridas abertas e aprofundando os cortes com um canivete afiado.

O silêncio opressivo do meu quarto era desesperador, cada móvel parecendo rir silenciosamente do meu sofrimento. Então eu continuei. Socando tudo o que via pela frente, desesperado para liberar a minha dor e, ao mesmo tempo me punir, porque eu me

culpava. Por ter me envolvido com aquela mulher, por não ter pensado em alguma solução melhor, por não ter sido capaz de impedi-la.

O sangue se espalhava pela minha camiseta branca, pelos meus dedos e braços, pintando a cena caótica que eu tinha criado. Tudo se assemelhava com o meu interior quebrado, destruído.

A minha cabeça latejava junto com cada parte do meu corpo, a ardência dos cortes começando a se tornar mais pujante. Tudo girava ao meu redor, o desespero consumindo cada nervo e fibra.

Eu suspirei quando a exaustão me acertou como uma marreta e minhas pernas cederam, dando lugar a uma nova escuridão.

Uma que eu sabia que seria minha companheira a partir daquele dia.

Capítulo 3



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Demorei para conseguir me recompor do episódio que tive durante o caminho. Eu nunca tinha visto um sapatinho idêntico ao que comprei no passado.

Odiava os meus pais por estarem me fazendo reviver toda aquela dor novamente. Uns meses atrás, eu descobri que na época em que tudo aconteceu ele e minha mãe estavam fingindo me

apoiar, mas procuraram a Tália e ofereceram um valor bem alto para que ela “acabasse com o problema”.

E óbvio que a interesseira filha da puta concordou, porque tudo o que ela queria desde o início era aquilo mesmo. Inicialmente, ela só aceitou a contragosto manter a gravidez porque percebeu que era o que eu queria. Era a forma que ela conseguiria ficar rica e, para ser sincero, eu estava pouco me fodendo. Eu a deixaria milionária se ela quisesse.

O único problema é que fui um idiota de me abrir com meus pais, de deixar que soubessem que ela estava disposta a tudo por dinheiro. Se os dois não tivessem dado uma oportunidade para aquela escrota, Tália teria tido o bebê e depois pegaria seu dinheiro e se mandaria para longe.

Teria sido como uma barriga de aluguel.

Deslizei o dedo por cima do tecido da camiseta, sentindo uma das minhas cicatrizes no peito. Eu deveria ter previsto ainda naquela época quando acordei no hospital, cheio de pontos dos cortes que fiz ao destruir o meu quarto.

Meus pais estavam lá, parecendo preocupados. Os dois falaram que também tinham recebido uma mensagem da Tália e no momento em foram até o meu quarto, eu estava desacordado no chão.

Meu pai esboçou uma falsa preocupação e ambos vieram com um discurso de que tudo ficaria bem, que talvez tivesse sido melhor assim. Ele frisou que aquela mulher jamais seria uma boa mãe, que eu era novo e tinha uma vida inteira pela frente.

E quando eu tentei contestar, ele apenas disse:

“Não era um bebê de verdade, Domenico. Não era uma vida, era apenas uma combinação de material genético. Você vai se casar e ter filhos de verdade quando for a hora. E pelo amor de Deus, filho... Você é homem, não comece a agir como se fosse uma *mãe*. Bem, não que a suposta mãe estivesse se importando muito.”

Sabia que não era a mesma situação de uma mulher que sofria um aborto ou que perdia um filho depois de nascer, mas de certa forma, eu também sofri uma perda. Criei expectativas que foram

arrancadas de mim sem que eu sequer pudesse fazer algo a respeito.

Não sabia se alguém seria capaz de entender como meu coração estava. Vendo a reação dos meus pais, tive a sensação de ter minha dor silenciada, minimizada e senti até mesmo vergonha. E naquele momento, ali dentro do hospital, eu decidi que não falaria com mais ninguém sobre aquilo. Lidaria com minha perda sozinho.

Agora eu me sentia tão estúpido por não ter visto os sinais. Como alguém que pensava aquilo poderia estar realmente preocupado comigo e minha bebê?

Assim que me recuperei um pouco, procurei a Tália. Coloquei detetives atrás dela, mas apenas tive a confirmação do que já sabia.

E com o tempo, eu me fechei. Fui aprendendo a viver uma realidade diferente da que eu desejava. Nunca mais conversei sobre a minha perda com ninguém. Porque a verdade é que eu sabia que ninguém seria capaz de entender o que eu estava sentindo.

Era um luto invisível.

Conheci algumas pessoas que sofreram aborto, alguns com uma gestação avançada e naqueles momentos, eu me questionava se realmente não estava “exagerando”, dando uma proporção maior do que deveria para tudo o que vivi. Conforme os anos foram passando, a dor foi se solidificando como uma pedra dormente, mas continuava ali.

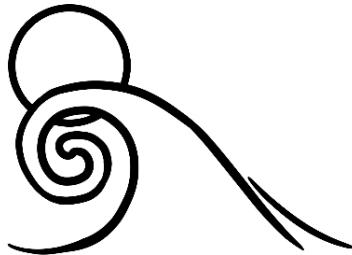
Então, eu descobri sobre a participação dos meus pais e meu mundo virou de cabeça para baixo novamente. Foi como se uma faca tivesse arrancado as casquinhas das minhas feridas, abrindo-as novamente.

Depois de mais de dez anos, consegui conversar com meu irmão sobre tudo o que tinha acontecido (e talvez tenha desabafado bêbado com uma mulher aleatória que conheci em uma festa). Ainda assim, tudo voltou como uma avalanche, tornando os últimos meses mais caóticos.

A verdade é que eu não queria ter que revisitar o meu passado daquele jeito. Estava acostumado com alguns incômodos pontuais, porque eu sabia que nunca seria capaz de esquecer totalmente o

que tinha acontecido, mas saber que fui enganado pelas pessoas que eu amava naquelas circunstâncias me destruiu um pouco mais.

Sentia-me quebrado em tantos pedaços que eu duvidava que seria capaz de me reconstruir.



Respirei fundo novamente assim que pisei na empresa, destinado a eliminar aqueles pensamentos. Cumprimentei depressa as pessoas, fui até o meu banheiro e fiquei lá por alguns minutos até que eu estivesse cem por cento.

Voltei para minha sala e vi que Ícaro tinha vindo me receber. Dei uma boa olhada no meu amigo, percebendo que havia algo diferente, o cabelo castanho estava um pouco mais curto do que costumava ser e seu rosto, que sempre fora limpo, agora ostentava uma barba por fazer. Ele me deu um abraço, dizendo que graças a Deus eu estava de volta e afirmando que todos sentiram minha falta.

Sabia bem que ele falava a verdade porque era foda demais lidar só com o meu pai. Eu sempre fui a pessoa que filtrava as coisas, principalmente suas explosões, já que conseguia lidar com os funcionários melhor do que ele.

Não demorou nem mesmo dez minutos para que meu amigo de longa data (e também o gerente de *marketing* da empresa) começasse a tagarelar sobre tudo o que tinha acontecido na minha ausência.

Ícaro Dittz fazia parte do C.O., mas trabalhava na *Petrolio* porque os empreendimentos da sua família se concentravam na parte de agronegócios e aquilo não enchia seus olhos. Além do mais, ele era o mais novo de quatro irmãos, mesmo que tivesse 35 anos, então os maiores cargos dentro das atividades da sua família já estavam ocupados.

Aqui ele tinha bastante liberdade e a confiança do meu pai, que estava mais do que satisfeito com tudo o que meu amigo fazia pela petrolífera. Nos jantares, chegava até mesmo a brincar com o pai do Ícaro que se ele tentasse roubá-lo de nós, teria um grande problema.

Ícaro começou a divagar assim que chegamos na minha sala. Contando que a mulher de um amigo nosso tinha dado em cima dele no último leilão beneficente que tinha acontecido uns dias atrás.

— Te falei sobre a área que implementamos? De ESG^[1]? — ele mudou de assunto assim que minha secretária entrou na sala, toda sorridente, trazendo meu café.

— Obrigado, Pam.

— De nada, senhor Domenico. — Ela parou, abriu e fechou a boca como se estivesse tomando coragem para falar alguma coisa.

— Só gostaria de dizer que eu estou muito feliz por estar de volta.

A pobre coitada ficou desesperada ao ter conhecimento de que eu não voltaria para a empresa, mas pedi para Ícaro dar algumas funções para ela porque sabia que ela tinha um filho pequeno e não queria correr o risco do meu pai mandá-la para a rua.

— Estou feliz por estar de volta. Obrigado.

Ela deixou o cômodo e na mesma hora voltei minha atenção para Ícaro, dando uma risada.

— Área de ESG? As três palavrinhas mágicas que estão na boca de todo mundo... Meu irmão entrou mesmo na sua cabeça, não é?

Dante era formado em Direito e assim que terminou a faculdade decidiu que não queria nada com a nossa empresa. No início, eu e meus pais achamos que pudesse ser uma rebeldia tardia no auge dos seus vinte e oito anos. Acontece que meu irmão começou a questionar tudo dentro do Círculo de Ouro e nada me tirava da cabeça de que Maria Manuela Guerra tinha entrado na sua mente ainda quando eles estudaram juntos.

Então, ao invés de seguir a carreira tocando a petrolífera comigo, o filho da puta se debandou para a área de Direito Ambiental e agora sua mulher não era a nossa única pedra no

sapato, meu próprio sangue estava desempenhando a função muito bem.

A única coisa que me fazia ter menos ranço daquela ecochata era o fato de que ela tinha gerado a coisa mais linda do mundo: minha sobrinha.

— Já tínhamos conversado sobre isso e nos últimos meses fui mais incisivo com seu pai — Ícaro falou, rindo. — Tivemos um problema fodido com o último derramamento de óleo e não podíamos postergar mais. Confesso que seu pai está pouco se fodendo para o meio ambiente, então foquei mais a respeito dos impactos dessa área na bolsa de valores.

— Você fez certo, teria ido pelo mesmo caminho.

Eu sabia que a imagem da petrolífera da minha família não estava boa. Tivemos alguns problemas sérios nos últimos tempos e precisamos fazer algumas reuniões pensando em como suprimi-los.

Era uma área difícil de lidar e nós tínhamos uma importância fundamental dentro do setor de energia, sustentando inúmeras necessidades da população. A demanda crescia desenfreadamente e nossa empresa tinha um papel vital, contribuindo para o desenvolvimento econômico global.

Meu pai nunca ligou muito para os desafios ambientais e eu sempre fui a pessoa a sugerir a implementação de práticas de tecnologia que minimizassem os impactos, mas era difícil para um caralho lidar com Genaro Perazzo.

Tinha plena consciência de que as coisas mudariam muito quando eu estivesse no seu lugar, mas antes que isso acontecesse, eu precisava mostrar que era capaz de tocar tudo sozinho. Nunca achei que batendo de frente com meu pai teria muito êxito, então eu tinha minhas formas de mudar sua cabeça.

A passos de tartaruga, mas tudo bem.

Não era obcecado com essa história de “salvar o meio ambiente”, mas também não era um idiota alienado. Sempre estive aberto a diálogos construtivos para soluções melhores, até porque tinha plena ciência da responsabilidade ambiental da nossa empresa com o planeta.

— Continuo tendo minhas dúvidas, como expus naquela reunião — continuei. — Ainda não sei se vão comprar esse papo de que somos conscientes.

— As coisas estão mudando, Dom. A nossa reputação está péssima e cada vez mais as pessoas estão de olho nas empresas e como elas impactam o mundo ao nosso redor, sabe disso.

É, eu sabia bem disso. O ESG estava ligado a um universo de investimentos, equilibrando os pilares ambiental, social e de governança dentro da gestão dos negócios. Era um conceito bem novo que estava crescendo muito, principalmente lá fora, e o mercado atual valorizava demais.

— Bem, pelo menos isso vai tirar a “ecochata” um pouco do nosso pé. Nas vezes que nos encontramos, ela falou pra caralho disso e teve a audácia de dizer que se eu quisesse, pagava um curso para mim! Ela! — comentei, ainda perplexo ao me lembrar daquele dia. — A Manuela é de foder.

— Ainda não acredito que o Dan conseguiu ficar com ela e que passou a fazer parte das nossas dores de cabeça.

— Nem me fala. De qualquer forma, estou evitando embates com meu irmão. Sei que uma área como essa vai ser boa para a nossa imagem, de fato, mas ainda tenho muitas preocupações.

— Eu compartilho das suas preocupações, Dom, mas é algo que precisamos dar uma atenção maior agora. Todos estão no nosso pé e não estou falando apenas da sua cunhada. — Ele riu e eu retorci meu rosto pelo título que ele tinha usado para a mulher do meu irmão. — O negócio está mais feio do que você imagina. Contratamos uma empresa para gerir toda essa parte de ESG e a sócia está aqui tocando tudo há umas quatro semanas. Vou te apresentar daqui a pouco.

Ergui as sobrancelhas, surpreso.

— Contratamos? Quem? Meu pai?

Se ele tivesse sido o responsável, certeza de que seria uma lunática.

— Fica tranquilo, é uma das empresas pioneiras aqui no Brasil e foi indicação de um colega. A gestora que está à frente de tudo é bem inteligente e mais do que qualificada. Se formou em

Administração e tem os melhores cursos da área tanto no Brasil quanto lá fora.

— Espero que não seja uma decepção que nem aquele idiota que você contratou ano passado — lembrei, dando uma risada apenas para implicar e ele levantou o dedo do meio para mim.

— Não fode, Dom! Tenho uma reunião com minha equipe daqui a pouco, mais tarde eu volto para te apresentar a Clara.

— Ok.

Ícaro se levantou, ajeitando o terno e caminhou em direção à porta, mas antes que a fechasse, inclinou apenas a cabeça para dentro da minha sala.

— Vamos sair para beber mais tarde com os caras?

— Sim, vou avisar no grupo.

Apoiei a cabeça na minha cadeira de couro vermelha e examinei minha sala. Fazia um bom tempo que eu não entrava ali, mas tudo permanecia exatamente onde eu tinha deixado. Girei, analisando a estante e abri um sorriso involuntário ao ver o porta-retratos com a foto da Gigi.

Porra, bebês crescam rápido demais. Agora eu precisava atualizar as fotos e eu tinha uma infinidade delas.

Peguei o telefone e liguei para minha secretária.

— Pam, você pode ir até o shopping comprar dois porta-retratos e mandar imprimir umas fotos novas, por favor?

— Claro, farei isso após o almoço.

Assim que desliguei, fui selecionar as imagens para mandar para Pamela e acabei me perdendo na imensidão de fotografias que eu tinha da minha sobrinha. Ela era simplesmente a criança mais linda do universo.

Meu celular tocou, tirando-me da minha procrastinação e me lembrando que eu tinha uma infinidade de *e-mails* para ver. Para todos da empresa, eu avisei que tinha tirado um tempo de férias e acabei aproveitando para fazer um curso nos Estados Unidos.

Eu passei o restante da manhã focado em me atualizar sobre tudo e um pouco antes de uma hora, Ícaro entrou na minha sala novamente, mas dessa vez acompanhado.

Minha atenção foi capturada imediatamente pela mulher que passou pela porta. Ela deveria ter por volta de vinte e sete ou vinte e oito anos e não era muito alta, mesmo que estivesse em cima de um par de saltos de tamanho considerável.

Os olhos, por trás dos óculos grandes, eram verdes e contrastavam perfeitamente com o cabelo loiro e comprido preso em um rabo de cavalo no alto da cabeça. Cada traço do seu rosto parecia ter sido esculpido, o nariz levemente arrebitado, os lábios grossos, tudo em uma simetria perfeita.

E porra, aquela mulher tinha um corpo de tirar o fôlego, usando um vestido azul-marinho que acentuava cada uma das suas curvas... Porém, foi quando ela abriu um sorriso mostrando os dentes perfeitamente alinhados que eu fiquei hipnotizado.

De um segundo para o outro, todo o ambiente se iluminou e minha sala ficou até mais bonita com sua presença.

Ícaro apoiou uma das mãos nas suas costas, guiando-a até a minha mesa e eu me levantei de supetão, ajeitando o meu terno e limpando a garganta.

— Essa é a Clara Leandra Caiano — ele a apresentou. — Nossa gestora de ESG e sócia da *Nexus Consult*.

Puta que pariu, aquela mulher estava mesmo trabalhando aqui? Certeza de que não era uma modelo contratada para uma sessão de fotos?

Meu olhar desviou automaticamente para seus dedos, à procura de uma aliança. E foi um alívio saber que ela não era casada.

Porra, Domenico! Não!

Ela era uma funcionária e eu odiava me envolver com funcionárias.

Puta merda, mas eu era louco por loiras!

— Bom dia, senhor Domenico — ela falou, simpática, dando mais uns passos para frente e estendendo a mão para ir de encontro à minha.

— Bom dia. Por favor, me chame apenas de Domenico — pedi, apertando sua mão e soltando-a rapidamente, ignorando o choque produzido quando nossos dedos se tocaram. — É um prazer, Clara.

— Sim, “senhor Domenico” faz esse rabugento parecer ainda mais velho do que ele é — Ícaro brincou.

— Sou mais novo que você, mas talvez a sua idade já esteja gritando, porque pelo visto está com problemas de memória — respondi sarcasticamente, arqueando uma das sobrancelhas.

A loira sorriu, achando graça.

— Bem, então é você que vai tentar melhorar um pouco a imagem da empresa — comentei, voltando a me sentar na cadeira enquanto brincava com a minha *Montblanc*^[2] nos dedos.

— Com certeza — ela respondeu, sorrindo novamente. — Minha missão é colocar a *Petrolio* como referência em ESG.

— Ícaro estava me atualizando sobre umas coisas... Nós tínhamos conversado sobre o assunto algumas vezes, principalmente depois que meu irmão começou a atuar no Direito Ambiental.

Olhei para o meu amigo em cumplicidade, que já tinha percebido meu tom enfadado, e ele comprimiu os lábios, tentando não rir.

— Estamos trabalhando ao máximo para melhorar a reputação da empresa, principalmente depois do último incidente com o derramamento de óleo. Além disso, estou segura de que vamos garantir ótimos resultados financeiros. Como informei para o senhor Genaro, existem estudos que preveem uma taxa de crescimento de mais de 15% nos próximos anos para o fundo de ações, com projeções por volta de U\$ 20 trilhões. As pessoas querem investir em empresas com boas práticas de sustentabilidade que também invistam em governança corporativa e eu estou aqui para fazer com que vocês tenham ainda mais destaque — garantiu, parecendo animada.

Porra, que merda! Além de linda, era inteligente.

E ainda iria me fazer ganhar mais dinheiro. Ao contrário da minha cunhada maldita que só me fazia perder.

— Ótimo, fico feliz de termos você integrando nosso time — falei, sendo o mais profissional possível.

Não, eu não iria me envolver com mais uma funcionária (mesmo que ela não fosse bem uma e sim uma prestadora de

serviços). Era muita dor de cabeça!

Já bastava a Luana do *Compliance* que eu inventei de comer depois de ela insistir demais e agora sempre que me olhava, parecia prestes a chorar. Mais uma que tinha se apaixonado apesar de eu deixar claro que jamais me envolveria, que era apenas sexo casual.

Era sempre assim e na maioria das vezes resultava em uma demissão, mesmo que eu insistisse que elas não fizessem isso. Não iria aumentar minha lista, por mais entediado que eu ficasse.

A Amanda era suficiente.

E a Letícia.

E a Isabelle.

Ah, e a Laís.

Só.

Já tinha decidido isso antes, mas fui fraco e abri uma exceção para a Luana. Porra, mas como eu não abriria? Ela era a cara da Feiticeira^[3], que foi minha paixão quando era mais novo. Eu meio que devia isso ao Domenico adolescente!

Pensei com a cabeça de baixo e o resultado foi o mesmo de tantas outras, então iria me ater às que eu já sabia que não eram um problema.

Nunca mais. Sem funcionárias novas. Sem estresse. Por mais gostosa que essa mulher fosse, meu pau não passaria nem perto da boceta dela.

Capítulo 4



Clara Leandra Caiano:

Clara Leandra Caiano

Inferno! Eu sabia que ele era bonito, afinal, já tinha visto dezenas de fotos daquele homem, masvê-lo ao vivo...

Tudo bem que eu o observei apenas de longe, mas Domenico Perazzo era como um monumento. E não só pelo fato de ser alto e forte, ele todo parecia uma obra de arte (uma escultura viva com cerca de 1,90).

O olhar intenso dentro daquela íris de um castanho esverdeado, o loiro escuro do seu cabelo e barba impecavelmente feita faziam com que ele chamasse muita atenção. Junto a tudo isso, o herdeiro da *Petrolío* emanava um ar diferente, meio fechado e misterioso, tornando-o ainda mais “interessante”.

Não era à toa que todas as mulheres comentassem sobre ele nas áreas comuns da empresa. Sempre suspirando e se lamentando da falta que ele fazia no prédio, o colírio para seus olhos cansados. E hoje, obviamente só se falava nisso e, literalmente, parecia que ninguém tinha trabalho a fazer.

— Eu o vi no saguão! — Ouvi da cabine do banheiro uma das mulheres comentar baixinho. — Achei meio simbólico ele ressurgir bem depois da Quarta-Feira de Cinzas.

— Como uma Fênix! — As duas deram risadinhas e depois ouvi um suspiro. — Não é possível o Dom ficar mais lindo a cada dia que passa... É meio injusto, na verdade.

— Não é? Falando nisso, amiga, alguém precisa dar um toque na Luana.

— O que aconteceu?

— A Juju ouviu que ela solicitou uma reunião somente com ele, mas a Babi soube que a Pam avisou que sua agenda estava cheia. Acho que o Dom está evitando a Luana.

— O cara acabou de chegar depois de meses fora! E estávamos de recesso, pelo amor de Deus! Claro que o homem está ocupado... Além disso, não acredito nesses boatos de que eles já treparam.

— Faça-me o favor, amiga! — A porta se abriu e sua voz foi ficando mais longe conforme as duas deixavam o banheiro.

Saí da cabine, revirando os olhos e assim que abri a torneira, a água voou por todo o canto, molhando parte do meu vestido. Puxei uma respiração, tentando conter minha irritação, eu sempre esquecia que aquela merda precisava ser aberta devagar.

Fui até o secador de mãos e fiquei na ponta dos pés tentando secar a parte úmida da minha roupa. Definitivamente aquele não era o meu dia, porque estávamos na metade dele e eu já tinha tropeçado na escada, derrubado o vaso de planta de uma das minhas funcionárias e agora isso!

Tudo bem, confesso que era um pouquinho desastrada (quase nada), mas sabia que o fato do herdeiro mais velho da *Petrolio* ter voltado para a empresa me desestabilizou de leve. A presença dele com certeza estava sendo a causadora daqueles incidentes.

Agora que Genaro Perazzo estava de licença, era com ele que eu precisaria lidar. E eu necessitava mais do que tudo manter o meu emprego, minha família contava comigo.

— O que aconteceu, querida? — Solange, a moça da limpeza, perguntou ao entrar pela porta, preocupada ao ver o meu estado.

— Nada, não é nada demais, Dona Solange — eu a tranquilizei, sentindo o meu rosto corar por ter sido vista naquela situação vergonhosa.

Será que ela tinha achado que eu me mijei ou algo do tipo?

— Eu abri a torneira muito rápido, só isso — expliquei, para deixar claro que aquele era o problema.

— Eu já avisei ao pessoal da manutenção naquele outro dia mesmo que você comentou comigo.

— Falando nisso, como foi seu encontro? — perguntei, rindo e lembrando que na semana passada eu tinha encontrado a senhorinha no banheiro toda produzida e ela me contou que iria sair com o “Seu José”, o porteiro do prédio.

— Ah, menina, foi tão agradável! — disse, meio sonhadora, e eu sorri. — Nós fomos em um forró na Lapa e dançamos bastante.

Ergui as sobrancelhas, surpresa. Não fazia ideia de que aquela senhora toda tímida era do tipo que ia para festas dançar forró, muito menos na Lapa.

— E o batom fez sucesso? — indaguei, rindo, e ela ficou um pouco envergonhada. — Seu José gostou, né, Dona Solange?

— Disse que eu estava linda — contou, afofando um pouco o cabelo. — Obrigada por ter me dado ele.

— Que isso! Ficou ótimo em você. Bem, preciso ir, tenho uma reunião daqui a pouco.

— Fica com Deus!

Sai do banheiro comprimindo os lábios para não rir. Eu não era muito fã das pessoas que trabalhavam na *Petrolio*, para ser sincera, mas adorava a Dona Solange.

Em apenas um mês, eu percebi como os funcionários eram competitivos e tinha a impressão de que muitos ali só olhavam para o próprio umbigo, que não davam a mínima para as pessoas à sua volta.

Talvez não fosse culpa deles e sim da péssima gestão.

Caminhei em direção à minha mesa, mas antes que eu pudesse chegar, meu celular tocou e Ícaro pediu que eu o encontrasse na frente da sala de Domenico Perazzo.

O nosso encontro foi breve e eu fiz questão de demonstrar todo o meu profissionalismo e o quanto estava entusiasmada com aquele emprego. Sim, eu diria até mesmo que amava cada pessoa daquela empresa se fosse necessário.

Eu falaria o que quer que fosse que aquele homem quisesse ouvir.

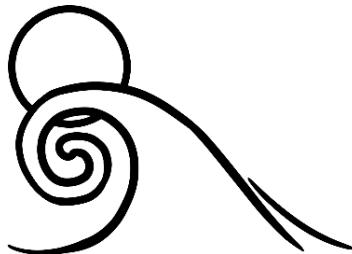
Beirava o ridículo o quanto Domenico era bonito, de fato, ainda mais tão de perto. E ele falava de uma forma imponente e sugestiva, o que fez com que eu me obrigasse a desviar os pensamentos intrusivos. Não podia ficar imaginando que aquela voz me dando ordens na cama seria excitante pra caralho, porra!

Para completar o meu tormento, sempre gostei de homens um pouco mais velhos do que eu. Garotos da minha idade, vinte e um anos, eram imaturos e muitas vezes idiotas.

Para ser sincera, eu não tinha a menor paciência, nunca tive.

Então, eu ignoraria o fato de que aquele homem era um gostoso e me lembraria de que ele era um babaca. E comecei assim que saí de sua sala repetindo para mim mesma que jamais iria cair na tentação de abrir minhas pernas para ele.

Eu não iria prejudicar meu trabalho. Domenico Perazzo não seria uma distração!



Passei no hospital e antes de entrar no quarto, verifiquei se meu pai estava ali, mas não o encontrei. Mandei uma mensagem e ele disse que poderíamos jantar no dia seguinte porque estava exausto por acompanhar a sessão de quimioterapia da minha mãe.

Ela tinha descoberto um câncer três anos atrás, no dia vinte e quatro de dezembro. Ficou bem debilitada no início, mas depois de muito tratamento, acabou entrando em remissão.

Porém, no final do ano passado, a doença voltou de uma forma mais agressiva. Nós também recebemos a notícia perto do Natal e agora estávamos fazendo o possível para que ela ficasse bem, mesmo que os médicos não dessem muitas esperanças.

Abri a porta lentamente. O ar daquele quarto tão impessoal era pesado como sempre. O som dos monitores ecoando pelo cômodo, o cheiro estéril característico do hospital que impregnava minhas narinas ameaçando me enjoar. Dei mais alguns passos, finalmente sentindo as notas do seu perfume, o alívio irradiando pelas minhas veias e me trazendo o mínimo de conforto.

Observei minha mãe deitada na cama, tão magrinha e fraca. As linhas do rosto mais visíveis e demonstrando cada passo difícil daquele percurso. Ela sempre foi uma mulher vaidosa, preocupada com a aparência e me machucava muito vê-la naquele estado.

— Meu amor — ela sussurrou com a voz fraca assim que notou minha presença e eu mordi a parte interna da minha bochecha, tentando manter a compostura.

Segurei sua mão assim que me aproximei, sufocando todos os meus sentimentos.

— Oi, mãe. Fica quietinha, sei que está mais cansada hoje — pedi, e ela assentiu, as pálpebras pesando pelo cansaço.

Conversei um pouco, contando assuntos triviais sobre o meu dia, como costumava fazer. Era difícil não desabar todas as vezes que entrava naquele quarto, porque eu odiava vê-la prostrada naquela cama. Tentava ser forte para não transpassar nenhuma emoção negativa, mas aquilo me exigia uma força sobrenatural.

Em alguns momentos, eu tinha a certeza de que não daria conta. E era difícil não poder “dividir” aquele fardo com mais

ninguém, porque tínhamos optado por não falar para a família o que tinha acontecido ainda.

Saí de lá, fui para a academia obstinada a cumprir meu objetivo do dia, mas fiquei apenas algum tempo até desistir e voltar para o meu *flat*. Tudo o que eu queria era passar a minha noite tomando meu vinho, comendo pizza e vendo "*The Nightmare Before Christmas*"^[4].

Aquele era o meu ponto de paz, desde criança, desde quando achei um DVD do filme perdido lá em casa. Sempre fui apaixonada por tudo relacionado ao *Halloween* e Natal, mas já fazia um tempo em que as cores vermelha e branca não tinham mais o mesmo significado para mim. Não depois das notícias que tínhamos recebido.

Os nossos Natais nunca mais foram os mesmos. Por mais que minha mãe amasse enfeitar nossa casa, havia todo aquele peso pairando no ar. O medo, o receio e tudo o que acompanhava aquela doença maldita.

Em geral, filmes de terror me distraiam e acabavam com o meu estresse, mas havia algo na história de Jack e Sally especificamente que me prendia e não sabia bem se era a nostalgia, o fato da dualidade das datas comemorativas que eu sempre amei ou toda a estética sombria do universo.

Assim que terminei de comer, peguei minhas agulhas e voltei a trabalhar no amigurumi^[5] de polvinho que estava fazendo. Precisava levar os bonecos para o INCA^[6] nas próximas semanas e ainda tinha algumas peças para finalizar.

Eu aprendi a fazer crochê com minha mãe quando a doença apareceu pela primeira vez e aquilo se tornou uma coisa nossa. Fazer aqueles bichinhos também era uma das minhas distrações e depois, eu juntava todos e entregava no hospital porque sabia que algo pequeno fazia a diferença na vida daquelas crianças.

Infelizmente, eu sabia bem demais.

Capítulo 5



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Graças a Deus eu voltei para a empresa em uma quinta-feira pós-recesso porque somente aqueles dois únicos dias já tinham me consumido até a alma. Nunca fui do tipo que tira férias demais, Genaro Perazzo sempre deixou claro que nosso legado era a petrolífera e eu dei valor àquilo por anos.

Por mais que estivesse com ódio daquele homem, eu amava aquela empresa, afinal, dediquei praticamente toda a minha vida a ela. Desde pequeno, eu sabia que tomaria o lugar dele (eu só esperava que meu irmão estivesse ao meu lado). Então, era impossível me desligar, ignorar minha carreira e tudo o que vinha com ela por causa do filho da puta do meu pai.

Eu passei trinta e dois anos com um propósito, trilhando o meu caminho sabendo como seria o meu futuro, visando os melhores interesses da minha família. Agora, depois de saber o que meus pais tinham feito, nada mais tinha sentido, mas ainda assim me parecia desesperador desviar a rota.

Eles ignoraram o que eu queria, passaram por cima de mim e mentiram apenas para que a nossa "linhagem" não fosse manchada. O nosso nome estava acima de qualquer coisa, até mesmo de uma vida, uma que eu desejei, uma que eu amava.

O legado que eles tinham me deixado estava sujo com sangue, essa era a verdade.

Suspirei assim que encarei a porta da casa do meu irmão, ouvindo as risadas de crianças do lado de dentro. Era seu aniversário e eu não estava nada animado para interagir com as pessoas, até porque Dante tinha dito que deu uma leve exagerada na lista.

Toquei a campainha e ele abriu a porta com um sorriso imenso no rosto e eu o abracei.

- Parabéns, Dan!
- Obrigado! Por que demorou tanto, porra? — perguntou, afastando-se para que eu entrasse.
- Desculpa, é que eu não queria vir — zombei, fazendo com que ele desse uma gargalhada.
- Você não era tão antissocial...
- E você não era tão sociável. Pra que chamar tanta gente?
- Sempre fui sociável! — Dante revirou os olhos. — Como eu disse, me empolguei um pouco...
- Cadê minha sobrinha? Tenho um presente para ela.
- O aniversário é meu! — ele lembrou, parecendo realmente ofendido.

— Mandei plantar uma árvore no seu nome — falei, cheio de sarcasmo, e meu irmão me fuzilou com os olhos. — Não é o Senhor Meio Ambiente agora, porra? Achei que ficaria feliz.

— Vai se foder, Dom. — Eu gargalhei e entreguei a embalagem com o presente nas suas mãos. — Agora sim! Obrigado, irmão.

— Depois você pode trocar, se não gostar.

— Porra, muito foda! — comentou, olhando o presente e colocando-o no pulso. — Eu tinha visto esse relógio na loja semana passada, mas a Gio começou a chorar e fomos embora do *shopping*.

— Olha quem chegou! — Antonio, o primo da Manuela cruzou a porta que dava acesso para o jardim, vindo até nós. — Meu cunhado!

Dei uma risada, cumprimentando-o. Ele vivia me chamando assim porque tinha uma piada interna de que Dante era seu marido por conta de um jogo que eles jogaram uma vez.

— Dante, aquele seu amigo é uma comédia — ele falou, rindo.

— Qual deles? — meu irmão quis saber.

— O *hater* de capivaras.

Graças a Deus Marco^[7] já tinha chegado.

— Puta merda, preciso ir ao banheiro, quase me mijei ali fora — avisou, se afastando um pouco, mas depois se virou. — Ah, sua mulher está se vangloriando sobre você ter se livrado do seu jatinho.

— Para, esse assunto é sensível — meu irmão disse, cabisbaixo.

— Ah, bem que eu senti a poluição chegando — Maria Manuela disse ao me ver, soltando o ar enfadada e caminhando para os braços do meu irmão.

— Talvez seja você mesma... Quem sabe em breve não teremos mais um poluidorzinho na família? — impliquei, indicando sua barriga com a cabeça. — Cadê minha futura substituta?

— Nunca que minha filha vai trabalhar na sua empresa!

— Falando nisso, como foi voltar para a *Petrolio*? — meu irmão perguntou, ignorando nossas alfinetadas.

— Temos uma nova gestora para uma área de ESG — contei, e os dois arregalaram os olhos, surpresos.

— Você vai... — Maria Manuela abriu e fechou a boca. — Mesmo?

— Podemos falar sobre isso depois?

— Sério? Quando finalmente eu sinto algum “prazer” — ela usou as aspas no ar — em ter uma conversa com você, vai mudar de assunto?

— Quero ver minha sobrinha, inferno! — avisei, caminhando em direção à parte externa da casa.

Assim que Giovanna me viu, deu um gritinho e começou a correr em disparada na minha direção, sem nem olhar para frente. Abri um sorriso imenso porque era impossível ficar sério perto daquela criança.

Muito fofinha.

— Calma, bebê! — Marco riu, sobressaltando um pouco quando ela passou pelo meio das suas pernas e tropeçou.

Meu amigo se agachou, preocupado, mas eu a peguei do chão antes. Gigi não tinha dado a mínima para o tombo e, na mesma hora, passou os braços ao redor do meu pescoço.

— Oi, meu amor! — falei, rindo e recebendo um beijinho sem que eu nem pedisse.

Apertei sua bochecha, incapaz de me aguentar.

— *Ninico! Bein?*

Agora ela tinha parado de me chamar de *DomDom* e na maioria das vezes me chamava de *Ninico* ou *Tíícho*, que queria dizer “titio”.

— Sim, Gigi. E você? Precisa ir devagar, quase derrubou o tio Marco — falei, cumprimentando meu amigo e sua esposa.

— *Discupa* — ela falou, fazendo um biquinho.

— Tudo bem, Gio, eu que estava no caminho.

— Você estava animada pra ver seu titio, não é, Gio? — Alice Rossi, a esposa do meu amigo, perguntou para ela.

— *Xim!*

Todos nós rimos. Segundos depois, ela desatou a atropelar as palavras e eu já não estava entendendo mais nada, apenas assentindo e fingindo que tudo o que saía da sua boca fazia total sentido.

Olhei para os dois que estavam rindo, achando graça de todo aquele falatório, e Marco apertou sua mulher contra o corpo, abraçando-a e deslizando a mão por sua barriga já proeminente.

— O titio trouxe um presente pra você — avisei, entregando a caixa coberta com papel de presente em suas mãos e minha sobrinha começou a gritar, animada.

Eu me agachei no chão com ela para ajudá-la a abrir e Giovanna simplesmente surtou com o passarinho que mexia as asinhas. Ela saiu correndo com ele na mão até o Lucca, seu melhor amigo.

— Mandou bem! — Marco disse, dando um gole no seu copo.
— Muito melhor do que aquela coisa horrorosa que o Dante deu para a garota. Eu até comprei uns bichinhos, mas toda vez que encontro a Giovanna, vejo ela agarrada naquele demônio.

— Supera, Marco! — Meu irmão apareceu atrás dele, rindo e se pendurando nos seus ombros.

— Você está bem, Alice? Porque já é cansativo lidar com uma gravidez normalmente, mas sendo casada com Marco...

— Vai tomar no cu, Dom! — Marco resmungou, revirando os olhos, e nós todos gargalhamos.

— Nem me fala, ele surta toda vez que eu ameaço ir para o laboratório apenas para checar minhas análises — contou.

— O laboratório tem muitos perigos — respondeu como se fosse óbvio e ainda me cutucou para que eu concordasse com ele.

— Realmente. Um tubo de ensaio tem um grau de periculosidade assustador — falei, cheio de sarcasmo.

— Muito, se eles estiverem vazios então, pode acabar surgindo uma reação de cadeia de nulidade — Alice completou e acho que era uma espécie de piada, mas nós apenas retorcemos os rostos ao mesmo tempo com uma risada fraca.

— Muito *nerd!* — Meu amigo riu, apertando-a ainda mais contra seu corpo e dando um beijo no topo da sua cabeça.

— Ah, poxa, foi engraçado — ela se lamentou.

— Foi, amor. Eles que são burros para entender.

— Falando em laboratório... — comecei a dizer e meu amigo gargalhou.

— Anda, Dom... — ele incentivou e eu fechei as expressões. — Reclama de algum remédio.

— Eu não precisaria reclamar se a nova fórmula do remédio de vocês não fosse pior do que a antiga — resmunguei, revirando os olhos.

— Prefere a antiga? — Alice Rossi perguntou, muito interessada. — Mesmo? Você conseguiria listar alguns motivos do porquê?

— Eu poderia listar muitos motivos.

— Meu Deus, ótimo! — exclamou, parecendo empolgada até demais, e meu amigo respirou fundo, fuzilando-me com os olhos. — A gente pode marcar uma reunião para conversar sobre isso, se você quiser.

Ela desatou a falar mais um pouco até que Marco a acalmasse. Em menos de cinco minutos, ela cuspiu tanta informação sobre química que fiquei até zonzo e no final acabei aceitando participar de um grupo de pesquisa sobre o medicamento.

Maria Manuela chegou algum tempo depois e o assunto de gravidez se tornou ainda mais intenso. Aparentemente, ela e Alice estavam com pouca diferença de tempo de gestação e eram atendidas pela mesma médica, porque não paravam de tecer elogios à mulher.

Então, o assunto ultrassonografia surgiu na pauta. Comecei a sentir meu sangue congelando, o ar se tornando mais rarefeito a ponto de me desnortear. Os gatilhos me puxando para o passado que eu não desejava revisitar.

Porra!

Não queria ter uma crise de ansiedade no meio daquelas pessoas.

Limpei a garganta e disse que precisava ir ao banheiro. Entrei na casa e fui em direção à geladeira, pegando um copo de água e tirando um comprimido de *Rivotril* da minha carteira.

As crises surgiram um pouco depois que descobri a verdade, é óbvio que eu procurei alguns médicos porque achei que iria morrer com um ataque cardíaco no auge dos meus trinta e dois anos.

Eu não as tinha sempre, mas o psiquiatra tinha me receitado um "S.O.S" para casos em que eu não conseguisse conter minha crise com os exercícios de respiração. A academia e a natação ajudavam a aliviar o estresse e a ansiedade, mas colocar gelo dentro da minha banheira e entrar lá por alguns minutos era o que mais dava resultado.

Mesmo que eu lutasse contra isso, me machucava ouvir as pessoas falando coisas como "eu ouvi o coraçãozinho dele" ou "ele está crescendo tanto". E não tinha nada a ver com ninguém especificamente ou com os bebês, na verdade, eu estava muito feliz por ter um novo sobrinho e também pelo fato do meu amigo Marco ser pai.

Havia algo, no entanto. Um sentimento incômodo que me direcionava para uma imensidão de pensamentos intrusivos. Era impossível não me perguntar: "Por que *eu* não pude ouvir o coração da minha bebê? Por que isso não aconteceu *comigo* também?".

Aquela infinidade de dúvidas me rondava, comprimindo meu cérebro a ponto de me deixar sem rumo. Eu não estava com inveja, não queria estar no lugar do meu irmão nem nada do tipo. Desejava apenas a oportunidade de ter vivido a minha experiência.

A que foi arrancada de mim.

Ainda assim, era estranho e eu me odiava por isso. Fazia com que eu me sentisse mal pra caralho porque era involuntário. Não deveria permitir que aquelas perguntas se entranshassem na minha mente, mas era quase impossível filtrá-las.

A minha felicidade por tudo o que meu irmão estava vivendo estava ali, era de verdade. E ela certamente sobreponha a minha dor, mas era impossível afastar aquele resquício de indignação que nunca me abandonava. Aqueles assuntos apenas traziam para a superfície as minhas feridas, as lembranças e todo o resto.

Um pouco antes de tudo desandar, eu estava decidido a entrar em um casamento. Conhecer a Giovanna despertou mais uma vez a vontade de ser pai e senti que estava realmente preparado. Por muitos anos, eu afundei isso dentro de mim, postergando ao máximo porque tudo o que eu tinha passado era doloroso demais.

Eu não era o tipo de cara que me apaixonava. Não mais.

Com os anos, cheguei à conclusão de que me deixei levar, que se eu tivesse as rédeas da situação com Tália, jamais me envolveria.

Sejamos sinceros, era bem simples. Não era nada difícil manter as pessoas afastadas e manter apenas relações casuais. E sabia que quando eu me casasse, não seria diferente, eu não pretendia ter uma esposa de verdade. Nós dois cumpriríamos nossas obrigações e teríamos uma vida independente.

Como um contrato. Afinal, um casamento nada mais era do que isso.

Só que agora não conseguia pensar na possibilidade de me infiltrar de novo naquela sociedade depois do que tinha acontecido. Bem ou mal, estaria realizando os desejos do meu pai, porque se eu me casasse, se continuasse aquilo, reafirmaria que tudo o que ele tinha feito, compensou.

Também não confiava em ninguém fora do Círculo de Ouro para me dar um herdeiro.

Era de foder!

É, talvez essa história de ser pai realmente não fosse para mim. Talvez os filhos do meu irmão fossem o mais perto do que eu chegaria de ter uma família.

Eu precisava descobrir uma forma de ficar bem com isso... Ou aceitar que para ter algo que eu queria tanto seria obrigado a colocar o meu orgulho de lado.

Voltei do banheiro e cumprimentei as demais pessoas da festa porque não tinha feito aquilo, já que parei na primeira rodinha assim que cheguei.

Acabei ficando um tempo conversando com o Antonio e a amiga meio maluquinha que a Manuela tinha e que se chamava Lavanda.

Guilherme apareceu logo depois. O “quase irmão” da ecchata tinha se tornado o novo melhor amigo do Dante e os dois não se desgrudavam mais. Ele era casado com Julia Lacerda, a filha de um dos “inimigos mortais” da minha família e, no início, achei que isso seria um grande problema, mas graças a Deus não foi.

Então nós eventualmente estávamos juntos em eventos e eu ainda achava estranho para um caralho estar perto deles, mas a

verdade é que aquela mulher não parecia dar a mínima para o passado.

Toda evoluída e os caralhos...

Passei meus olhos pelo jardim e dei um gole no meu uísque tentando engolir aquele papo merda. A mulher estava comentando sobre signos e praticamente elaborando uma tese sobre a personalidade do meu futuro sobrinho.

Eu mataria o meu amigo Yuri por estar viajando.

Desisti depois de alguns minutos e fui atrás da Giovanna. Ela me puxou com o bracinho para que fôssemos até a casinha perto da árvore para brincar e meio que monopolizei minha sobrinha por um bom tempo.

— Desculpa por todo esse assunto de gravidez — meu irmão se justificou quando se aproximou, sentando-se ao meu lado.

— Papai, *papá*. Neném e *Ninico*. — Nós rimos quando Giovanna pegou uma xicrinha e começou a servir o chá imaginário para Dante e ele me imitou, fingindo que estava bebendo todo o conteúdo.

Eu já devia ter bebido uns 80 chás desde que tinha me sentado em sua casinha. Meu irmão comprou uma casa miniatura para ela e eu, como um tio maravilhoso, trouxe um jogo de chá de brinquedo de Londres.

— *Qué mais?* — ela perguntou para mim.

— Sim, por favor, Gigi, mas faça um diferente dessa vez, ok?

— *Xim* — assentiu, indo até o pequeno fogãozinho.

— Sua mulher está grávida — lembrei, e ele fingiu surpresa, bem debochado, fazendo-me rir. — Gravidez é o assunto do momento. Você não tem que deixar de falar do seu filho por minha causa.

— Eu sei, mas...

— E eu me interesso, Dan — eu o interrompi, sério. — De verdade. Quero saber tudo sobre meu sobrinho, quero que me mande fotos, compartilhe comigo cada passo... — Olhei no fundo dos seus olhos e soltei o ar. — É que algumas coisas acabam me sufocando um pouco e eu só preciso de uns minutos.

— Não quero que você fique remoendo as coisas, já me sinto culpado suficiente.

— Você não é culpado de nada, seu idiota. Por favor, toma a merda do seu chá e não enche o saco.

Dante riu, balançando a cabeça em uma afirmação.

— Afinal, a reforma no seu apartamento acabou? — ele perguntou.

— Sim, o Bernardo deve ir lá essa semana só para ver se está tudo em ordem.

Eu tinha reformado meu apartamento inteiro e aproveitei para deixá-lo à prova de bebês para que Gigi pudesse ficar alguns dias comigo quando eles precisassem de uma “babá”. Sabia que eles já tinham a mãe da Manuela e o Guilherme, mas queria ser uma opção.

Além do mais, a Giovanna era a única fonte de alegria na minha vida ultimamente (ah, o meu *Rivotril* também). Aquela garotinha, de alguma forma, mantinha uma fagulha de esperança crepitando dentro de mim.

Capítulo 6



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Eu estava perto de terminar minha série quando reparei uma bunda incrivelmente linda dentro de um *short* preto subindo e descendo de um agachamento. Os cabelos loiros caíam pelas costas, presos em um rabo de cavalo alto, e assim que olhei para o espelho, franzi o cenho, virando o rosto imediatamente para que a mulher não me visse.

Era a gostosa da funcionários nova? Dentro da academia que eu frequentava? Aquela que prometi a mim mesmo que me manteria afastado, porra?

Passei a mão pelos cabelos, querendo entender por que o destino gostava de me testar tanto.

Tentei ignorar sua presença, apenas olhando de canto de olho enquanto ela falava animadamente com alguns caras da academia como se fosse superíntima. Como nunca tinha visto aquela mulher ali? Eu tinha uma rotina e costumava vir sempre no mesmo horário.

Deixei por último um aparelho que estava no seu campo de visão, na esperança de que ela fosse embora ou qualquer outra coisa. Que merda do caralho, aquela academia era gigante!

Fui encher minha garrafa de água no bebedouro e assim que me virei, dei de cara com ela.

— Ahn... Oi! — a loira exclamou ao me ver, as sobrancelhas arqueadas demonstrando surpresa.

Ela sorriu, simpática. Sua respiração era levemente ofegante e o seu colo suado subia e descia, atraindo totalmente minha atenção para os peitos grandes e apertados dentro do top.

— Oi... Tudo bom? — indaguei, focando nos seus olhos.

— Tudo ótimo e você?

— Tudo bem também. O que faz aqui?

Uma risadinha escapou dos seus lábios e ela meio que olhou em volta, indicando que era bem óbvio. Meu Deus, como eu era estúpido, que merda de pergunta era aquela?

— Vim assistir um filme, não estamos no cinema? — brincou, chegando um pouco mais perto de mim e falando baixinho.

— Vou ficar preocupado se isso for um cinema — respondi, dando uma risada fraca.

— Apesar de que acho que o Rambo está ali.

Ela indicou disfarçadamente com a cabeça o homem gigante que vestia uma regata supercavada e uma faixa presa na testa e gargalhou, jogando a cabeça para trás.

Aquela mulher era linda demais, parecia até mesmo de mentira.

Ainda fazia referências boas.

— O próprio... Eu nunca te vi aqui antes — comentei, não conseguindo segurar minha língua.

— Eu normalmente venho à noite... — explicou e depois começou a falar, com um tom sugestivo: — Mas hoje tenho uma reunião com o dono da empresa em que eu trabalho e acredito que vou precisar fazer hora extra.

— Nem sempre podemos medir o valor do nosso tempo quando estamos diante de oportunidades únicas — falei com sarcasmo. — Tenho certeza de que o dono da empresa deve ser um empresário brilhante.

— Ah, ele realmente é — ela afirmou, sorrindo e parecendo um pouco tímida enquanto apertava sua garrafa de água entre as mãos.

Ela estava flirtando comigo?

— Eu estava indo tomar um café antes de ir para a empresa — comentou e eu pisquei, meio sem reação.

— Certo... Estou de saída também.

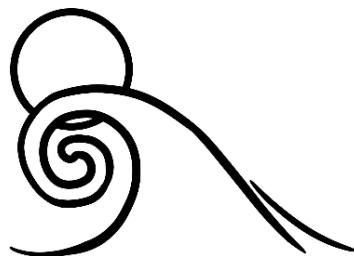
Sua boca se entreabriu e a loira franziu de leve as sobrancelhas, mas assentiu com a cabeça, dando um sorriso antes de dizer que me via mais tarde.

Puta que pariu. Espera... Aquilo era um convite?

Que merda do caralho, por que eu estava agindo feito um idiota que sequer sabia interpretar uma frase?

"Estou de saída também".

Puta que pariu!



Eu definitivamente não sabia o que estava acontecendo comigo. Sentia-me um idiota desde que tinha saído da academia e passei o resto do dia da mesma forma. Busquei focar nas atividades que precisava concluir na empresa até que minha secretária avisou que ela tinha chegado para nossa reunião.

Assim que entrou na sala, abriu um sorriso simpático e veio caminhando na minha direção trazendo algumas pastas nos braços. Ela vestia uma saia justa preta, mais ou menos na altura do joelho, e uma camisa branca de botões.

— Boa tarde, senhor Domenico.

— Boa tarde, Clara. E é só Domenico, por favor.

— Desculpa, força do hábito. — Ela pareceu sem graça e deu um meio sorriso.

— Sem problemas. Pode se sentar.

Ela fez o que eu pedi e começou a mexer em uma pasta enquanto explicava:

— Então, eu solicitei essa reunião com você porque estava acertando todos os detalhes com o seu pai antes que ele saísse de licença. Inicialmente, meu trabalho aqui começou com uma análise e na última semana iríamos começar a ter mais constância nas nossas reuniões.

— Precisaremos fazer muitas? — respondi sem muita vontade, direcionando meu olhar para o *laptop* porque um *e-mail* tinha acabado de chegar. — Achei que meu pai já tivesse deixado isso encaminhado.

— Inicialmente sim. Nos acordamos em focar mais nisso depois do carnaval e bem... Ele não voltou e você apareceu. De qualquer jeito, prometo não tomar muito do seu tempo, e podemos marcar as reuniões para o final do dia, caso prefira.

— Não gosto que meus funcionários façam hora extra — respondi com ironia e ela deu um sorrisinho.

— Não me importaria. Nem sempre podemos medir o valor do nosso tempo quando estamos diante de oportunidades únicas — respondeu, cruzando as pernas e eu dei uma risada fraca, concordando. — Além do mais, minha empresa presta serviço para a sua, não acho que vamos ter problemas com “horas extras”.

— Ótimo.

— Sei que as reuniões podem atrapalhar um pouco sua rotina, mas ainda temos muitas coisas para decidir e ver qual a melhor estratégia para a empresa de vocês. Gostaria de discutir ideias a respeito da implementação do ESG dentro da companhia para que

as práticas se alinhem... — ela parou e me observou. — Você parece um pouco, ahn... Cético?

— Ainda tenho meus receios com tudo isso. Não estava por dentro das decisões que foram tomadas e muito menos participei da sua contratação.

— Acho superentendível — ela afirmou com uma voz suave. — Sei que foi pego de surpresa porque estava ausente da empresa, mas nós alinhamos algumas coisas e sou muito competente no meu trabalho.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, seu olhar se desviou para a prateleira atrás de mim.

— Que gracinha, é sua filha? — quis saber, levantando-se de onde estava e caminhando literalmente até atrás da minha mesa.

Pisquei, um pouco confuso, porque não estava esperando que ela fosse invadir meu espaço daquele jeito, muito menos sair fuçando as minhas coisas.

Que enxerida! Por que aquela mulher estava encostando no meu porta-retratos?

— Minha sobrinha — eu a corrigi, levantando-me e tirando a foto das suas mãos sem deixar de olhá-la com repreensão. — Não mexa nas minhas coisas, por favor.

— Desculpa! — pediu, envergonhada, dando um passo para trás e parecendo realmente culpada. — Não foi minha intenção ser invasiva e nem mexer nas suas coisas. Perdão, eu só achei a bebezinha fofa e quis ver de perto. Sinto muito, isso não vai se repetir.

Merda, agora eu estava me sentindo meio babaca. Tudo bem que era uma sem-noção, mas ela tinha elogiado minha sobrinha e não falado mal dela.

— Tudo bem... A Gigi... — Limpei a garganta, irritado comigo mesmo. — A Giovanna causa esse efeito nas pessoas.

— Ela é uma gracinha. E parece com você — começou a dizer e eu arqueei uma das sobrancelhas enquanto todo o seu rosto ficava vermelho. — Não quis dizer que você era uma gracinha. Meu Deus, desculpe. Ahn... Será que podemos continuar a reunião?

— Por favor — foi meio que uma súplica, mas não deixei transparecer.

— Como eu estava dizendo, entendo seus receios, mas estou aqui para auxiliar a sua empresa a criar um compromisso e também para evitar as crises de imagem que se tornaram recorrentes, principalmente depois do último derramamento de óleo. E infelizmente não posso decidir sobre o que faremos sem o seu aval, por isso necessitamos de uma força-tarefa principalmente nesse início.

Eu a encarei por alguns segundos. Certeza de que a mulher do meu irmão tinha me jogado algum tipo de praga. Por meses, eu fiquei ausente da empresa e mal coloquei meus pés aqui dentro de novo e seria obrigado a lidar com diversas questões de sustentabilidade e todas aquelas coisas que nunca tive muita paciência.

— Você pode agendar com a Pamela quantas reuniões forem necessárias — disse por fim.

— Ótimo, fico feliz que estejamos na mesma página.

Ela sorriu para mim e logo depois começou a falar sobre algumas ideias que pensou para que implementássemos antes mesmo de mostrar publicamente que éramos uma empresa aplicando a prática de ESG.

Aquela mulher definitivamente era inteligente, disso não tinha dúvidas. Falava sobre os assuntos com tanta convicção, percorrendo várias áreas diferentes e trazendo dados superatualizados de mercado.

Nós tomamos um café enquanto discutíamos os planos e ficamos um pouco mais de uma hora naquela reunião. Por incrível que parecesse, mal percebi o tempo passar.

Graças a Deus não houve espaço para mais constrangimentos, até porque ela mesma já tinha experimentado a sua dose de vergonha alheia. O episódio da manhã ficou esquecido e em nenhum momento Clara mencionou algo sobre termos nos encontrado na academia.

Tinha certeza de que tudo correria bem.

Capítulo 7



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Ela tinha agendado umas três reuniões durante aquela semana. Para ser honesto, achava suas ideias boas, apesar de algumas vezes soarem muito utópicas.

Meu pai era uma pessoa difícil e a maioria das questões sociais só tinham sido implementadas por mim depois de bater muito na tecla com ele. E, para ser sincero, acho que ele não se preocupava

nem um pouco com nada disso e sim com um processo que poderíamos tomar.

Eu percebi isso e usei como arma para aprovar coisas que ele achava irrelevantes, como políticas de inclusão, assédio moral, código de ética, entre outras coisas.

— A *Petrolio* até cuidou dos animais oleados e das praias no último derramamento...

— Então! Resolvemos o problema.

— Mas não deu um suporte para os vendedores da praia, muito menos aos pescadores locais — Clara pontuou e eu senti uma pitada de julgamento.

— Suporte para os vendedores? — indaguei, sem entender. — O que temos a ver com isso?

— Isso impacta o trabalho deles. Se a praia está poluída, não recebe turistas, logo, os coitados não conseguem vender seus produtos — respondeu, óbvia, e eu revirei os olhos, achando aquele argumento um pouco exagerado.

— Eles poderiam ir para outra praia.

— Não funciona bem assim, Domenico — disse, soltando o ar.

— Você já conversou com essas pessoas? Em como o emprego delas pode ser impactado?

Eu a encarei sério e ela deu uma risadinha.

— Não estou aqui para te julgar por isso. Não é algo que a maioria dos empresários se preocupa. Graças a Deus agora você tem a mim — exaltou, abrindo um sorriso alegre e estendendo as mãos ao lado do corpo. — A minha empresa existe para mostrar esse tipo de coisa. Dentro do ESG, nós vamos assistir e dar apoio quando esse tipo de problema surgir.

— Ô, graças a Deus — falei, cheio de ironia, fazendo com que ela risse.

— Você não vai à praia nunca, não é?

— Odeio praia. Prefiro piscina.

— Por causa da areia?

— Por causa das pessoas.

— Das pessoas? — indagou, franzindo o cenho, sem entender.

— Pessoas na praia são sempre muito... Demais — expliquei, mesmo sabendo que aquilo talvez não fizesse sentido para ela.

— Felizes, você quer dizer? — Ela comprimiu os lábios, tentando segurar o sorrisinho, e eu dei de ombros. — Você odeia pessoas felizes?

— Não foi o que eu disse, mas entenda como quiser.

Ela gargalhou, jogando a cabeça para trás, o som preenchendo a sala e atraindo toda a minha atenção. Foi inevitável segurar uma risadinha ao perceber que as suas não cessaram e eu nem mesmo sabia o que era tão engraçado.

— Você é divertido.

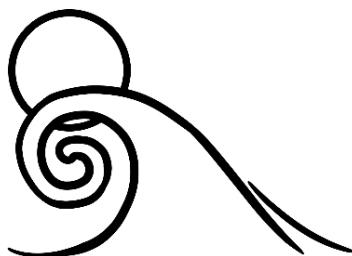
— Definitivamente não é como me definiriam — concluí, estreitando um pouco os olhos, pensativo.

— Gosto de pessoas rabugentas.

— Bem, isso de fato é algo que pode me definir — afirmei, e ela sorriu em resposta antes de olhar para seu caderno e riscar um item da sua lista.

As palavras enfim se incrustaram na minha cabeça. O que ela queria dizer com aquilo? Que ela gostava de mim ou de pessoas rabugentas no geral? Certamente era a segunda opção, afinal, nós mal nos conhecíamos para que ela tivesse alguma opinião sobre mim.

Apesar de que eu já havia formado a minha a respeito dela. Aquela mulher era animada demais, falava pelos cotovelos e era intrometida. Eu odiava pessoas assim e sabia que não demoraria muito para que me irritasse.



Ela tinha me pedido para participar de um treinamento com os funcionários. De início, eu afirmei que não iria nem fodendo, mas acabei aceitando para calar aquela boca dela que não parava de

cuspir argumentos para me convencer do quanto era importante que eu estivesse presente.

Sabia que não demoraria muito para me estressar.

O auditório da empresa estava lotado e havia uma palestrante discursando sem parar sobre meio ambiente. E tudo o que eu conseguia pensar era em como o meu irmão estaria rindo da minha cara ao me ver naquele evento.

Aquele era o primeiro curso obrigatório que a área de ESG definiu. Havia também muitas outras políticas sendo implementadas e mais algumas coisas que seriam colocadas em prática. Assim que Clara entrou na empresa, fez um levantamento identificando as necessidades e meu pai aprovou um orçamento para criar um setor somente para isso.

Ela foi a responsável pelas contratações e a equipe de consultores da sua empresa já havia treinado os funcionários. Em paralelo, as nossas reuniões começaram a acontecer e pareciam não ter fim.

Uns dois dias atrás, eu havia dado uma entrevista afirmando que estávamos implementando as práticas de ESG na empresa e isso de fato fez com que as ações subissem. Claro que ela entrou na minha sala para se vangloriar daquilo. E óbvio que a mulher do meu irmão me mandou uma mensagem dizendo que finalmente tinha lido uma notícia sobre a minha empresa que não desse vergonha.

Então aqui estávamos nós.

— Não acredito que está me fazendo perder tempo com isso — resmunguei baixinho.

Nós estávamos encostados em uma pilastra no fundo do auditório e eu precisei me inclinar até a altura do seu pescoço para que não fosse ouvido. Um arrepió percorreu do início ao final da minha coluna quando inalei o seu perfume, percebendo o quanto ele era familiar. O aroma me lembrava o *Spicy Pumpkin*, uma mistura de especiarias americanas e, porra, eu era obcecado por aquele cheiro... E por aquele gosto.

Ela se virou, os lábios parando próximos demais aos meus. Tanto a ponto de sentir sua respiração queimando o meu rosto. Não era minha intenção me aproximar demais, mas meus músculos

pareciam travados, como se eu estivesse impossibilitado de me mexer.

O verde dos seus olhos era vívido e intenso como esmeraldas, diferente do meu, que tinha reflexos meio amarronzados. E era ainda mais lindo assim tão de perto.

Havia algo que eu não sabia explicar, no entanto... Quando eu olhava dentro daquelas ramificações... Era como uma espécie de *déjà vu*.

Minha atenção se voltou para sua boca por alguns segundos quando ela a entreabriu e umedeceu os lábios quase em câmera lenta. Eu me forcei a levantar o olhar, focando no verde da sua íris.

— Tenta ver pelo lado positivo... — sussurrou sem quebrar o contato visual, a pausa preenchendo a tensão entre nós.

— Existe algum? — indaguei com deboche, arqueando a sobrancelha.

Ela sorriu e puxou uma respiração um pouco mais forte. Nossos rostos estavam perigosamente próximos, até demais para uma conversa inocente de trabalho, mas nenhum de nós parecia dar a mínima. Havia uma espécie de névoa invisível que nos rodeava e seu olhar se mantinha fixo no meu, de uma forma quase que cuidadosa para que não fosse desviado para outro lugar.

— Pelo menos... Você não está enfurnado na sua sala cheio de planilhas intermináveis.

Eu me aproximei um pouco mais do seu ouvido, sentindo meu lábio roçar de leve na sua pele, fazendo com que ela estremecesse e segurasse o ar.

— Um segredo... Eu gosto da minha sala. E das minhas planilhas intermináveis.

Uma risada nervosa escapou da sua boca e ela se afastou um pouco, cruzando os braços de uma forma que abraçava o corpo.

Merda! Eu não podia flertar com aquela mulher! Não importava o quanto gostosa ela fosse.

Naquela manhã, tínhamos nos encontrado da academia. Ela chegou praticamente na hora em que eu estava saindo, mas foi o suficiente para que minha atenção se voltasse para a bunda perfeita

que ela tinha e que ficava ainda mais maravilhosa dentro do short de lycra.

Não era só isso, aquela mulher toda parecia uma espécie de fenômeno da natureza, como um vendaval que passa carregando tudo ao redor. Era impossível desviar o olhar, não se sentir imediatamente atraído por ela. O corpo era sim como um monumento, mas o sorriso e os olhos... Deus, chegava a ser obsceno o quanto ela era linda.

Nós nos cumprimentamos de longe. Ela acenou animada assim que me viu enquanto caminhava e tropeçou de leve em uma anilha que estava no chão, fazendo com que eu desse uma risada involuntária. Seu rosto ficou todo vermelho e ela xingou um palavrão em seguida. Depois revirou os olhos e indicou o homem ao seu lado, que tinha deixado o objeto no meio do caminho, mexendo os lábios para mim, chamando-o de idiota.

Foi uma conversa silenciosa, uma interação mínima, quase pígia perto das horas que estávamos passando juntos dentro da minha sala fazendo reuniões. Ainda assim fez com que eu pensasse nela o resto da manhã.

Sério, eu precisava comer uma boceta. Desde que tinha voltado para a empresa, ainda não tinha encontrado nenhuma das mulheres que costumava trepar porque estava entupido de trabalho, mas hoje seria diferente.

Capítulo 8



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

— Sabia que não param de teorizar sobre você e a Luana? — Letícia comentou assim que voltou da cozinha do meu apartamento, completamente nua e com um copo de água na mão.

Ela riu com os lábios firmemente fechados, os cachos caindo em cascata pelos ombros, cobrindo os seios. Era uma visão e tanto e eu realmente gostava de foder aquela mulher.

— Ciúme não combina com você. — Arqueei uma das sobrancelhas.

— Seu sonho, bonitão... — brincou, sentando-se ao meu lado na cama. — Estou apenas te inteirando sobre o que acontece na sua empresa, já que você a jogou às traças.

Eu a repreendi com o olhar, deixando claro que não tinha gostado do seu comentário, mas tudo o que recebi em resposta foi um biquinho seguido por um sorrisinho.

— Não a joguei às traças.

— Seu pai meio que é uma — ela zombou e eu dei uma risada fraca, concordando. — Você entendeu, Dom... A *Petrolio* não funciona bem sem você.

— É, eu sei. E aí? O que estão falando? Além do fato de que meu pau é maravilhoso? — indaguei, fazendo-a rir.

— Ele realmente é! — ela meio que choramingou, puxando o lençol para olhar e eu dei uma risada. — Na verdade, não é nada demais, mas a Luana parece que não quer deixar o assunto morrer. Acho que você precisa resolver a situação antes que...

— Você não me diz o que devo ou não fazer, Letícia — lembrei, sério, fazendo menção a levantar da cama, mas ela se agarrou ao meu tronco.

— Volta aqui...

Olhei dentro dos seus olhos castanhos e soltei o ar sem muita paciência. De todas as mulheres que eu trepava casualmente, Letícia era a que eu tinha um pouco mais de intimidade. Ainda assim, não dava liberdade para que ela pudesse opinar em nenhum quesito da minha vida.

— Desculpa, apenas queria te dar um conselho porque prezo pela sua posição — sussurrou, deslizando os dedos pelo meu braço.

— Não preciso dos seus conselhos, Letícia. Consigo tomar minhas decisões sozinho.

Ela apenas assentiu. Meu celular vibrou na mesinha de cabeceira no momento em que Letícia avisou que iria tomar um banho. Olhei a notificação e dei uma risada antes mesmo de abrir a conversa.

Clara L. Caiano – Nexus: O Rambo está de volta.

Havia também uma foto bem desfocada do homem que parecia o Sylvester Stallone. Honestamente, que vergonha alheia daquele ser humano. Quem em sã consciência saía na rua daquele jeito?

Fiquei pensativo por alguns segundos sobre o que responder. Nós apenas trocamos poucas mensagens e todas de cunho profissional.

Domenico: Não é possível. Ele realmente acha que é legal usar essa faixa na cabeça?

Clara L. Caiano – Nexus: Pelo visto, sim.

Clara L. Caiano – Nexus: kkkkkkkk

Olhei para o relógio. Por que ela estava na academia às oito horas da noite de um sábado?

Provavelmente porque tem mais foco que você!

Bufei, irritado comigo mesmo. Não tinha conseguido ir à academia naquela manhã, apesar de todo o cardio que eu tinha feito com a Letícia em cima da minha cama.

Eu deveria ir malhar.

Só que se eu fosse agora, pareceria que eu iria para encontrá-la. E esse definitivamente não era o caso. A sua mensagem apenas tinha me lembrado de que fui displicente com minha rotina porque perdi a noção do tempo à tarde levando minha sobrinha para brincar no *shopping*.

Talvez eu pudesse mandar uma mensagem despretensiosa...

Domenico: A academia está vazia?

Clara L. Caiano – Nexus: Graças a Deus.

Ah, que ótimo. Que merda eu diria agora? Fiquei encarando a tela do celular, sentindo-me um imbecil. Se eu não falasse nada, pareceria que eu estava puxando assunto e eu não era o tipo de cara que ficava de papinho em celular, pelo amor de Deus.

Clara L. Caiano – Nexus: Está pensando em vir malhar?

— Dom — Letícia chamou e eu sobressaltei, pois esqueci completamente que ela estava no meu banheiro. — Posso desmarcar meu compromisso se quiser comer alguma coisa.

— Não precisa, vou malhar — gritei em resposta.

Certo, eu precisava responder alguma coisa para que aquela mulher não achasse que eu estava indo para a academia atrás dela

ou algo do tipo.

Domenico: Não fui hoje cedo, estou encarando meus tênis há umas duas horas...

Na verdade, eu estava trepando há umas duas horas...

Clara L. Caiano – Nexus: Também está sem nada para fazer em um sábado à noite?

Puta merda, agora ela acharia que eu era um fracassado sem vida social.

— Eu ouvi bem? — Letícia perguntou, rindo, aparecendo enrolada na toalha na porta do banheiro. — Você vai para a academia *agora*?

— Sim, não malhei hoje — falei, levantando-me e indo até ela, dando um beijo rápido na sua boca. — Vou tomar um banho.

— Poderia ter ido comigo... — respondeu em um tom meloso, pendurando-se no meu pescoço.

— Poderia, mas não teríamos tomado banho.

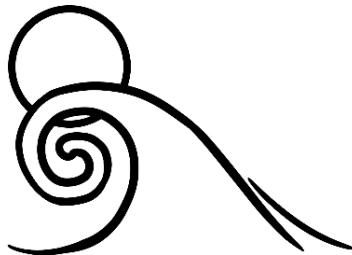
— Eu sei — confessou, rindo.

— E você marcou de sair com suas amigas — lembrei, e ela choramingou. — Quer que peça um *Uber* pra você?

— Não precisa, uma das meninas está passando aqui para me buscar — avisou, ficando na ponta dos pés para me dar outro beijo e depois suspirou. — Obrigada por hoje, foi maravilhoso.

— Você é sempre maravilhosa.

Ela sorriu e beijou minha boca antes de se afastar, dando-me passagem para entrar no banheiro. Tudo era simples demais com Letícia. Se todas fossem assim, eu poderia facilmente comer a gestora gostosa que tinha começado a trabalhar para a *Petrolio* sem me preocupar.



Eu a notei assim que pisei na academia. Tive a impressão de que ela me viu através do espelho, mas como não esboçou nenhuma reação, cheguei à conclusão de que fora coisa da minha cabeça.

Rumei para o lado contrário fingindo que sequer percebi sua presença. Seria muito ridículo chegar e ir direto falar com ela, até porque era totalmente indiferente que aquela mulher estivesse ali.

De fato, a academia estava vazia e sem risco de encontrar algumas malucas que ficavam me azucrinando pela manhã. Havia uma *personal* que só faltava se jogar em cima de mim e eu fugia dela como o diabo foge da cruz.

Coloquei meus fones e comecei a fazer os exercícios, concentrado. Reparei que a maioria das poucas pessoas já estava indo embora porque o relógio marcava quase nove horas da noite.

A Elysium era uma academia de elite na Barra da Tijuca, localizada ao lado do meu apartamento. Ela funcionava como um “clube”, dentro de um complexo e ficava aberta vinte e quatro horas. Tinha os equipamentos mais modernos do mercado, um SPA, cafeteria e até mesmo um restaurante.

— Você já está acabando? — uma mulher perguntou, um pouco tímida, e eu afirmei com a cabeça, saindo do aparelho.

Assim que me virei, reparei que a Clara estava fazendo um exercício claramente de um jeito incorreto. Ela com certeza foderia a lombar no dia seguinte se continuasse daquele jeito.

Eu não deveria me meter.

Não tinha absolutamente nada a ver com sua vida ou sua coluna, porra!

Só que se aquela mulher se machucasse, era provável que fosse faltar no trabalho. E aquela semana faríamos diversos treinamentos que a própria tinha inventado.

Respirei fundo e tentei ignorar tudo aquilo, mas meu olhar se voltou para ela novamente, repetindo o movimento de forma errada. Parei o que estava fazendo, aproximando-me a passos firmes, decidido apenas a dar uma sugestão pensando no bem da minha empresa (e no meu também, porque se ela faltasse, eu

provavelmente precisaria resolver alguma questão que não desejava).

— Você está abaixando de forma errada — avisei, parando na sua frente.

Clara estava fazendo um *Stiff* com a barra, curvando totalmente o tronco e parou no meio do exercício assim que ouviu minha voz. Ainda com a coluna inclinada, seu olhar encontrou o meu e ela ficou imóvel. Olhei para baixo, vendo-a com o rosto na altura do meu pau e foi impossível não reparar em como aquela era uma visão sensacional.

Ela soltou a barra no chão e se levantou em um movimento rápido, colocando uma das mãos na cintura e transferindo o peso de uma perna para outra.

— Decidiu parar de me ignorar? — ela teve a audácia de me perguntar e foi inevitável não arquear as sobrancelhas.

Realmente, não estava esperando por aquilo.

— Oi?

Ela riu, os ombros suavizando e as mãos caíndo ao lado do corpo.

— Estou brincando. Apenas pegando no seu pé porque quando chegou me viu e não veio falar comigo.

Era só o que me faltava!

— Não te vi — menti.

Seus olhos se estreitaram na minha direção e eu me senti levemente invadido, porque a sensação era de que aquela mulher era capaz de me ler por completo. Como se ela soubesse tudo o que eu estava pensando desde que tinha pisado dentro daquela academia.

— Você é sempre tão antissocial assim? — indagou, pegando sua garrafinha e dando um gole na água.

— Não sou antissocial.

Uma risadinha debochada escapou dos seus lábios e senti meu sangue ferver na mesma hora. Quem ela pensava que era para presumir algo sobre mim? Que pessoa desnecessária.

— Você está na academia em um sábado à noite... — pontuou.

— As evidências não estão a seu favor.

— Você também está na academia em um sábado à noite.

— Tinha um encontro, mas ele cancelou — disse, dando de ombros e se preparando para voltar a fazer o exercício.

— Eu tive o meu à tarde.

Nem sei ao certo por qual motivo disse aquela frase, mas fiquei com ódio de mim mesmo. Não tinha razão para tentar provar um ponto para ela. Se a intrometida achava que eu era antissocial, foda-se!

A impaciência queimou a minha pele quando seu olhar se levantou para mim novamente, cheio de descrença. Claro que não acreditava no que eu estava dizendo, até porque, eu mencionei estar olhando para meu tênis por duas horas na mensagem.

— E você está fazendo o exercício errado de novo! — resmunguei, irritado, olhando para os lados. — Não tem nenhum instrutor aqui?

Ela soltou o ar, como se estivesse de saco cheio e deixou a barra novamente no chão.

— Sério?

— Vai acabar arrumando uma lesão na lombar desse jeito — avisei e depois revirei meus olhos.

— O que estou fazendo de tão errado?

— Você não pode curvar a coluna, precisa mantê-la reta quando for descer.

— Ah... — Seus lábios se entreabriram de leve. — Ok. Não percebi que estava fazendo isso. Obrigada.

Fiz um meneio com a cabeça e saí de perto, caminhando em direção a outro aparelho.

Antissocial!

Estalei a boca e coloquei meus fones novamente, focando na *playlist* do *Bon Jovi* que estava tocando. Respondi algumas mensagens e enviei umas fotos que tinha tirado da Gigi naquela tarde para o meu irmão.

Dante me mandou um vídeo da minha sobrinha afundando as mãos no sorvete que ele provavelmente tinha feito em sua máquina. Foi inevitável não dar uma risada e me derreter todo, a Giovanna era fofinha demais.

Estava apertando o ícone do microfone para gravar um áudio quando a vi passando em direção à saída da academia, dando um tchauzinho discreto para mim. Fiz o mesmo, mexendo a mão em um rápido aceno antes de voltar a atenção para o celular.

Será que ela morava perto? Será que o encontro que tinha era com um namorado? Ou alguém fixo? Será que Clara estava à procura de um relacionamento ou só uma foda?

Porra, Domenico! Que se foda! Isso não tem nada a ver com você!

Não conseguia entender por qual motivo aquela criatura estava rondando tanto meus pensamentos. E não era o fato de que ela aparentemente era a mulher mais linda que já tinha visto em toda minha vida. Beleza nunca era o que mais me chamava atenção em alguém.

Havia algo mais. Uma perturbação desconcertante e persistente que não fazia sentido algum. Apenas ocupando um espaço na minha cabeça sem uma explicação lógica.

Que merda do caralho!

Capítulo 9



DOMENICO PERAZZO
Capítulo 1

Domenico Perazzo

Na última semana, havíamos divulgado sobre a implementação da área de ESG e isso fez com que meu trabalho triplicasse. Estava lotado de reuniões com os gestores de cada setor da empresa, havia uma infinidade de procedimentos internos para dar andamento e precisava lidar com os *stakeholders*^[8].

Já previa que seria estressante explicar para meus fornecedores sobre as mudanças, mas quando abri meu *e-mail* naquela manhã, tive a certeza. E era por isso que eu e Clara estávamos há mais de três horas em uma reunião interminável.

Ela começou a falar sobre os demais impactos causados pelo nosso atual fornecedor de serviço de descarte de resíduos não sustentáveis e apertei minha bolinha antiestresse na mão. Já fazia um bom tempo que eu a usava, porque além de aliviar minha tensão, sentia os meus pensamentos fluindo melhor. E como bônus, já tinha me impedido de querer socar alguns funcionários.

— Acho realmente que você deveria reconsiderar. Não vai ser bom mantê-los.

— Sem condições. — Fiz uma negativa com a cabeça. — Não vou encerrar o contrato com eles.

— A reputação dessa empresa é péssima, Dom.

Dom.

Quem deu intimidade para que ela me chamassem pelo meu apelido? Ainda ficava impressionado em como aquela mulher era intrusiva, mas mesmo que eu não gostasse de pessoas aleatórias me chamando de “Dom”, aquilo não me irritou tanto quanto imaginei.

— Não funciona assim. Sabe o quanto isso vai impactar as finanças da empresa?

Sua boca se abriu para contestar, mas eu continuei:

— Você não pode querer ser tão radical e esperar que eu vá concordar com esses absurdos. Meu Deus! Estou vendo a hora que você vai se juntar com minha cunhada, meu irmão e dizer que precisamos parar de usar copos de plástico e beber a água nas próprias mãos.

Ela gargalhou, jogando a cabeça para trás.

— Com as mãos ainda não, mas tenho um projeto que precisamos discutir que envolve trocar os copos de plástico por papel... — começou a dizer e deu uma risadinha. — Agora sobre seu irmão e cunhada, aposto que eles só estão lutando pelo futuro do planeta.

— Estão lutando para fazer da minha vida um inferno, isso sim. E pelo visto, você está indo pelo mesmo caminho.

— Você gosta mesmo de reclamar, não é? — perguntou, comprimindo os lábios e eu revirei os olhos. Depois, ela deu uma risadinha, cheia de deboche. — Talvez você devesse procurar um psicólogo para lidar com todo esse ressentimento com seu irmão e sua cunhada.

— Reclamar é mais eficiente do que ir a um psicólogo — respondi com um sorriso falso, fazendo-a rir mais um pouco.

— Talvez você esteja certo...

— Sempre estou certo.

Seu rosto se retorceu em uma careta, deixando claro que ela não concordava com aquela afirmação, mas depois ela deu uma risada gostosa, balançando a cabeça em várias negativas.

— Só não está certo em relação ao fornecedor.

— Meu Deus, mulher. O mundo não vai acabar se mantivermos o fornecedor — afirmei.

— Não estou falando isso apenas por causa do meio ambiente, Domenico. Me preocupo também pela responsabilidade corporativa — explicou, soltando o ar. — Enfim, vamos tentar um caminho diferente e pensar em soluções menos impactantes, ok?

Ótimo, eu não iria embora nunca.

Nós ficamos mais um bom tempo debatendo alternativas. O relógio mostrava oito horas da noite e provavelmente todas as pessoas já tinham ido embora da empresa.

Bem, ao menos eu não iria cruzar com a Luana nos corredores. Hoje ela tinha enviado umas quatro mensagens perguntando se não poderíamos nos encontrar depois do expediente.

— O que foi? — perguntei assim que ela soltou um ruído enquanto massageava as têmporas.

— Estou morrendo de dor de cabeça.

Abri minha gaveta de remédios e comecei a vasculhar, tirando as cartelas e colocando-as em cima da mesa.

— Advil? Paracetamol? Dipirona? — questionei conforme fui pegando cada um deles.

Sua boca estava entreaberta e ela me olhava completamente confusa.

— Você tem tipo uma farmácia aí dentro? — quis saber, inclinando-se sobre a mesa para fuxicar minha gaveta, mas eu a fechei, lançando um olhar de repreensão em seguida.

— Só sou prevenido.

— Tem certeza de que prevenido é a palavra? — indagou, franzindo o cenho e dando uma risada.

Eu apenas a olhei, sem paciência.

— Advil, obrigada.

Ela pegou a cartela, destacando um dos comprimidos e me agradeceu mais uma vez enquanto o engolia com a água.

— Se quiser encerrar por hoje...

— Não, está tudo bem — ela garantiu. — Só estou há muito tempo sem comer nada.

— Acho melhor deixar para outro dia.

— Não dá. Precisamos definir isso tudo hoje. O remédio vai fazer efeito logo.

— Vou pedir alguma coisa. O que você gosta de comer? — perguntei, abrindo meu celular e analisando as opções. — Tem alguma restrição alimentar?

— Ah, não! Posso pegar alguma coisa na minha sala, você não precisa...

— Perguntei o que gosta de comer — retruquei, sério, levantando meus olhos e ela soltou o ar em desistência.

— Qualquer coisa... — Eu já estava prestes a bufar com a resposta, mas ela pareceu pensativa. — Quer dizer, de preferência sem queijo, porque tenho intolerância e hoje esqueci minha lactase em casa.

— Eu tenho aqui.

— Nossa, você também é intolerante? — Suas sobrancelhas se arquearam.

— Não.

Ela piscou, confusa.

— Você tem enzimas de lactase sendo que não é intolerante?

— Eu disse que sou precavido.

— Precavido a ponto de prever que você pode vir a desenvolver uma intolerância em segundos? Você sabe que

consegue ir até uma farmácia comprar um remédio em menos de cinco minutos, não é? — indagou, dando uma risada.

— Não, precavido porque o Ícaro também é intolerante e sempre esquece de comprar e depois fica passando mal por aí.

— Ok, faz mais sentido agora. Fiquei levemente preocupada.

— Gosta de japa? — questionei, ignorando seu leve julgamento.

— Bastante.

— Ótimo.

Fiz o pedido rapidamente e percebi que ela estava mexendo em seu celular. Voltei a olhar para a tela do meu *laptop*, aproveitando para responder um dos *e-mails* que tinha chegado.

Clara sugeriu que retomássemos a reunião, mas afirmei que achava melhor fazermos uma pausa até que a comida chegasse. Não queria ver aquela mulher caindo dura no meio da minha sala porque não tinha comido nada.

— Quanto tempo tem sua sobrinha? — perguntou algum tempo depois.

— 1 ano e 6 meses — falei, sem tirar os olhos da tela e franzi o cenho ao ler o *e-mail* de uma das funcionárias da área dela. — Você viu isso aqui?

Virei um pouco a tela, mas Clara já tinha se levantado e dado a volta na mesa. Ela chegou perto de mim, inclinando-se para ver do que eu estava falando, seu braço roçando de leve no meu.

Respirei fundo quando o cheiro de *Spicy Pumpkin* invadiu minhas narinas novamente, provocando uma sensação reconfortante. Ela estava com um coque malfeito preso no topo da cabeça e havia uma caneta sustentando-o. Algumas mechas caíam pelo rosto e seus olhos se moviam atentamente lendo o *e-mail*.

Porra, ela precisava ficar naquela posição mesmo? Meu corpo inteiro esquentou com a visão da sua bunda empinada praticamente na minha frente, os pensamentos mais sujos tomando conta da minha mente.

Tudo o que eu queria fazer era foder aquela mulher ali mesmo, em cima da minha mesa.

Forcei o meu olhar para qualquer outro lugar, empurrando um pouco minha cadeira para me distanciar. Franzi o cenho quando reparei que havia uma tatuagem um pouco abaixo da sua nuca. Aquilo era...

— Isso não é nada demais — ela disse, soltando o ar, puxando minha atenção de volta. — São apenas algumas das metas que estávamos analisando.

— Certo. — Limpei a garganta. — Ahn... Você tem uma tatuagem?

Ela se virou, parecendo levemente agitada. Nervosa não era bem a palavra, mas havia um desconforto no ar e eu me amaldiçoei por ter feito aquela pergunta.

Suas expressões se modificaram na mesma hora, como se somente agora seu cérebro tivesse processado minha pergunta. Apoiou os quadris na minha mesa, ficando de frente para mim e eu foquei em não olhar para suas coxas e sim para seu rosto.

E porra, era uma tarefa muito difícil! Elas estavam praticamente na minha cara, inferno!

Prendi a respiração quando ela encostou as duas mãos ao lado do seu corpo, inclinando o rosto para mais perto do meu. Um sorrisinho cheio de insinuação cresceu nos seus lábios.

— Como sabe que tenho uma tatuagem, Domenico? — Sua voz caiu um tom, a pergunta sugestiva pairando no ar.

Meu pau pulsou quando o meu nome saiu da boca dela.

— Achei que tivesse visto uma.

— Estava me olhando? — Sua sobrancelha se arqueou e ela arrastou os dentes pelo lábio inferior antes de soltá-lo devagar.

Ótimo. Estávamos flertando, então?

Eu me levantei da cadeira e o movimento eliminou ainda mais o espaço entre nós dois. Nosso contato visual não se quebrou, fazendo com que seu queixo se projetasse um pouco para cima por conta da diferença de altura.

Conseguia sentir o calor do seu corpo irradiando a cada respiração irregular que subia e descia do seu peito. O desejo espelhado na sua íris, a comunicação silenciosa que deixava nítido que ela me queria na mesma intensidade.

Porra, aquele perfume estava me deixando louco!

— Não estava te olhando. — Dei uma risada fraca e olhei para sua boca. — Você bloqueou minha visão, queria que eu ficasse de olhos fechados?

Ela sorriu.

Inferno de sorriso lindo.

— A tatuagem é do meu filme preferido... — sussurrou antes de virar de costas, segurando os cabelos para me mostrar.

Fechei os olhos e respirei fundo quando sua bunda roçou no meu pau. Ela estava fazendo de propósito, eu não tinha dúvida alguma.

— Consegue ver?

Deslizei o polegar por sua pele, tirando o tecido do vestido do caminho para ver o desenho. Antes de dar uma olhada nas linhas que marcavam sua pele, notei que todos os seus poros se arrepiaram com o toque e foi impossível não sorrir.

— A montanha do Jack... — comentei meio contemplativo, tentando puxar na minha cabeça onde eu já tinha visto aquela tatuagem antes.

Seu corpo se virou na mesma hora, as expressões de surpresa cruzando o rosto. Os olhos não deixaram os meus e a impressão era de que aquela mulher estava novamente tentando ver através de mim.

— Sim, ela mesma.

— É seu filme preferido? — indaguei, surpreso, e ela assentiu minimamente.

Quais as chances, porra?

— É o meu também — confessei baixinho.

Ela não pareceu acreditar. Estreitou os olhos na minha direção e aquela sensação de *déjà vu* voltou a me rondar.

— Isso não me parece muito real.

Apoiei uma das mãos no seu pescoço e aproximei meu rosto do seu ouvido, sentindo meus lábios roçando de leve na sua pele. Reparei que todo seu corpo estremeceu e exalei uma respiração, ainda zonzo com seu perfume tão intenso pela proximidade.

— “Só porque não consigo ver, não quer dizer que não possa acreditar” — citei uma das frases do filme, dando um sorrisinho.

Ela engoliu em seco e todos os seus músculos retesaram. Voltei a olhar nos seus olhos, os lábios a milímetros de distância dos dela.

Deus, eu queria tanto beijar aquela boca grossa e perfeita.

— Parece real pra você? — deixei a pergunta queimar nos seus lábios.

— Não podemos fazer isso — afirmou, apoiando as duas mãos no meu peito.

Meu estômago pareceu afundar.

— Você não quer? — Foi uma pergunta genuína porque eu estava começando a achar que era louco e tinha interpretado todos os sinais errados.

— Não é isso.

— Você namora — saiu como uma afirmação meio frustrada.

— Não. É só que... — Ela fez uma pausa e todo o seu rosto ganhou uma coloração avermelhada. — Se a gente se beijar, a nossa relação vai mudar e eu estou aqui para trabalhar, não para me divertir.

Que porra!

— Certo. — Eu me afastei. — Você está certa.

Na mesma hora, o meu telefone tocou e ela aproveitou para sair de onde estava, voltando a se sentar na cadeira na frente da minha. Atendi a ligação e avisei que o entregador estava subindo. Seu rosto estava levemente vermelho e o desconforto pairava no ar porque havia ficado um clima meio merda no ambiente.

Disse que iria até o elevador encontrá-lo, desesperado para deixar aquele cômodo, e saí pela porta o mais rápido que pude. Ao mesmo tempo em que eu me sentia aliviado por não ter quebrado a “regra” que tinha colocado para mim mesmo, estava frustrado para caralho.

Eu queria beijá-la. E fazer muitas outras coisas com ela também.

Esperei o homem subir e agradeci pela demora que normalmente me irritaria. Será que iríamos fingir que nada tinha

acontecido? Será que ela tocaria no assunto na primeira oportunidade para “esclarecer” as coisas?

Assim que entrei na minha sala, ela deu um sorriso meio nervoso. Já tinha tirado a maioria dos papéis espalhados pela mesa, abrindo espaço para que colocássemos a comida.

— Dom... — ela me chamou assim que comecei a organizar as embalagens. Não respondi, então ela continuou: — Não quero que nossa relação seja afetada por conta de...

— Não será afetada — garanti, levantando os olhos para olhar nos seus, percebendo a insegurança estampada em todas as suas feições. — Eu te peço desculpas por toda essa situação.

Tinha que ser o mais sério possível, a última coisa que eu precisava era mais dor de cabeça. Ela mordeu a parte interior da bochecha e torceu os dedos nas mãos.

— Você não precisa pedir desculpas. Não é como se eu não quisesse... — confessou baixinho, desviando rapidamente o olhar e se mexendo na cadeira como se estivesse desconfortável. — Eu só... Ahn...

— Não quer misturar as coisas — completei, e ela assentiu. — Eu acho que é mais do que sensato.

As palavras pareciam arranhar minha garganta, como se eu estivesse dizendo-as contra minha vontade, porque de certa forma era exatamente isso. Eu a queria e, ao mesmo tempo, não queria.

Aquela mulher cheirava a problema e todos os meus alertas estavam apitando ao mesmo tempo. E era uma surpresa que finalmente resolvessem funcionar, já que desligaram no momento em que a Luana decidiu abrir as pernas para mim.

Eu não sabia explicar ao certo, mas todas as vezes que eu olhava dentro daqueles olhos verdes, alguma coisa dentro de mim estremecia. Aquela sensação de quando você está no topo de uma montanha-russa apenas aguardando a queda. Algo me dizia que assim que eu beijasse aquela boca, estaria arruinado.

E mesmo assim eu estava ansioso por aquilo.

Nós começamos a comer e ela soltou uma piada, o que fez com que aquela tensão se dissipasse um pouco. Para a minha sorte, ela era uma pessoa bem diferente de mim.

Clara contou sobre uma vez em que estava no restaurante japonês em um encontro. Disse que começou a gesticular demais e acabou enfiando o hashi no olho do pobre coitado do homem. Foi impossível não dar uma risada alta, imaginando a cena e até mesmo cheguei minha cadeira para trás, fazendo com que seu rosto se retorcesse em uma careta antes de ela rir também e me chamar de "idiota".

Já estava tarde quando terminamos a reunião, exaustos. Ela disse que pediria um *Uber*, mas eu me ofereci para deixá-la em casa. Percebi que houve um pouco de hesitação para aceitar, mas Clara agradeceu e fomos até o estacionamento.

— Nossa, você tem uma Urus? — Seus olhos se arregalaram um pouco e ela pareceu meio descrente.

Ela entendia de carros?

— Por que eu senti um pouco de julgamento nessa frase?

— Jamais. Uma Lambo é uma Lambo...

Lambo? Que porra?

Quem chamava uma *Lamborghini* de Lambo?

Clara riu e bateu levemente com o indicador no queixo, analisando meu bebê. Passou a mão pelo retrovisor e meio que rodeou o carro, observando os detalhes.

— Só achei que você fosse o tipo de cara com uma *Ferrari* vermelha.

Estreitei os olhos para ela, irritado com aquela suposição.

— Eu não sou o tipo de cara que tem uma *Ferrari* vermelha — deixa claro, fazendo-a rir. — Eu tinha uma *Aventador*... Era minha paixão, mas então eu ganhei uma sobrinha.

Ela me encarou por alguns segundos daquele jeito que ela costumava fazer. Como se estivesse tentando me decifrar ou ver através da minha alma.

— Então você é esse tipo de cara?

Arqueei uma das sobrancelhas, sem entender o que aquela frase queria dizer.

— O tipo que se desfaz de uma paixão por causa da família — respondeu, cheia de insinuação.

— Por que seu tom faz soar como se isso fosse algo ruim? — perguntei, dando uma risada fraca antes, e ela deu de ombros.

— Não é ruim. Eu jamais trocaria minha família por uma paixão também.

Um sorrisinho surgiu no seu rosto e ela abriu a porta para entrar no carro. Perguntei o endereço em que morava para colocar no GPS e minha boca se entreabriu quando ela disse a minha rua.

Ok, eu imaginei que talvez ela morasse perto de mim por conta da academia, mas a Elysium era bem famosa e algumas pessoas saíam de lugares mais distantes apenas para frequentá-la. Não esperava que seu apartamento fosse na minha rua, muito menos no prédio na frente do meu.

Clara também pareceu ficar chocada com a coincidência e passou o caminho inteiro comentando sobre o quanto gostava de morar ali. Mencionou um restaurante que tinha aberto nas proximidades e frisou umas duas vezes o quanto era maravilhoso.

Assim que eu parei o carro na frente da porta do seu prédio, ela me encarou por alguns segundos assim que soltou o cinto de segurança e abriu um sorriso antes de agradecer pela carona.

A porta se fechou e eu respirei fundo, percebendo que a porra do seu perfume continuava no ar. Eu não fazia ideia de como tiraria aquela mulher da minha cabeça. Ela trabalhava comigo, malhava na mesma academia que eu, morava na minha rua e para completar, seu cheiro estava impregnado no estofado do meu carro.

Parecia absurdo.

Ela estava por toda a parte.

Capítulo 10



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

- Eu vou surtar — falei para os meus amigos assim que nos encontramos no bar.
- O que aconteceu? — LP perguntou, rindo.
- Aposto que Dante fez merda — Yuri concluiu, dando um gole no seu uísque.

Os dois eram meus amigos de anos. Yuri Menin era o caçula do banqueiro mais influente do país e também fazia parte do Círculo de Ouro. O Luís Paulo tinha entrado na nossa escola ainda no ensino médio. A família dele iniciou um negócio que deu supercerto e eles ficaram ricos da noite para o dia.

— Dante não fez nada, só comprou uma máquina de sorvete — contei, rindo.

— Minha irmã era louca por aquela maquininha da Eliana. Lembra? — LP comentou, nostálgico, e eu concordei.

— Acho que Dante já fez o suficiente — Yuri lembrou, rindo. — Inclusive, tenho fofoca.

— Que fofoca? — questionamos em uníssono.

— Calma, primeiro quero saber por qual motivo a dondoca aqui vai surtar.

— Meu pai contratou uma empresa para cuidar da área de ESG da empresa e a gestora nova está tirando meu sono.

Os dois riram e franziram o cenho.

— Tirando seu sono? Meu Deus, o quanto de sexo vocês estão fazendo? — LP perguntou.

— Nenhum, idiota. Esse é o problema — expliquei, fazendo com que eles rissem. — Ela está enfurnada na empresa, frequenta a mesma academia que eu e ainda mora na minha rua. Estamos tendo reuniões atrás de reuniões e puta que pariu, nem consigo me concentrar direito mais!

— Come ela, ué! — Yuri respondeu como se fosse óbvio e depois suas sobrancelhas se juntaram, confuso. — Na boa, ainda não entendi o que tá rolando.

Dei um tapa atrás da sua cabeça.

— Não vou comer minha colaboradora — afirmei, fazendo com que eles rissem e repetissem a palavra “colaboradora” com desdém.

Dois idiotas.

— Ah, claro, porque você é muito puritano e não trepa com ninguém da sua empresa... — LP debochou, fazendo um chiado com a boca. — Me poupa, Domenico. Essa hora, mano?

— Eu falei pra vocês que ia manter apenas as que eu já comia. Minha lista está de bom tamanho e não quero dor de cabeça.

— Verdade, a última se apaixonou... — Yuri lembrou, mas Luís Paulo estreitou os olhos na minha direção.

— Porra nenhuma! Ela te deu um toco?

— Ninguém fala toco mais, LP — lembrei, revirando os olhos.

— Caso você não se lembre, não estamos mais nos anos 2000.

Eu e Luís Paulo éramos meio nostálgicos com a nossa época de adolescente, mas ele era muito pior do que eu. Nós constantemente nos divertíamos lembrando das coisas da nossa geração. E era bem engraçado porque tínhamos vivências diferentes, já que a família dele ganhou dinheiro depois.

— Nem fala, eu vi um vídeo outro dia do boneco do Fofão — comentou, rindo. — Lembra?

— Porra, óbvio! — exclamei, dando um soquinho na mesa, agitado. — Eu lembro que pedi pro meu pai comprar vários para ver se tinha realmente uma faca dentro dele.

— Uma faca? — Yuri questionou, horrorizado. — Só lembro que esse bicho era muito bizarro, mas não lembro de faca alguma.

— Porra, como não? Criaram uma lenda urbana quando a gente era mais novo, que o boneco matava as crianças à noite e que dentro dele havia um punhal ou algo do tipo — expliquei, rindo. — Porra, o Dan passou um mês dormindo na minha cama.

— Eu morria de medo também. Lembro que rasguei o meu e depois taquei fogo. Deus me livre ficar com aquela porra no meu quarto — LP contou com um tom sombrio.

— Cagão do caralho! — zombei e ele levantou o dedo do meio na minha direção.

— A gente pode parar de falar de um bicho velho e voltar a focar na mulher que não abriu as pernas pro gostoso aqui? — Yuri retomou o assunto, cheio de desdém. — Já amei ela.

— Vai tomar no cu, Yuri.

— Espera, a que se apaixonou pediu demissão? — LP quis saber.

— Não. Ela continua me perseguindo.

— Nem fala... A última que eu trepei estava me mandando umas vinte mensagens por dia. Avisei que ia fazer um retiro

espiritual... É foda demais sermos tão gostosos — Yuri disse, gargalhando. — Essa beleza toda aqui é um fardo!

Eu gargalhei alto. Óbvio que eu era o mais gato do nosso grupo, mas meus amigos não ficavam para trás. Yuri estava sempre bronzeado, tinha os cabelos e olhos pretos e um sorriso bem ordinário que abaixava muitas calcinhas. Luís Paulo era um pouco mais baixo do que eu, com olhos verdes que faziam as garotas suspirarem e realçavam bem à sua pele negra.

— Retiro espiritual? Não fode! — LP explodiu em risadas junto comigo. — Que pau no cu do caralho!

— Enfim, Dom. Tô curioso. Como foi ser rejeitado? — Yuri fez um biquinho e eu levantei o dedo do meio na sua direção, virando meu uísque.

— Não fui rejeitado. Eu combinei comigo mesmo que não iria trepar com ela...

— Ahn... E sabemos bem que sua palavra não vale de nada...

— LP pontuou, mas eu o ignorei e continuei:

— Só que acabou que ficamos perto demais e quase nos beijamos, mas ela disse que era melhor não fazermos nada e eu concordei — enfatizei. — Concordei porque sou profissional e sensato, diferente de vocês.

— Aham... — Yuri balançou a cabeça, cheio de ironia. — Cadê o *Insta* dela?

— Sei lá, porra.

— Qual o nome dela? — perguntou, abrindo desbloqueando o seu celular.

— Clara Leandra Caiano.

— Clara Leandra? — LP fez uma careta e depois riu. — Os pais dela devem odiar a coitada.

— Eita que é um fantasma — meu amigo brincou, mostrando a tela sem nenhum resultado.

— Sai dessa... Furada! — LP concluiu, bebendo seu uísque também e meu rosto se retorceu em uma careta, confuso. — *Brother*, se a pessoa não tem rede social, tem rabo preso. Capaz de ser até casada.

— Pessoas podem não ter saco para rede social — lembrei, porque eu mesmo não tinha muito.

— Ok, elas podem ser velhas e chatas que nem você, mas nem ter? — Yuri pontuou, cheio de insinuação. — Concordo com LP, aí tem.

— LP ama uma teoria da conspiração. — Revirei os olhos. — Lembra quando ele veio com um papo de que a Avril Lavigne tinha morrido e sido substituída?

— Nunca saberemos — ele sussurrou em um tom misterioso, fazendo com que nós dois ríssemos.

— Yuri, conta a merda da fofoca logo, caralho!

— O meu pai veio tentar me convencer a casar com a Marcella — contou, rindo. — Eu soube que aparentemente ela está trepando com o Adriano e o pai dela está em surto.

Fiz uma careta. Era surreal que ela, de todas as pessoas, tivesse se envolvido com um Lacerda. Os Rangel sempre foram muito próximos da minha família e todos sabiam o que tinha acontecido no passado.

Além do mais, por anos ficou subentendido que Dante e ela se casariam. Quando meu irmão deixou claro que não iria seguir o planejado, cheguei até mesmo a cogitar uma união com ela porque meu pai sugeriu. A família dela tinha risco de ser expulsa do C.O. e estava desesperada por um casamento.

— A Marcella toma todas as decisões erradas, não é? Puta que pariu!

— Não mais do que esse aqui. — LP riu. — Nunca vi ser tão burro.

— O que foi agora?

— Nada, ele estava me enchendo o saco porque eu não comi uma pobre.

— Qual o problema de ela ser pobre? Eu era pobre.

— Você não era pobre. — Yuri rolou os olhos, rindo. — Você era classe média, mas ficou rico, graças a Deus, e teve a oportunidade de conhecer os melhores amigos da vida. E para, não faz com que eu soe um babaca, eu não sou. Sabe muito bem que eu

não me envolvo com essas mulheres porque a maioria só está de olho no meu dinheiro.

— Ele não está errado... — lembrei.

— Do que você está falando aí? Um não pega mulher mais nova, o outro não pega pobre... — Luís Paulo comentou, rindo. — Deus, vocês perdem tanta boceta! Falando nisso, eu conheci uma novinha linda, vinte anos, faz faculdade de Odontologia...

— Deixa eu adivinhar... Loira? — Yuri zombou.

— Sim!

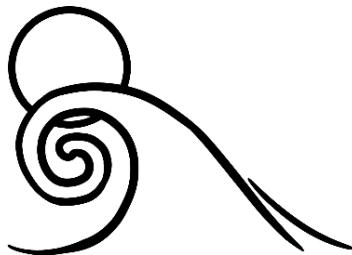
— Pelo amor de Deus, LP. Procure alguém da sua idade — pedi, estalando a boca.

— Começou o idoso cagador de regra...

— Não sei como você e o Ícaro aguentam! Honestamente, não devem conseguir ter uma hora de conversa produtiva com uma mulher de vinte anos.

— Eu tô cagando pra conversa, Domenico. Ah, minha rola, viu? Conversa... — Yuri gargalhou. — Era só o que me faltava. Conversar eu converso com minha terapeuta, porra!

Sério, eu tinha os piores amigos do mundo.



Eu estava no meio de mais uma reunião interminável com ela quando meu irmão passou pela minha porta, todo esbaforido e com minha sobrinha no colo.

— Não atende a porra do... — ele se interrompeu ao ver que eu estava acompanhado e deu um sorriso tentando parecer simpático. — Boa tarde.

Ela o cumprimentou baixinho, com um sorriso meio sem graça. Soltou os cabelos e se afundou um pouco na cadeira, claramente desconfortável pelo escândalo que meu irmão estava fazendo. Era de foder!

— Desculpa — pedi para Clara antes de olhar irritado para Dante por ter entrado na minha sala sem anunciar.

Gigi começou a gritar animada, balançando as mãozinhas na minha direção e eu me levantei, indo até os dois.

— O que é isso? — murmurei para ele, tirando Giovanna dos seus braços.

— *Ninico!* — Ela me abraçou, distribuindo beijinhos pelo meu rosto e eu apertei seu corpinho, dando um beijo na bochecha.

— Oi, meu amor. — Eu me virei para meu irmão e avisei entredentes: — Não pode sair entrando assim na minha sala!

— Sua secretária não estava — Dante se justificou enquanto Gigi brincava com o nó da minha gravata, toda concentrada. — A mãe da Manu se sentiu mal e estamos correndo para o hospital. Antonio foi viajar, o Guilherme e a Julia deixaram o Lucca com o Adriano, mas não vou deixar minha filha com esse arrombado.

— Claro que não!

— Pode ficar com ela? — indagou, preocupado.

— Óbvio, que pergunta.

Ele se virou para Clara e coçou a cabeça, um pouco sem graça.

— Desculpa, não pretendia interromper a reunião de vocês.

— Sem problemas. — Ela sorriu, simpática, e na mesma hora Gigi percebeu sua presença.

— Oi! — cumprimentou, mostrando todos os dentinhos e acenando a mãozinha no ar, toda animada. — *Bein?*

Que criança dada!

— Olá! — Clara falou, rindo. — Tudo bem, mocinha. E você?

— *Tabém.*

— Ela precisa comer daqui a umas duas horas, ok? Estou indo. Te amo, irmão. Te amo, capivarinha.

Ele deu um beijo na filha, um no meu rosto e deu um tchauzinho para a Clara antes de sair apressado pela porta. Eu pisquei, ainda tentando absorver o que tinha acontecido, olhando para a criança no meu colo. Gigi parecia tão perdida quanto eu.

Giovanna começou a se mexer, dando indícios de que queria descer para o chão.

— Calma, Gigi! Meu Deus! — falei, revirando os olhos quando ela me deu um chute na barriga enquanto tentava pular dos meus braços.

Minha sobrinha descompensada correu com as perninhas bambas até a cadeira em que a Clara estava sentada e esticou as mãozinhas para ela.

— Desculpa — pedi, fazendo menção de pegá-la quando percebi que Gio queria escalar as suas pernas.

— Está tudo bem. Você é a Gigi, não é? — Clara perguntou, pegando-a no colo e fazendo cosquinha na sua barriga.

— *Xim!* — respondeu, gargalhando.

— E você veio trabalhar com seu tio?

— *Xim.*

— Que bom, seu tio realmente precisa de ajuda, mas antes de mais nada você precisa saber que ele é um cabeça-dura e não gosta de muitas ideias novas — zombou, tentando parecer muito séria enquanto minha sobrinha olhava para ela prestando atenção.

Cruzei os braços e a olhei com uma das sobrancelhas arqueadas.

Sério?

— O que posso fazer se as ideias novas querem causar um rombo no meu orçamento ou destruir minhas relações com os fornecedores?

Ela revirou os olhos, dando uma risada enquanto balançava a cabeça em algumas negativas. Giovanna começou a balbuciar algumas coisas e eu tentei entender o que ela estava falando, em vão.

— Você quer que eu volte depois?

— Não, vamos terminar de fechar isso aqui. Só... Ahn... — Comecei a olhar ao redor. — Preciso procurar alguma coisa para distrair essa capetinha.

— Gigi, o que você acha de fazer um desenho bem lindo pra ajudar o titio no trabalho? — Clara sugeriu, juntando uma palma na outra para chamar sua atenção.

Seus olinhos brilharam e ela balançou a cabeça em várias afirmativas, fazendo com que nos dois ríssemos. Eu a coloquei no

chão ao lado da minha mesa e espalhei diversas folhas com alguns marca-textos que tinha na minha gaveta.

— Ela é muito fofinha — falou, observando-a toda concentrada rabiscando o papel. — Não dá trabalho algum.

Eu dei uma risada, cheio de deboche.

— Não dá... Aham. Vai achando! — comentei, cheio de ironia, arrancando uma risada dela. — Nem dá para reclamar, ela é boazinha boa parte do tempo.

Meu olhar se direcionou para a bebezinha que ocupava a maior parte do meu coração e eu suspirei, perdendo-me nos meus pensamentos por alguns segundos. Quando lembrei que não estava sozinho, pedi que Clara terminasse de me mostrar os novos cadernos de clima e de código de ética.

E meu Deus, era realmente difícil trabalhar tendo que prestar atenção na bebê. Morria de medo de que acontecesse alguma coisa com ela, mesmo que Giovanna estivesse a menos de um metro de distância sem nada perigoso por perto. Meu olhar se desviava para ela a cada dez segundos.

Não demorou muito para que ela viesse carregando seu desenho, colocando-o no meu colo.

— *Cabou!*

— Já acabou seu trabalho, Gigi? — indaguei, dando uma risada.

Era realmente difícil me manter sério perto daquela criança. Toda minha postura ia para o lixo e eu parecia um idiota babão.

— *Xim! Muto canxada, Ninico.*

Dei uma risada e Clara fez o mesmo.

— Capi? — ela perguntou para mim, abrindo as mãozinhas ao lado do corpo e olhando ao seu redor.

— Vou pegar — avisei, indo até o sofá.

Comecei a vasculhar a bolsa, mas não havia nenhum sinal do bichinho. Respirei fundo, já prevendo o que aconteceria, porque minha sobrinha não desgrudava daquela capivara.

— Acho que ficou em casa, Gigi — falei com pesar e, na mesma hora, seus olhinhos encheram de lágrimas, o biquinho se formando.

Então ela começou a chorar.

Liguei para Dante e ele confirmou a desgraça: saiu na pressa e deixou a pelúcia em casa. Ótimo! Era tudo o que eu precisava.

Fechei os olhos e pincei a ponte do nariz, querendo matar o meu irmão por ter esquecido a porra do brinquedo preferido dela. Como Dante esquecia a Capi? Gio literalmente era colada naquele bicho!

Eu a peguei no colo, mas o choro não cessou.

— Meu amor, seu pai levou a Capi para passear, ok? Ela foi tomar banho no *pet shop*.

Ela continuou aos prantos enquanto eu a embalava de um lado para o outro, tentando acalmá-la. Sentei no sofá que ficava na minha sala e olhei para a Clara sem saber o que fazer, buscando uma luz. Talvez ela pudesse me dar uma, eu estava completamente desesperado.

— Você gosta de capivarinhas, Gigi? É seu animalzinho preferido? — ela tentou puxar papo, vindo até nós e minha sobrinha assentiu entre soluços. — Eu adoro girafas. Você já viu uma?

Giovanna negou com a cabeça, limpando o olhinho com uma das mãos. Aquela criança era tão fofa que eu tinha vontade de esmagá-la o tempo inteiro.

Clara abriu um vídeo no celular e esticou o braço perto do seu rostinho e minha sobrinha encostou a cabecinha no meu peito para poder ver o que estava passando na tela. As respirações e suspiros dramáticos continuavam enquanto ela engolia o choro, fascinada pelas girafas no vídeo.

— Tá vendo, Gigi? Elas são altas — falei e ela concordou, colocando o dedinho indicador sobre a tela.

Eu agradeci em silêncio e Clara sorriu para mim. Fiquei ali fazendo carinho na cabecinha da Giovanna enquanto comentávamos sobre o vídeo. Desde que minha sobrinha tinha entrado na minha vida, uma espécie de calmaria surgiu e sempre que eu estava com ela, qualquer problema parecia pífio.

Depois de alguns minutos, lembrei da *Galinha Pintadinha* e coloquei um vídeo no meu *tablet*, o que fez com que ela parasse de chorar de vez porque com certeza tinha droga naquele desenho.

— Estou indo, já resolvemos quase tudo, eu posso terminar o restante sozinha.

— Obrigado pela ajuda... E desculpa por essa confusão.

Ela afirmou que não havia por que me desculpar. Disse que amou conhecer a Giovanna e se despediu de uma forma alegre e simpática, avisando que me mandaria os pontos discutidos por *e-mail*.

Sabia que não devia nenhum tipo de explicação para ela, até porque era uma emergência pessoal familiar, mas eu levava meu trabalho muito a sério e sempre era o mais profissional possível.

Eu era muito, muito profissional! E precisava lembrar disso toda vez que pensava na porra da bunda linda daquela mulher.

Capítulo 11



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

A última semana tinha sido um caos. Ela não apareceu na minha sala nos dias que se seguiram. Apenas me mandou os relatórios por *e-mail*.

— O que foi? — Ícaro perguntou, meio preocupado, percebendo que eu tinha desfocado minha atenção do que ele estava dizendo.

— Nada, só estou pensativo. Como está a questão da comunicação interna a respeito da área de ESG?

Meu amigo deu uma risada meio confusa.

— Achei que nossa reunião fosse para falar sobre a nova campanha para as redes sociais.

— Sim, eu sei. Só veio essa dúvida na minha cabeça agora porque você mencionou o *endomarketing* e lembrei que a Clara não comentou sobre os resultados.

— Está tudo ótimo, estava na sala dela agorinha discutindo isso — explicou, dando um gole no seu café.

Arqueei uma das sobrancelhas.

— Vocês tiveram uma reunião?

— Sim, fizemos algumas nessa semana — disse, distraído, apoiando a xícara no pires e pegando um dos papéis que estava na minha frente.

— Hm...

Então ela não estava fazendo reuniões comigo porque estava fazendo com o Ícaro.

— De qualquer forma, tudo está correndo perfeitamente bem. Sinto que os funcionários ficaram animados com as modificações e recebi um bom *feedback* do RH. A estratégia que ela usou para incentivar os funcionários a se inscreverem no curso opcional foi ótima. Fico impressionado como ela é inteligente — comentou. — E vamos combinar, linda pra caralho, né?

— Não te pago para ficar olhando as pernas das *minhas* funcionárias — lembrei, frisando o “*minhas*”.

Ícaro gargalhou. Eu conhecia bem aquele filho da puta, afinal, nós não éramos muito diferentes. Exceto pela parte de que ele gostava de mulheres mais novas, eu tive algumas dores de cabeças em relação a ele e umas estagiárias.

— Então também notou aquelas pernas... — comentou, cheio de insinuação, e eu revirei os olhos. — Acho que ela gosta de mim.

Eu ri e ele deu de ombros, brincando com a caneta em uma das mãos.

— E acha isso baseado em...?

— Ela é muito simpática comigo e...

— Ela parece ser simpática com todo mundo.

Simpática até demais, pelo visto.

— Eu sei, mas nós almoçamos no outro dia e senti um clima no ar.

— Ícaro, não acho muito inteligente você se envolver com nenhuma funcionária depois da última merda.

Uns meses atrás, descobriram que o idiota comeu uma assistente que tinha acabado de ser promovida por ele.

— Sabe que não foi minha culpa! — Ele estalou a boca e soltou o ar. — Ela que quis abaixar as calças pra mim depois da promoção como uma forma de agradecimento. Você esperava que eu fosse negar uma boceta, porra?

De fato, eu sabia que ele não tinha promovido a Joyce com segundas intenções, até porque sugeriu outra pessoa no lugar dela para a promoção, mas eu não podia abrir aquele tipo de informação, então a empresa inteira ficou pensando que ela deu para ele para conseguir a vaga.

Nas conversas que o RH e eu tivemos com Joyce, descobrimos que ela era meio apaixonada por Ícaro. Ficava o tempo todo preocupada, perguntando se ele seria prejudicado de alguma forma pelo ocorrido e chegou até mesmo a dizer que pediria demissão se fosse necessário.

Óbvio que eu não comentei nada com meu amigo, a coitada já tinha sido humilhada o suficiente e sabia que ela seria apenas uma diversão para Ícaro. Nós lidamos com tudo da melhor forma, mas o estrago já tinha sido feito pelos fofoqueiros da empresa.

Ele saiu por cima e Joyce por baixo, como a vadia que tinha aberto as pernas pela vaga. O que era uma merda do caralho porque ela era realmente competente e ficou resumida a isso.

Esperei a poeira baixar, mudei-a de área e algum tempo depois a promovi novamente. E claro que teve um filho da puta de um funcionário que começou a espalhar que provavelmente eu ou o gerente da outra área estávamos comendo a Joyce. Mandei o babaca embora, mas não adiantou muito.

Nós éramos uma empresa com “chão de fábrica” e, infelizmente, havia muito preconceito com orientação sexual e

gênero, além de o assédio moral estar constantemente em pauta.

Realmente esperava que com a implementação da área de ESG essas coisas diminuíssem. Por muito tempo eu vi o meu pai minimizando mulheres simplesmente por causa do seu gênero e odiava aquela merda. Ele fez isso com minha mãe por anos e vivia afirmando que eu precisava ter um herdeiro homem.

"Você disse que ela estava grávida de uma menina, não é? Deus sabe o que faz, Domenico. Não era para ser! Tenho certeza de que seu primeiro herdeiro vai ser homem e o principal: será um herdeiro legítimo e não um bastardo. Pare de se lamentar pelos cantos, foi um livramento".

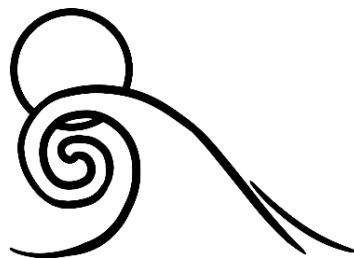
Sim, Genaro Perazzo era um fodido, mas era o meu pai e eu acabei minimizando muitas das coisas que ele dizia. Sempre entrei em brigas para defender minha mãe, mas no geral, insistia em justificar que ele era de outra geração, que tinha tido uma criação diferente.

Relevei muitas coisas que saíram da sua boca na época e foquei em construir um muro interno para que seus comentários me machucassem menos.

Eu era um idiota de merda, essa era a verdade.

De qualquer forma, pretendia mudar aquele estigma dentro da *Petrolio* porque em algum momento talvez Giovanna pudesse ocupar meu lugar.

Ou minha filha, se um dia eu tivesse uma.



Tinha recebido uma mensagem da Laís perguntando se poderia tirar uma dúvida comigo sobre um projeto e assim que ela fechou a porta e trancou, eu percebi o que ela pretendia.

Acabamos trepando no sofá da minha sala e não conversamos sobre porra nenhuma.

— Eu estava trabalhando... Você é foda! — falei, dando um tapinha na sua bunda quando ela se levantou para procurar sua calcinha.

— Eu só vim te ajudar a trabalhar um pouco melhor — respondeu com um sorrisinho travesso. — Acho que você anda meio estressado.

— Acha? — Arqueei uma das sobrancelhas, dando uma risada fraca. A gente mal tinha contato para que ela tivesse alguma suposição. — Por quê?

— Por todas essas mudanças com a nova área de ESG. Essa mulher nova chegou virando tudo de cabeça para baixo.

Definitivamente a Clara tinha feito isso.

— Não gosta dela? — perguntei, curioso ao ver que Laís parecia meio entediada ao mencioná-la.

— Não é isso. A Cá parece bem simpática e tudo o mais...

“Cá”? Que intimidade...

— Os meus funcionários definitivamente a acham maravilhosa, mesmo resmungando sobre algumas mudanças que ela resolveu implementar... De fato, a “imagem” dela ajuda com que os machos escrotos aceitem melhor as coisas.

— Ainda não vi nenhum ponto negativo — concluí, rindo.

— O problema é que uma das mudanças em um dos processos de produção que ela sugeriu vai foder com nosso planejamento — resmungou, e eu soltei o ar, cansado.

— Eu sei, mas acredite, eu briguei para não ser pior.

— Acredito em você, sei que é bem pé no chão. Só acho tudo o que a empresa dela está propondo um pouco utópico, entende? Não funciona assim e acho que ela está querendo dar um passo maior do que a perna. E não pense que estou querendo me meter nas suas decisões — ela esclareceu, séria. — É só um comentário como a gerente preocupada que sou.

— Sei que quer o melhor para a empresa — falei, levantando-me do sofá e vestindo o meu paletó.

Laís realmente era uma ótima funcionária e já estava na *Petrolío* há uns 10 anos. Nós tínhamos praticamente a mesma idade, mas só começamos a trepar uns dois anos atrás, quando ela se

separou do marido. Era prático e sem complicações e nossas fodas nunca interferiram em nada no âmbito profissional.

— Ah, e só para te deixar a par das fofocas... — comentou, rindo. — Acho que ela está trepando com o Ícaro.

Puxei a respiração, um pouco irritado. De novo aquele assunto em menos de vinte e quatro horas.

Já estava prevendo que alguma merda aconteceria.

— Quem disse isso?

— Ouvi duas meninas da minha equipe cochichando que eles estavam conversando com olhares demais e que almoçaram juntos. Bem rapidinha ela...

— Eu queria entender se existe algum tipo de pré-seleção nas entrevistas do RH. Porque puta que pariu, quanta gente fofoqueira nessa empresa! — resmunguei, irritado, jogando uma das minhas pastas na mesa.

— Inclusive, alguns acham que vocês implementaram a área de ESG porque *arrugaram* para a sua cunhada e seu irmão — contou, comprimindo os lábios.

— Ah, meu caralho, viu? — explodi de vez.

Como se o meu pai fosse fazer alguma coisa para agradar o Dante, principalmente algo que envolveria Maria Manuela Guerra. Para ser sincero, não me espantaria que ele arrumasse mais problemas para atravancar a vida dos dois.

Para Genaro Perazzo o dinheiro e status falavam mais alto. Mais alto que laços familiares, amor, sangue ou qualquer tipo de humanidade.

Infelizmente eu tinha descoberto isso da pior forma.

Capítulo 12



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Pelo visto, a bruxa estava solta. Primeiro o meu pai, depois a sogra do meu irmão e hoje tinha acordado com a notícia de que minha mãe tinha passado mal.

— Sinto muito por ter ligado, Dom — Judith falou assim que atendeu a porta da mansão dos meus pais. — Acho que a senhora Perazzo vai ficar furiosa, mas estava preocupada porque ela

desmaiou. Seu pai saiu para jogar golfe, não atende o telefone e ela não quer ir para o hospital.

Judith foi contratada como governanta antes mesmo de eu nascer e para mim e para Dante ela era quase como da família. Não era comum que funcionários tivessem proximidade com os patrões, mas aquela mulher praticamente havia nos criado, eu e meu irmão tínhamos uma relação muito boa com ela, longe da vista dos meus pais, é claro.

— Não tem problema... — eu a tranquilizei. — Vou dizer que liguei mais cedo para que separasse um terno meu ou algo assim. Você está bem? Precisando de alguma coisa?

— Está tudo bem. Não estou precisando de nada, obrigada.

Ela deu um meio sorriso e eu assenti, mas antes que pudesse me virar, senti sua mão tocar de leve o meu braço.

— Todos nós sentimos sua falta — confessou baixinho em um tom carinhoso, olhando para os lados para se certificar de que ninguém estava por ali. — A casa fica sem vida sem você aqui, menino.

— Sinto falta de ter você por perto também — respondi, encostando na sua mão.

Notei que seus olhos ficaram levemente úmidos, mas Judith limpou a garganta e deu um tapinha nas costas das minhas mãos. Depois balançou a cabeça e saiu em direção à cozinha.

Subi as escadas e caminhei pelo longo corredor até o quarto da minha mãe. Bati na porta e em seguida ouvi uma voz falando para que eu entrasse no cômodo.

Puxei uma respiração, quase como se estivesse em busca de coragem. Já fazia um bom tempo que eu não a via e, para ser sincero, mesmo que eu sentisse falta dela, não queria vê-la. Ainda estava machucado, as feridas abertas demais.

Na verdade, nem sei se um dia seria capaz de perdoar o que meus pais tinham feito.

Ela arregalou os olhos no segundo em que entrei no quarto. Piscou duas vezes, talvez achando que estivesse vendo uma miragem ou algo do tipo.

— Olá — cumprimentei, sério. — Como você está?

— O que faz aqui? — perguntou, perplexa.

Levantou-se da cama em um supetão e meio que correu na minha direção. Suas mãos trêmulas se agarraram nos meus braços, o olhar fixo no meu procurando qualquer indício de resposta.

— Meu filho, você finalmente está disposto a me ouvir...

— Não, não estou aqui para conversar — deixei claro, afastando-a. — Soube que não estava bem.

— Judith te ligou?

— Não. Eu liguei e avisei que iria buscar um terno, mas quando perguntei como você estava, notei que ela estava preocupada. O que está sentindo?

— Nada, meu filho — falou, balançando as mãos no ar. — Apenas um mal-estar.

— Que mal-estar?

— Nos últimos dias tenho ficado um pouco tonta, mas é só preocupação.

— Você desmaiou — lembrei e ela estalou a boca.

Era muita irresponsabilidade. Não fazia ideia de como eu tinha sobrevivido todos aqueles anos tendo pais tão relapsos com a saúde. Eles nunca faziam exames de rotina e, como dois idiotas, também não eram muito adeptos à vacinas.

— Mãe, você precisa ir para o hospital ou chamar um médico, mas acho que deveria fazer alguns exames para descartar qualquer coisa mais séria.

— Qualquer coisa mais séria? — indagou, dando uma risada.

— Sim, um tumor ou algo parecido!

— Dom, por favor... Está tudo bem. Não há nada de errado comigo, mas fico feliz por você ter vindo. Podemos conversar?

— Já disse que não quero conversar.

— Não foi minha decisão, filho — afirmou, voltando a se aproximar de mim. — Sabe como seu pai é quando coloca algo na cabeça e...

Uma onda de desespero queimou meus pulmões como uma inundação momentânea, meus músculos sendo tensionados um a um conforme cada palavra ia sendo dita. Eu não queria voltar para aquele assunto, era cedo demais.

— Mãe! — eu levantei meu tom de voz, sentindo até mesmo a palavra vibrar entre nós dois.

Um suspiro nervoso escapou dos seus lábios, que se transformaram em uma linha fina. Seus olhos marejados buscaram os meus e eu podia ver toda a dor estampada neles.

Por alguns segundos, eu me senti mal pra caralho porque eu odiava vê-la assim, em desespero. Forcei o nó a descer pela minha garganta e tentei ignorar a ardência que denunciava minha vontade de chorar.

Eu amava a minha mãe. E era por isso que eu me sentia tão traído. Ela foi a pessoa que ouviu cada um dos meus lamentos. Ela olhou no fundo dos meus olhos e garantiu que daríamos um jeito.

Como aquela mulher conseguiu me enganar sabendo o quanto a minha filha era importante para mim?

Finalmente fui capaz de me mover e caminhei a passos firmes até a porta, desesperado para deixar aquele quarto. A sensação era de sufocamento e a impressão que eu tinha era de que as paredes estavam comprimindo o espaço mais e mais.

Parei na porta, ainda segurando a maçaneta pesada, focando no gelado do metal em contato com a minha pele. Respirei fundo, buscando resfriar os meus pensamentos e o redemoinho de emoções internas.

— Vá ao médico — mandei sem nem tentar esconder minha rispidez.

Eu não me virei, não ousei encará-la mais uma vez. Apenas abri a porta e saí do quarto. Assim que pisei no corredor, o peso dos meus ossos se normalizou e eles pareceram ter uma tonelada a menos que um segundo atrás. E a cada passo que eu dava em direção às escadas, aquela compressão esmagadora ia perdendo a densidade, permitindo que o caminho da minha respiração finalmente se tornasse livre até os meus pulmões.

Infelizmente, aquela sensação só durou até que eu chegasse na porta, porque no minuto em que eu o vi, todo meu oxigênio evaporou, tornando-se nulo.

— O bom filho a casa torna! — meu pai disse, esticando as mãos ao lado do corpo de forma bem teatral.

— Já estou de saída.

— Domenico, pelo amor de Deus! — Ele me encarou, enfadado. — Você não é como seu irmão, pare de agir como ele.

— Realmente não sou como Dante. Meu irmão é mais esperto, ele conseguiu ver bem quem você era antes de mim.

Meu pai deu uma risada debochada, que ecoou pela minha espinha, arrepiando cada um dos meus poros.

— Seu irmão é um idiota que largou tudo por conta de uma vagabunda — retrucou, cheio de nojo. — Manchou o nome da nossa família com uma bastarda...

— Já chega! — berrei, avançando até ele.

— Não encoste em mim — avisou com o dedo em riste.

Eu nem mesmo respirava, meu corpo inteiro vibrando de ódio. Foi como uma injeção de adrenalina, corroendo cada uma das minhas células, tomando todas as rédeas.

Estava prestes a socar a cara do meu pai e nunca tinha feito nada parecido. Genaro Perazzo previu o que eu pretendia e agora me encarava furioso, as narinas dilatadas.

— Você não vai falar assim da minha sobrinha na minha frente — praticamente cuspi as palavras e cortei o ar com uma das mãos.
— Estou cansado dessa merda!

— Ótimo, porque eu também! Deixei que gritasse e xingasse da última vez que conversamos, só que agora você vai me ouvir. — Eu abri a boca para rebater, mas ele continuou: — Entendo que tenha sentido que eu e sua mãe traímos sua confiança e realmente sinto muito, mas volto a repetir: você era um adolescente, Domenico, e eu não ia deixar que estragasse sua vida, sua carreira por causa de um erro! Você pode ficar com ódio da gente por anos, mas o dia que tiver um filho entenderá que nossa decisão foi para o seu bem.

Cerrei os punhos, sentindo todo o meu sangue esquentar e fechei as pálpebras, tentando canalizar toda a raiva que parecia transbordar. Minha indignação me cegou e nem mesmo consegui encontrar a minha habilidade de falar.

Que merda significava aquilo? Ele acreditava que eventualmente eu acharia que aquela decisão absurda era aceitável?

Queria berrar e perguntar como eu conseguiria transformar aquela dor excruciante em uma concordância com seus atos.

— Nunca vou achar aceitável o que fizeram — afirmei entredentes, os músculos da mandíbula mal permitindo os movimentos.

Dei um último olhar antes de passar por ele e sair pela porta. Eu me virei assim que pisei no jardim, observando a estrutura da mansão que constituía o legado da minha família.

Não havia calor, apenas frieza.

Não havia um lar, apenas uma casa.

Sempre fora assim e eu nunca tinha percebido.

Capítulo 13



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Precisei voltar para casa para tomar um banho de gelo naquela manhã. Minha mente fervilhava sem parar e cheguei à conclusão de que não conseguiria trabalhar daquela forma.

Foi o suficiente por algumas horas, mas as lembranças me impediam de raciocinar. Tentei focar nas minhas funções, decidido a

adiantar alguns relatórios porque naquela semana teríamos duas reuniões presenciais com clientes importantes.

O meu telefone tocou e Pamela avisou que Clara estava no lado de fora aguardando para falar comigo. Assim que autorizei e solicitei que ela trouxesse um pouco de café, ouvi batidas na porta e a mandei entrar.

— Olá, Domenico, boa tarde. Espero não estar interrompendo — falou, parecendo um pouco sem graça.

Ela vestia uma blusa de seda com um decote discreto sob um blazer preto que combinava com uma saia lápis que terminava nos joelhos. Os cabelos estavam soltos dessa vez, emoldurando seu rosto e os óculos eram de uma tonalidade diferente, mas bem parecidos com o que ela usava vez ou outra.

Não sabia se era um efeito dos dias que passei sem vê-la, mas aquela mulher parecia ainda mais linda.

— Não tem problema, pode entrar.

— Eu achei que seria mais fácil de mostrar o resultado da última pesquisa, mas posso voltar em outro momento...

— Não estou ocupado — afirmei.

— Certo. Ótimo — ela assentiu, caminhando na minha direção, os saltos clicando no piso de madeira da sala.

Pamela abriu a porta carregando uma pequena bandeja, como costumava fazer. Posicionou as xícaras de café na minha mesa e depois deixou o cômodo na mesma rapidez em que entrou.

— Deixa só eu organizar isso aqui rapidinho para que você possa ver melhor... — se explicou, afastando um pouco a porcelana e espalhando alguns papéis pelo móvel.

— Você sumiu — comentei, tirando minha xícara do meio do caminho.

Seus olhos se levantaram por baixo das lentes para encontrar os meus e ela deu um sorriso. Acho que esqueci de respirar por alguns segundos, completamente vidrado no verde dos seus olhos. Ainda não conseguia entender o que havia dentro deles que me deixava tão agitado.

— Eu estava enrolada. — Um sorrisinho cheio de insinuação cresceu ainda mais nos seus lábios. — Não vai dizer que sentiu

minha falta...

Dei uma risada fraca e arqueei uma das sobrancelhas. Nós definitivamente não tínhamos intimidade para aquele tipo de brincadeira. Ainda assim, eu respondi:

— Sua presença definitivamente é mais... — Fiz uma pausa e notei que ela me encarou com expectativa, curiosa para saber o que eu diria. — Empolgante do que a dos velhos com quem fiz reunião essa semana.

Clara deu uma risadinha e suas bochechas foram pintadas de vermelho na mesma hora. Era irritante o quanto ela era bonita porque eu tentava não olhar, mas a todo instante minha atenção voltava para ela como uma espécie de ímã.

Merda, eu estava dando em cima dela de novo, porra!

Puta que pariu!

— Fico lisonjeada — respondeu, um pouco tímida.

Me xinguei mentalmente, irritado comigo mesmo. Eu precisava parar com aquela merda! Toda vez que eu ficava perto dela, as frases saíam da minha boca como se eu não tivesse controle algum. Inclusive, notei que em alguns momentos era contraditório com minha personalidade, sendo simpático até demais. Era como se meu corpo inteiro fosse programado para flertar com aquela mulher.

— Você não vai tomar seu café? — indaguei, tentando mudar de assunto. — Prefere um chá?

Prefere um chá, porra?

Que tipo de pergunta era aquela?

— Ah, não... Está tudo bem. Na verdade, sou obcecada por café, acho que tomo mais do que o recomendado diariamente. Eu só não sou muito fã de expresso — falou, com um meio sorriso.

Na mesma hora mandei uma mensagem para minha secretária pedindo que ela preparasse um outro café.

— Pedi para a Pamela trazer um coado.

— Não precisava, realmente... — E sorriu novamente. — Não pretendo demorar, mas obrigada.

Ela pegou uma caneta e riscou alguma coisa na folha e por alguns segundos todo o silêncio entre nós se tornou desconfortável.

Afrouxei o nó da minha gravata em um movimento involuntário e peguei minha bolinha antiestresse, apertando-a na minha mão.

Será que eu tinha sido inconveniente? Sim. Acho que tinha. Ela deixou claro que não queria me beijar para que as coisas não ficassem estranhas e o que eu fiz? Flertei com ela de novo!

— Tenho certeza de que vai gostar, é um lote especial da minha família — falei, como se a porra da minha língua não tivesse freio.

— Da sua família? — perguntou, parecendo um pouco confusa, levantando os olhos da folha de papel que estava escrevendo.

— Sim, temos umas fazendas de café e os grãos são ótimos. Eu mantengo um estoque aqui porque as vezes presenteio alguns clientes quando temos reuniões.

— Ah, que legal!

— Não sei se você prefere grãos mais fortes, mas existe uma torragem que particularmente é minha preferida e...

Minha frase foi interrompida porque ela puxou uma das folhas da mesa que estava por baixo da minha xícara, derramando todo o conteúdo na minha calça.

Levantei em um impulso, sentindo o líquido quente penetrar o tecido e a ardência leve irradiar pela minha pele. Fechei as pálpebras e pincei a ponte do nariz, tentando conter a irritação, mas não me aguentei e soltei um palavrão.

O universo realmente me odiava. Eu deveria parar de usar minhas calças italianas. Qual era o sentido se elas sempre seriam arruinadas, porra?

Abri os olhos para ver os seus arregalados na direção do meu pau. E se eu não estivesse tão puto, teria dado uma risada. Não podia dizer que aquela era a primeira vez que olhavam para ele daquele jeito.

— Meu Deus, meu Deus!

Clara se levantou, puxou um lencinho de papel que estava na sua bolsa e deu a volta na minha mesa. Então meio que me empurrou na cadeira para que eu me sentasse, se ajoelhou no chão e começou a esfregar o papel na minha coxa, bem perto do meu pau.

Eu juro... O universo me odiava pra caralho!

— Que idiota! Meu Deus, perdão, eu não prestei atenção — ela lamentava e se desculpava sem pausas.

— Não precisa...

Ela continuava pedindo desculpas, olhando para mim muito desconcertada, sem parar de movimentar a mão para cima e para baixo, eventualmente encostando no meu pau.

E aquela visão... Porra! Por que já era a segunda vez que a cara daquela mulher ficava na altura da minha rola sem que estivéssemos trepando, caralho?

Já estava impossível controlar e eu senti a ereção começando a crescer de forma involuntária.

— Clara, você não precisa...

— Sou uma idiota! — falava para si mesma esfregando o papel.

— Clara, pode parar, por favor? — saiu realmente como uma súplica.

— Calma, vou dar um jeito de tirar essa mancha de café...

— Pelo amor de Deus, eu **REALMENTE** preciso que você pare!

— Minha voz soou mais autoritária e eu encostei na sua cabeça, tentando afastá-la.

Tudo aconteceu rápido demais e se me contassem, eu, com certeza, diria que era mentira. Foi o tipo de coisa que só costuma acontecer em filmes, um daqueles bem sem graça que costumava passar na *Sessão da Tarde*.

Na mesma hora, a porta se abriu e um grito estrangulado ecoou pela sala. Luana me encarou horrorizada, levando a mão até a boca e saindo da sala em seguida.

Meu Deus!

Os olhos de Clara se moveram da porta para mim e se arregalaram ainda mais quando ela percebeu o volume nas minhas calças. Automaticamente, ela abaixou a cabeça e deixou que o cabelo cobrisse todo o seu rosto.

Ela se levantou, quase tropeçando e eu afundei meu rosto nas mãos. Não podia acreditar na merda que tinha acabado de acontecer!

— Desculpa! Não foi minha... — Deu uma espiada por trás do ombro e, por um segundo, eu achei que ela estivesse rindo.

Com certeza era só impressão, porque não havia graça nenhuma.

Clara abraçou o corpo e demorou alguns segundos para se virar, como se estivesse buscando coragem para me encarar.

— Eu não deveria... Ahn... Ter tentado limpar sua calça — ela disse baixinho, fitando o chão.

— Não brinca? — indaguei, cheio de sarcasmo, colocando as duas mãos na cintura.

Soltei o ar e peguei o meu telefone, mandando que Pamela viesse imediatamente na minha sala.

— Acho melhor ir embora...

— Pamela, que porra foi essa? — perguntei assim que ela pisou no cômodo, meio preocupada. — Quantas vezes já te disse que ninguém entra no meu escritório sem autorização?

— Eu estava na copa — se justificou. — Desculpe, eu não vi ninguém entrando aqui, o telefone tocou assim que cheguei na minha mesa.

Então ela olhou para o estrago na mesa e para minha calça.

— O senhor precisa...

— Por favor, arrume alguma coisa para limpar essa bagunça — pedi, irritado, e minha secretária assentiu, saindo imediatamente da sala. — Puta que pariu!

Luana era a última pessoa que podia ter entrado na minha sala. Primeiro, porque ela estava apaixonada por mim e segundo, porque pelo visto tinha uma boca de sacola e iria contar o que tinha visto para a empresa inteira.

— Não briga com a Pam — Clara falou baixinho. — Foi minha culpa, ela tinha ido buscar o café e...

— Já disse que ela não tem que deixar a mesa dela para fazer café — respondi, ríspido, lembrando daquele fato. — Existe uma funcionária para isso.

— Ela provavelmente só quis ser prestativa.

Eu a encarei por alguns segundos. As mechas loiras caíndo sobre os óculos, o nariz levemente vermelho e os dentes prendendo

o lábio inferior. Ela parecia tão... Nervosa? Apreensiva? Não conseguia distinguir muito bem, mas havia uma espécie de vulnerabilidade que dissipou toda minha irritação.

— Estou sem graça pelo que aconteceu — admitiu, voltando a encarar seus sapatos. — Vou pagar pela limpeza da sua calça...

— Não tem necessidade alguma — afirmei, voltando a tentar ser o mais sério possível. Eu precisava tratá-la como se ela fosse apenas uma funcionária. — E se alguém precisa ficar sem graça, esse alguém sou eu.

— Não, Dom... — sussurrou, voltando a fazer contato visual.

Como caralhos eu a trataria como se fosse uma funcionária qualquer se meu nome saía da sua boca daquele jeito?

— Foi minha culpa.

— Podemos esquecer isso? — pedi, porque, para ser sincero, era a única coisa que eu queria.

— Esquecer o quê? — Ela fingiu estar pensativa e depois deu uma risada divertida.

Revirei os olhos, rindo também.

Eu continuava todo sujo de café. A mesa ainda estava toda molhada. Minha calça italiana permanecia destruída. E eu percebi que não estava nem um pouco estressado com isso.



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Nós tínhamos terminado a reunião do dia anterior naquela manhã e agora havíamos entrado em uma outra com uns clientes americanos. A intenção era explicar as melhorias que o ESG faria para a empresa e como isso impactaria nossa relação.

Combinamos que Clara conduziria toda a apresentação juntamente com um de seus assistentes e eu apenas pontuaria o

que considerasse necessário. O problema é que não conseguia me concentrar em porra nenhuma, porque no minuto em que ela abriu a boca, um incômodo começou a corroer o meu cérebro.

Era uma sensação familiar. Conforme Clara ia falando um inglês impecável, meu cérebro trabalhava em busca de respostas. Notei também que não havia sotaque algum que denunciasse sua nacionalidade.

Talvez ela tenha estudado em uma escola bilíngue como eu.

Sabia que a tonalidade na voz era modificada de acordo com o idioma falado e que éramos capazes de alcançar diferentes frequências, tornando nossas vozes mais agudas ou graves. Só que havia alguma coisa ali que eu não conseguia identificar, como se eu já tivesse ouvido aquela voz antes.

Um dos clientes comentou alguma coisa e ela deu uma risada meio descrente seguida por um “*Really?*”^[9]. E meu cérebro foi atingido por um *flash*, um raio que pareceu iluminar todas as minhas memórias fragmentadas.

Foi como se um quebra-cabeça tivesse sido finalmente montado, desbloqueando o que antes estava preso. E eu me lembrei dos motivos pelos quais Clara me era tão familiar.

Caralho! Era óbvio, porque nós já tínhamos nos conhecido uns meses atrás.

Assim que eu descobri o que meus pais fizeram, arrumei uma mala e decidi ir para nossa casa em Orlando. Fiquei na merda por dias até que lembrei que o *Halloween* estava próximo. Eu sempre gostei daquela data e acabei ocupando a cabeça comprando adereços para decorar a varanda e tornei isso um projeto.

Talvez eu tenha gastado muito mais do que o normal, mas foda-se, minha casa foi a mais bonita da rua.

No dia trinta e um de outubro, comprei uma porrada de doces para distribuir para as crianças e no final do dia, depois de ver tantos bebezinhos em fantasias fofas, fiquei fodido novamente.

Eu comecei a pensar em todas as coisas que eu poderia ter vivido com minha filha se meus pais não tivessem dado o dinheiro

para aquela vagabunda interesseira. Mesmo que eu não quisesse focar naquilo, era foda pra caralho!

Foram anos levantando tijolo por tijolo até que eu conseguisse superar um pouco do que tinha acontecido. Eu estava sozinho e com a cabeça vazia, o que permitia que os pensamentos intrusivos voltassem com mais facilidade. Era muito difícil manter o meu muro levantado naquelas circunstâncias.

Um amigo meu que morava lá tinha comentado na semana anterior sobre uma festa a fantasia que aconteceria na sua mansão. Cheguei a comprar uma roupa do Batman (não queria ser reconhecido para não ter que interagir com os amigos dele), mas naquela manhã mesmo tinha desistido de ir.

Mudei de ideia assim que as lembranças começaram a esmurrar minha cabeça e percebi que tinha acabado com meu estoque de uísque.

Não me recordo de muito daquela noite. Lembrava que tinha desabafado em inglês com uma mulher que estava vestida de Cleópatra e depois mudei o rumo da conversa porque não queria soar deprimente demais.

Ela tinha os cabelos curtos e pretos e havia uma máscara dourada que cobria boa parte do seu rosto. Ainda assim, fiquei hipnotizado por seus olhos verdes contornados por um delineado escuro.

Nós bebemos mais um pouco e eu perguntei o motivo da sua fantasia ou algo do tipo. Ela disse que precisou mudar em cima da hora porque viria de Sally, mas o vestido não ficou pronto a tempo. Depois brincou que foi melhor assim porque uma Sally sem um Jack não faria muito sentido.

Clara deu uma risada de algo que um cliente falou e outro *flash* inundou minha cabeça. Ela franziu um pouco o cenho para mim, como se estivesse tentando se comunicar mentalmente comigo por eu não ter esboçado nenhuma reação. Não fazia ideia do que eles estavam falando, sequer prestei atenção.

“— Então você gosta de *Nightmare Before Christmas*? — perguntei e ela assentiu, sorrindo. — É o meu filme preferido.

Ela riu e estreitou os olhos, não parecendo acreditar nem um pouco.

— *Isso não me parece muito real.*

— *"Só porque não consigo ver, não quer dizer que não possa acreditar" — citei uma das frases do filme. — Parece real pra você?*

Ela sorriu, assentindo com a cabeça e então me beijou."

Puta que pariu!

Clara era a mulher por trás da máscara que eu conheci no *Halloween*. A morena que tirou o meu fôlego com um único beijo e depois disse que iria ao banheiro e desapareceu como fumaça.

Eu não sabia o nome dela, não fazia ideia de que ela era brasileira já que a todo momento conversamos em inglês. Além do mais, não me lembrava do seu rosto e muito menos da conversa que tínhamos tido até aquele momento. Quando acordei na manhã seguinte da festa, cheguei a achar que o beijo tinha sido um sonho.

CARALHO!

Quais as chances, porra?

Era por isso que tinha aquela sensação estranha todas as vezes em que ficávamos perto demais. Talvez fosse por isso que eu me sentia tão atraído por ela. Talvez o meu inconsciente estivesse por trás daquilo?

E como se não bastasse, nós tivemos praticamente a mesma conversa uns dias atrás quando eu vi novamente a sua tatuagem. Porque sim, naquela noite ela também me mostrou o desenho que tinha na pele.

O quão bizarro era isso, Deus?

Será que ela se lembrava? Nós dois estávamos bêbados naquela noite, eu provavelmente bem mais do que ela.

Estreitei os olhos na sua direção, descansando a caneta nos meus lábios, tentando ver através dela. Seu olhar buscava o meu a todo instante agora, meio confusa, a fim de entender o motivo pelo qual eu estava tão disperso.

William perguntou qual era minha opinião a respeito da sugestão que minha nova gestora havia dado. Eu mal tinha falado até aquele momento e me perguntei se ela teria o mesmo "desbloqueio" quando começasse a me ouvir.

Então, resolvi explicar o porquê acreditava que deveríamos modificar um dos fluídios dos equipamentos de perfuração para uma opção mais limpa. Em algum momento, notei que sua expressão se modificou um pouco, mas definitivamente ela não demonstrou surpresa. Ela parecia inquieta no próprio lugar, o olhar nunca desviando de mim e isso durou até que a reunião terminasse.

— Não acredito que os convencemos! — comemorou com um sorriso imenso assim que eles deixaram a sala acompanhados do seu assistente.

— *Você* os convenceu — eu a corrigi, levantando-me e juntando as folhas na minha pasta.

— Claro que não, foi um trabalho em equipe.

Clara começou a fazer o mesmo e em algum momento, nossas mãos se esbarraram enquanto tentávamos organizar os documentos. Mais uma vez senti aquele choque que começou na ponta dos meus dedos e espiralou pela minha coluna. Exatamente como no dia em que nos conhecemos.

Ela deu uma risadinha nervosa, pedindo desculpas e se afastando. Porra, não era possível que aquela mulher não lembrasse. Eu tinha absoluta certeza de que era ela!

— Ahn...

Clara foi até sua bolsa, pegou alguma coisa e caminhou até onde eu estava. Parou quase de frente para mim, apoiando os quadris na mesa de reuniões e ficou alguns segundos olhando para o embrulho.

— Não sei se estou cruzando uma linha aqui, mas... — murmurou, entregando-me o pacote. — Eu... Ahn... Fiz uma coisa para a Gigi.

Ela sorriu para si mesma como se achasse seu comentário meio bobo. E eu não sabia se foi esse ato ou a forma como ela se referiu à minha sobrinha, mas alguma coisa me desmontou por inteiro.

Eu me posicionei na sua frente e ela levantou os olhos para encontrar os meus. Em segundos, fui totalmente engolido por aquele verde e cada célula do meu corpo esquentou.

— Pode abrir — incentivou, colocando as mãos para trás parecendo ansiosa.

Desamarrei o laço que envolvia o plástico metalizado e tirei um bichinho. Era uma capivara que parecia ser feita de... Crochê? Eu não saberia dizer.

— Isso é crochê?

— Sim, é um amigurumi — explicou, rindo em seguida quando meu rosto se retorceu em uma careta.

— Um o quê?

— Amigurumi. É um bichinho feito com uma técnica japonesa de crochê.

— Obrigado... Não precisava...

Seus olhos reviraram e um sorriso surgiu no seu rosto.

— Você que fez? — perguntei, descrente.

Ela assentiu, o rosto ficando levemente corado.

— Poxa, é tão difícil acreditar? — O questionamento foi feito em meio a uma risada.

— É que não consigo te imaginar fazendo crochê — confessei, comprimindo os lábios e ela cerrou os olhos para mim, um sorrisinho divertido surgindo no seu rosto.

— E você me imagina fazendo outras coisas, Dom?

A forma como aquela mulher me olhava chegava a ser indecente... E que tipo de pergunta era aquela cheia de insinuações? Eu não estava maluco, porra!

Dei uma risada fraca. Me inclinei para colocar o bichinho na mesa, aproximando-me um pouco mais e segurando o seu rosto com uma das mãos. Queria ver como ela reagiria e não foi uma surpresa ver que Clara não recuou. Seu olhar desceu para a minha boca e ela mordeu o lábio.

— Tantas outras coisas... — sussurrei no seu ouvido, sentindo sua pele roçar na minha.

Respirei fundo, transtornado com o seu cheiro.

— O café que caiu na sua calça aguçou sua imaginação? — indagou, abafando uma risada, e eu gargalhei, jogando a cabeça para trás por alguns segundos.

— Definitivamente — respondi, sério, deslizando o polegar pelo contorno do seu lábio inferior. — Aguçou muitas outras coisas.

— Dom... — ela me chamou em um tom de alerta, espalmando a mão no meu braço.

— Eu quero muito te beijar — confessei com a voz baixa e ela suspirou, a respiração queimando a minha.

— Continuo achando que isso não é uma boa ideia.

— Porque acha que um beijo vai mudar as coisas...

— Uhum.

— Só que nós já fizemos isso antes, não fizemos?

Ela engoliu em seco, os olhos fixos nos meus. A forma como ela reagiu e o seu olhar afirmavam o que eu já sabia, mas tudo o que Clara fez foi dar um sorrisinho.

— Já?

— Sua memória é tão ruim assim?

— Talvez eu não lembre... — sussurrou, tão perto a ponto de encostar os lábios nos meus.

— Tudo bem, eu vou te fazer lembrar.

Então colei a minha boca na dela, engolindo um suspiro irregular no meio do caminho. Nossas línguas se entrelaçaram em desespero, em uma intensidade crua como se estivessem esperando aquilo por uma eternidade. O meu coração batia tão forte e a sensação era de que ele buscava rasgar o meu peito, como se quisesse tocar o dela.

Eu a pressionei contra a mesa. E ao mesmo tempo a puxei para mim com a mão livre, enlouquecido pelo calor que nossos corpos produziam juntos, sentindo a eletricidade que nos rodeava me recarregar.

E a verdade é que eu não sabia que precisava daquele contato até que ele ocorresse. Era só um beijo, mas tinha a sensação de que aquele era um acontecimento singular em toda a minha vida.

Sequer fazia sentido.

As respirações ofegantes se fundiam conforme o beijo se aprofundava, a sensação de alívio me preenchendo de forma contínua por finalmente ter os seus lábios nos meus.

Ela se esfregou contra o meu pau, gemendo dentro da minha boca, deixando-me ainda mais enlouquecido. Suas unhas afundaram nos meus braços e eu a ergui um pouco, sentando-a no móvel e deslizando uma das mãos por sua coxa.

Deixei que meus dentes se arrastassem por sua mandíbula e descia deixando rastros até alcançar sua clavícula. Minha boca buscava por qualquer centímetro da sua pele, o perfume transformando meu cérebro em uma massa enlameada turvando qualquer pensamento coerente.

Senti seu corpo se derreter nas minhas mãos, a cabeça pendendo para trás, dando-me acesso a garganta. Porra, eu estava tão duro que não me espantaria se meu pau rasgasse o tecido das calças.

Suas mãos procuraram apoio atrás das costas, escorregando pelo peso do meu corpo sobre o dela. E pela forma como ela respondia, cheguei à conclusão de que não demoraria muito para que aquela mulher estivesse deitada no meio da mesa.

De pernas abertas para mim.

Eu voltei a beijá-la com urgência, completamente louco com o gosto da sua boca. Dentro de uma atmosfera de suspiros, salivas, línguas, eu percebia um encaixe tão surreal capaz de me tirar fora de órbita.

— Meu Deus! — ela arfou, puxando o ar.

— Como está sua memória?

— Acho que péssima ainda — se lamentou com sarcasmo, voltando a colar a boca na minha.

Eu dei uma risada e segurei sua nuca, afastando-a um pouco para olhar nos seus olhos. E a visão que tive fodeu com a minha sanidade. Porque sim, foda-se, ela era a mulher mais linda existente, masvê-la em uma completa bagunça por minha causa elevava as coisas a um outro patamar.

Ela, com as pupilas totalmente dilatadas, o verde quase se tornando uma linha inexistente. A pele toda vermelha por conta da fricção da minha barba, os lábios inchados e molhados. O cabelo estava levemente bagunçado, o peito subindo e descendo de forma descompassada.

— Pra quem não queria me beijar, você parece bem animada — falei contra os seus lábios, dando uma risadinha.

— Eu nunca disse que não queria te beijar — sussurrou, arrastando a boca na minha de um jeito *sexy* pra caralho. — Dentre as coisas que eu quero fazer com você, Domenico, te beijar é o menor dos meus problemas.

— Porra! — saiu até mesmo em voz alta e eu deslizei uma das mãos por dentro da sua saia. — Também quero fazer muitas coisas com você...

— Acho que isso já ficou meio claro no dia do café — ela brincou, mordendo o meu lábio. Depois, me olhou séria, porém, cheia de expectativa. — E sobre as coisas que quer fazer comigo... Eu não espero que você peça permissão, sei ser uma boa garota.

Abri um sorriso, satisfeito.

Quando eu não achava que ela podia ser mais perfeita.

— Sabe? — perguntei, puxando-a para a beirada da mesa um pouco mais e subindo minha mão vagarosamente pelo meio das suas pernas.

— Uhum.

— Eu não gosto de ser contrariado... — avisei.

— Não vou te contrariar.

— Acho uma decisão bem inteligente.

Um gemido deixou os seus lábios no momento em que meu dedo roçou pela renda da calcinha. A umidade transpassava o tecido e eu fechei meus olhos, respirando fundo ao ver que ela estava completamente molhada.

Modéstia à parte, sabia bem que deixava as mulheres daquele jeito, mas eu estava tão obcecado com essa garota... E ver seu desespero na mesma proporção me dava um certo alívio.

— Puta merda...

Não aguentava mais esperar, eu queria tudo e queria agora.

Ela engasgou um suspiro quando eu deslizei a mão para dentro da calcinha, finalmente sentindo sua boceta contra minha pele. Soltou um palavrão e se desequilibrou um pouco antes de cravar as unhas com mais força em mim.

Massageei seu clitóris devagar sem parar de beijá-la, completamente viciado no movimento que sua língua fazia ao tocar a minha. Eu alternava a atenção que dava para a sua boca, descendo pelo seu pescoço, entorpecido com o perfume dela se fixando em mim.

Meu pau pulsava tão forte, o calor surgindo em uma crescente exponencial, dando indícios de que iria causar uma explosão. Eu a masturbava no ritmo do nosso beijo, guiado pelos gemidos lânguidos e palavras desconexas que ela deixava escapar.

Tudo o que eu queria era me enterrar naquela mulher, chupar a sua boceta e fodê-la por horas sem parar. A sensação era tão enlouquecedora que parecia ser o meu único objetivo de vida.

— Dom... — sussurrou, ofegante. — Meu Deus!

— Abre as pernas — ordenei, sério, quando ela tentou fechá-las, segurando sua nuca com mais rigidez. — Não mandei fechar, mandei?

Ela suspirou, encarando-me com os olhos bem abertos e negou com a cabeça, fazendo exatamente o que eu tinha dito. Sorri, deslizando o dedo pelo seu maxilar, satisfeito por ver que Clara era obediente.

— Boa garota.

Eu a beijei, aumentando o ritmo da fricção. Queria postergar aquele momento, mas eu estava tão ansioso por vê-la gozar. Não via a hora de sentir o seu corpo se contorcendo nas minhas mãos e ouvir o exato tom do gemido de quando alcançasse o ápice.

Tão perto, eu podia sentir que ela estava quase lá.

Como eu era odiado pelo universo, ouvi uma batida na porta e na mesma hora, Clara sobressaltou, arregalando os olhos e levando uma das mãos até a boca.

— Caralho! — praguejei, puto.

— Merda, merda! — ela começou a dizer, puxando o vestido para baixo, tentando ajeitar o cabelo levemente desgrenhado.

— Um minuto, estou em ligação — gritei para a porta, sem tirar a mão que estava apoiada no seu pescoço. — Vamos para o meu apartamento?

— Não posso — choramingou. — Preciso ir embora. Na verdade, já deveria ter ido, estou atrasada.

Porra, não podia acreditar naquilo. Que frustração do caralho.

Eu iria demitir quem quer que estivesse atrás daquela porta!

— Acho que... Ahn... — Ela pareceu meio agitada e saiu dos meus braços, andando em direção à saída. — Tenho que ir.

— Clara! — eu a chamei, mas ela se virou, pediu desculpas e saiu pela porta.

Que ótimo! Fui deixado sozinho e de pau duro!

Passei as mãos pelos cabelos, irritado com minha própria sorte. Eu definitivamente precisava entrar na minha banheira cheia de gelo agora.

Soltei o ar e quando olhei para o lado, percebi que a bolsa dela estava na cadeira. Talvez eu pudesse alcançá-la, entregar suas coisas e marcar de vê-la mais tarde.

Peguei o presente que ela tinha dado para Giovanna e puxei a alça para pegar sua bolsa, mas o zíper estava aberto e tudo caiu no chão.

Eu juro, Deus estava me testando.

Abaixei para juntar tudo, pensando como diabos cabia tanta tralha na bolsa daquela mulher. Batom, maquiagem, lencinhos, chaves, escova de cabelo, caixinha de óculos... Clara carregava até mesmo uma agulha de crochê!

Puxei um documento que estava quase meio amassado entre sua carteira e quando fui ajeitar, algo me chamou atenção.

Meus olhos se arregalaram na mesma hora em que li o nome na identidade, o coração acelerando enquanto o meu ar ameaçava se esvair por completo.

A realidade se desdobrou diante de mim. Conforme meu cérebro tentava associar aquela revelação, o desespero me inundava mais e mais a cada segundo.

Não.

Não.

Puta que pariu, não!

Ouvi sua voz atrás da porta, ela parecia estar explicando alguma coisa para quem quer que estivesse esperando para usar a

sala. Antes que eu pudesse ser flagrado, enfiei tudo na bolsa em um movimento rápido, deixando-a no mesmo lugar.

Nem conseguia raciocinar direito, mas me afastei, sacando o meu celular do bolso para fingir que estava lendo alguma coisa. Um frio gélido espiralou pela minha coluna, as perguntas se acumulando, uma mais sem sentido do que a outra.

Ela limpou a garganta assim que pisou no cômodo e eu olhei nos seus olhos sem conseguir acreditar. As engrenagens do meu cérebro buscavam uma explicação e eu cheguei a me perguntar se estava louco, vendo coisas.

Não, alguma coisa não estava correta.

— Esqueci minha bolsa — falou, dando uma risada nervosa e indo até ela. — Ainda está aqui?

— Precisava de um tempo — respondi e ela olhou para minha virilha, corando um pouco.

— Sinto muito por isso... — E parou por alguns segundos. — Nos falamos depois?

Apenas assenti com a cabeça, vendo-a sair da sala apressada. E quando a porta bateu, eu fui atingido como um soco. Que porra era aquela?

NOTA DA AUTORA:

A PARTIR DE AGORA CUIDADO AO DIVULGAR SPOILERS DO LIVRO PARA NÃO ESTRAGAR A EXPERIÊNCIA DOS DEMAIS LEITORES.

LEMBRE-SE: VOCÊ NÃO É O SAMUEL MEDICI^[10], SEGURA A FOFOCA.

Capítulo 15



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Durante todo o caminho até a casa do meu irmão, achei que fosse vomitar. Aquela sensação de um bolo se decompondo na garganta, o suor frio na nuca e as mãos trêmulas evidenciavam o meu desespero.

A angústia se fundia com toda minha incredulidade, os sentimentos se perdendo em meio a uma infinidade de

questionamentos. Deveria haver alguma explicação lógica!

Talvez ela tivesse descoberto que eu odiava aquela família e decidiu me pregar uma peça. Talvez eu tivesse lido o nome errado. Estava aceitando qualquer coisa que justificasse aquela merda. Não havia a menor possibilidade de eu ter sido feito de trouxa mais uma vez!

Assim que Dante abriu a porta, eu o cumprimentei e entrei na casa em busca da única pessoa que poderia sanar a minha dúvida.

— Jesus, o que aconteceu com você? — meu irmão perguntou, dando uma risada por eu ter passado por ele como um furacão.

Não dei a mínima, peguei meu celular, abri uma foto que eu tinha tirado dela na reunião para mostrar para o Yuri e posicionei o aparelho na frente do seu rosto.

— Maria Manuela, pelo amor de Deus, quem é essa mulher?

Ela piscou, um pouco confusa. Deu uma risada e afastou a minha mão para ver melhor a imagem na tela.

— Oi para você também — respondeu, meio sem paciência. — Sempre um poço de educação...

Eu a olhei de um jeito ameaçador, trancando o maxilar, deixando nítido que ela estava me irritando. Acontece que eu não tinha moral alguma com aquela insuportável e ao invés de me responder, ela cruzou os braços, esperando uma resposta.

CHATA DO CARALHO!

— Olá, Maria Manuela — eu a cumprimentei, cheio de sarcasmo, dando um sorriso forçado. — Pode, por favor, me dizer quem é essa mulher?

— A Carol?

Eu ia vomitar, eu realmente ia.

— Que Carol? — indaguei com a voz falhando.

— Ana Carolina Lacerda, a irmã do Adriano e da Julia... Por que você...

Não ouvi mais as palavras que saíram da sua boca. Minha mente foi preenchida por somente um nome.

Lacerda. Um sobrenome que eu conhecia bem demais.

Quando eu era mais novo, meus pais eram próximos daquela família e meu irmão até era amigo do Adriano, um dos herdeiros.

Assim como nós, eles pertenciam ao Círculo de Ouro, donos das maiores fazendas do país focadas em café.

Em algum momento, o filho da puta do Franciley Lacerda tentou dar um golpe no meu pai e se ele tivesse conseguido, teria fodido nossa vida em tantos níveis que nem consigo imaginar.

Acontece que ninguém nunca foi capaz de passar Genaro Perazzo para trás. Meu pai descobriu e deu um jeito de reverter a situação. Resultado: os bens deles passaram a ser nossos e os Lacerda foram expulsos do C.O..

Tudo ocorreu pouco tempo depois do que a Tália fez comigo. E enquanto eles lutavam pelo seu lugar de volta na nossa sociedade, tentaram queimar nossa família diversas vezes. Inventaram mentiras sobre a minha mãe, acusando-a de ter um caso com um dos conselheiros do Círculo de Ouro, espalharam que meus pais agrediam meu irmão (o que era uma mentira) e Dante viveu um inferno por algum tempo devido às acusações.

A cartada final deles me envolveu. Franciley percebeu que eu era o elo mais fraco, que não estava apto a tomar boas decisões. Havia me fechado um pouco para o mundo depois do que tinha acontecido e passei a ficar mais recluso. Na época, algumas pessoas comentaram que com certeza eu estava me drogando constantemente ou coisas do tipo.

E o que o filho da puta fez? Tentou sustentar os boatos, plantou uma quantidade absurda de cocaína no meu carro e eu quase fui preso. Só não aconteceu nada porque meu pai deu um jeito de abafar tudo, mas isso não diminuía meu ódio por eles, pelo que tentaram fazer com a minha família.

E por mais que eu estivesse com raiva dos meus pais, nunca perdoaria alguém que tentou foder com meu irmão quando ele ainda era um adolescente.

Quando os malditos perceberam que não conseguiriam nos derrubar, foram embora do país com a filha mais nova e o que restou do dinheiro deles.

Puta que pariu!

A Clara era a porra da filha mais nova dos Lacerda!

Todo o meu ar se esvaiu diante daquela confirmação. Não consegui ouvir mais nada, era como se tudo ao meu redor tivesse turvado, um zunido forte ecoando pelos meus ouvidos.

Eu. Tinha. Metido. A. Mão. Na. Boceta. Da. Filha. Dos. Lacerda.

— Tem certeza? Olha bem pra ela — pedi novamente, empurrando o celular mais perto caso a ecochata não estivesse vendo direito.

— Realmente acha que não sei quem é minha ex-cunhada? — Ela arqueou uma das sobrancelhas com deboche.

— Meu Deus!

— Por que está agindo assim?

— Essa não pode ser ela — decretei, não me importando com mais nada, balançando a cabeça em diversas negativas.

Certeza que tinha alguma coisa errada. Não fazia sentido. Não fazia a porra de um sentido, caralho!

Passei as mãos no rosto, sem acreditar. Nunca tive contato com aquela garota, a última vez que eu a vi ela tinha, sei lá, dez anos, em uma das festas dos meus pais.

Deus!

Ela tinha vinte anos!

— Dom, você está assustando minha mulher grávida — Dante falou, preocupado.

— Quantos anos ela tem?

— A Carol? — Manuela perguntou, ainda parecendo confusa.

— Não, a porra do papa! Claro que é ela! De quem estamos falando?

— Domenico! — meu irmão ralhou comigo e eu puxei o ar, tentando ficar calmo.

— Eu só preciso saber — as palavras saíram quase como uma súplica.

— Ela tem vinte e um.

AH, MEU CARALHO!

Como assim vinte e um? Impossível que aquela mulher tivesse vinte e um anos.

— Por que essa fixação na minha ex-cunhada? — Manuela tentou brincar, mas eu não via graça nenhuma naquilo.

Na verdade, eu acharia muita graça se tudo não passasse de uma piada. Porém, pelas expressões da mulher de Dante, ela não estava tirando uma com a minha cara. Não era uma pegadinha nem nada parecido.

— Porque... — Foi como se eu esquecesse de como as palavras eram pronunciadas, mas talvez fosse apenas o meu corpo querendo manter aquela loucura internamente.

— Porque...? — ela me incentivou.

— Porque a sua ex-cunhada está trabalhando para mim.

Manuela riu.

— Impossível. A Ju até comentou que ela voltaria, mas desistiu — respondeu, abanando a mão no ar e estalando a boca como se eu fosse a porra de um imbecil.

— Manuela...

Fechei os olhos, passando novamente a mão no rosto, puxando uma respiração com força, como se buscasse por coragem. Porque dizer o que eu tinha descoberto em voz alta depois de alinhar todos os meus pensamentos e entender o que de fato estava acontecendo tornaria tudo real.

E eu desejava que aquilo fosse meramente uma loucura da minha cabeça. Aquele fato ser real confirmava que eu tinha sido feito de otário por uma pirralha!

— A escrota da filha dos Lacerda entrou na porra da minha empresa e está se passando por outra pessoa — contei, sentindo cada nervo do meu corpo queimar de ódio.

Meu irmão riu por um segundo, mas quando percebeu que eu não o acompanhei, seu rosto ficou branco, os olhos arregalados. Minha cunhada piscou, um pouco incrédula, e o fato de ela não ter sequer achado graça me trouxe um sentimento de que talvez eu estivesse mais fodido do que imaginava.

— Você tem certeza da acusação que está fazendo, Domenico?

— Tirei essa foto de dentro da minha sala de reuniões. Ela se apresentou como Clara Leandra Caiano no primeiro dia em que pisou na *Petrolío*. Ela é a minha gestora de ESG.

Manuela levou as duas mãos até a boca, a perplexidade estampada nos seus olhos esbugalhados.

— Meu Deus! — foi só o que disse.

— É ela mesmo? — meu irmão literalmente berrou.

— É a área de especialidade dela — Manuela contou, a voz tão baixa, o olhar completamente perdido enquanto seu rosto se contorcia como se estivesse tentando desvendar um quebra-cabeça.

Eu continuava inerte, sem reação alguma.

— Minha puta que pariu! — Dante tornou a se desesperar. — Como essa mulher entrou lá? Já basta o irmão dela, aquele pau no cu desgraçado tentando foder nossa vida...

— Calma... — ela pediu, tentando demonstrar que não estava preocupada, mas suas expressões diziam totalmente o contrário. — Domenico, quanta autonomia a Carol tem na sua empresa?

Fiz uma careta, o nome soava tão errado e era difícil *linkar* as duas pessoas.

— No momento, uma quantidade considerável... Manuela, ela está lá pra me foder, não está?

— Eu gostaria de pensar que não — começou a dizer, eu lancei um olhar de raiva para ela. — A Carol é uma pessoa maravilhosa e não acho...

— Ela é uma mentirosa, caralho!

— Amor! — Dante cruzou os braços, também deixando claro que não concordava com sua posição defensiva.

— Deixa eu terminar? — perguntou, sem paciência. — A Carol realmente é um amor, mas uma vez eu fui passar umas férias da faculdade em Orlando onde eles moravam... Eu e Dante tínhamos brigado muito feio em uma simulação de tribunal do júri e eu estava péssima por ele ter sido um babaca...

Meu irmão pareceu apreensivo e segurou sua mão, pedindo desculpas baixinho e dando um beijo nos nós dos seus dedos.

— Enfim, eu lembro que o Franciley soltou algum comentário, algo sobre: a hora deles vai chegar, eles vão pagar por tudo o que fazem. E a forma como ele olhou para a Carol... — Ela fez uma pausa. — Com uma certa cumplicidade... Eu não sei explicar.

— Ótimo! — Levantei as mãos no ar, irritado. — Maravilhoso. Essa vagabunda voltou para se vingar.

— Não fala assim, você não sabe disso. Ela pode ter mentido o nome para não se prejudicar, porque se ela usasse o sobrenome nunca teria chance de trabalhar na sua empresa e...

Era só o que me faltava. Como eu odiava toda aquela ingenuidade da Maria Manuela! Ainda assim, puxei o ar e soltei lentamente, reunindo toda minha paciência.

— E para que ela iria querer trabalhar na minha empresa?

— Porque vocês provavelmente estavam pensando em implementar uma área de ESG — respondeu, óbvia. — As empresas de consultoria ficam sabendo quando uma outra está se movimentando... Todas estão desesperadas por uma oportunidade para mostrar o seu potencial e a *Petrolío* é gigante.

— Não caio nessa.

— Nem eu! — Dante afirmou. — Ninguém daquela família presta!

— Você é amigo da Julia — ela lembrou, irritada. — Sabe muito bem que a Ju não dá a mínima para isso da família e devo lembrar que ela ficou um bom tempo sem falar com o próprio irmão por nossa causa.

— Mas continua falando... — resmungou.

— Porque é irmão dela, Dante! Eu não quero que eles cortem laços só porque o Adriano é um péssimo ex-namorado. Os dois sempre foram muito unidos...

— Você é boa demais, amor, e tenta ver o melhor nas pessoas...

— E é por isso que se meteu naquela confusão — eu lembrei e ela me olhou cheia de raiva. — Nem adianta me olhar assim... Se não tivesse passado tanto a mão na cabeça do idiota do Lacerda, teria poupado muita coisa.

— O que você sabe sobre minha vida, Domenico?

— Infelizmente mais do que gostaria. — Dei de ombros, fazendo-a bufar.

— Você pode, por favor, não ser um babaca antes de apurar as coisas? — Manuela pediu. — Isso pode ser um grande mal-entendido. Para e pensa... A *Petrolío* é o sonho de consumo de muitas empresas, principalmente o de uma empresa de consultoria.

Eu dei uma risada fraca.
Qual era a probabilidade de Maria Manuela Guerra estar certa?
Eu digo: zero.



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Como meu irmão disse que Gigi foi dormir mais cedo, decidi ir embora. Não queria continuar naquela casa tendo que ouvir a minha cunhada defendendo aquela mentirosa.

Assim que entrei no meu carro, notei a capivarinha no banco e minha vontade era de arrancar a cabeça daquele bicho de tanto ódio.

Pela primeira vez, eu entendi Marco e a raiva por aquele animal.

Meu Deus! Conforme eu encarava o volante do meu carro, meus pensamentos iam se alinhando e uma espécie de quebra-cabeça tomava forma.

Ana Carolina havia se enfurnado na empresa com um intuito e ele era o pior possível, não havia dúvidas. Todos os meus alertas gritavam isso e eu sabia que não estava enganado, afinal, fui otário uma vez.

Não era uma coincidência que ela estivesse na minha academia, que tivesse flirtado comigo ou que morasse no prédio ao lado. Aquela cobra maldita tinha se infiltrado de todos os jeitos premeditadamente!

E ela teve a pachorra de usar minha sobrinha para se aproximar!

Puta que me pariu!

Apertei os dedos no volante (muito triste por não ser o pescoço da serpente) e em seguida, meu celular vibrou, arrancando-me dos meus pensamentos. Cheguei a dar uma risada descrente quando vi o seu nome na tela.

Clara L. Caiano – Nexus: Desculpa por ter saído correndo hoje.

Clara L. Caiano – Nexus: Posso passar na sua sala amanhã?

"Não, você pode pegar seus panos de bunda e ir para o inferno!", digitei, mas apaguei a mensagem em seguida. Não tinha a menor possibilidade de confrontá-la por telefone.

Respirei fundo e respondi que não tinha problema.

Eu precisava pensar no que fazer e reunir o máximo de provas possíveis. Então, dei partida no carro, fui para o meu apartamento e passei a porra da noite inteira juntando todas as informações daquela maldita.

Quase não encontrei fotos, não havia uma única rede social. E eu me xinguei mentalmente quando lembrei dos meus amigos dizendo que aquela mulher era furada.

Como a porra do meu pai tinha deixado isso passar?

Dentre todas as coisas, Ana Carolina Lacerda não tinha mentido sobre ser inteligente. Ela entrou na faculdade de administração na Universidade Brown antes de completar dezoito anos, mas cursou apenas dois semestres lá. Um ano depois se matriculou na Universidade da Flórida, onde aparentemente morou boa parte da sua vida.

Se especializou em ESG, trabalhou em algumas empresas, escreveu artigos enquanto ainda era estudante... E fuçando um pouco mais, descobri que ela era uma espécie de sócia fantasma na empresa que tínhamos contratado. Nem mesmo no site da Nexus havia uma foto do seu rosto.

Não dormi a noite inteira e acho que bebi uns dois litros de café naquele meio tempo. E assim que amanheceu, tomei um banho, escovei os dentes e fui para a *Petrolío* atrás da porra do contrato que assinamos com a empresa daquela maldita.

Estava lendo o início dele quando ouvi batidas na porta. Autorizei a entrada imaginando que fosse minha secretária, mas dei de cara com ela dentro de um vestido preto bem justo ao corpo e saltos altos.

Prendi a respiração em um movimento involuntário e apertei o braço da cadeira. Achei que teria mais tempo para me preparar para aquele encontro, não imaginei que a primeira coisa que ela faria quando chegasse na empresa seria correr para a minha sala.

Sete da manhã, porra!

— Bom dia — cumprimentou meio sem jeito, caminhando até a minha mesa. — Sei que está cedo, mas, ahn...

Ela encarou o chão quando chegou mais perto, os cabelos loiros caíndo sobre o rosto. Levantou os olhos verdes para mim e mordeu o lábio inferior, parecendo estar apreensiva e pensando no que deveria dizer em seguida.

Jogou o peso de uma perna para outra quando viu que eu esperei que continuasse. Mexeu as mãos, impaciente, e em seguida deu a volta no móvel, parando na frente da minha cadeira.

— Dom, eu só... Ahn... Queria conversar sobre ontem.

Ainda estava em choque com toda a cara de pau. Como ela conseguia estar aqui diante de mim agindo daquele jeito?

Definitivamente a filha mais nova dos Lacerda deveria receber um prêmio por ser uma ótima atriz.

Levantei da cadeira, posicionando-me na sua frente e fazendo com que seu corpo ficasse contra minha mesa. Seus olhos se mantinham fixos nos meus de forma intensa e reparei que seu peito subia e descia de uma forma desritmada.

— O que quer falar sobre ontem, Clara?

Repeti o nome dela em busca de algum tipo de reflexo involuntário do seu corpo, procurando alguma rachadura que pudesse expor, qualquer microfragmento que a denunciasse.

Nada.

— Ainda não acredito que era você... — ela disse baixinho, passando uma das mãos pelo meu terno e olhando para seus dedos.

— Quais as chances?

— Mínimas — respondi, firme, trazendo seu olhar para mim novamente.

Porque você arquitetou tudo, cobra.

Meu Deus, como era falsa!

— Desde quando você sabia? — indaguei, fingindo entrar no joguinho dela, dando um passo para frente e apoiando a mão na base do seu pescoço.

— No dia em que você viu minha tatuagem... — sussurrou, ainda com os olhos fixos no meu.

Por muitos meses lidei com Tália e durante anos convivi com meus pais mentindo para mim, mas acho que nenhum deles era como ela. Ou talvez eu só fosse um idiota incapaz de ver a falsidade escancarada diante de mim.

— Ainda assim, achei que pudesse ser algo da minha cabeça, mas na reunião, quando te ouvi falando em inglês, tive certeza. Eu não lembro de muita coisa. Estava bem bêbada naquele dia — se justificou, dando uma risadinha enquanto seu rosto ficava vermelho.

Como alguém podia mentir assim, porra? Sem a menor culpa!

Tentei manter toda minha raiva dentro de mim, não queria transparecer que desconfiava de alguma coisa. Eu queria jogar da mesma forma como ela estava fazendo comigo.

— Está chateado por eu não ter dito nada antes? — perguntou, provavelmente vendo que eu não conseguia manter uma expressão neutra.

— Não. Apenas pensando se foi por isso que não quis me beijar naquele dia.

— Eu nunca quis misturar as coisas. Esse trabalho é muito importante para mim e...

— Ah, eu imagino que seja — respondi, infelizmente não conseguindo esconder o sarcasmo na voz.

Suas sobrancelhas se juntaram um pouco quando notou meu tom. Ela pareceu ofendida e apoiou as duas mãos no meu peito, me afastando um pouco. Era muita audácia que a cretina tivesse aquela atitude, que se ofendesse com o fato de eu questionar a importância daquele trabalho para ela sendo que a filha da puta estava mentindo para mim!

Minhas veias pareciam pulsar, o sangue queimando enquanto corria por elas. Era quase impossível me manter equilibrado sabendo de tudo, estando tão perto de alguém com aquele sobrenome.

— Não entendi. Está querendo insinuar alguma coisa? — indagou, irritada.

— Não, sei, Ana Carolina. Estou?

Ah, que se foda!

Simplesmente não consegui controlar a minha língua, que já estava coçando para chamá-la pelo nome correto.

Foi impagável ver o desespero nos seus olhos arregalados, a boca entreaberta enquanto seu cérebro com certeza trabalhava em busca de alguma desculpa esfarrapada. Ela tentou dar um passo para trás, mas encostou na mesa, porque já estava praticamente apoiada na madeira.

— Do que me chamou? — A pergunta saiu como um silvo, era quase como se tivesse sido feita para si mesma.

— Ana. Carolina. Lacerda — falei cada um dos nomes lentamente, com pausas e ela engoliu em seco.

— Domenico, eu posso explicar...

— Não quero que explique porra nenhuma — explodi, fazendo com que ela estremecesse um pouco. — Estou pouco me fodendo

para qualquer desculpa ridícula que tente me dar. Sei muito sobre a sua família escrota, sobre a porra do seu sobrenome e toda a merda que o acompanha. E sei bem o que está tentando fazer aqui na minha empresa.

Não sabia ao certo, mas foda-se, joguei um verde para ver o que ela falaria. Conforme as frases saíam da minha boca, sua postura foi mudando, o maxilar travou e os olhos começaram a pegar fogo.

— Quero que pegue suas coisas e suma da minha frente e nunca mais ponha os pés na minha empresa!

Ela riu de forma debochada. E então eu tive um novo *déjà vu*, não de algo que nós dois tínhamos vivido, mas do passado que eu tanto tentava fugir. A mudança brusca de expressão, como se aquela mulher finalmente estivesse se revelando, exatamente como aconteceu com Tália.

Uma pontada veio com força no peito e nem sabia ao certo identificar por que me sentia tão traído. Clara, a mulher que eu estava conhecendo, não era nada para mim.

Não de fato.

Mesmo que estivesse levemente obcecado por ela, tinha plena consciência de que não passava de algo carnal. SÓ ISSO.

Talvez a sensação fosse a mesma porque eu parecia estar revivendo algo que me machucou tanto. E também não costumava lidar com pessoas tão dissimuladas assim. Era estranho para um caralho!

Toda aquela simpatia excessiva, a falsa inocência, o jeito desastrado... Eu deveria ter previsto desde o início. Deus, sentia tanta raiva de mim mesmo por não ter visto os sinais que queria bater com minha cabeça na parede!

— Eu não vou sumir da sua frente, Domenico — afirmou, séria, ajeitando a coluna para ficar mais reta, levantando o queixo de leve.

Eu ri, porque ela certamente estava LOUCA!

Ana Carolina se afastou um pouco mais. Empurrou meu peito de leve para sair de onde estava e deu a volta na mesa, sentando-se na cadeira de frente para minha. Cruzou as pernas, apoiou os cotovelos no encosto para os braços e entrelaçou as duas mãos.

— Na verdade, não vou a lugar algum.

— Você tem algum problema? Você está demitida! Quer mesmo sair daqui arrastada pela segurança? — Peguei o telefone de um jeito ameaçador e ela tornou a rir.

— Ok, eu menti sobre quem eu era... — respondeu de forma sarcástica, como se aquilo não fosse nada demais. — Isso é só um detalhe.

Era de foder!

— Detalhe? Acha que vou permitir que continue aqui sabendo quem você é?

— Sim, vai.

— Você realmente é maluca! — exclamei, pegando o telefone novamente, mas ela se inclinou sobre a mesa, tirando-o das minhas mãos e colocando no gancho.

— Vamos conversar.

— Não tenho nada para falar. Você entrou na minha empresa, mentiu sobre quem era, a sua idade, os motivos pelos quais está aqui...

— Nunca menti minha idade — ela me interrompeu e todo meu ar se esvaiu.

— Você disse que tinha vinte oito anos!

— Eu nunca disse isso. — Ela franziu o cenho, realmente confusa, e deu uma risada.

Ela tinha dito, não tinha?

— Você tem vinte e um anos, porra! — quase berrei, furioso com aquela informação.

— Sim. E se tivesse me perguntado, saberia disso. Não tenho por que mentir minha idade.

Como alguém com vinte e um anos podia ser assim?

— Eu tenho trinta e dois! Quase trinta e três!

— Parabéns? — perguntou, abafando uma risada.

Fechei os olhos e me sentei na cadeira, massageando as têmporas em movimentos circulares, buscando algum tipo de alívio para a dor de cabeça.

— Isso não pode ser real...

— Meu Deus, está mesmo surtando por conta da diferença mínima de idade? — ela perguntou, parecendo se divertir.

Onze anos era mínima onde?

— Isso é porque a gente quase transou? Eu sabia bem o que estava acontecendo, Domenico. Fica tranquilo, não sou uma jovem bobinha e manipulável.

Certamente não, porque quem tinha sido manipulado era eu, porra! Por uma cobra. Uma cobra novinha. Uma cobra de vinte e um anos!

— E meus relacionamentos sempre foram com caras mais velhos — disse, dando de ombros, e quando levantei meus olhos, ela parecia distraída com as unhas.

— Eu não estou aqui para falar sobre seus relacionamentos! Foda-se os seus relacionamentos! Eu só quero que você suma da minha frente.

— Não vai rolar, sinto muito — afirmou, estalando a boca e fazendo com que a minha se abrisse.

— Você acha que sou idiota?

— Talvez um pouco? — debochou, comprimindo os lábios.

— Você realmente está testando o meu limite!

— Eu não vou embora, você tem um contrato com a minha empresa.

— Foda-se? Contratos existem para serem quebrados.

— A multa é absurda.

— E eu sou bilionário! Não dou a porra da mínima para a multa. Além do mais, tenho certeza de que meu advogado pode dar um jeito de quebrar por você ter se passado por outra pessoa.

— Não me passei por outra pessoa, o contrato foi assinado com a minha empresa. Além do mais, esse não é o foco principal. Você não vai quebrar seu contrato comigo por outros motivos — afirmou, cheia de si.

Dei uma risada abafada, incrédulo, mas ela continuou:

— Tem noção do que vai acontecer com as ações se fizer isso?

Do valor de mercado que vão perder? Vocês têm uma imagem péssima no momento, tanto no cenário nacional quanto internacional. Minha empresa é referência na área de ESG e saindo

da consultoria assim, sem nenhum motivo plausível... Pode soar muito suspeito, não acha? — indagou com desdém. — E qualquer declaração que dermos pode prejudicar a *Petrolio* ainda mais e nenhum de nós dois iria querer isso, não é? Tem ideia do impacto que tudo isso causaria? Ainda assim, caso queira, te desafio a tentar quebrar o contrato.

Fiquei em silêncio tentando absorver todas suas palavras, querendo gritar de frustração porque eu sabia que ela estava certa. Eu tentei buscar qualquer documento que constasse com o nome “Clara”, mas nada vinha em mente. Até mesmo a assinatura do *e-mail* dela era C.L. (o que poderia significar Carolina Lacerda).

Meu cérebro trabalhava sem parar, era possível sentir minhas engrenagens girando, buscando desesperadamente uma solução.

— Além do mais... — começou a falar em um tom sugestivo, a ironia escorrendo pelas palavras e puxando-me para a realidade. — Tem certeza de que quer carregar a culpa de foder com a empresa da sua família? Porque até onde eu soube, essa é a primeira vez que você fica totalmente no controle, não é, Dom?

Eu a olhei furioso e ela deu uma risadinha e depois fez um biquinho, como se estivesse fingindo estar triste.

— Tem certeza de que quer mostrar para o seu pai que foi só você assumir a presidência sem ele que as coisas começaram a desandar?

— Vai se foder! Você não sabe porra nenhuma da minha vida!
— esbravejei, inclinando-me na mesa.

Ela se levantou também, apoiando as duas mãos na mesa, o rosto ficando a milímetros do meu e deixou a frase morrer quase nos meus lábios:

— Sei o suficiente.

— Por que você quer ficar aqui? Quanto você quer para me deixar em paz, porra?

— Nem tudo gira em torno de dinheiro, Domenico. É gratificante ter você, de todas as pessoas, nas minhas mãos — falou, dando um sorriso cruel.

Capítulo 17



ANA CAROLINA LACERDA

Ana Carolina Lacerda

A primeira regra que uma mulher deveria aprender na vida adulta é: não pensar com a boceta.

Principalmente se você é uma vadia vingativa.

Bem, eu sabia que eventualmente seria descoberta, só não esperava que fosse tão cedo. E algo me dizia que o fato de eu ter aberto minhas pernas para aquele idiota tivesse sido o motivo.

Burra!

Repeti para mim mesma inúmeras vezes, desde o momento em que o vi pessoalmente, que não iria desviar do meu caminho. E confesso que falei a frase “Domenico Perazzo não será uma distração, eu estou aqui com um propósito” mais vezes do que gostaria. Por mais que ele fosse o meu tipo de cara, tentei me convencer de que não abaixaria minha calcinha para aquele homem, afinal, eu o odiava.

Eu o odiei por boa parte da minha vida, cada um dos Perazzo.

Tentei soterrar no fundo da minha mente que quando eu ainda era uma garotinha e estava começando a me interessar por meninos, algo nele me chamou atenção. Ele era tão lindo, mais velho e totalmente fora de alcance... Foi aí que eu percebi por que eu era tão diferente das minhas amigas. Cheguei à conclusão de que o Justin Bieber jamais seria o *crush* perfeito para mim.

Obviamente, alguns dias depois, eu esqueci sobre sua existência. E quando a briga explodiu entre as nossas famílias, aí sim minha mente apagou aquele breve interesse.

Meus pensamentos mudaram o foco no segundo em que a dor lancinante atingiu o meu dedo mindinho. Porque mais uma vez eu tinha chutado a porra da quina da minha mesa.

Inferno!

Respirei fundo, tentando tirar a atenção da parte do meu corpo que estava latejando e comecei a digitar uma mensagem para o meu pai, contando que as coisas não estavam saindo como planejado. Óbvio que eu omiti que provavelmente a culpa era minha, Franciley Lacerda morreria se soubesse sobre as coisas que eu estava fazendo com o filho mais velho dos Perazzo.

Eu era tão fraca...

Só que ele era tãããão gostoso!

Um babaca escroto, porém, um babaca escroto gostoso.

Perdi alguns segundos lembrando da sua mão entre minhas pernas. Um arrepio espiralou pela minha coluna, mas na mesma hora meu celular vibrou e eu estremeci com a mensagem.

Papai: Carol, não posso falar agora, estou em consulta com sua mãe. Resolva o problema!

Papai: Nos vemos mais tarde.

Carol: Já resolvi.

Não totalmente, mas eu não diria aquilo ainda. Esperava que minha intimidação surtisse algum efeito. Domenico Perazzo seria muito idiota se cancelasse o nosso contrato e eu expus os pontos da melhor maneira e, de quebra, usei algo que sabia que mexeria com seu psicológico: Genaro.

Aquele velho idiota tinha que atravancar minha vida...

Havia me preparado para lidar com qualquer um deles, mas assim que pisei na empresa e o conheci, percebi que aquele homem estava completamente desnorteado. E com seu filho fora, chegamos à conclusão de que tudo seria mais fácil do que o planejado.

Ele tinha mesmo que infartar e fazer o Babaca Júnior voltar?

Abri meu computador e comecei a buscar no histórico qualquer informação que pudesse me comprometer. Agora que Domenico sabia quem eu era, precisava agilizar algumas movimentações para que meu planejamento se mantivesse intacto.

Durante nossa conversa, percebi o quanto o estressadinho estava exaltado e abortei o plano de fingir que, na verdade, eu era uma garota inocente e tudo o que queria era uma oportunidade de emprego. Ele era esperto, conseguia ler bem as pessoas e estava tão transtornado que eu sabia que seria uma perda de tempo.

Óbvio que o Domenico não era burro e da forma como ele falou comigo só deixava isso claro. Talvez eu o tivesse subestimado demais, mas em minha defesa, nem mesmo o conhecia pessoalmente quando pensei naquela solução.

Ainda assim, agora ele sabia sobre minhas intenções. E eu precisava colocar a cabeça no lugar.

Nada de sexo ou beijos com o inimigo, Ana Carolina!

Por mais insuportavelmente gostoso que ele seja!

A verdade é que eu curtia brincar com o perigo. Sabe aquela história de “se brincar com o fogo pode se queimar”? Então, eu meio que gostava de um incêndio. E aquele especificamente... Eu queria ver a destruição de perto, observar enquanto tudo ia ruindo até que se tornassem apenas escombros.

Sei que prometi para mim mesma que ele não seria uma distração no momento em que o vi ao vivo, mas de início, pareceu divertido entrar no flerte. Achei que isso daria um toque mais crível à toda minha narrativa. Depois, pensei que distraí-lo pudesse ser benéfico e se preciso ser totalmente honesta, não foi nenhum sacrifício beijar aquela boca.

Dei uma leve surtada quando achei que ele pudesse ser o cara que eu conheci na festa de *Halloween*. Repeti para mim mesma que se Domenico realmente fosse o Batman Anônimo Gostoso (era assim que eu me referia a ele para as minhas amigas) não faria diferença alguma.

Bem, mais promessas jogadas no ralo e esse parecia ser meu esporte preferido agora.

Deixei que todo meu tesão acumulado por aquele homem tomasse conta do meu corpo e provavelmente foi isso que fodeu com tudo. Minha cabeça não parava de girar buscando o que tinha feito de errado, tentando entender como acabei sendo descoberta. Fiz tudo direitinho, não deixei nenhuma ponta solta e tomei cuidado em cada conversa que tivemos. Não fazia ideia do...

Porra! Sim!

Eu deixei minha bolsa na sala de reuniões e assim que voltei, percebi algo estranho. Na hora deduzi que Domenico estivesse meio ofegante por conta de toda a nossa... Agitação.

Não, o babaca com certeza tinha mexido nas minhas coisas! Eu devo ter dado alguma brecha para que ele desconfiasse e fuçasse minha bolsa, mas não sabia o quê. Que inferno!

Sentia-me uma completa idiota. Havia me preparado tanto, feito tudo com o maior cuidado possível, pensado nas melhores formas de me aproximar, cronometrando cada segundo para criar a situação perfeita.

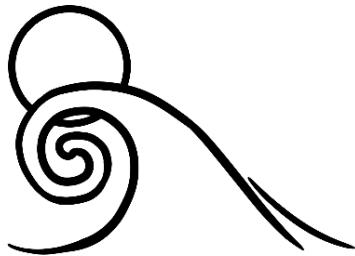
Exceto o dia do café... Ali eu agi por puro ódio mesmo.

Não podia ficar quieta ouvindo o imbecil se gabar sobre as terras que eram da minha família, exaltando o nosso café como se fosse dele... Naquele dia, agi totalmente por impulso. E tudo bem, eu era uma idiota desastrada mesmo, apenas fui com a maré.

Infelizmente já derramei café em mais gente do que gostaria.

Alguma coisa deu errado, entretanto. Deixei alguma ponta solta e estava com ódio de mim mesma por ter sido desatenta. Não teria acontecido nada se eu fosse menos impulsiva, se não tivesse me deixado levar pelos olhos castanhos esverdeados, se me mantivesse focada apenas no ódio que eu sentia por aquele estúpido...

Merda, meu pai iria acabar com minha raça.



— Alguma coisa você fez — ele afirmou, irritado, olhando-me cheio de decepção.

— Acho que ele mexeu nas minhas coisas, pai.

— Me poupa, Ana Carolina! Por que uma pessoa iria querer mexer nas coisas da outra sem um motivo? Eu te disse, repeti mil vezes que eles são desconfiados, que você não podia dar bobeira, porra!

Comprimi os lábios, sentindo meu olho arder e engoli o choro.

— Aposto que deixou algum documento à vista ou que falou alguma besteira porque não controla essa língua de trapo! — Eu neguei com a cabeça, mas ele continuou: — Sabia que você não estava preparada! Quantas vezes disse isso? Que precisávamos esperar mais tempo, quando você estivesse mais velha...

Meu pai andava de um lado para o outro e eu abri a boca para me defender, mas ele apenas me lançou um olhar ameaçador para que eu me calasse. Estava me sentindo culpada pra caralho, porque eu insisti para que executássemos nosso plano naquele ano.

Nosso dinheiro estava escasso, minha mãe estava doente e não havia mais tempo a perder. Talvez ele estivesse certo... Porque parando para pensar, qual era a desculpa para que eu achasse que estava "ok" quase trepar com o filho do homem que nós odiávamos?

Tão estúpida e irresponsável...

— Ele vai te tirar de lá — resmungou, cortando o ar com as mãos. — Não vamos conseguir dar continuidade.

— Ele não vai me tirar de lá, pai — garanti, engolindo em seco sob seu olhar reprobatório.

— Aquele garoto é tudo menos burro. Vai dar um jeito de arrumar uma falha no contrato.

— Somos mais espertos. Eu tomei todas as medidas possíveis para que isso não acontecesse — afirmei, séria. — Já tinha conseguido a autorização dele antes para divulgarmos as metas de ESG e entrei em contato com o *marketing* assim que saí da sala dele.

— De que adianta, Ana Carolina? Ele provavelmente já resolveu a situação!

— Não. Ele está focado em quebrar o contrato, assim como eu previ. Marcou uma reunião com seu advogado e passou a tarde inteira com ele. Nesse meio tempo eu continuei monitorando a equipe de comunicação e só saí da empresa quando tudo foi liberado.

Meu pai me encarou, parecendo um pouco descrente. Levantei, indo até onde ele estava e coloquei minha mão por cima da sua em uma tentativa de acalmá-lo.

— Sei o que estou fazendo, esse cenário era previsto, pai.

— Esse cenário era péssimo.

— Sabíamos que iria acontecer cedo ou tarde... Na hora em que as metas fossem divulgadas, ele começaria a questionar. E vamos combinar, a Manu se bandeou para o lado dos Perazzo, acha mesmo que ela não iria alertar o cunhado dela?

— Outra decepção essa garota. Nós a acolhemos dentro da nossa família! — cuspiu as palavras, cheio de repulsa. — Ela sabe tudo o que os Perazzo fizeram conosco.

— A Manu não tem nosso sangue, pai.

— Sua irmã tem e continua agindo como se não tivesse — resmungou.

Julia e Adriano eram meus meios-irmãos. A mãe deles faleceu quando meu irmão ainda era um bebê e algum tempo depois meu

pai conheceu a minha mãe. Nós éramos próximos, mas houve um afastamento natural quando nos mudamos para os Estados Unidos.

Eles preferiram ficar aqui para fazerem faculdade e isso era apenas mais uma das coisas que os Perazzo tinham me tirado: a convivência com as pessoas que eu mais amava no mundo. Eu deixei minha casa, meus amigos... Não havia mais nada para nossa família nesse país além da humilhação, então eu cresci sem os meus irmãos.

Maria Manuela Guerra foi praticamente criada na nossa casa porque sua mãe cuidava da nossa família. Ela namorou o Adriano por anos, mas não deu certo e sabe-se lá como acabou engravidando do Dante Perazzo no meio do caminho.

— Você contou para eles? — Sua testa se enrugou, como se não entendesse meu questionamento. — Sobre a mamãe estar doente, quero dizer.

— Sim, assim que saí do hospital, Julia me ligou. Disse que sabia que estávamos aqui porque a fofoca da Manuela contou exatamente como prevíamos. Enfim, estava com ela e o Adriano antes de vir até seu apartamento.

— Eu poderia ter ido com você... — comecei a dizer, mas ele balançou a cabeça em uma negativa.

— Achei melhor conversar com os dois primeiros.

— E como eles reagiram?

— Estão chateados por não terem sido comunicados sobre nossa vinda para o Brasil.

Minha irmã não gostava de confusão. Era neutra como a Suíça e não se metia na briga entre Lacerda e Perazzo. E a Ju era unha e carne com a Manuela e sabíamos que quando ela tivesse ciência de que eu estava no Brasil, aquela informação chegaria nos ouvidos dos Perazzo. Então eu e meu pai omitimos para que as coisas não saíssem do controle e decidimos lidar com a doença da minha mãe sozinhos até que fosse seguro.

— Eu disse que você enviaria uma mensagem — respondeu a contragosto e depois apontou um dos dedos na minha direção. — E vê se não dá informações demais para a sua irmã! Adriano é confiável, ela não.

Assenti.

— Bem, isso se ainda houver algo para salvar.

— Pai, eu não estraguei tudo — garanti. — Prometo pra você.

— Eu realmente espero que não, Ana Carolina.

Minha família contava comigo. Eu não iria decepcioná-los.

Eu tinha uma missão: destruir a imagem dos Perazzo, assim como eles tinham feito com a nossa.

Eu acabaria com todo o império que eles tinham construído.

Eu jogaria o nome deles na lama.

Os Perazzo não seriam nada além de uma grande poça de óleo preto.

Capítulo 18



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

— Você não pode estar falando sério.

Encarei Maria Manuela sem acreditar. Havia passado a manhã inteira preso em uma reunião com alguns fornecedores e assim que pisei na minha sala, Pamela me informou que ela e meu irmão estavam esperando para falar comigo.

E então a ecochata me deu a notícia de que a *Petrolio* havia divulgado as metas de ESG para a imprensa. Eu sabia que isso aconteceria porque em uma das reuniões que tivemos, a mentirosa mencionou sobre a necessidade de sermos transparentes e me pareceu uma estratégia interessante. Tudo estaria na mais perfeita ordem se aquela escrota da filha dos Lacerda não tivesse colocado números impossíveis de serem alcançados.

— Você pode consultar o site da sua empresa, mas está por toda a parte — minha cunhada afirmou.

— Meu Deus! — exclamei assim que abri meu *laptop* e observei a página de notícias. Passei a mão pelo rosto e na mesma hora fui em busca da minha bolinha antiestresse, apertando-a sem parar em uma tentativa de pensar no que fazer. — Não... Isso não pode ser real. Não é possível!

— Eu chequei em muitos lugares, todos estão comentando sobre o quanto vocês estão sendo ousados... — meu irmão começou a dizer, preocupado, mas ela completou por ele:

— Ou burros.

— Nunca concordei com a porra desses números, caralho! Eu não sou idiota! Como essa merda passou?

Queria gritar mais, abrir a janela e berrar por toda a minha frustração. Odiava ser feito de idiota, ser passado para trás e aquela maldita já tinha feito isso mais vezes do que eu podia contar.

Peguei o telefone e mandei que Ícaro viesse imediatamente até minha sala. E enquanto esperava, comecei a andar de um lado para o outro sob o silêncio de Dante e Manuela.

Não demorou para que o meu amigo chegasse, meio esbaforido e perguntando o que tinha acontecido.

— Você liberou a porra das metas para a imprensa?

— Sim, por quê? — indagou, parecendo um pouco confuso.

— Por que fez isso, caralho?

— Qual o problema, cara? Conversamos sobre isso na última reunião.

— Combinamos de fazer isso daqui umas semanas, Ícaro!

— Mas a Clara disse que você pediu para adiantar, que tinham feito uma reunião... — ele começou a ver minhas expressões se modificando e parou a frase na metade, mas não esperei e o interrompi:

— Você tem que conferir as coisas comigo, Ícaro, não com uma pessoa de outra empresa, caralho! — esbravejei, deixando nítido o quanto estava irritado.

— Tinha sua assinatura no documento, Dom.

— Puta que pariu!

Arremessei minha bolinha na parede e passei as duas mãos pelo rosto. Tentava desesperadamente organizar meus pensamentos, mas tudo o que conseguia visualizar brilhando em um letreiro *néon* era a palavra TROUXA.

— O que está acontecendo?

— Quem te indicou essa empresa, Ícaro?

— É uma empresa nova, mas que conseguiu um crescimento gigante na área. Eles ofereceram os serviços para a gente e quando conversei com um amigo da *RJ-Oil*, ele também os recomendou. Sua cunhada provavelmente conhece....

Olhei para Maria Manuela, sério.

— A reputação deles é ótima. — Ela deu de ombro enquanto se justificava. — Eles são os melhores da área atualmente e só escuto elogios.

— Não estou entendendo qual seu problema — meu amigo falou, chamando minha atenção novamente.

— O problema, Ícaro, é que a Clara não é a Clara. — Esbocei uma risada sem humor algum. — Ela é a porra da filha dos Lacerda!

Sua boca entreabriu na mesma hora e os olhos se arregalaram.

— Não... — saiu como um murmúrio e era claro que ele não acreditava naquilo porque era um absurdo do caralho!

— Sim.

— O quê? — Seu rosto se retorceu em uma careta. — Mas isso nem faz sentido, Dom.

— É, eu sei, mas essa maldita se infiltrou na empresa pra fazer alguma merda... E bem, pelo visto conseguiu!

— Calma... — Ícaro tentou, aproximando-se de mim e apoiando uma das mãos nos meus ombros.

— Eu não sei o que fazer, caralho! — explodi, jogando os braços para os lados. — Eu passei horas com meu advogado ontem e não conseguimos chegar em uma solução para quebrar o contrato. Vasculhei tudo e não tem nada que ela tenha assinado ou que comprove que se passou por outra pessoa. E ele ainda disse que ela poderia dar um jeito de convencer o juiz de que não se apresentou para as pessoas pelo seu nome original para não ser tratada de forma diferente, entre outras coisas.

— Deve ter alguma coisa... — Manuela se manifestou. — O nome dela tem que estar em algum lugar.

— A empresa inteira a chama de “Cá” — cuspi as palavras, cheio de ódio.

— Cá?

— Sim, ela não tem contato com muitas pessoas, mas se apresentou assim para a maioria. Falou que se sentia mais confortável de ser chamada assim — contei e a boca do meu irmão se abriu em um “O”. — Ninguém sequer lembra o nome dela direito.

— Nem sua secretária?

— A Pamela sim, mas meu advogado disse que não é suficiente. Vocês não estão entendendo... — tentei falar com a maior calma possível, voltando a me aproximar deles. — Ela arquitetou a porra toda, sabia o que estava por vir, o que eu tentaria fazer. Estou um passo atrás, caralho!

— Realmente isso foi bem inteligente... — Maria Manuela começou a dizer, mas comprimiu os lábios no momento em que a fuzilei com os olhos.

— Cara, eu não imaginei nada disso — meu amigo suspirou com pesar. — E você tem que tentar cancelar esse contrato.

— É o que estou tentando fazer!

— Você seria maluco de fazer isso. — A voz da Manuela ecoou pelo cômodo e todos nós a olhamos em choque. — Sinto muito, Domenico, mas acho que seria a decisão mais idiota a tomar.

Olhei no fundo dos olhos da mulher que seria minha cunhada buscando qualquer resquício de uma possível mentira. Talvez ela estivesse envolvida no que os Lacerda estavam planejando.

— Acha que vou ouvir seus conselhos? — indaguei com raiva, fechando minhas expressões e depois dei uma risada descrente. — Era só o que me faltava!

— Dom... — meu irmão chamou, quase que em tom de alerta.

— Estou falando sério! — tornei a aumentar o meu tom. — Você tenta foder minha empresa desde que pegou a porra do seu diploma, é amiga daquela família... Não duvidaria que estivesse envolvida nisso tudo!

— Dom! — Agora Dante me olhou com repreensão, esticando os braços no ar. — Que merda, porra? Tá maluco?

Ela se levantou da cadeira, exibindo a barriga de grávida e eu me xinguei mentalmente porque não lembrei daquele fato por alguns segundos. Sua mandíbula estava travada e o olhar cheio de ódio cravado em mim. Certo, Maria Manuela parecia mais assustadora do que nunca agora.

— Gente, calma... — Ícaro entrou no meio de nós, falando com uma voz suave para tentar apaziguar aquele momento.

— Ícaro, pode nos dar licença, por favor? — pedi e ele assentiu, saindo da sala quase correndo antes que ela explodisse.

— Acha que eu faria algo assim? Não sou como as pessoas da sua família, Domenico — vociferou, cheia de ódio. — Tenho caráter e jamais faria algo do tipo. E eu não precisaria “foder” sua empresa se vocês tivessem um mínimo de consciência social, é por isso que venho brigando todos esses anos. Além do mais, querendo ou não, você agora faz parte da minha vida. É o irmão do pai dos meus filhos e eu vim aqui como cortesia porque Dante disse o quanto essa empresa é importante pra você.

Olhei para o meu irmão, o rosto tão vermelho que parecia prestes a explodir. Ok, eu posso ter me precipitado em acusá-la assim, mas não era algo absurdo a se pensar. Maria Manuela namorou o arrombado do Adriano por anos e uns dias atrás mesmo estava defendendo sua ex-cunhada.

— É ridículo que insinue que a minha mulher esteja envolvida nessa merda! — ele levantou a voz também, deixando nítido que estava ofendido. — Viemos aqui para te ajudar, caralho!

— Ela era sua cunhada.

— Foda-se?

— Não existem motivos para ficar tão ofendida, Manuela. Nós temos um passado péssimo e...

— E ainda assim eu abri minha casa para você, mesmo depois das ameaças veladas que me fez — lembrou. — Eu te dei um voto de confiança porque você é o tio da Giovanna e por mais que seja um babaca desprezível, tenho tentado manter uma relação pacífica.

— Realmente espera que eu vá confiar em você cegamente porque meu irmão colocou um anel no seu dedo? Ah, faça-me o favor!

Dei uma risada sem humor.

— Eu fui traído pela minha própria família, Manuela. A única mulher que eu amei meteu uma faca nas minhas costas! — berrei, sem quebrar o contato visual, e ela continuou imóvel, apertando o maxilar com os dentes. — Acha que vou confiar em você, de todas as pessoas, de olhos fechados? Acorda! Você não tem a porra do direito de parecer ofendida!

— Abaixa seu tom de voz — Dante mandou com o dedo em riste na minha direção e eu me desculpei com ela baixinho por ter me exaltado.

— Já disse que não sou sua família — rosnou entredentes. — E sinto muito que você tenha passado por tudo o que passou, mas você não precisa ser um escroto com as pessoas que estão tentando te ajudar.

Ela me encarou por alguns segundos e depois se virou para o meu irmão.

— Eu te espero no carro — avisou, pisando forte até a porta.

— Estou bem puto com você — Dante afirmou assim que ela saiu.

Revirei os olhos e fui até minha cadeira, jogando-me nela. Passei as mãos pelos cabelos enquanto balançava minha cabeça repetidamente sem parar.

— O que queria que eu fizesse, Dante? Eu estou perdido aqui, inferno!

— Você acusou a minha mulher grávida e ainda gritou com ela, porra! — ele berrou, claramente transtornado. — Que merda você tem na cabeça?

Ele esperou por uma resposta, mas eu só continuei olhando para ele, que me encarava em desaprovação. Era uma nova dinâmica, sempre era o Dante quem fazia cagada.

— É ridículo! Tem ideia de que a Manu está desde cedo entrando em contato com várias pessoas da área buscando uma empresa boa o bastante para substituir a Nexus? Porque as metas são absurdas e dentro do cenário atual só eles conseguiram atingir números tão altos.

Meu irmão estava puto, disso eu não tinha dúvidas.

— Não sabia que ela estava pesquisando nada. Você deveria ter falado isso antes — resmunguei.

— Você não deixou ninguém falar!

Abri minha boca, mas ele continuou, agora de um jeito mais calmo:

— Entendo o quanto essa empresa significa para você, mesmo que não concorde com muitas das merdas que a *Petrolio* faz. Sei melhor do que ninguém como se dedicou e de tudo que abriu mão para estar sentado nessa cadeira hoje. Eu jamais colocaria minha mulher nisso se não confiasse nela, Dom. E você deveria confiar em mim, nunca te dei motivos para fazer o contrário.

— Dante, ela é sua mulher, não é você — lembrei, mas quando percebi que ele iria se justificar, emendei: — Ok, eu me precipitei em acusar a Manuela, mas você não pode exigir que eu confie nela da mesma forma. Eu estou exausto, não consigo dormir... Pela primeira vez eu não sei o que fazer!

— Nós viemos aqui para te ajudar. Você sabe o inferno que o Adriano fez nas nossas vidas e a Manuela também ficou muito machucada com tudo. A Julia é nossa amiga e ela tem um grande carinho pela Ana Carolina. Não é fácil pra ninguém, porra!

— É a nossa empresa que está em jogo, Dan — lembrei.

— Sim e minha mulher está passando por cima de muitas coisas para tentar pensar em alguma solução! Nós já vimos muitas empresas se afundando por conta disso. E acredite, você está fodido com ela, mas ficará ainda mais se quebrar o contrato com essa mulher.

— Nossa, que ótimo! Foi isso que vieram me dizer? Que eu estou fodido? Já sabia, obrigado.

— Você não está raciocinando... Quebrar o contrato é um tiro no pé, porra! A empresa dela já tem acesso a tudo e denúncias anônimas na área ambiental ocorrem o tempo todo. Ela vai foder a *Petrolio* ainda mais.

— Ótimo! Maravilhoso!

— Existe uma forma de lidar com a situação... Pensa bem, Dom... Vocês têm um contrato e ela também tem um nome a zelar.

— E...?

— E aí que é sua prestadora de serviços e precisa cumprir a porra do contrato. Se a maldita colocou metas absurdas, cobre que a Nexus cumpra as metas. Vigie cada passo que ela der, force a execução do termo de confidencialidade e não dê nenhum espaço para que ela possa fazer mais merda.

— Está dizendo que eu vou precisar aturar essa mulher?

— Sendo bem honesto, você não vai encontrar outra empresa capaz de cumprir essas metas — afirmou. — Manuela disse que são poucas as consultorias no assunto e achar uma outra que atenda uma empresa do porte da *Petrolio* em tão pouco tempo e sem levantar suspeitas vai ser impossível.

— Que inferno do caralho!

— Jogue com o que você tem, irmão. A Ana Carolina mentiu que entrou aqui para trabalhar, faça com que ela trabalhe!

Suspirei, cansado.

— Enfim, tenho que ir embora — avisou, caminhando até a porta, mas parou antes de abri-la e apontou o dedo na minha direção. — E eu não quero saber, você deve desculpas à minha mulher.

Ótimo!

Eu estava tão fodido que nem mesmo sabia por onde começar.

Capítulo 19



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Comprei uma cesta gigante de chocolates e levei até a casa do meu irmão. Pensei que talvez o açúcar fosse ajudar em todo o processo com a ecochata.

Eu abaixei a guarda, pedi desculpas e concordei que havia me exaltado demais. Deixei claro que, apesar das nossas divergências, tinha respeito por ela e que estava grato por toda ajuda. Eu confiava

na mulher do meu irmão? Não, mas ele era tudo para mim e eu decidi dar um voto de confiança.

Dante tinha inventado de comprar um forno a lenha e sugeriu que eu ficasse para a primeira noite de pizza. Neguei de imediato porque não tinha clima nenhum depois da discussão, mas Gigi insistiu e eu acabei me deixando levar por aquela bebezinha que era dona do meu coração.

No início, Maria Manuela ainda estava de cara fechada, mas conforme ia comendo os chocolates caríssimos que eu trouxe, meio que foi amolecendo. Ela tentou se conter sobre o assunto, mas minutos depois desistiu e começou a falar sobre todas as outras empresas que tinha pesquisado sobre ESG.

Sim, aquela mulher sem dúvidas tinha feito um bom levantamento. Mesmo que fosse um pé no saco, Manuela era superinteligente e tinha muita propriedade a respeito do que falava. Ela me explicou em detalhes onde as outras empresas do segmento tinham errado, expôs suas fraquezas e também trouxe dados comprovando que a Nexus era a melhor opção para a *Petrolio*.

Também tentou me alertar dos possíveis problemas de percurso, deu dicas do que eu poderia fazer para que as metas fossem atingidas com mais facilidade e em algum momento eu percebi que talvez eu não estivesse totalmente sozinho.

Voltei para casa e passei a noite inteira pensando em formas de lidar com aquela mulher dentro da minha empresa. Ainda não conseguia suprimir minha revolta, a raiva que eu sentia de mim mesmo por ser tão idiota e dela por ser tão manipuladora.

Toda vez que aqueles olhos verdes voltavam para minha mente, o ódio me consumia por inteiro. Eu estava transtornado, inconformado e cada vez mais parecia impossível tirá-la da minha cabeça.

Analisava todos os seus movimentos. Desde o primeiro dia em que ela pisou na minha sala até o último embate que tivemos. Uma onda furiosa vinha e voltava a cada lembrança que me acertava em cheio. Não conseguia entender como aquela cobra maldita tinha conseguido se infiltrar na empresa e muito menos como não fui capaz de perceber nada.

Enchi minha banheira e peguei no freezer três sacos de gelo, jogando todo o conteúdo até a borda. Na medida em que a minha pele entrava em contato com a água gélida e o choque inicial me envolia, meus pensamentos começaram a desacelerar.

Era quase que instantâneo e não havia solução melhor. Aquele era o único momento em que eu conseguia pausar qualquer emoção ou frustração.

Deixei que a água me acalmasse, que congelasse o fogo nas minhas veias, que tentava derreter todos os meus ossos e músculos. Puxei uma respiração lenta e profunda, sentindo o tempo se distender diante de mim, a calmaria se misturando com o frio que penetrava em cada uma das minhas células. A cada expiração, a agitação mental se solidificava, tornando-se um bloco de gelo quase que impenetrável.

Era como se eu fosse transportado para um vácuo. Nada tinha o mesmo peso, todos os assuntos se tornavam irrelevantes. Eu precisava daqueles momentos em que podia limpar minha mente por completo para ter acesso a um novo panorama, para que o furacão se dissipasse.

Fiquei ali por mais alguns minutos e fui dormir. E finalmente tive uma boa noite de sono. Sabia que meu dia seguinte seria turbulento, mas sentia-me disposto para encará-lo.

Tomei um bom café na manhã seguinte e mandei alguns *e-mails* que precisava, já prevendo que minha paz acabaria em breve.

E foi exatamente o que aconteceu algumas horas depois. Sabia do que estava por vir, afinal, eu havia cutucado o vespeiro, então coloquei um pouco de uísque no copo e fiquei ali esperando. Foda-se o horário, já era *Happy Hour* em Londres ou algum lugar do mundo.

Ana Carolina entrou furiosa pela minha sala dentro de um vestido vermelho que combinava com o batom nos seus lábios. Na verdade, toda a composição era de tirar o fôlego. Os saltos pretos, a maquiagem um pouco mais carregada, os cabelos soltos e aquele “ar de filha da puta” a deixavam ainda mais irresistível. Não sabia dizer se agora que eu sabia quem ela era de verdade, conseguia visualizar uma outra postura, mas havia alguma coisa de diferente ali, algo que me atormentava.

Ela era linda antes e estava ainda mais tentadora agora. Talvez fosse o perigo... Ou o fato de aquela mulher ter se tornado inalcançável para mim.

Sim, Ana Carolina Lacerda estava fora dos meus limites.

Não seria hipócrita, sei que quando a conheci, jurei que não me envolveria com mais alguém do meu âmbito profissional e quebrei minha promessa na primeira oportunidade, mas agora era diferente.

Primeiro, eu tinha uma regra: nunca ficava com mulheres mais novas. E segundo: jamais me envolveria com alguém daquela família podre.

— Que porra você fez com a minha sala? — perguntou, furiosa, aproximando-se da minha mesa e apoiando-se nela.

Levantei da cadeira e também me inclinei um pouco para mostrar que nada me intimidava. Observei todo o ódio estampado no seu rosto e dei um sorrisinho debochado.

— Ah, eu decidi te mudar de sala... Você vai trabalhar naquela ali, no final do meu corredor.

— Aquela sala é um cubículo!

— Ah, você não gostou? — Estalei a boca de forma debochada, com um falso pesar. — Bom, eu não dou a mínima. Não existe nada no seu contrato que me obrigue a te dar uma sala ampla e confortável.

— Você é um babaca! — cuspiu as palavras com raiva.

— Eu sou babaca? Você divulgou metas impossíveis para a minha empresa sem minha autorização!

Ela deu uma risada debochada.

— Não foi sem sua autorização, Dom... — ela respondeu cheia de ironia. — Caso não se lembre, você assinou aquele documento.

— Não me chame assim! — explodi, puto. — Não te dou intimidade para essa merda! E eu não assinei porcaria nenhuma. Era isso que você queria? Entrar na minha empresa, inventar metas que não seríamos capazes de cumprir para foder com nossa reputação?

Ela me encarou e cerrou levemente os olhos, como se estivesse tentando ler através de mim. Merda, eu precisava ser mais util se pretendia tirar algo dela.

Ana Carolina deu a volta na mesa e se aproximou de mim com um sorriso meio divertido nos lábios. Os olhos se mantinham fixos nos meus e ela deu um passo à frente, colocando-me contra a mesa.

Espalmou as mãos no meu peito e eu me vi enraizado no chão pelo contato. Minha respiração descompassou um pouco, mas não demonstrei estar afetado.

Porque eu não estava!

Deslizou devagar a ponta dos dedos pelo meu braço, eliminando ainda mais a distância entre nós dois.

— Domenico, Domenico... Você sabe que eu não inventei nada... — disse suavemente, os lábios tão próximos dos meus que podia sentir sua respiração queimando.

Tudo era demais. A proximidade, o hálito de menta e o cheiro viciante do seu perfume entrando pelas minhas narinas, deixando-me zonzo.

Meu pau chegou a pulsar quando senti sua outra mão na minha coxa. Não sabia que porra ela estava fazendo, mas parecia impossível afastá-la. Olhei para sua boca e preendi a respiração, irritado comigo mesmo.

— Nós combinamos aquela meta, não se lembra? Eu ainda o alertei sobre os riscos, mas você insistiu tanto... — mentiu, com um sorrisinho no rosto.

Para ser sincero, eu nem conseguia raciocinar direito. Fechei os olhos por dois segundos quando sua mão resvalou no meu pau e ela tirou o celular do meu bolso.

Então se afastou e virou a tela para mim, mostrando que sabia que eu estava gravando a conversa.

Filha da puta!

— Acha que sou tão idiota assim? — Ela riu, achando graça.

Eu a encarei, os olhos faiscando pela hostilidade que pairava entre nós dois. A fúria fluindo pelos nossos corpos comprimindo o espaço ao nosso redor e tornando tudo sufocante demais. Nenhum de nós desviava o olhar ou piscava. As palavras deixaram de existir, a tensão se tornando cada vez mais palpável. Tudo o que eu queria

era tirar aquela mulher da minha empresa, mantê-la bem longe de mim.

Eu a odiava com cada fibra do meu corpo. E mesmo que quisesse que a maldita sumisse da minha frente, não conseguia parar de imaginar em como ela ficava bonita assim, cheia de ódio.

Qual era o meu problema? Depois da vagabunda da Tália, ninguém mexeu tanto comigo daquele jeito. Domenico Perazzo não ficava *louco* por mulheres. Na verdade, conseguia todas que despertavam o meu interesse.

Eu achava que meu “tipo” eram loiras, mas pelo visto, não. Meu tipo eram mulheres filhas da puta e falsas.

— Você não vai me derrubar, Domenico — ela afirmou, séria, e depois o tom mudou para algo zombeteiro. — E seria bom parar com suas teorias da conspiração, sou apenas uma consultora muito dedicada ao meu trabalho.

Tudo bem, a gravação não deu certo e sabia que era provável que não fosse conseguir uma confissão. Daria continuidade ao que tinha planejado, iria fazer o jogo dela.

— Sabe, eu realmente admiro sua audácia — comecei a dizer, percebendo que ela tentava me ler por completo — Entrando na toca do leão, assim... Você realmente é corajosa. Uma cobra, mas corajosa.

Uma risada apática escapou dos seus lábios.

— Sei que quer foder com a minha empresa, mas vou estar aqui de camarote vendo você falhar... — avisei, sério.

Ela fez um biquinho, irritando-me ainda mais. Meu Deus, que vontade de esganar essa mulher!

— A partir de hoje, eu quero que você me apresente um relatório diário com o que foi feito — ela abriu a boca para falar, mas eu continuei: — E semanalmente espero que me entregue de forma detalhada todas as prospecções das metas que você gentilmente decidiu inventar para a minha empresa.

Era possível ver a raiva crescendo ainda mais pelo vermelho que subia lentamente pelo seu pescoço. Ela respirou fundo e tentou manter a postura neutra, mostrando que aquilo não a abalava.

— Eu estou falando sério, Ana Carolina. Você não quer que eu quebre o contrato, certo? Ótimo, vamos seguir em frente... E acredite, eu vou fazer da sua vida um inferno no caminho.

Capítulo 20



ANA CAROLINA LACERDA

Ana Carolina Lacerda

Quando meu pai foi embora naquela noite, mandei uma mensagem para Julia e Adriano. Por mais que estivesse irritada comigo mesma por ter estragado meu disfarce, fiquei aliviada. No meio de toda a confusão, lembrei que enfim poderia ver meus irmãos e o meu sobrinho.

De fato, inicialmente foi um respiro encontrar minha família. O Lucca estava gigante desde a última vez que eu o vi. Ele era um menininho lindo, com seus cabelinhos cacheados, olhos amendoados do formato dos da minha irmã e pele negra clara assim como seu pai. Meu sobrinho era a cara do meu cunhado. Com apenas dois aninhos, já falava várias coisas sem parar e eu fiquei um bom tempo brincando com ele até que o Gui (marido da Julia) o levasse para outro cômodo para jantar.

Eu até cogitei que minha irmã daria um chilique ao saber de tudo, mas não imaginei que fosse tanto. Já estava há pelo menos uns quinze minutos ouvindo esporro.

— É ridículo tudo isso que estão fazendo, Carol! — ela continuou a brigar, deixando nítida toda sua insatisfação.

— Não estamos fazendo nada demais — menti.

Meu pai não tinha dado autorização para compartilhar nada com ela justamente por saber como Julia era.

— Acha mesmo que caio nesse papinho? Vocês sequer nos avisaram que estavam vindo. A Carmen está doente, Carolina!

— Não queríamos preocupar vocês, tudo estava sob controle. Achamos melhor esperar uma posição do médico — me justifiquei, odiando-me um pouco mais por mentir para minha irmã.

— Eu sei que estão armando algo contra os Perazzo e acho surreal que nosso pai tenha envolvido você nesse absurdo! — ela berrou, transtornada, e se virou para meu irmão. — Você sabia dessa merda?

— Eu? Por que quer meter isso no meu cu? — indagou, parecendo ofendido. — Não tenho nada a ver com isso!

— Por que você acha, Adriano? — Julia estalou a boca, como se não acreditasse em suas palavras, balançando a cabeça em várias negativas. — Já basta tudo o que fez com a Manu.

— Não fode, Julia! — meu irmão berrou a plenos pulmões. — A Manuela ficou completamente doente por conta daquele filho da puta e é ridículo que você mantenha contato com ele!

— O que... — fiz menção de perguntar o que havia acontecido, mas ela me interrompeu com um olhar fulminante, deixando claro que aquilo era conversa para um outro momento.

— Carol, minha irmã... Eu te amo e é por isso que digo que você precisa deixar isso tudo de lado — ela pediu, abaixando o tom e encostando nos meus ombros. — Sua mãe está doente, dentro de um hospital... Precisa focar suas energias nisso e não em uma vingança ridícula de uma briga estúpida de dois velhos!

Engoli o bolo que havia se formado na minha garganta pela menção ao câncer junto com a vontade de chorar. Julia podia achar toda a rixa das nossas famílias algo banal, mas não era. Ela não parava para pensar que talvez minha mãe não se encontrasse naquela situação se tivéssemos acesso a todos os recursos que tínhamos no passado.

Nós fizemos uma dívida gigante nos Estados Unidos depois que minha mãe recebeu o diagnóstico do câncer e esse foi um dos motivos pelos quais viemos para o Brasil assim que descobrimos que ela havia saído da remissão.

E mesmo que agora nós tivéssemos ajuda, jamais seria a mesma coisa do que poder pagar os melhores profissionais dentro e fora do país para controlar a doença.

— Estou fazendo tudo o que posso para cuidar da minha mãe, Julia. Tudo o que eu estou fazendo é por ela.

— Sabe que isso é uma mentira. Você deixou que nosso pai se infiltrasse na sua cabeça com toda essa loucura de vingança. Os Perazzo...

— São uns filhos da puta! — Adriano a cortou, irritado. — Eu não sei o que você está planejando, Cá, mas se for para ver esses filhos da puta se fodendo, conte comigo. Tudo o que eu quero é que essa família maldita pague por tudo o que fizeram a gente passar!

Nossa irmã o fuzilou com os olhos.

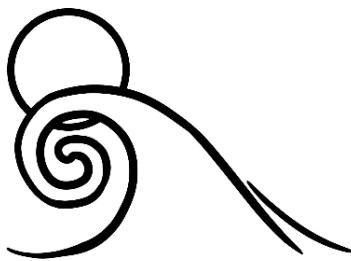
— Nem adianta ficar com raiva. Porra, acorda, Julia! A Carol, o papai e a Carmen precisaram deixar o país!

— Já chega! Eu não vou continuar discutindo — decretou em voz alta, cortando o ar com as mãos. — E sinceramente, não me procurem mais. Não quero contato com vocês se forem insistir nisso.

— Ótimo, você já deu as costas pra essa família faz tempo — Adriano respondeu, puxando-me pelo braço até a entrada da casa.

Eu sabia que ela não estava falando da boca para a fora. Alguns anos atrás, quando meu pai começou a esboçar seu desejo de vingança, Julia deixou claro que não estava de acordo, que não era certo que nos igualássemos a eles. E afirmou que se ultrapassássemos algumas barreiras, jamais nos perdoaria.

Olhei para trás, vendo a decepção nos olhos da minha irmã e senti os meus arderem. Mais uma vez aquela família desgraçada era responsável por nos separar.



— O que aconteceu com a Manu? — perguntei para o meu irmão assim que sentamos em um restaurante de frente para a praia do Recreio.

— Longa história... — Ele mexeu as mãos no ar e bufou. — A Manuela mudou completamente, Carol. E a idiota acha realmente que aquele merda do Dante vai fazer ela feliz.

— Você precisa superar, não acha? As coisas já tinham desandado entre vocês antes mesmo de ela engravidar.

— Porra nenhuma, nós íamos acabar voltando.

— Adri... — falei, tocando nas costas da sua mão com todo carinho do mundo. — Você sabe que isso não ia acontecer.

— Você não tem como saber isso, Ana Carolina. Se não tivesse aquela criança no meio do caminho e...

— Adriano! — eu chamei sua atenção, irritada. — É ridícula essa sua implicância com a Giovanna. Já te falei mil vezes, ela é só uma criança.

— Não é só uma criança, ela é a porra de uma Perazzo — respondeu, amargo.

Eu sabia que meu irmão nunca tinha deixado de amar sua ex-namorada e jamais superaria o fato de que Maria Manuela tinha tido uma filha com nosso inimigo. Ela tinha escondido a Gio por medo

dos Perazzo, mas uns meses atrás, Adriano me ligou desesperado, contando que os dois estavam juntos.

Desde quando eles terminaram, eu tentava enfiar na cabeça do meu irmão que ele deveria desencanar. A Manu não se sentia da mesma forma e já tinha conversado comigo, afirmando que o namoro não teria volta.

Era meio triste, na real, e eu me aborrecia bastante com ele sempre que entrávamos naquele assunto, porque a verdade é que meu irmão era tóxico para um caralho em relação à sua ex-namorada.

— Por favor, diz que você está vendo outras pessoas...

— Sim, estou — resmungou de má vontade.

— Quem?

— A filha dos Rangel — contou, fazendo com que eu arregalasse os olhos.

— Não era ela que fazia *bullying* com você na época da faculdade?

— Sim, mas aconteceu e... É só sexo, Ana Carolina.

— Mesmo? — Arqueei uma das sobrancelhas, um pouco descrente.

— Sim.

— Você se lembra que os Rangel não ficaram do nosso lado, não é?

— Estou cagando pros Rangel. Estamos apenas nos divertindo enquanto ela não arruma alguém do Círculo para casar.

— Hm... E você não gosta nem um pouquinho dela?

Meu irmão revirou os olhos, claramente desconfortável com minhas perguntas.

— Eu gosto da Manuela e sempre vou gostar, mesmo que ela seja uma traidora do caralho e tenha escolhido aquele merda. Uma hora, as coisas vão dar errado e...

— Adriano, pelo amor de Jesus Cristo, esquece a Manuela! — levantei meu tom de voz, realmente irritada. — Vive sua vida e para de ficar preso a algo que não tem futuro.

— Você não tem como sab...

— Eu sei, sim!

— Podemos mudar de assunto? Eu quero saber exatamente o que você e meu pai estão fazendo e como posso ajudar.

Então eu expliquei para ele o que pretendíamos.

Contei como me infiltrei na *Petrolío* e como me aproximei do Domenico para tentar ganhar um pouco da sua confiança assim que soube que ele voltaria para a empresa. Lidar com o velho caduco era muito mais fácil, mas desde o início soube que as coisas não seriam tão simples com o Babaca Júnior.

Escolhi meu apartamento perto do dele e me matriculei na sua academia em uma tentativa de aproximação. Para ser sincera, não era minha intenção flertar com Domenico, mas percebi ser meio inevitável e apenas me deixei levar.

Só havia benefícios, ué!

Inicialmente, eu só queria sua simpatia, uma possível amizade para que ele não desconfiasse de mim. Criei algumas oportunidades e permiti que Domenico visse uma parte de mim que ele só conheceria em uma outra vida (se tivesse outro sobrenome). Deixei que ele enxergasse a Ana Carolina de verdade e camuflei a parte vingativa que só existia por causa dos Perazzo.

Eu não era uma pessoa ruim... Bem, apenas para aqueles que tentassem arruinar a minha família.

Não foi nada difícil lidar com ele. A única coisa que precisei fazer foi esconder algumas informações e ignorar o fato de que eu o odiava. O que agora vejo o quanto foi perigoso, porque eu me perdi um pouco no personagem e abri minhas pernas na primeira oportunidade.

Vadia burra!

— E isso das metas vai causar realmente algum impacto?

— Sim, acho que é uma boa garantia para nós. Coloquei metas difíceis, mas eu me garanto. Se eu não fizesse isso, ele provavelmente me tiraria lá de dentro. Vou fazer meu trabalho da melhor forma e dar um jeito de encontrar alguma ilegalidade porque eu sei que tem.

— E se não tiver?

— Vai ter, nem que eu tenha que me encarregar disso.

— Como tem certeza de que vai dar certo, Carol? Não acha arriscado demais? Não é melhor simplesmente não cumprir as metas?

— E foder minha empresa no meio do caminho? — indaguei, franzindo a sobrancelha. — Não! Farei uma denúncia e ainda vou sair por cima. Fica tranquilo, tenho alguns casos para me espelhar. Estudei bastante. Em 2015, uma grande empresa de automóveis estava fraudando emissões e quem denunciou foi a consultoria de ESG. O escândalo foi absurdo e afetou a economia deles em um nível sobrenatural.

— O Domenico vai te matar. — Meu irmão riu e eu dei de ombros.

— Quero ver ele tentar.

É óbvio que não contei para Adriano as coisas que eu e o Domenico tínhamos feito, aquilo não estava no cronograma, foi apenas um lapso de bom julgamento somado a muito tesão acumulado.

Não iria acontecer de novo.

Ele é só um homem bonito. Existia uma infinidade de outros no Rio de Janeiro para trepar! Agora seria muito mais fácil, eu não precisava mais mentir e muito menos entrar naquele joguinho.

Ignoraria toda a química e focaria no ódio que era muito mais potente. Pararia de pensar com a minha boceta traidora e o manteria bem longe de mim.

Domenico Perazzo nunca mais seria uma distração.

Capítulo 21



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Os dez dias seguintes foram caóticos. Nós estávamos em pé de guerra e brigamos literalmente todos os dias. Já estávamos em combustão, um com raiva do outro por tudo o que tinha acontecido e sendo obrigados a trabalhar juntos por mais tempo.

Eu não dei uma folga, cobrava absolutamente tudo, fazendo com que a desgraçada explicasse cada um dos seus passos. E claro que ela estava irritada com tudo isso, principalmente por precisar trabalhar em uma sala minúscula sem todas as regalias que tinha antes.

Até o mínimo detalhe era suficiente para que eu chamassem sua atenção, sobre qualquer coisa que fosse. Era difícil acreditar nas suas sugestões porque, na verdade, eu sabia que Ana Carolina Lacerda queria foder a minha empresa. Dante, Manuela e Ícaro achavam que ela jamais se queimaria no mercado, que provavelmente não faria nada preocupante demais. Já eu não duvidava de que ela estivesse cagando para sua imagem.

Decidimos manter as aparências e quando todos (incluindo meu pai) questionaram as metas ousadas, dissemos que queríamos realmente fazer a diferença e várias outras baboseiras que ela inventou.

De alguma forma, aquilo foi positivo para a *Petrolio* e talvez esse fosse o motivo pelo qual a maldita estava tão irritada. Dei umas entrevistas, fomos até convidados para alguns eventos importantes de sustentabilidade em que éramos vistos com “maus olhos”.

Era nítido que ela não tinha entrado na minha empresa para promover a sua, a cobra tinha deixado claro que era gratificante ter nas mãos. A cretina estava atrás de vingança e isso era mais cristalino que a água, mas eu não fazia ideia do que ela planejava.

A ecochata que parecia viver dentro de um arco-íris chegou a comentar com tanto entusiasmo como se tivesse tido uma epifania: “*talvez a Carol queira isso, que você dependa dela, que fique em*

dívida. Para poder jogar na cara que sua empresa só conseguiu se reerguer por causa dela.”

Eu cheguei a rir da ingenuidade daquela mulher. Não sei como uns meses atrás cogitei que ela tivesse escondido a Giovanna por retaliação ou algo do tipo por todos os anos de brigas entre eles.

Ajudar minha empresa a ganhar mais dinheiro? Fazer a *Nexus* crescer em cima da *Petrolio*? Que tipo de vingança idiota seria aquela?

Mesmo que eu a conhecesse tão pouco, podia ver muita coisa no seu olhar. Ela chegou para me destruir, não para prosperar às minhas custas.

Em contrapartida, isso também estava acontecendo. Soube até mesmo que a empresa dela estava sendo cotada para cuidar de uma multinacional focada em produtos de higiene.

— Eu não quero ir nessa festa — ela disse assim que eu avisei sobre o evento que teríamos que comparecer.

— Ah, sinto muito, pareceu que eu estava perguntando? — indaguei, fingindo estar muito preocupado e depois dei uma risada fraca. — Não disse que era uma escolha.

— Você pode levar literalmente qualquer pessoa!

— Deixa de ser idiota, acha que quero que você vá para ser uma companhia? — perguntei, debochado, e Ana Carolina me encarou furiosa. — Um investidor estará presente e quer entender melhor sobre a sua área.

— Importante? — Ela arqueou uma das sobrancelhas.

— Não é da sua conta. Não te pago para meter o bedelho nas minhas coisas e sim para fazer seu trabalho.

Ela cruzou os braços e projetou o queixo para frente.

— Como assim não é da minha conta? Caso não se lembre, meu trabalho é saber com quem preciso lidar, que tipo de abordagem fazer...

— Te envio por *e-mail!* Inferno! — eu a interrompi porque já estava com dor de cabeça de ouvir a voz daquela mulher.

Alguns minutos atrás, estávamos discutindo sobre as questões da pegada hídrica das operações da *Petrolio* e me estressei com as ideias utópicas que ela propôs.

Passei as duas mãos pelo rosto, parando nas têmporas para massageá-las lentamente. Quando percebi que não adiantaria nada, abri minha gaveta de remédios e tomei um comprimido de *Advil*.

— Uma dúvida... Com que frequência você vai à farmácia? — ela perguntou, acabando com o silêncio maravilhoso que havia se instalado na minha sala.

Eu a olhei sem paciência alguma, odiando o sorrisinho divertido no seu rosto.

— Você já acabou o que veio fazer aqui?

— Não... — Ela examinou a sala, brincando com a caneta perto dos lábios, atraindo toda a minha atenção. — Preciso saber qual o tipo de roupa para o evento.

Suprirei a vontade de mentir o código de vestimenta para que a cobra traiçoeira passasse vergonha. Precisava que ela fizesse seu papel.

— Gala — disse de má vontade. — Espero que tenha uma roupa adequada.

Ela deu uma risada divertida e depois me olhou com desdém.

— Querendo usar meu charme para conseguir investidores, Domenico? — implicou.

— Como se isso fosse funcionar...

— Funcionou com você — respondeu de forma atrevida, erguendo uma das sobrancelhas e ajeitando a postura.

Definitivamente aquela mulher gostava de me tirar do sério. Sentia prazer em esfregar na minha cara todas as minhas falhas e a forma como tinha me enganado, mas ainda não tínhamos tocado naquele assunto.

O que ela queria dizer? Estava assumindo que me seduziu com segundas intenções? Era difícil acreditar. Porra, eu estava ali! Ouvindo sua respiração entrecortada, o seu coração disparado pela minha presença...

A vozinha na minha cabeça riu de mim de forma debochada, lembrando que não era a primeira vez que isso acontecia. Hoje em dia eu avistava de longe mulheres interesseiras, mas sempre fui um cara bonito, normalmente podia escolher quem eu quisesse!

Não era como se fosse a porra de um sacrifício!

— Era mais uma das suas mentiras, então? — perguntei, irritado, tentando não transparecer.

Ela me encarou, parecendo desconfortável por apenas uma fração de segundos. Talvez fosse impressão, eu não saberia dizer. Ler aquela infeliz era impossível.

— Ah, você ficou chateado? — questionou, deixando que o sarcasmo escorresse pelas palavras.

Apertei a mandíbula, cerrando os dentes.

— Meu Deus, você ficou. Sinto muito, Domenico, mas nunca tive interesse algum por você — confessou, comprimindo os lábios e repuxando-os para o lado.

Ela não parecia sentir nem um pouco, a filha da puta. A forma como falava, a postura desdenhosa. Eu tinha certeza de que Ana Carolina Lacerda estava se divertindo ao me fazer de trouxa. E com razão, porque eu era um idiota de merda!

— Eu só fiz o que precisava fazer. Não leva para o coração.

— Não levei... — respondi com um sorriso falso. — Mas meus parabéns pela sua atuação, porque deixar sua boceta melada daquele jeito só pelo bem do seu papel foi digno de um Oscar.

Ana Carolina piscou, levemente desconcertada, porque provavelmente não estava esperando que eu dissesse alguma coisa. Sua boca se entreabriu, mas logo se fechou.

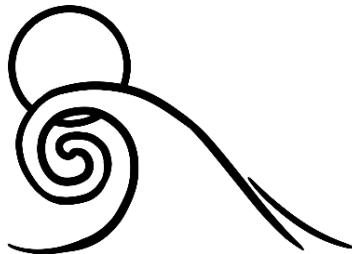
— Apenas fiz o que precisava fazer — repetiu, seca.

— Sim... E tudo bem, você só é mais baixa do que pensei.

Percebi que ela me encarou por alguns segundos, parecendo realmente incomodada, mas só o que fez foi se levantar e deixar a sala. Empurrei meu *laptop* com força e levantei da cadeira.

Estava putô para caralho!

Como eu havia me enfiado naquela situação?



Os meus amigos não perdoaram, passaram a porra da noite inteira me atormentando. Nós mudávamos de assunto, mas eles continuavam debochando do quanto eu era otário.

Claro, porque eu era.

— Sério, não consigo tirar isso da minha cabeça. Que vadiazinha sorrateira — Yuri comentou, ainda incrédulo.

— Bem, mas ela é gostosa — LP ponderou. — Veja o lado positivo, pelo menos deu uns pegas em uma gostosa!

— Acredite, sabendo quem ela é, preferia não ter chegado nem perto.

— Ah, faça-me o favor, Dom! — meu amigo bufou.

— Estou falando sério, Luís Paulo.

— Ui, Luís Paulo... — zombou, fazendo com que Yuri gargalhasse. — Não adianta ficar putinho e descontar em mim. E não mete essa, aposto que estava com a mão esfolada de tanto tocar punheta pensando na loirinha.

Me inclinei sobre a mesa e dei um tapa na sua cabeça.

— Ai! — ele gemeu de dor, mas sem parar de rir.

— Não consigo acreditar que eles estão de volta. A hora que isso estourar, o Círculo vai desabar.

— Não vai estourar, Yuri, porque vocês vão manter a porra da boca de vocês bem fechada.

Meu amigo levantou as mãos no ar, como se estivesse em redenção, repetindo a palavra “claro” diversas vezes. Eles não sabiam sobre a Tália e o que tinha acontecido no passado, mas confiava nos dois o suficiente para contar sobre o golpe que estava correndo o risco de tomar.

E Yuri seria o primeiro a descobrir se qualquer coisa vazasse no C.O., era importante ter alguém tão ativo lá dentro sabendo sobre os acontecimentos.

— Já parou para pensar que o Adriano possa estar tentando voltar para o Círculo através da Marcella? — comentou, pensativo.

— Impossível, eles estão por um triz de serem expulsos — lembrei, estalando a boca e dando um gole no meu uísque.

— Sabe o que seria do caralho? — Luís Paulo se mexeu empolgado na cadeira. — Porra, eu sou um gênio!

Nós rimos ao mesmo tempo e ele bateu na mesa, se exaltando mais uma vez.

— Anda, gênio... — Yuri incentivou, rindo. — O que seria do caralho?

— Bem, é bem óbvio que eles querem te foder e te tirar do sério...

— Nossa, realmente, você é um gênio! — exclamei, cheio de sarcasmo. — Yuri, eu não tinha pensado nisso quando contei para vocês que a inimiga da minha família se infiltrou na minha empresa com o nome de outra pessoa! Meu Deus!

— Há-há. — Ele retorceu o rosto em uma careta. — Voltando... Levando em consideração que vocês dois são malucos e concordam com os absurdos que as famílias psicopatas de vocês acham ok...

Yuri gargalhou.

— Eu não concordo com tudo — deixei claro.

— Nem eu!

— Vocês dois provavelmente vão entrar em casamentos arranjados — LP lembrou, revirando os olhos. — São tão psicopatas quanto eles!

— Não é tão ruim quanto você acha — ele se defendeu, e eu dei de ombros, concordando.

Era uma verdade. A questão dos casamentos por conveniência dentro do Círculo de Ouro funcionava perfeitamente bem. Alguns casais até mesmo eram felizes, mas é claro que a maioria mantinha tudo pela fachada. Era uma questão de lealdade, não amor.

— É péssimo, mas enfim... — LP fez todo um suspense. — E seeeeeeee....

— E se?^[11] — indaguei, rindo.

— E se você se casar com a Marcella? — Dei uma risada, o idiota não podia estar falando sério.

— Isso só pode ser piada! Você se esqueceu das merdas que rolaram com o meu irmão?

— Não são vocês que enchem a boca para dizer que tudo é um negócio e pipipi e popopó?

— Ele tem um ponto. — Yuri pareceu pensativo e eu o olhei em repreensão.

— Tá, mas...

— Mas nada! Foda-se! — meu amigo me cortou, jogando as mãos para o ar. — Isso vai deixar o Adriano ainda mais puto e se eles estiverem tramando algo, vai tudo por água abaixo.

— Meu Deus, sim! — o idiota do Yuri concordou. — Bem, tudo bem que você terá que aturar a Marcella, mas você já estava cogitando isso antes de toda a confusão com o Dante...

— Não vou casar com a Marcella, porra!

— Yuri tem um ponto e além do mais, você vai pegar a mulher que ele está comendo, caralho, não tem vingança melhor que essa!

— E isso iria fortalecer para caralho o nome dos dois dentro do C.O. — meu amigo pontuou.

Sabia muito bem disso. Por mais que eles estivessem por um triz, aquilo só estava acontecendo porque pisaram no calo de alguém maior que eles. Aos olhos do meu pai, uma união com os Rangel ainda era um ótimo negócio.

Na verdade, agora eu estava cagando para minha família ou a posição dentro daquela sociedade, mas a possibilidade de irritar os Lacerda me parecia bem atraente.

Eu jamais me casaria com a Marcella, no entanto. Não depois do que ela tinha feito para prejudicar o meu irmão. Não iria salvar o rabo daquela estúpida, mas...

Talvez eu não precisasse ir até o fim... Talvez somente o burburinho fosse o suficiente para deixá-los desesperados. E eu não estaria sendo um filho da puta mentiroso (mesmo que a Marcella merecesse). Deixar no ar que eu poderia estar cogitando uma união não era nenhuma promessa ou acordo.

Seria muito gratificante se eu pudesse desestabilizar aquela família. Nem que fosse um pouquinho.

Capítulo 22



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Eu havia passado a manhã inteira com a minha mãe, acompanhando-a em uma das sessões de quimioterapia. Fiquei fazendo alguns amigurumis ao seu lado, ouvindo as fofocas do hospital.

Dona Carmen estava xingando uma das chefes porque ela começou a obrigar as enfermeiras a cumprirem plantões atrás de

plantões e uma até chegou a ameaçá-la, avisando que chamaria a polícia para dizer que estava em cárcere privado. Achei levemente preocupante, mas pelo menos ficar por dentro das fofocas ocupava sua cabeça.

Soube que meus irmãos também a visitaram, mas como ninguém queria sobrecarregar minha mãe, eles apenas conversaram sobre coisas banais. Minha irmã só respondeu uma das dezenas de mensagens que eu enviei e disse exatamente a mesma coisa: que se eu iria insistir naquele absurdo, preferia manter distância.

Julia também falou que não me privaria de encontrar o Lucca e pediu que eu combinasse com seu marido caso quisessevê-lo. Ao menos ela não tinha me bloqueado como fez com nosso pai. Era uma merda, mas eu iria resolver nossa relação quando terminasse o meu trabalho.

Lidar com Domenico havia se mostrado mais difícil do que eu imaginei. O maldito decidiu tornar a minha vida um verdadeiro inferno dentro daquela empresa, mas eu estava lidando com maestria.

O Babaca Júnior me irritava demais. Provocava os piores sentimentos, porém, eu tentava não me abalar (muito). Confesso que as últimas palavras dele atingiram mais fundo do que eu esperava.

"Você só é mais baixa do que pensei."

Eu tinha plena consciência de que não era essa pessoa. Nunca cogitei seduzir ninguém para conseguir alguma coisa, então falei o que precisava. Não podia deixar que ele soubesse o quanto me afetava, demonstrar fraqueza poderia arruinar tudo.

Meu pai não era o tipo de cara que aceitava perder e tinha me ensinado isso desde que eu era uma criança. Sendo assim, eu diria o que fosse para provar que estava por cima.

Afinal, era apenas desejo.

Percebi que Pamela não estava em sua mesa, o que era ótimo, porque sabia que Domenico ficaria puto por eu "não ser anunciada". Ótimo, deixá-lo puto fazia o meu dia mais feliz.

Segurei a maçaneta e respirei fundo antes de abrir a porta. Lidar com aquele insuportável me exigia muito ultimamente. Não

estava preparada para a cena que eu vi assim que entrei e foi inevitável não me desmontar por inteiro.

Sua camisa estava dobrada até os cotovelos e ele brincava com a sobrinha de aviãozinho, erguendo-a no alto da sua cabeça, gargalhando enquanto Giovanna fazia o mesmo.

As risadas ecoavam pelo cômodo e meu coração se derreteu um pouco quando ele disse com uma vozinha fofa: "*quem é a neném do titio?*" e ela respondeu: "*Gigi! Gigi!*".

Não sabia o porquê homens com crianças ficavam ainda mais irresistíveis, mas naquele momento, eu me esqueci completamente do maldito sobrenome que ele tinha e o fato de que sua família tinha destruído a minha. Ou talvez tenha optado por ignorar aquela informação porque parecia errado demais. Por um instante, o tempo congelou e todas as mágoas e ressentimentos se dissolveram.

Uma risadinha incontrolável fugiu de mim e a atenção dos dois se voltou para mim imediatamente. Na mesma hora, seu rosto ganhou uma coloração avermelhada e Domenico limpou a garganta, ajeitando a garotinha no seu colo para parecer mais sério. Gigi deu um gritinho e bateu palminhas no ar ao me ver, arrancando um outro sorriso involuntário.

Ela era tão linda...

— Ei, Gigi! — falei, chegando mais perto sob seu olhar cauteloso.

— O que faz aqui? — perguntou, seco, afastando-a de mim em um movimento de reflexo.

Eu o encarei por alguns segundos, perplexa. Não conseguia acreditar que ele achava que eu faria alguma coisa para uma criança.

— Sério? Eu não sou um monstro...

— Temos que discordar — respondeu sem vontade e revirou os olhos quando ela tentou se jogar no meu colo.

— Tudo bem, bebê? — perguntei, ignorando-o e fazendo um rápido carinho na sua cabecinha. — Você veio ver o seu tio?

— Xim!

— Que legal! Ele te deu o bichinho que eu mandei para você de presente? — perguntei, e na hora que ela ouviu a palavra

“presente” seus olhinhos se arregalaram.

Sua atenção se voltou para ele e a garotinha cruzou os braços, quase como se estivesse esperando por uma explicação. O que era muito engraçado e foi inevitável que nós dois não déssemos uma risada (uma interação que durou menos de dois segundos, porque lembramos que não tínhamos aquela intimidade).

— *Ninico? Pesente? Cadê?*

Domenico me fitou com ódio, mas tudo o que eu fiz foi rir. Era engraçado ver um cara de quase dois metros de altura furioso segurando uma micromenininha de maria-chiquinhas e com um vestidinho rosa.

— Está lá em casa, Gigi. Depois eu te dou, ok?

Eu gostava de como ele sempre abaixava o tom de voz para falar com ela, da forma como seu olhar também mudava sempre que se dirigia à Giovanna. Era possível ver o amor incondicional daquele homem com sua sobrinha e naqueles momentos eu me questionava sobre muitas coisas.

Se não houvesse um passado entre nós dois, Domenico seria o tipo de cara por quem eu me apaixonaria.

Sem pensar duas vezes, sem que eu nem mesmo percebesse.

Havia algo que me puxava na sua direção, que me intrigava de um jeito que nem mesmo sabia explicar. Ele não era como nenhum outro homem com quem eu tinha me relacionado. Era irritante, não fazia sentido e eu não conseguia me livrar daquele sentimento de desconforto.

— Por que está me olhando assim? — Domenico quis saber, franzindo o cenho.

Caralho, como eu estava olhando para ele? Eu precisava tirar aquele idiota da minha cabeça. Não podia focar nos seus olhos de tirar o fôlego e naquele sorriso lindo que ele tinha, não a ponto de esquecer o sobrenome que ele carregava.

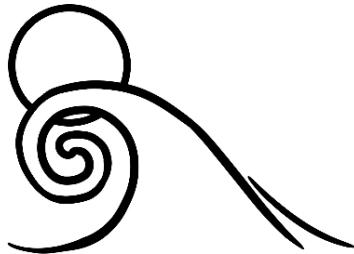
— Nada — falei, agitada, pigarreando e desviando o olhar para qualquer outra coisa.

— Afinal, o que veio fazer aqui?

— Ahn... Eu volto depois — afirmei, dando alguns passos para trás e batendo com minha panturrilha na mesinha que ficava no

meio do caminho.

Xinguei baixinho, massageando de leve o local, já imaginando o hematoma que surgiria em breve. Nem mesmo esperei para ver sua reação, me despedi da Giovanna e simplesmente saí da sala, fugindo dele como o diabo fugiria de uma cruz.



Estava com raiva de mim mesma. Aquele momento à tarde combinado com a avalanche de inconsistência dos meus pensamentos havia afetado até mesmo minha memória.

Trabalhei até umas oito horas, lotada de relatórios inúteis que o desgraçado me obrigou a fazer. E quando finalmente chequei o relógio, esqueci que tinha ido até sua sala mais cedo para pegar uma assinatura com urgência porque o meu sócio precisava enviar um recibo para o financeiro da empresa.

Se eu ligasse perguntando se poderia passar no seu apartamento, o idiota certamente diria que não, então achei melhor ir até lá de uma vez. Assim que cheguei, o porteiro interfonou e como eu imaginei, Domenico queria saber o motivo da minha "visita". Afirmei que era urgente e pedi que ele descesse, mas para minha surpresa, o funcionário liberou minha entrada.

Conforme eu andava pelos corredores do prédio luxuoso, sentia minhas pernas tremendo e meu coração acelerado. Encarei meu reflexo no espelho assim que pisei no elevador, dando-me um esporro mental porque era ridículo que eu estivesse daquele jeito.

O caminho até seu apartamento pareceu durar uma eternidade e ele demorou para atender a porta. Domenico vestia uma calça flanela de xadrez e uma camiseta branca e aparentemente tinha acabado de sair do banho. O cabelo molhado, as gotinhas perto do pescoço e o cheiro de sabonete que impregnou minhas narinas o entregavam.

Deus, ele era lindo.

— O que você quer? — perguntou sem paciência, apoiando o antebraço na porta. — Além de me atormentar na empresa, achou que seria bom vir até minha casa?

— Acredite, sua casa é o último lugar que eu gostaria de estar. Inclusive, pedi que descesse justamente porque não queria estar aqui.

— Minha sobrinha está dormindo.

— Não vou ficar mais do que trinta segundos, só preciso da sua assinatura.

— Você é completamente louca se acha que vou assinar mais algum papel sem ler cada palavra dele. Pode entrar... — falou, dando-me passagem e depois se virou na minha direção, apontando o indicador para mim. — Não faça barulho e não mexa nas minhas coisas.

— Eu não pretendia — afirmei, revirando os olhos enquanto ele me fitava como se não acreditasse.

Examinei a sala ampla diante de mim. O apartamento era lindo, parecia ter saído diretamente daqueles vídeos "Casa Vogue". Os móveis modernos em um estilo mais *clean* com certeza eram assinados por alguém famoso e tudo ornava perfeitamente.

Havia algumas peças de decoração espalhadas, mas o quadro gigante acima da mesa de jantar com a montanha do meu filme preferido foi o que mais me chamou atenção.

Não parecia infantil, pelo contrário, o quadro trazia um estilo meio gótico, sombrio e melancólico. O cenário focava na lua e na montanha curva, que era feita de metal. Era impactante, uma verdadeira obra de arte, e eu amaria acordar todo dia e ter aquela visão.

Engoli em seco, lembrando do encontro que tivemos na festa e também dentro do seu escritório. Tudo o que eu conseguia pensar era: como eu gostaria que Domenico não fosse o homem que eu conheci naquele *Halloween*.

Foram dias pensando naquele beijo, imaginando se no ano seguinte ele estaria no mesmo lugar. Eu tinha decidido que no

próximo dia 31 de outubro iria até aquela casa com a mesma fantasia em uma tentativa ridícula de encontrá-lo.

Percebi que já estava encarando o quadro há um bom tempo e quando virei o rosto, nossos olhares se cruzaram e tive a estranha sensação de que Domenico estava me observando.

— É lindo — foi só o que eu disse, como se não pudesse me conter e ele concordou, sem dizer uma única palavra. — É novo?

— Não, eu ganhei do meu irmão tem uns anos.

— E parece... — Voltei a olhar o quadro e as palavras morreram na minha boca.

— Sim, parece sua tatuagem — afirmou, sério.

Havia algo além no seu olhar, entretanto. Não era só o ódio que ele nutria por mim agora, podia visualizar uma fagulha de ressentimento ocasional, uma espécie de descontentamento. E talvez eu fizesse ideia do que estava por trás porque também me aborrecia o fato de que, de todas as pessoas, aquela interação na festa tivesse sido logo com ele.

Eu me perguntava “por que ele?” e algo me dizia que Domenico se questionava sobre a mesma coisa. Porque aquele momento, o que tivemos duas vezes, havia me marcado o suficiente.

No instante em que aquele homem desconhecido sorriu e disse a frase do meu filme preferido, todo o meu mundo parou. O que parecia tão banal me envolveu em uma conexão que nunca imaginei ter com ninguém. A sensação era de que o universo estava gritando que aquela pessoa era perfeita para mim e foi por isso que o beijei sem hesitar.

Domenico soltou o ar fazendo um pouco de barulho e se virou, caminhando até um dos móveis da sala. Pegou uma caneta elegante e sentou na mesa de jantar, encostando a ponta em cada uma das palavras enquanto lia atentamente o documento.

Fiquei ali, parada no meio da sala, apertando minhas mãos uma na outra e observando os demais itens de decoração.

— Clara Leandra Caiano... — ele comentou, como se estivesse falando consigo mesmo, dando uma risada que estava longe de ser divertida. — De tantos nomes para escolher, você realmente achou

que Clara Leandra fosse uma opção boa? Tenho pena dos seus futuros filhos.

Não disse nada e ele levantou os olhos na minha direção para se certificar de que eu tinha ouvido. Mordi a parte interior da minha bochecha e o encarei por mais alguns segundos enquanto andava na sua direção.

Observei que ele não estava com um celular por perto, mas para me certificar, inclinei meu rosto bem perto do dele. Ignorei o frio no meu estômago pelo seu olhar fixo em mim.

— Sabe o que é um anagrama, Domenico? — perguntei quase em um sussurro e ele deu um sorriso de canto.

— Eu aposto que estava morrendo de vontade de se gabar sobre isso.

Sorri, dando de ombros e me afastando novamente. Não parecia nada inteligente ficar tão perto assim, principalmente se eu estava dentro do seu apartamento. E para ser sincera, a minha última preocupação era que ele pudesse me matar ou algo do tipo, o meu maior medo é que eu não fosse capaz de resistir caso Domenico me tocasse.

Sua atenção se voltou para a folha e ele assinou o documento, levantando-se em seguida. Caminhou até onde eu estava e esticou as mãos com os papéis para mim.

— Afinal, você entregou o presente que mandei para a Giovanna?

Sua expressão se modificou no mesmo instante e ele me encarou cheio de ódio.

— Você não sente um pingo de vergonha na cara? — vociferou com um tom de voz baixo, chegando o rosto mais perto do meu. — Tudo bem ser uma filha da puta comigo, mas usar uma criança para seus objetivos baixos?

— Nunca usei a Giovanna para nada, Domenico.

— Acha que acredito em você?

— Sei que acha que sou um monstro, mas eu jamais faria algo assim. Adoro a sua sobrinha e me empolguei um pouco porque só a conhecia por vídeo e foto. Eu teria dado o presente para a Manuela, de qualquer forma.

Ele deu uma risada sem vontade, o som pairando entre a descrença e a indignação. Balançou a cabeça em uma negativa e eu bufei irritada. Deveria ir embora, não sei o que ainda continuava fazendo naquela casa. Estava decidida a deixar o apartamento, mas assim que me virei, senti sua mão firme no meu pulso e dei os papéis caírem no chão.

Em um movimento involuntário, me abaixei. Domenico fez o mesmo e meu olhar encontrou o dele assim que nossas mãos se tocaram. Não sei dizer quanto tempo nós ficamos assim, meu coração batia rápido demais para que eu pudesse contar. Dentro de uma infinidade de ramificações verdes que se entrelaçavam ao castanho, eu me perdi.

Acho que durou apenas alguns segundos, porque eu parei de respirar, mas não sei ao certo. Meu foco enfraquecido não foi capaz de me tirar daquela situação, então eu permaneci ali, ignorando que todo o mundo existia ao meu redor.

Engoli em seco quando seus olhos desviaram para a minha boca e cometi o erro de fazer o mesmo por um milésimo de segundos. Era como se estivéssemos presos em uma atmosfera quase hostil, em uma disputa para ver quem cederia primeiro.

Uma vozinha de criança ecoou nos meus ouvidos e ele se levantou no mesmo instante. Limpei a garganta e passei as mãos pela saia do vestido, alisando-o em uma tentativa de fingir que nada tinha acabado de acontecer.

Domenico foi até a porta e a abriu, deixando claro que estava me expulsando do apartamento. E antes que eu pudesse sair, ele olhou no fundo dos meus olhos e disse com rispidez:

— Não envolva mais minha sobrinha nas suas palhaçadas. — E fechou a porta, fazendo com que eu sobressaltasse de leve.



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Meus olhos estavam fixos no vestido preto de gala. O corpete feito com um tule transparente e bordado revelava de forma sutil as curvas do seu corpo, marcando bem a cintura. Lembrava uma *lingerie* elegante e aguçava minha imaginação de um jeito que não me deixava nada feliz. A saia era rodada e volumosa e dentro daquela roupa, Ana Carolina parecia a porra de uma princesa.

Se a princesa fosse uma vilã.

Vê-la daquele jeito realmente mexeu comigo. Chegava a ser ridículo o quanto aquela mulher era linda. Qualquer pessoa ao redor se tornava um acidente de percurso e eu tinha certeza de que, se precisassem de um único espécime de ser humano perfeito para clonagem, seria ela.

Assim que desceu as escadas, a maldita veio na minha direção, atraindo todos os olhares pelo caminho. Alguns homens interromperam suas conversas e também vi umas mulheres cochichando enquanto balançavam suas cabeças de forma positiva, claramente elogiando sua roupa.

— Boa noite. — Ana Carolina abriu um sorriso falso ao me cumprimentar com um beijo de cada uma das minhas bochechas.

— Noite — respondi de má vontade, já irritado com o cheiro viciante do seu perfume.

Ela me deu uma rápida olhada de cima a baixo e em seguida pegou uma taça de champanhe oferecida pelo garçom que se aproximou. Um silêncio desconfortável pairou entre nós, e eu segurei o comentário sobre o quanto ela estava linda. Ignorei o pensamento de que minha professora de etiqueta e minha mãe me dariam um esporro ao ver aquela cena.

Ana Carolina Lacerda não merecia elogio algum.

— E então, meu vestido é adequado o suficiente? — perguntou, debochada, porque eu provavelmente estava encarando.

Estúpido e idiota!

— Sim, é adequado.

Ela me encarou por alguns segundos, parecendo divertida. Porque é claro que aquela cobra peçonhenta desgraçada sabia que mexia comigo.

— Nem um elogio, Dom? Que deselegante — implicou, e eu a fuzilei com os olhos, fazendo-a rir.

— Já mandei...

— Não me chamar assim — ela completou com um tom de voz tedioso. — Já sei, mas não faço suas vontades. Além do mais, gosto de te ver estressado, acho que faz bem pra minha pele.

Puxei uma respiração, dando um gole na minha bebida para não xingá-la na frente das pessoas.

Universo, por que você me odeia tanto?

— Deve ser por conta de todas as árvores que você matou — ela respondeu, debochada, confirmando que eu não tinha feito aquele questionamento dentro da minha cabeça.

Maria Manuela certamente concordaria com ela.

— Bem, estou aqui — decretou, passando os olhos pelo salão e bebericando seu champanhe.

— Eu realmente preferia que não estivesse.

Graças ao meu bom Deus não precisei ficar naquele papo furado porque o meu investidor acenou ao me ver. Cumprimentou um colega que estava ao seu lado e veio caminhando na minha direção, agitado. Eu a olhei de forma ameaçadora antes que o homem chegasse e falei entredentes:

— Não faça merda.

Fiz as apresentações assim que ele chegou, mas, infelizmente, João nos deu a notícia que precisaria falar com um amigo que iria embora mais cedo do evento. Pediu que esperássemos um pouco para que conversássemos e é claro que eu garanti que não havia problema.

Eu só precisava aturar a maldita até lá. Nada demais, apenas o inferno na Terra.

Avisei que daria uma volta e a encontraria depois, não queria continuar respirando o mesmo ar que ela, sentindo aquele perfume insuportável que me desconcentrava.

Troquei o champanhe por uísque porque realmente precisava de algo mais forte. Interagi com algumas pessoas da área que eu conhecia e muitos elogiaram o passo que a *Petrolio* estava dando com toda a questão de ESG.

Alguns amigos do meu pai apareceram algum tempo depois e eu precisei colocar uma máscara, fingindo que tudo estava bem. Um deles ficou exaltando o quanto Genaro Perazzo era um homem de valor, que fazia de tudo por sua família e que eu deveria ser muito agradecido por ter um pai como o meu.

Ô... Como deveria.

Nos minutos que passei dentro daquela rodinha de velhos babacas, bebi mais copos de uísque que pude contar e dei tantos sorrisos falsos que minha bochecha já estava doendo.

Assim que encontrei uma brecha, avisei que precisava ir ao banheiro e fui para o segundo andar. Precisava de um pouco de espaço, não aguentava mais ficar perto daquelas pessoas insuportáveis.

O evento estava acontecendo no Julieta de Serpa, uma casa de eventos localizada na praia do Flamengo. A decoração do espaço era linda e eu me distraí observando os detalhes da arquitetura do lugar até encontrar uma porta entreaberta.

Espiei para ver Ana Carolina apoiada em uma das pilasstras próxima à janela, com os braços cruzados um sobre o outro. As luzes da sala estavam apagadas, mas a lua iluminava o ambiente, deixando o branco da sua pele ganhar destaque no meio da escuridão.

Seu olhar parecia perdido no que acontecia ao lado de fora, ignorando tudo ao redor. Não sei dizer se a culpa era do álcool, mas foi inevitável não me aproximar. Era como se ela fosse a única fonte de luz do local e eu me vi como aqueles bichinhos, voando em direção ao que os atraía e também os queimava.

Ela provocava exatamente aquela sensação.

Assim que minha sombra surgiu no reflexo da janela, sua cabeça se virou na minha direção.

— O que faz aqui? — perguntou, voltando a olhar o horizonte através do vidro.

— Precisava respirar um pouco. E você? — Parei ao seu lado, curioso para ver o que estava capturando toda sua atenção.

— Mesma coisa.

— O que está olhando aí? — indaguei, não me aguentando.

Ah, foda-se, eu estava bêbado!

Ana Carolina se virou, ficando de frente para mim e só então eu percebi que tinha me aproximado demais. Seus olhos encontraram os meus e ela me encarou por alguns segundos.

— Só estou vendo as pessoas vivendo suas vidas... — comentou, apertando um pouco mais os braços.

Senti um certo alívio por não receber uma resposta atravessada. Estava cansado e tudo o que eu não desejava era entrar em uma discussão. De alguma forma, ela também não demonstrava estar muito inclinada para isso.

— E...?

— As delas parecem mais fáceis do que a minha — disse, fitando o chão e dando um meio sorriso.

Dei um passo à frente e na mesma hora ela levantou os olhos, fixando-os nos meus. Permanecemos assim por alguns segundos, em um silêncio que não ousava se quebrar. As respirações ganhando um novo ritmo, a tensão preenchendo o ambiente enquanto tudo girava em espiral.

Não sei dizer se foi o álcool misturando-se com a penumbra, mas só quem eu consegui enxergar foi a Clara. E havia algo refletido dentro daquela íris verde que perturbava meus pensamentos, uma espécie de fascinação sombria.

Em um impulso, eu apoiei minhas mãos em sua cintura e puxei contra o meu corpo, eliminando ainda mais o espaço que nos separava. Ela engoliu um suspiro, mas não saiu dos meus braços, muito menos quebrou o contato visual.

— O que torna sua vida tão difícil?

— Você — confessou em uma lufada de ar.

Não consegui reprimir o sorrisinho prepotente. Deixei que uma das mãos subisse lentamente pelo seu braço, observando sua pele se arrepiar com o toque.

Aquela maldita podia ter me seduzido como forma do seu plano, mas dizer que não tinha nenhum interesse real por mim beirava o ridículo. Todo o seu corpo gritava o contrário.

— E como eu faço isso?

— Você não deveria estar aqui — ela mudou de assunto.

— Nem você... E aqui estamos nós, prestes a fazer algo que nós dois vamos nos arrepender amanhã.

Ela engoliu em seco.

— Não podemos fazer isso — afirmou com a voz falhada.

Seu corpo não se moveu e seu olhar desceu para minha boca, mantendo-se fixo ali. A impressão que eu tinha era que ela estava

quase implorando para que eu desistisse do que pretendia. E eu não tinha a mínima intenção de parar.

— Ué, não faz parte do seu jogo? — Um meio-sorriso surgiu em seu rosto e em seguida ela levantou os olhos.

— Talvez... Ou talvez eu não seja tão baixa quanto você pensa — respondeu, afiada, claramente tentando esconder o ressentimento na sua voz.

— Eu pisei em um calo?

— Não tenho um. O que você diz não me afeta.

Dei uma risada, achando graça. O álcool realmente tornava tudo aquilo mais divertido. Eu deveria beber mais durante o expediente.

Minha mão encontrou a base do seu pescoço e eu inclinei de leve seu queixo com o polegar, aproximando meus lábios do seu ouvido. Suas veias pulsavam com força na ponta dos meus dedos e eu amei a sensação. A vontade de beijar sua boca parecia me consumir como fogo, mas vê-la daquele jeito, tentando se controlar, era prazeroso demais.

— E o que eu faço? — indaguei, descendo o polegar e contornando o decote do vestido.

Seu peito subia e descia, a respiração entrecortada queimando meus lábios. Observei os dentes afundarem no lábio inferior, deixando-o branco enquanto o puxava e senti meu pau pulsar apenas com aquele gesto.

O calor transpassava sua pele e incendiava todas as células do meu corpo. Estava completamente louco por aquela mulher e não dava a mínima para os alertas berrando na minha mente mandando que eu me afastasse.

Não era só desejo, era quase como uma necessidade visceral, corroendo-me de dentro para fora, intoxicando-me de uma forma quase doentia. Ela ocupava meus pensamentos, meus sonhos, meus pesadelos...

Antes que eu pudesse finalmente provar o gosto da sua boca, seu celular tocou, sobressaltando-a. Ela se afastou e pegou a bolsa que estava apoiada em um móvel ao lado e o nome "Franciley" brilhou na tela, lembrando-me exatamente quem aquela mulher era.

Cerrei a mandíbula, a fúria cruzando o meu peito e se estabilizando como se finalmente estivesse no lugar que deveria. Nossos olhares se encontraram enquanto suas mãos apertavam o telefone e eu não consegui discernir bem se ela estava desapontada ou aliviada.

— Eu... A gente se vê lá embaixo.

E simplesmente saiu da sala, deixando-me no meio da escuridão, cercado por toda a raiva que me consumia.

Deus, que inferno do caralho! Como odiava aquela maldita!

Eu a odiava por quem ela era, pela forma como dominava cada um dos meus sentidos. Odiava aquela mulher porque não conseguia decifrá-la. Era um ódio mortal por saber que, no meio de um furacão ou desastre natural, ela seria a única capaz de capturar todo o meu foco e minha atenção.

Eu a odiava porque Ana Carolina Lacerda tinha me deixado completamente obcecado.

Por ela e mais ninguém.



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Eu me odiava. Porque só sendo muito idiota para ficar tão afetada por aquele homem insuportável. Na noite anterior, nós chegamos bem perto de fazer uma besteira, algo que ele mesmo disse que iríamos nos arrepender na manhã seguinte.

E agora estávamos discutindo novamente, eu gritando a plenos pulmões porque aquele imbecil não conseguia aceitar as minhas

sugestões.

— Meu Deus, você é tão teimoso! — exclamei, frustrada, dando a volta na sua mesa.

Ele já estava em pé, massacrando aquela pobre coitada da bolinha antiestresse que vivia na sua mão. Empurrei sua cadeira para ganhar espaço e Domenico me fuzilou com os olhos, deixando claro que eu estava testando os limites da sua paciência. Para o seu azar, não dava a mínima.

Inclinei sobre o móvel para alcançar o *laptop*, desconectando-o do cabo de energia e praticamente enfiei a tela no seu rosto.

— Você está vendo isso aqui, seu idiota? — perguntei, apontando para o índice do relatório. — Se continuar sendo relutante, não vamos sair do lugar. Eu sei o que estou fazendo!

— Sabe mesmo? Chega a ser ridículo que ache que vou despender essa quantidade absurda de verba apenas porque você quer!

Meu Deus, como eu ainda conseguia aturar aquele homem insuportável?

— Não “sou eu que quero” — berrei em resposta, furiosa por toda sua relutância.

Não sabia dizer ao certo, mas tudo parecia ainda mais inflamado entre nós. Hoje, de todos os dias, Domenico estava mais intransigente do que o normal. Desde que ele tinha descoberto quem eu era, nossas discussões passaram a ser quase como uma rotina, mas eu estava tão irritada...

Não sabia dizer se a noite anterior foi responsável por aumentar minha fúria, mas eu já tinha entrado naquela sala ansiosa para gritar com ele. E pela forma como Domenico me olhou assim que passei pela porta, tive a impressão de que a vontade era mútua.

— Não vou autorizar essa verba, Ana Carolina! — afirmou, pegando o *laptop* da minha mão e colocando-o com força na mesa.

Dei um passo para trás quando percebi que estávamos perto demais. Meus quadris bateram na madeira e engoli uma respiração ansiosa.

— Ah, foda-se! Estou indo embora, faz o que... — Fiz menção de sair, mas sua mão segurou meu pulso e as palavras morreram na

minha boca.

— Você... — Sua mandíbula estava travada, os olhos refletindo puro ódio. — Você não vai a lugar algum até que a gente resolva isso.

— Fica um pouco difícil quando tem um idiota que não consegue ver uma solução óbvia — respondi, erguendo um pouco o queixo para mostrar que toda aquela intimidação não fazia diferença.

Os centímetros que separavam nossos rostos eram tão insignificantes que nem mesmo pareciam existir. Eu podia sentir o hálito de hortelã refrescante soprando contra meu rosto e o calor da sua respiração formigando na minha pele.

Nós ficamos em silêncio por algumas batidas frenéticas do meu coração e sem que eu percebesse, o oxigênio começou a se tornar rarefeito.

— Porra, você me irrita pra caralho! — ele falou, sem se mover ou soltar o meu pulso.

— É recíproco. E sinceramente, Domenico, faz o que quiser. Não quer seguir minha sugestão? Foda-se! Pra ser sincera, se sua empresa explodir, eu não daria a mínima.

O fogo na sua pupila pareceu aumentar, a raiva sendo visível em cada linha de expressão. A outra mão envolveu meu pescoço e ele me encarou no fundo dos olhos, demonstrando que eu o estava tirando do sério.

— Eu te odeio — afirmou entredentes, o polegar arrastando pela linha da minha garganta.

Tornei a projetar o queixo na sua direção e me forcei a não desviar o olhar para seus lábios. Parecia uma tarefa árdua, uma verdadeira tortura, e a cada segundo eu me perguntava quanto tempo mais iria aguentar. Meus olhos chegavam a arder pela força que eu fazia tentando mantê-los fixos.

— Domenico Perazzo, você realmente me odeia? — perguntei com um tom de falso pesar.

— Sim, odeio você — afirmou, e eu abri um sorriso satisfeito.

— Ótimo, porque pra mim... — sussurrei baixinho, quase encostando meus lábios nos dele. — É uma honra você me odiar.

Não tive nem tempo de esboçar o sorrisinho debochado que eu pretendia, antes que eu pudesse raciocinar, ele puxou o meu rosto e colou a boca na minha.

Então toda a raiva se derreteu junto com meus músculos, nervos e toda minha capacidade de raciocinar. No momento em que sua língua quente girou contra a minha, tudo foi reduzido à poeira.

O beijo não iniciou de forma lenta ou carinhosa. Era esfomeado, urgente, desesperado. Ele soltou meu pulso, apoiando as duas mãos no meu pescoço e algo me dizia que Domenico tinha medo que eu fugisse ou que pedisse para parar.

E no fundo, eu queria aquilo. Realmente precisava que ele o fizesse, mas a cada movimento da sua língua contra a minha, aquele pensamento se esvaía como fumaça.

Nem mesmo tentei buscar por ar, porque se ele parasse o que estava fazendo, a sensação que eu tinha era de que morreria. Estava sendo consumida por labaredas de fogo e só desejava mais e mais. Eu me sentia como uma louca andando sobre brasas involuntariamente, implorando para ser queimada.

O volume rígido contra minha barriga me fez delirar, mas eu não conseguia sequer interromper o beijo para soltar qualquer comentário. Deus, alguém deveria me internar. Só queria ligar o foda-se, esquecer o seu nome e sentar no pau daquele homem.

— Porra! — O palavrão foi dito dentro da minha boca, em meio aos beijos, porque ele não ousava desgrudar a boca da minha.

Eu acho que bateria na sua cara se ele fizesse isso. E depois eu provavelmente choraria de frustração.

Seus lábios desceram pelo meu queixo e mandíbula, os dentes se arrastando por cada centímetro de pele. Suspirei alto e um arrepio espiralou do início até a ponta da minha coluna, no segundo em que senti seus dedos por baixo da minha blusa, deslizando pela minha cintura.

— Você me deixa louco — ele confessou baixinho contra o meu pescoço. — Por que você faz isso?

Então ele passou o indicador pela borda da minha saia, alcançando a renda da calcinha e foi a minha vez de soltar um palavrão.

— Como caralhos você faz isso? — perguntou, parecendo realmente consternado, voltando a olhar nos meus olhos e aumentando o aperto no meu pescoço. — Te fiz uma pergunta!

— Eu... Eu não sei — respondi, ofegante.

Domenico claramente não gostou da minha resposta, sua expressão gritava descontentamento. Aquilo me irritou ainda mais, porque era ridículo que ele me cobrasse alguma explicação para algo que nem fazia sentido.

Nós dois não fazíamos sentido algum, caralho!

— Eu fico do mesmo jeito, se você não percebeu — respondi, franzindo o cenho, sem entender o motivo de todo aquele interrogatório.

Será que a gente não podia voltar para os beijos? Eu realmente preferia isso.

— Não! — ele exclamou, furioso. Era possível ver uma dualidade de confusão no seu rosto, nas suas ações. — Você não tem o direito de dizer isso. Anda!!! Me explica que porra você faz pra me deixar desse jeito... Fala que isso tudo faz parte desse seu plano ridículo!

Eu o encarei, as palavras morrendo na minha garganta. Ele queria um motivo para parar, queria que eu dissesse o que ele precisava. Domenico estava atrás de um freio, qualquer coisa que o segurasse de cair no penhasco.

Infelizmente para nós dois, eu não diria o que ele desejava ouvir.

Era tarde demais para mim, mesmo contra minha vontade, eu já tinha me jogado.

— Sinto te desapontar, Domenico. Realmente gostaria que fosse parte de um plano ridículo — confessei, vendo o desespero nos seus olhos. — Estamos no mesmo barco, eu e você.

— Você disse que não tinha interesse nenhum em mim. — Era visível pelo seu tom que ele ainda estava buscando uma saída.

Eu conhecia aquela guerra interna, a necessidade de se provar errado. Entendia o sentimento de sufocamento e impotência porque acontecia o mesmo comigo. Desde que eu o conheci.

Sabia que não devia a verdade para ele, tinha plena consciência de que Domenico Perazzo não merecia e nem podia saber como me afetava. Ainda assim, olhei no fundo dos seus olhos, já me arrependendo do que eu diria:

— Eu menti.

Ele me encarou por alguns segundos e foi como presenciar a cena de um computador travando.

— Ah, foda-se! — exclamou, voltando a me beijar.

— Sim, foda-se!

— Quero... — ele falava, sem romper o beijo. — Sério, eu preciso muito... Terminar o que a gente começou.

— Acha que é por isso que... — eu interrompi a frase por um suspiro quando senti sua língua no meu pescoço. — Estamos assim?

— Uhum... — murmurou contra minha pele, fazendo com que meus olhos se fechassem. — Parece lógico.

— Parece lógico pra mim também. Acho que é toda a questão da curiosidade, não é?

Ele cantarolou uma afirmação, entranhando os dedos pelos meus cabelos fazendo com que um redemoinho crescesse no meu estômago.

— A gente quase transou, nada mais lógico do que ficar na vontade — concluí, pensativa. — Acho que devemos fazer de uma vez, só para acabar com isso logo. O que você acha?

— Ótimo, vamos acabar com isso. Agora cala a porra da boca, pelo amor de Deus! — mandou, tomindo meus lábios para si.

Eu o afastei um pouco.

— E... Ahn... Vamos acabar com isso... Hoje? — perguntei, engasgando com minha própria saliva.

— Agora! — respondeu, impaciente, e eu dei uma risada nervosa.

— Eu não vou transar com você dentro da sua sala — afirmei e ele chegou a perder a respiração, olhando-me quase que implorando para que eu estivesse brincando.

— Pelo amor de Deus!

— Alguém pode ouvir — lembrei e Domenico me deu um olhar ameaçador.

— Não me testa, Ana Carolina...

Dei de ombros e ele ficou alguns segundos parado, provavelmente esperando que eu falasse que estava brincando ou algo assim.

— Ninguém vai ouvir porra nenhuma! Eu literalmente te masturbei dentro da sala de reuniões.

— A sala de reuniões tem isolamento acústico — lembrei.

— E se aqui tiver também?

— Tem? — Arqueei uma das sobrancelhas, descrente.

— Sim.

— Mentira...

— Não é mentira.

— Bem, eu não acredito em você — falei, encolhendo os ombros e vendo um vinco se formar na sua testa.

Ele respirou fundo, passando as mãos pelos cabelos.

— Bem, seu medo é que alguém ouça? — indagou, sério, e eu assenti com a cabeça. — Esse é o único empecilho?

— Sim.

— Ótimo!

Então ele pegou o telefone e o colocou no ouvido. Dei uma risada sem entender, a confusão crescendo no meu rosto. Enquanto esperava a pessoa do outro lado atender, Domenico apoiou a mão livre na minha coxa, o polegar acariciando a parte interna por baixo da minha saia.

— Pamela, eu quero todo mundo fora da empresa em 5 minutos — afirmou sem quebrar o contato visual comigo.

Entreabri a boca, chocada.

— Senhor Domenico, não tem como... — Ouvi a voz estridente da mulher do outro lado da linha.

— Quem estiver aqui nos próximos cinco minutos será demitido!

Mais alguma reclamação inaudível do outro lado.

— Pamela, não me faça repetir. Quero todo mundo fora do prédio em cinco... Quatro minutos e meio. E eu mandei AGORA! — O tom autoritário fez minha calcinha pesar e eu estremeci.

— Você não está falando sério... — murmurei assim que ele desligou o telefone.

Domenico me arrastou para a beirada da mesa, puxando minha saia para cima enquanto afastava ainda mais as minhas pernas. Ele se acomodou entre elas e roçou a boca em um ponto abaixo da minha orelha.

— Acha mesmo que não? — sussurrou, arrepiando todos os pelos da minha nuca. — Eu literalmente mandei minha secretária expulsar todos os meus funcionários em cinco minutos.

— Você demitiria um bom funcionário só pra me comer agora?
— brinquei.

— Você está me deixando louco há semanas... Eu demitiria a porra da empresa inteira se fosse necessário.

Prendi a respiração e ele me beijou, extinguindo todo o meu ar.

— Você só se esqueceu de uma coisa... — impliquei e ele soltou um ruído impaciente por eu estar interrompendo-o novamente. — Em cinco minutos eu estarei aqui e na prática, também sou sua funcionária...

Ele sorriu, algo que beirava o indecente. Aquele homem definitivamente sabia como destruir uma calcinha sem muito esforço.

— Fica tranquila... — falou, deslizando o polegar pela minha mandíbula de um jeito carinhoso, descendo até envolver o meu pescoço com força. O sorrisinho safado nunca deixava seus lábios e Domenico se aproximou do meu ouvido antes de sussurrar: — A partir de agora você não vai ser mais minha funcionária. Aqui, dentro dessa sala, você vai ser a minha puta.

Puta merda, sim! Eu seria o que ele quisesse!

Capítulo 25



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Eu não podia esperar mais. Nem um único minuto.

Assim que Ana Carolina admitiu que também se sentia da mesma forma, decidi que faria o que fosse para tê-la apenas uma única vez. Ela era a dona de todos os meus pensamentos, fazendo-os de refém, e a maldita se entranhava lentamente em cada espaço vazio da minha mente cada vez mais, dia após dia.

Confesso que realmente estava obcecado. Nem mesmo conseguia dormir, imaginando as coisas que faria com aquela mulher se seu sobrenome fosse outro.

Naquele momento, enquanto minha boca descia por seu ombro e eu sentia o gosto da sua pele na minha língua, cheguei à conclusão de que não dava a porra da mínima para nada.

Fodam-se minhas regras, foda-se quem ela era! Não poderia me importar menos!

Aquilo era um problema para o Domenico de amanhã. Que diferença faria, honestamente? Eu me arrependeria, me xingaria mentalmente, nada diferente do que eu já estava fazendo. Pelo menos agora haveria um motivo um pouco mais... Palpável.

Eu a quis desde o primeiro segundo que a conheci, como uma mera consultora. A atração foi imediata e eu não fazia a porra de uma ideia de quem aquela filha da puta era, mas agora havia uma fagulha ainda maior. Eu não desejava a simpática Clara Caiano, eu queria desesperadamente foder a Ana Carolina Lacerda, a maldita vingativa que tinha entrado na minha vida com o intuito de me destruir.

O quão doente eu era?

Assim que me livrei da sua camisa, minha respiração foi interrompida. Ela vestia uma *lingerie* roxa, um meio-corpete transparente e bordado que me lembrava um pouco o vestido que ela tinha usado na noite anterior.

Pela primeira vez o universo tinha sido bom comigo. E a sensação não podia ser melhor.

— É sério que você vem trabalhar assim? — perguntei com a voz provocante, brincando com a alça do sutiã.

— Talvez.

— Estava planejando isso? — Cerrei os olhos, desconfiado, e ela me deu um sorrisinho prepotente.

— Estava planejando algo, não necessariamente com você — respondeu, atrevida.

A imagem dela com outro homem me incomodou para um caralho e eu puxei uma respiração, tentando abafar aquele pensamento. Ainda assim, aumentei o aperto no seu pescoço e olhei

no fundo dos seus olhos deixando que ela percebesse minimamente minha irritação.

— É?

— Eu cheguei em casa ontem... — começou a dizer, passando os lábios por cima dos meus. — Tão molhada.

Inalei o ar com força mais uma vez quando ela sorriu de um jeito safado.

— E o que você fez?

— O que acha que fiz, Domenico? — indagou, divertindo-se em me ver agitado.

— Eu quero te ouvir dizer — afirmei, segurando seu rosto com uma das mãos, cobrindo-o quase por inteiro.

— Gozei pensando em um babaca filho da puta — sussurrou dentro da minha boca e isso me rendeu uma risada fraca.

Deslizei os dedos lentamente pela borda do tecido, vendo todos os seus pelos se arrepiarem. Por mais que eu estivesse desesperado, gostava da sensação de aproveitar cada um dos toques com paciência.

Ela era como a porra de um doce único e exclusivo que eu estava desesperado para comer. Eu sabia que nunca mais faríamos aquilo novamente, então queria fazer valer cada segundo.

Além do mais, aquelas provocações... Deus, eu poderia gozar apenas conversando com ela.

— Acha que o babaca filho da puta também gozou pensando em você?

— Ah, tenho certeza — falou de um jeito convencido. — Só que, pra mim, não foi o suficiente... Então pensei em ir em um barzinho depois do trabalho, para tentar a sorte de conhecer alguém interessante que pudesse... Satisfazer minhas necessidades.

— E olha como você é sortuda... Nem precisou sair do trabalho.

— Sorte é algo relativo... Vamos ver se de fato serei sortuda.

Abafei uma risada e me afastei um pouco, dando a volta na mesa enquanto desfazia o nó da minha gravata. Ela me acompanhou com o olhar, virando a cabeça e dando uma risadinha confusa.

— Onde você...

— Shhhh... — fiz um ruído com a boca, interrompendo-a.

Puxei a cadeira que ficava de frente para minha mesa, afastando-a um pouco. Ana Carolina não produziu um único som, apenas continuou me encarando enquanto eu me sentava.

— Quero essa saia no chão — avisei, levando os dedos até um dos botões da minha camisa para abri-la. — Agora.

Ela sorriu, parecendo ansiosa, e na mesma hora desceu da mesa, livrando-se da peça, caminhando lentamente até parar na minha frente. Meu pau pulsou com a imagem daquela mulher perfeita só de *lingerie* e saltos no meio da minha sala. A calcinha combinava com a parte de cima, com duas tiras laterais e era sensacional.

— Senta na mesa e abre as pernas... — mandei, sério, já excitado por ver a expectativa genuína refletida nos seus olhos. — Você vai me mostrar o que fez ontem.

Precisava daquela cena, caso contrário, passaria dias imaginando aquela mulher se masturbando. Daquele jeito poderia gravar a imagem na minha memória e revisitá-la sempre que fosse necessário.

E conforme ela foi se posicionando, fazendo exatamente o que eu ordenei, tive a certeza de que eu pensaria naquilo muitas vezes. Talvez mais do que gostaria.

Ana Carolina se sentou, afastando as pernas para me dar uma visão mais do que privilegiada. Apoiou uma das mãos atrás do corpo, inclinando-o minimamente para trás. Sua boceta estava na altura dos meus olhos e puta que pariu, nem mesmo lembrava de como era a sensação de ter ar preenchendo meus pulmões.

Os dedos deslizaram para dentro da calcinha e ela gemeu baixinho, fechando os olhos quando esfregou o clitóris.

— Olha pra mim — ordenei, vendo suas pálpebras se abrirem no mesmo instante.

Deus, como ela era linda. O verde dos seus olhos me desestabilizava, mesmo que agora ele só fosse visível em uma linha fina na sua íris. Os cabelos loiros já levemente bagunçados caíam pelos ombros, cobriam parte do rosto corado, me impedindo até mesmo de raciocinar.

Ela arrastou os dedos devagar, massageando seu clitóris sem quebrar o contato visual. Ana Carolina me olhava de um jeito tão indecente enquanto se tocava, o desejo refletido nas pupilas dilatadas de uma forma tão nítida que me perguntei como duvidei que aquela mulher me quisesse.

Ninguém fingia tão bem. Nenhuma boceta ficava tão molhada sem que houvesse tesão.

Conforme eu a observava, tirei minha camisa, desafivelei meu cinto e abri o botão da minha calça. Percebi que sua agitação aumentou quando eu enfiei minha mão por dentro da cueca para alcançar meu pau.

Quando ela percebeu a movimentação vagarosa por baixo do tecido, intensificou o ritmo, deixando-me ainda mais alucinado. E algum tempo depois, sua cabeça pendeu um pouco para trás junto com um gemido lânguido que escapou da sua garganta.

— Ana Carolina, se você gozar agora... — ameacei, ouvindo minha voz ecoando pela sala.

Não precisei terminar a frase, sua atenção se voltou imediatamente para mim, preocupada. Eu me levantei da cadeira e fui até onde ela estava, posicionando-me entre suas pernas abertas. Segurei a base do pescoço, cobrindo parte do seu rosto com a mão, perdendo-me naquela imagem por alguns segundos.

— O que eu mandei você fazer? Não mandei você gozar, mandei?

— Você mandou mostrar o que eu tinha feito ontem... E ontem eu gozei — respondeu de um jeito meio petulante, arqueando uma das sobrancelhas.

Dei uma risada apática, levemente aborrecido pela audácia.

— Está irritado? Se eu falar que gozei, você vai me bater? — quis saber, mordendo o lábio inferior e parecendo ansiosa por aquilo.

— Vai bater na minha cara?

Que filhazinha da puta!

— Ana Carolina... — chamei em um tom de alerta.

Eu queria puni-la. Estava me segurando para deixar sua pele marcada e mostrar que não aceitaria aquele tipo de desobediência. Queria que Ana Carolina não tivesse dúvida alguma de que dentro

de quatro paredes quem mandava era *eu* e que ela só iria gozar quando *eu* autorizasse.

A verdade é que não confiava naquela cobra. Ela não era como uma mulher qualquer e sabia bem sobre suas intenções. Sempre gostei de sexo forte e mesmo que naquela sala de reuniões ela tivesse dito que eu não precisava pedir permissão para fazer o que quisesse, não podia correr o risco de cruzar alguma linha.

— Falei que sei ser uma boa garota — sussurrou quase em um choramingo, arrastando as unhas pelo meu abdômen. — E se eu não for...

— Você pretende não ser? — perguntei, aumentando o aperto no seu rosto. — Eu avisei que não gosto de ser contrariado.

— Vamos ver... — Um sorrisinho desdenhoso se formou nos seus lábios. — Acho que não teremos problema... Ou você não sabe mostrar quem realmente manda?

— Ah, linda, eu sei... E no momento, acho melhor você calar a boca.

— Se está esperando que eu te diga com todas as letras o que pode fazer comigo... — Ela deixou a pergunta no ar de um jeito sugestivo.

Aquela filha da puta estava me testando e queria verdadeiramente me tirar do sério. Puxei uma respiração, irritado, e finalmente desferi um tapa no seu rosto, vendo a vermelhidão se formar junto com um sorrisinho satisfeito.

— Eu. Mandei. Calar. A. Porra. Da. Boca — falei pausadamente, voltando a segurar sua mandíbula.

— Desculpa — pediu baixinho, olhando-me com arrependimento.

E sem que eu pudesse me controlar, beijei sua boca enquanto deslizava o polegar por sua bochecha, fazendo carinho. Ela se derreteu completamente nos meus braços, colando o peito no meu sem romper o beijo.

Tudo o que podia sentir era o seu coração batendo com força junto com a respiração sem fôlego e ficava alucinado só em saber que eu era o motivo. Não entendia ao certo, mas algo me dizia que aquela mulher seria minha perdição.

Eu me afastei um pouco e a puxei para a lateral da mesa, de frente para o espelho que ficava no canto da minha sala. Me livrei da minha calça, ficando apenas de cueca e me posicionei atrás dela, olhando para os seus olhos através do reflexo.

Tirei o seu cabelo do meio do caminho, deixando que as pontas dos meus dedos resvalassem na sua pele arrepiada enquanto eu brincava com a tira do sutiã.

— Eu quero que você veja... — sussurrei no seu ouvido, sem quebrar o contato visual, e ela se mexeu, agitada. — Quero que assista enquanto eu estiver te fazendo gozar pela primeira vez.

Sua cabeça balançou, assentindo. Seu olhar era desesperado e se tornou sôfrego quando deslizei lentamente a mão pelo meio das suas pernas. Ela as abriu rapidamente, de um jeito ansioso, arrancando-me uma risada.

— Calma... — falei contra seu pescoço, afundando-me nele para sentir aquele maldito cheiro que era o responsável por minhas noites sem dormir.

Sentia-me como um viciado finalmente conseguindo sua droga. A sensação era de ter recebido uma injeção de adrenalina. E ao mesmo tempo, quando meus pulmões finalmente se enchiam com seu perfume, havia alívio, uma verdadeira paz.

Ana Carolina estava na beirada da mesa, perto da quina e a imagem das suas pernas abertas enquanto meus dedos deslizavam por dentro da calcinha era simplesmente enlouquecedora. Minha mão livre segurava o pescoço com rigidez, o polegar se arrastando nos seus lábios grossos. Ela apoiou a cabeça no meu peito e suspirou assim que esfreguei os dedos por sua boceta molhada.

Puta que pariu, ela estava encharcada!

Seu corpo ondulava sob o meu, contorcendo-se de leve como se fosse incapaz de se conter. Minha língua passeava por sua orelha, pescoço, clavícula porque eu queria lamber cada centímetro daquela mulher desgraçada que havia arruinado minha vida.

Ela apoiou uma das mãos na mesa, tentando se equilibrar de um jeito meio desesperado. E assim que friccionei os dedos com mais velocidade, um gemido longo escapou dos seus lábios seguido por um palavrão.

Sem que eu dissesse qualquer coisa, ela tateou por cima da minha cueca, libertando meu pau que já estava completamente duro. Notei que seus olhos arregalaram um pouco ao ver o tamanho pelo espelho.

— Nossa, você realmente levou a sério esse negócio de escavar petróleo, não é? — perguntou, pegando no meu pau e dando uma risada meio nervosa.

Foi inevitável não rir e eu dei uma gargalhada gostosa antes de depositar um beijo no seu ombro.

— Relaxa... Não vou te machucar, se é isso que te preocupa — eu a tranquilizei.

Ela arqueou uma das sobrancelhas com deboche.

— Não estou preocupada, Domenico... Gosto de caras grandes.

Na mesma hora, algo dentro de mim parou. Não foi uma sensação boa e sim desconfortável. O que aquilo queria dizer? Que ela estava acostumada? Que já tinha trepado muitas vezes com caras com pau grande? Maiores que o meu? Porra, eu tinha vinte e dois centímetros! Normalmente as mulheres até se assustavam um pouco.

E aquele sentimento possessivo voltou a me rodear. Não fazia sentido algum, foda-se, ela poderia trepar com o Rio de Janeiro inteiro que eu não daria a mínima.

Apertei um pouco mais seu pescoço e puxei a lateral da calcinha com força, rasgando a peça. Eu queria ver aquela boceta no espelho, não aguentava mais a porra daquele tecido atrapalhando.

Voltei a massagear seu clitóris com os dedos e fechei os olhos quando a maldita bombeou o meu pau, subindo e descendo devagar. Eu não tinha mandado que ela fizesse nada, mas nem mesmo consegui me controlar.

Arrastei meu polegar pelo lábio inferior mais uma vez, entreabri-los de leve e ela o engoliu lentamente

A imagem no reflexo do espelho me perseguiria por uma eternidade. Nós dois nos masturbando, completamente loucos de desejo um pelo outro, como se fôssemos incapazes de parar de nos tocar. A cena daquela mulher perfeita toda aberta para mim,

gemendo cada vez mais alto conforme eu intensificava os movimentos seria meu fim.

Meus dedos deslizavam com tanta facilidade, indo e voltando sem parar. O som da sua respiração entrecortada soava como sinfonia para os meus ouvidos, cada vez se tornando mais precária à medida que eu restringia o seu oxigênio. Os quadris se mexiam de um jeito meio desesperado, como se ela por inteiro estivesse implorando para me ter dentro dela.

Sua mão continuava na base do meu pau, mas percebi que Ana Carolina nem mesmo conseguia raciocinar direito. A coordenação falhando conforme se contorcia até que ela a usasse de apoio na mesa.

Ela choramingou assim que eu diminuí o ritmo, o olhar pelo espelho praticamente suplicando por mais. Puta merda, eu poderia ficar preso em um *looping* infinito dentro daquele momento. Eu a tinha nas minhas mãos, corpo e alma fundidos em um desejo latente prestes a explodir.

A sua espera era o que me mantinha são e também o que me enlouquecia. Vê-la daquela forma, completamente fora de si, quase chegando ao limite e então sendo inundada pelo desespero...

Porra!

Arranhei os dentes por sua pele branca, vendo a vermelhidão surgir em um rastro e preendi de leve seu clitóris entre os dedos. Ela cerrou as pálpebras e umedeceu os lábios quase em câmera lenta, atraindo toda minha atenção.

— Por favor — saiu em uma lufada de ar.

— Você é tão linda, porra... — falei, sem conseguir me controlar.

Porque ela era. Ana Carolina Lacerda era o sinônimo da perfeição. Implorando para gozar, então...

— Est... — A palavra se quebrou em um sussurro. — Tão perto...

— Não acho que você mereça gozar ainda...

— Por que não? — perguntou, parecendo realmente triste.

— Você me irritou tanto... Por tantos dias...

— Não seja vingativo.

— Só você pode ser? — Dei uma risada, penetrando-a com dois dedos e movimentando-os para atingir seu ponto G. — Como foi que você disse? É gratificante ter você nas minhas mãos... E se já está desse jeito só com o que estou fazendo com uma delas, imagina como vai ficar quando eu te chupar...

— Porra! — Seu corpo se debateu em um espasmo, mas eu a mantive no mesmo lugar, aumentando cada vez mais a fricção.

— Tem ideia de como vai ser quando meu pau se arrastar pela sua boceta e eu meter no fundo até você gritar? — indaguei sob os murmúrios de súplica, vendo que ela estava quase. — Porque você vai gritar, linda. E no fim, é até bom que a empresa esteja vazia, porque eu vou te foder tanto que vou precisar te carregar até a saída no meu colo.

Impulsionei com mais pressão e como se aquela mulher tivesse um botão de comando, todo seu corpo tremeu e um gemido gutural ecoou pela sala. Ela se inclinou de leve para frente, contorcendo-se nas minhas mãos, praticamente convulsionando pelo orgasmo que a atingiu com força.

Aproveitei a imagem diante de mim por alguns segundos, mas estava desesperado demais para postergar aquela sensação. Dei a volta, posicionando-me na sua frente e afastei suas pernas, que já estavam meio fechadas pelo reflexo. Eu a beijei antes de me ajoelhar no chão para enfim observar aquela boceta perfeita pingando na minha frente.

Ana Carolina ainda estava tentando estabilizar a respiração quando puxei seus quadris para a beirada da mesa. Seu corpo tombou um pouco para trás e ela apoiou os cotovelos na madeira antes que eu afundasse meu rosto no meio das suas coxas.

Deslizei a língua preguiçosamente por toda sua extensão, provando o seu gosto e ficando ainda mais desnorteado com seu clitóris inchado pulsando na minha boca.

— Puta... Merda! — ela arfou, enfiando as mãos pelo meu cabelo e puxando-o de leve.

Ainda era possível sentir as contrações involuntárias dos seus músculos e não havia sensação melhor do que saber que eu era o responsável por cada uma delas. Eu estava tão duro e louco para

fodê-la, mas não conseguia parar. E como se não pudesse me controlar, dei um tapa na sua boceta, recebendo um gemido mais longo em resposta.

— Caralho, que boceta gostosa! — falei antes de voltar a me enterrar nela.

Eu continuei chupando, explorando cada parte. Deslizando minha língua mais devagar e depois mais rápido. Normalmente eu demorava para me conectar com uma mulher e entender o funcionamento exato do seu corpo, mas com ela parecia instintivo demais. Era como se a maldita fosse uma extensão minha e sabia que Ana Carolina não demoraria para vir de novo.

Os gemidos ecoavam pela minha sala, a constância entre eles diminuindo, a altura aumentando. E eu me vi obcecado por cada um dos sons que saíam daquela boca maravilhosa.

Parei o que estava fazendo para observar seu corpo arqueado sobre a minha mesa. Como eu conseguia me concentrar para trabalhar depois daquilo?

Ela emitiu um ruído frustrado e levantou a cabeça para ver por que eu tinha interrompido o que estava fazendo.

— Não para! Que inferno! Estou... Quase — pediu, o tom de lamúria ecoando pelas palavras enquanto tentava empurrar os quadris no meu rosto.

Levantei e ela meio que choramingou. Envolvi seu pescoço com uma das mãos e a puxei com força, sentando-a na mesa novamente para que seus olhos nivelassem com os meus.

— Você não me diz o que fazer — avisei, sério.

Percebi a centelha de ódio refletida nas suas pupilas enevoadas. Havia uma certa guerra interna, isso era nítido. Ana Carolina claramente gostava de receber ordens durante o sexo, mas em alguns momentos acho que se lembrava de que eu era o cara responsável por aquilo. Era como se ela quisesse me testar, me provocar e me tirar do sério, mas seu lado submisso falasse mais alto.

— Desculpa.

— Sabe quando você vai gozar?

— Quando você quiser — respondeu baixinho.

— Isso, quando *eu* quiser — afirmei, com os lábios colados nos dela, arrancando um suspiro dos seus. — Porque hoje sua boceta é minha! E quem é que manda aqui dentro?

— Você.

— Tá vendo? Não é tão difícil, é? — indaguei, voltando a deslizar os dedos por sua boceta molhada.

— Eu só... Estou tão perto — sussurrou em um tom meloso, arrastando as unhas pelas minhas costas devagar.

— Eu sei, linda.

— E eu quero tanto...

Olhei dentro daqueles olhos grandes e verdes. Eles estavam implorando.

Porra!

Que tipo de pessoa horrível eu seria por negar um orgasmo para aquela garota? Certeza de que isso poderia ser enquadrado como crime ou algo parecido.

— Por favor, Dom — pediu entre os beijos, arfando quando fiz um pouco mais de pressão. — Me chupa até eu gozar na sua boca?

Eu precisava atender seu pedido? Não. Eu deveria mostrar que ela gozaria apenas quando eu quisesse? Sim.

Só que quando dei por mim, estava ajoelhado no meio das suas pernas como se fosse a porra do seu súdito, louco para voltar a sentir a ponta da minha língua rodeando seu clitóris.

Que se foda, com ela pedindo daquele jeito era impossível dizer não.

Afundei os dedos nas suas coxas, mantendo-as abertas e quando ela tentou fechar as pernas, desferi um tapa na lateral.

— Não mandei fechar, porra! — Repeti o movimento mais uma vez, ouvindo outro gemido fugir da sua garganta.

— Domenico! Pelo... Amor... De Deus! — ela começou a repetir sem parar, levantando um pouco o corpo da mesa, desesperada.

Puxei uma respiração e bombei meu pau que já estava doendo de tanto latejar. Estava quase gozando apenas com a forma como aquela desgraçada gritava meu nome, pensando em como eu aguentaria quando me enterrasse nela.

Movi minha língua com mais intensidade para cima e para baixo, puxando-a contra minha boca, chupando e beijando aquela boceta perfeita. E não demorou para que seu corpo voltasse a tremer por inteiro, denunciando outro orgasmo.

Aproveitei por mais alguns segundos, arrastando meus lábios lentamente para sentir cada um dos espasmos que vinham em ondas. Eu me levantei, hipnotizado com a cena daquela mulher linda meio encolhida em cima da minha mesa, o peito subindo e descendo em um ritmo descompassado, buscando por ar como se não houvesse mais oxigênio no mundo.

— Vem aqui... — falei, puxando-a pelos pulsos para que ela se sentasse novamente na mesa.

Eu a penetrei com dois dedos, melando-os e os posicionei na frente dos seus lábios. Ela me encarou, os olhos completamente escuros, e os engoliu por inteiro, atraindo totalmente minha atenção.

— Você... É... Tão... Perfeito — murmurou, agora segurando meu indicador para lambê-lo ainda mais devagar.

— Você também, e por mais que eu queira ver tudo o que consegue fazer com essa língua... — Segurei seu rosto com firmeza e puxei seus lábios com os dentes. — Agora eu vou te foder.

Ela assentiu com a cabeça, mas apoiou as mãos no meu tronco e começou a trilhar um caminho de beijos pelo meu peito. Puxei uma respiração, sentindo sua língua serpentejar pela minha pele, lambendo cada centímetro.

— Deixa eu te dar um gostinho... — sugeriu com uma voz sedutora, arrancando o último fio da minha sanidade.

Porra!

Joguei a cabeça para trás, completamente zonzo com o caminho que sua boca fazia, descendo lentamente até...

— O que foi isso? — perguntou assim que a ponta do seu dedo deslizou pela minha cicatriz.

— Nada — afirmei, tirando sua mão do local e voltando a segurar a base do seu pescoço com força. — Você vai fazer isso depois, Ana Carolina. Eu disse que agora eu vou te foder!

O tom autoritário fez seu corpo estremecer e eu esfreguei meu pau na sua boceta melada, fazendo com que ela engolisse uma

respiração. Cerrei as pálpebras e respirei fundo, tentando me controlar para não meter nela sem camisinha, porque minha vontade era essa, mas diferente do meu irmão, eu não era um idiota de merda. Jamais treparia sem a porra de um preservativo, muito menos com a mulher que eu odiava.

— Tem camisinha? — ela perguntou, como se lesse meus pensamentos.

Dei uma risada como se não acreditasse no seu questionamento e me curvei para pegar o preservativo na gaveta, colocando-o na frente do seu rosto.

— Ótimo, porque Deus me livre engravidar de você!

— Como se isso fosse o único problema, eu não sei se você tem alguma doença e...

— Pelo amor de Deus, Domenico! — exclamou, claramente impaciente. — Sério que vai dar uma de hipocondríaco agora? Você estava com a cara enterrada na minha boceta.

Ela sorriu, tirando a camisinha da minha mão e rasgando a embalagem com os dentes, ansiosa.

Pisquei, um pouco preocupado. Não tinha parado para refletir sobre aquilo. E se a Ana Carolina tivesse alguma IST? Eu praticamente tinha me afogado no meio das suas pernas.

Meu coração começou a bater mais forte, a preocupação começando a pinicar as minhas extremidades. Eu normalmente não fazia oral em mulheres aleatórias. Não que ela fosse uma desconhecida, mas não sabia porra nenhuma sobre sua vida sexual.

Puta merda!

— Domenico! — ela me chamou, percebendo que eu tinha ficado um pouco aéreo. Olhou no fundo dos meus olhos e falou com calma: — Eu faço exames regularmente. Não tenho nada, ok? Não surta!

Limpei a garganta.

— Não estou surtando.

— Sim, você está. Quer que eu entre no site para pegar meus exames ou você vai parar de palhaçada e começar a me comer?

— Você é sempre tão irritante? — perguntei, segurando seu pescoço com as duas mãos.

— Não, eu guardo isso só pra você.

Ela sorriu de um jeito tão cretino que chegou a me desestruturar. Como alguém com vinte e um anos podia ser tão infernal? Então eu a beijei porque era a única coisa possível. Eu a beijei porque estava completamente louco por aquela pirralha insolente.

Coloquei o preservativo sem romper o beijo e rocei a cabeça do meu pau por sua entrada. Ela puxou uma respiração profunda, mordendo o lábio inferior e fechou os olhos, como se estivesse se preparando para o que viria.

— Você gosta de me tirar do sério, mas eu sei ser muito mais filho da puta do que você.

— Me mostra o seu pior, Domenico. — As palavras queimaram na minha boca, aquele sorrisinho safado surgindo nos seus lábios.

— Ah, pode ter certeza... — comecei a dizer, afastando ainda mais as suas pernas e me enterrando nela lentamente. — De que eu guardei o meu pior só pra você.

A sensação do meu pau se ajustando contra suas paredes apertadas era sensacional. Ela arregalou um pouco os olhos e engasgou uma respiração quando elevei sua cintura e fui até o fundo.

— Porra! — xingou, cravando as unhas nas minhas costas.

Então eu comecei em um movimento devagar, louco para aproveitar cada segundo daquilo. Minha mão se mantinha firme no seu pescoço enquanto eu observava meu pau sumindo por aquela boceta encharcada.

Não demorou muito para que eu perdesse um pouco do controle e impulsionasse com mais força, arrancando um grunhido alto que soou como música para os meus ouvidos.

Eu a beijei calorosamente. Chupei sua pele e arrastei meus dentes por ela até que a vermelhidão tomasse conta de todo seu colo. Olhei para baixo, ainda vendo o tecido que impedia que nossos corpos estivessem totalmente colados um no outro.

Queria cada centímetro da sua pele sobre a minha, o calor transpassando no meu. Então, sem nem pensar demais, juntei as duas mãos no meio do seu sutiã e o rasguei por completo.

Sua boca se entreabriu em choque.

— Foda-se, eu compro outro — me justifiquei, voltando a beijar sua boca.

Desci o polegar pela linha da garganta, as veias palpitando na ponta dos meus dedos. Me afastei um pouco e observei seus seios lindos e volumosos subindo e descendo, o coração batendo tão forte como se estivesse prestes a romper a caixa torácica.

Porra, ela era toda perfeita! Por que caralhos aquela maldita tinha que ser tão perfeita?

— Meu Deus! — saiu em uma lufada de ar.

Abocanhei um dos seus peitos, sugando-o com força enquanto rodeava um dos mamilos rígidos com a língua. Minha boca se movia de um para o outro e em algum momento eu agarrei os dois com as mãos e afundei meu rosto neles.

Não me importei com as unhas que se afundavam nas minhas costas e nuca, e muito menos com o fato de que nem mesmo conseguia respirar direito. Minha boca explorava tudo o que pudesse alcançar, com beijos e chupões e cheguei à conclusão de que desejava marcar cada milímetro da sua pele.

Não sabia ao certo o que estava acontecendo comigo, mas de uma coisa não tinha dúvidas: estava louco. Queria tudo e queria tudo ao mesmo tempo.

Elevei ainda mais seu quadril e ela ficou apoiada na mesa apenas pelos braços. A cada investida, um grito estrangulado cortava o ar que nos cercava, tornando aquela névoa de calor ainda mais densa.

Meu corpo inteiro parecia em brasas, o suor escorrendo conforme eu aumentava a velocidade, guiado por murmúrios desconexos e incompletos que deixavam seus lábios.

Por mais que eu estivesse completamente fora de órbita, sempre que percebia que ela estava chegando perto de gozar, diminuía os movimentos, ouvindo um ruído de frustração.

— De costas! — falei, apoiando suas pernas no chão. — Empina essa bunda pra mim, linda.

Ana Carolina sorriu e se virou, curvando-se sobre a mesa, abrindo as pernas e fazendo exatamente o que eu mandei. Ela deu

uma mexidinha para roçar no meu pau e eu alisei sua pele antes de acertá-la com força.

— Mais forte... — Soou como uma súplica e eu atendi o seu pedido, desferindo mais um tapa na sua bunda, amando a tonalidade de vermelho que pintava sua pele.

Me enterrei nela como se não pudesse me conter e a acertei mais algumas vezes. Os gritos foram preenchendo o ambiente, o som dos quadris batendo sem parar na mesa junto com a infinidade de palavrões que acompanhavam meu nome.

Porra!

Prendi seus pulsos atrás das costas dela para me impulsionar ainda mais e notei a marca da minha mão grande na sua bunda redonda e perfeita.

Era quase como uma obra de arte!

E conforme eu estocava naquela boceta quente e melada, o meu ar ia se tornando nulo. Meus sentidos foram parando de existir e tudo o que eu conseguia ver era um borrão.

Torci seus cabelos no meu punho, arqueando um pouco mais suas costas e segurei a cintura rente ao meu corpo sem parar de meter nela. O ritmo vertiginoso dilacerando toda e qualquer realidade, incendiando o meu corpo e rompendo cada um dos nervos.

Nem mesmo sei dizer por quanto tempo fiquei ali, vendo meu pau entrando e saindo, mas eu sabia que não aguentaria muito mais.

Eu a puxei pelos cabelos, colando seu corpo no meu e ela suspirou, voltando a se derreter nos meus braços quando beijei a curva do pescoço. Segurei sua cintura e a levantei do chão.

— Vem cá... — falei, andando com ela até a janela.

— Dom... — O desespero começou a surgir quando ela percebeu que ainda estava claro e que estávamos indo para a parte toda aberta da sala.

— Ninguém vai te ver — garanti, mas ela se virou para me olhar, parecendo descrente. — Acha mesmo que eu não iria espelhar o vidro da minha sala? Você não é a primeira mulher que eu como aqui dentro.

— Nossa, me sinto tão especial — debochou.

— Você não é especial — afirmei, sério.

Ela deu uma risada e fez um biquinho, fingindo estar muito decepcionada.

— Agora, apoia as mãos na janela... — falei e na mesma hora ela me obedeceu, inclinando-se e empinando um pouco a bunda.

Abri um sorriso quando vi seu reflexo pelo vidro sorrindo também, satisfeita por ter se adiantado e prevendo o que eu pediria.

— Isso, tão perfeita... — Dei um beijo no seu ombro e desci a mão pela linha da sua coluna lentamente, puxando o seu rosto para beijar sua boca. — Você faz exatamente o que eu quero, não faz?

— O que você quiser — confirmou, praticamente dentro da minha boca.

— Boa garota — falei, deslizando a mão por sua barriga, descendo pelo meio das suas coxas.

Esfreguei os dedos em seu clitóris e seus braços cederam. Ela se apoiou no vidro com as mãos, curvando o corpo um pouco mais. Passei um dos braços por baixo da sua perna, elevando-a e apoiei na janela antes de me enterrar novamente nela.

— Porra! — ela grunhiu, dobrando os dedos e arrastando as unhas pelo vidro.

Comecei a me mover devagar, e ela tentou controlar a respiração, puxando o ar cada vez que eu a atingia no fundo. Aquela angulação estava perfeita e eu percebi que sua perna estava começando a ceder.

Seus gemidos aumentaram e eu comecei a meter na mesma frequência, usando minha mão livre para massagear seu clitóris inchado que pulsava desesperadamente.

— Isso é tão gostoso — ela disse com uma voz melosa. — Porra, seu pau é perfeito!

— Você é perfeita.

— Eu não daria... A mínima se... O Rio de Janeiro inteiro estivesse olhando — falou em pausas. — Foda-se!

Dei uma risada.

— Tanta gente aqui na frente e ninguém faz a porra de uma ideia do quanto você tá sendo bem comida nessa sala — sussurrei

no seu ouvido e ela umedeceu os lábios e fechou os olhos, puxando uma respiração.

— Tão bem comida... — repetiu, quase choramingando e depois puxou o ar. — E tão perto...

— Você vai gozar comigo — avisei.

— Uhum... — ela murmurou, voltando a fechar as pálpebras, claramente se segurando. — Quando você quiser.

Que filha da puta desgraçada perfeita!

— Você é tão perfeita, porra! — falei, mordendo seu ombro. — Tá vendo como é fácil quando você faz o que eu mando?

— Muito fácil...

— Vou deixar você gozar, linda... — afirmei, aumentando o ritmo. — É isso o que você quer?

— Por favor...

— Pede!

— Me faz gozar, Domenico, por favor!

— Contraí essa boceta, gostosa — mandei, dando um outro tapa na sua bunda.

Fechei os olhos quando suas paredes apertaram o meu pau.

— Assim, isso! Porra!

Eu estoquei mais fundo e ela gritou. Uma, duas vezes, até que todo o seu corpo entrasse em colapso, até que suas pernas cedessem e ela tombasse para frente.

Tudo parou de fazer sentido e só o que eu conseguia sentir era o círculo se fechando mais e mais, a contração extinguindo minha respiração, borrando minha visão.

Colei meu peito totalmente nas suas costas e gozei com força dentro dela. Tão forte que vi pontos brancos por trás das minhas pálpebras fechadas e tive certeza de que meu coração sairia pela boca.

Permaneci assim por alguns segundos, usando todo meu equilíbrio restante para me apoiar no vidro, tentando impedir que nossos corpos atingissem o chão.

Nós respirávamos em sincronia, como se fôssemos apenas um. Cada célula do meu corpo parecia em brasas. O ar queimava,

deixando tudo sensível e aquele calor que era somente nosso poderia provocar uma combustão.

Eu a virei para mim e perdi o fôlego ainda mais quando vi meu reflexo dentro dos seus olhos verdes. Ela sorriu, exausta e eu a beijei preguiçosamente.

Me afastei algum tempo depois, observando a bagunça perfeita diante de mim. Seus cabelos eram uma confusão, o fôlego nem mesmo existia. A boca molhada e vermelha pela fricção da minha barba continuava tentadora e eu me perguntei por que tinha parado de beijá-la. E as marcas que eu havia deixado espalhadas por sua pele branca eram como a cereja em cima do bolo.

— Isso foi... — As palavras morreram e tudo o que Ana Carolina fez foi me encarar.

— Sim.

Sabia o peso daquela frase, entendia exatamente o que ela queria dizer. E mesmo que nada tivesse sido dito, eu me senti totalmente vulnerável diante daquela mulher.

A conexão que tivemos, a movimentação dos nossos corpos em perfeita sincronia... Nem mesmo parecia lógico!

— Domenico? — ela me chamou, parecendo receosa.

— Oi?

— O horário do expediente não está prestes a acabar, não é? — perguntou com um sorrisinho safado no rosto.

— Nem perto... — falei, voltando a beijar sua boca. — Acho que hoje vamos precisar fazer muitas horas extras.

Na verdade, o que eu queria dizer era que gostaria de fazer muitas horas extras com ela por muitos outros dias, mas sabia que aquilo nunca mais iria se repetir.

Um dia. Só um, para que eu pudesse voltar a ter paz.



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Transei com aquela mulher em todos os cantos do meu escritório, até que ela realmente nem conseguisse mais sentir suas pernas. Eu a fodi até a exaustão e de fato a carreguei pelo elevador até o meu carro.

E óbvio que treparamos lá também. A intenção era apenas dar uma carona até o seu apartamento, mas quando percebi, ela estava

na minha cama.

Honestamente, nem sei onde me perdi, foi como ver um trem descarrilhando diante dos meus olhos.

Porra, acho que nunca tinha feito tanto sexo na minha vida em um único dia, cheguei até mesmo a perder as contas. Esgotei meu estoque de camisinhas e precisei usar uma das dela, que ficou apertada pra caralho, mas isso não me impediu de continuar.

Nós parávamos, descansávamos por alguns minutos e fazíamos tudo novamente. Meu pau parecia ter vestido uma armadura de aço, porque nem mesmo sabia como estava aguentando. Ele já estava esfolado e acho que a boceta dela também, mas ainda assim, continuamos.

Nossos corpos simplesmente não conseguiam parar. Como uma necessidade.

A verdade é que nós dois sabíamos que no minuto em que parássemos, seria para sempre. Não faríamos aquilo novamente, não havia a menor possibilidade.

Não precisamos verbalizar nada, mas estava implícito. Um acordo tácito que firmamos no momento em que decidimos sucumbir aos desejos que vieram das trevas.

Queríamos trepar até que toda a vontade saísse do nosso organismo para que pudéssemos continuar nos odiando sem nenhum impedimento. E eu achei superválido de início porque parecia lógico.

A merda é que só piorou e eu percebi aquilo na manhã seguinte, quando abri os olhos com dificuldade e vi a minha cama vazia.

Sentei, alongando meus braços e chamei pelo seu nome, não recebendo nenhuma resposta. Cocei os olhos e joguei o edredom para o lado, reparando uma pequena mancha de sangue no lençol.

Que porra?

Examinei meu corpo rapidamente, vendo que graças a Deus Ana Carolina Lacerda não tinha decidido me esfaquear como uma forma de vingança.

Será que ela tinha se machucado?

Levantei da cama e a procurei por todo meu apartamento, mas não havia nenhum sinal daquela garota. E se meu pau não parecesse tão esfolado, se minhas costas não estivessem rasgadas pelas marcas das suas unhas, teria acreditado que tudo o que tinha acontecido não havia passado de um sonho muito realista.

Afinal, tive uma infinidade deles desde que a conheci.

Mandei uma mensagem perguntando se estava tudo bem e aonde ela tinha ido. Esperei por alguns segundos e então liguei, mas a ligação caiu na caixa postal.

Tinha telefone para quê, caralho?

Quase desisti de ir trabalhar quando as mensagens começaram a surgir na tela do meu celular. E na mesma hora me lembrei do que tinha feito no dia anterior.

Que porra eu tinha na cabeça para mandar todos os meus funcionários saírem da empresa em cinco minutos? Eu era a porra de um CEO sério, respeitado! E esqueci disso simplesmente porque queria comer uma mulher.

O que aquela delinquentezinha tinha feito comigo?

Eu precisava de uma desculpa plausível porque mesmo que não devesse satisfação a ninguém, não iria deixar os gerentes e coordenadores da *Petrolio* achando que eu era um descompensado.

Caralho! Que porra eu iria inventar agora? Um incêndio soava absurdo porque o prédio tinha uma porrada de procedimentos para esses casos.

Talvez... E se eu mencionasse que o pessoal da segurança do prédio pediu que saíssem por conta de uma emergência? Ou talvez um vazamento de gás?

Era de foder que eu estivesse sozinho pensando na porra de uma desculpa! Onde aquela maldita estava agora?

Decidi tomar um banho e fui para a empresa. Assim que cheguei, marquei uma reunião com os gestores de todas as áreas e me desculpei pelo ocorrido, informando que tinha recebido um *e-mail* meio preocupante da equipe de segurança. Todos ficaram meio apreensivos, mas expliquei que foi apenas um engano.

Ícaro ficou me olhando com os olhos cerrados por um bom tempo e depois que todos saíram, me perguntou se era verdade.

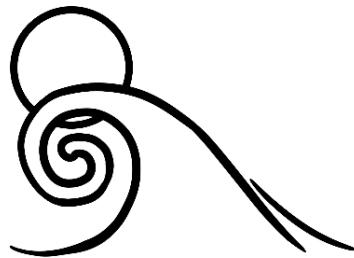
Óbvio que menti, porque jamais admitiria para qualquer alma viva que tinha trepado com aquela cobra.

Que moral eu teria?

Voltei para minha sala e me afundei no trabalho, na tentativa de tirá-la da minha cabeça. Foi quase impossível, porque ela não deu sinal de vida pelo dia inteiro e então eu comecei a me preocupar.

Não que aquela insuportável tivesse alguma relevância na minha vida. Não me importava com Ana Carolina, mas não queria que algo realmente acontecesse. Até porque ela foi dormir comigo, estava na minha casa!

E então desapareceu da face da Terra.



Minha palavra não valia de porra nenhuma mesmo.

Porque é óbvio que acabei contando o que tinha acontecido para os meus amigos quando fomos em um bar para beber. As teorias já estavam corroendo cada espaço da minha mente, comecei a repassar cada momento do dia anterior.

Achei que eles poderiam me ajudar a ver o panorama completo. E mesmo que os idiotas fossem me sacanear bastante, achei que me julgariam bem menos do que meu irmão, Ícaro ou qualquer outra pessoa dentro do meu círculo.

O que me deixava agoniado era todo o contexto. Ok, nós tínhamos uma relação de ódio e ela queria destruir a minha vida, então talvez tudo só fosse parte de um plano. Acontece que, além disso, éramos homem e mulher e tínhamos transado.

Pra caralho, diga-se de passagem.

Então comecei a me questionar se tinha feito ou falado algo errado.

— Talvez ela seja um robô... Com inteligência artificial — Yuri zombou.

— Você é tão idiota — bufei, antes de dar um gole no meu uísque.

— Porra, ainda não acredito que você comeu a novinha — LP tornou a dizer, pela terceira vez em menos de dez minutos.

— Podemos por favor não lembrar desse fato, Luís Paulo?

— Qual o problema de ela ter 21 aninhos, cara?

— Porque garotas de 21 anos normalmente são imaturas, mimadas e enchem a porra do saco com assuntos superficiais — lembrei. — Eu não tenho paciência pra essa merda.

— Nem todas. E vamos combinar que o ritmo delas é outro nível... — Yuri suspirou e assentiu com a cabeça, parecendo contemplativo.

— Se aquele for o ritmo normal dela, eu realmente não tenho mais idade pra isso.

— Deu quantas? — LP quis saber, rindo.

— Muitas.

— Quantas? — insistiu.

— Perdi as contas. — Eles estreitaram os olhos na mesma hora, como se eu estivesse inventando. — Juro por Deus, caralho. Eu não sei quantas vezes comi aquela psicopata.

— Hm... E agora acabou? — Yuri quis saber, meio pensativo.

— Acabou totalmente — afirmei.

— Então pode me dar o número dela? — ele indagou e LP engasgou com a bebida, rindo.

Eu o olhei de um jeito ameaçador, fazendo com que seu sorriso aumentasse ainda mais. Os piores amigos do mundo eram os meus.

— Você disse que acabou, ué! Além do mais, deve ter acabado mesmo, já que ela fugiu.

— Ela não fugiu! — exclamei, irritado, até mesmo levantando meu tom de voz e olhando para os lados para ver se ninguém voltou a atenção para nossa mesa.

— Parece que ela fugiu. — Yuri deu de ombros, virando seu copo e eu o fuzilei com os olhos.

— Por que ela fugiria? Eu não fiz nada, não falei nada demais.

— Tem certeza? — Luís Paulo perguntou, coçando o queixo. — Não soltou nenhum comentário escroto elitista?

— Pelo amor de Deus, eu não sou o Yuri.

— Ei! — Ele colocou a mão no peito, ofendido.

— Não fode, você é o mais elitista de todos — respondi de má vontade e me virei para LP. — O que eu poderia ter falado?

— Sei lá. Você pode ter dito alguma merda que ela não gostou.

— Abri a boca para contestar, mas ele se adiantou: — Nem vem, vocês nem se gostam. Duvido que tenha sido fofo com ela.

— Eu nunca sou fofo com ninguém, LP. Muito menos com minhas fodas — lembrei e os dois riram.

— Você entendeu... — Ele estalou a boca. — Você deve ter sido menos agradável do que o normal com ela. Pensa aí...

— Ela teria me dito se eu tivesse feito algo que ela não estava curtindo, não acham? Será que... Porra, a gente fodeu muito e tinha uma manchinha de sangue no lençol. Puta merda, será que eu machuquei ela?

— Não me espantaria... Com essa tromba que você tem no meio das pernas... — Yuri debochou e eu me inclinei sobre a mesa para dar um tapa na sua cabeça.

— Estou falando sério, porra!

— Acho que ela falaria... — Luís Paulo ponderou. — E se estivesse machucando, ela provavelmente não teria trepado tanto a ponto de você nem se lembrar quantas vezes foram.

— Eu rasguei a *lingerie* dela... — comentei, meio pensativo.

— Boa! — LP levantou a mão para um *high five*, mas eu o olhei sério e ele abaixou o braço, resmungando que eu era chato pra caralho.

— Será que você não disse nada meio... — Yuri fez uma pausa.

— Babaca?

Fiquei pensativo por alguns minutos, cavando ainda mais fundo na minha mente. Obvio que nossas típicas ofensas não a incomodariam, mas dentro daquele contexto em que estávamos, talvez algo pudesse ter aborrecido Ana Carolina como mulher.

— Eu disse que ela não era especial.

— Olha aí, sabia! — LP bateu na mesa, como se estivesse provando um ponto. — Aposto que ela ficou sentida.

— Ela não pareceu sentida.

— Claro que não... Porque mulheres guardam as coisas. E depois... — começou a dizer, meio sombrio, e deu um soco na própria mão. — BUM! Jogam as coisas na sua cara!

— Certeza que foi isso! — Yuri concordou. — Que tipo de merda você tem na cabeça para dizer pra uma mulher que você está comendo que ela não é especial?

— Vocês não estão levando em consideração o contexto... — Revirei os olhos.

— Não interessa o contexto. A pobre coitada estava sendo macetada por você e sua rola gigante sem reclamar — LP zombou e eu levantei o dedo do meio para ele. — Como você pode dizer que ela não é especial?

— Vocês são muito arrombados!

Os dois começaram a fazer mais piadas e eu me levantei da mesa decidido a ir ao banheiro. Olhei para o meu reflexo já arrependido de ter compartilhado aquilo com eles.

Meu celular vibrou e meu coração chegou a disparar por um segundo achando que veria o seu nome nas notificações, mas era apenas Dante enviando um vídeo de Gigi.

Suspirei, frustrado, irritado comigo mesmo. Odiava estar naquela situação.

Era só para ser a porra de um sexo irrelevante! Apenas para que eu a tirasse de vez dos meus pensamentos.

Por que infernos aquela cretina continuava ali, sentada em um trono como se fosse a rainha deles?

Capítulo 27



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Na manhã seguinte, eu fui até sua sala e dei de cara com Cristiano Freitas, o sócio da Ana Carolina. Sabia quem ele era porque vi suas fotos quando vasculhei sobre a empresa.

O homem de estatura mediana tinha cabelos pretos e olhos castanhos. Deveria ter uns vinte e seis ou vinte e sete anos, mas

pelo visto adivinhar a idade das pessoas não estava listado como um dos meus pontos fortes.

Ele sobressaltou assim que me viu, mas imediatamente se levantou, ajeitando o terno e estendeu a mão, vindo na minha direção para me cumprimentar. Assim que as apresentações foram feitas, Cristiano informou que Ana Carolina precisaria se ausentar por motivos pessoais por uns dias e ele cuidaria de tudo na sua ausência.

Eu fiquei um tempo me perguntando se aquele homem sabia se ela queria foder minha empresa. Julgando pelo fato de que ele tinha sido simpático e não parecia me odiar, pensei que talvez o coitado fosse mais uma vítima daquela família sem escrúpulos.

Ele avisou que estava se inteirando um pouco mais sobre o que tínhamos feito até aquele momento, já que dentro da Nexus os projetos eram divididos. E como a minha empresa exigia uma atenção maior, sua sócia tinha ficado responsável por tudo.

Um tempo depois que saí da sala, meu celular vibrou e seu nome surgiu nas notificações.

Cobra Manipuladora Vingativa: Só vi suas mensagens agora.

Cobra Manipuladora Vingativa: Você conheceu o Cris? Ele vai ficar no meu lugar por um tempo.

Dom: O que aconteceu?

Cobra Manipuladora Vingativa: Tive um problema.

Dom: Que problema?

Dom: Tinha sangue no meu lençol!

Cobra Manipuladora Vingativa: Meu Deus!

Cobra Manipuladora Vingativa: Eu fui ao banheiro à noite e arranhei o braço em alguma coisa, estava escuro.

Cobra Manipuladora Vingativa: Só vi que estava machucada quando cheguei em casa.

Cobra Manipuladora Vingativa: Posso pagar a lavagem, sem problemas.

Dom: Foda-se a lavagem, achei que alguma coisa tivesse acontecido com você.

Eu me arrependi no momento em que enviei a mensagem e até pensei em apagar, mas os tracinhos azuis indicaram que ela já tinha lido. Eu podia ver o sorrisinho debochado no seu rosto, mesmo que estivéssemos conversando apenas por mensagem de texto.

Cobra Manipuladora Vingativa: Preocupado?

Dom: Você estava na minha casa.

Cobra Manipuladora Vingativa: Eu aposto que na hora achou que eu tinha feito alguma coisa com você.

Cobra Manipuladora Vingativa: Aposto que pensou que era seu sangue.

Cobra Manipuladora Vingativa: Kkkkkk

Dom: Cresce!

Ela não me respondeu mais e o status “*online*” sumiu do seu perfil. Fiquei alguns segundos encarando a tela, me perguntando o que mais eu poderia dizer.

Ana Carolina disse que seu sócio ficaria em seu lugar por um tempo. O que “um tempo” queria dizer, porra? Reli a conversa, irritado por não ter recebido uma explicação mais elaborada.

Eu merecia um esclarecimento melhor sobre os motivos pelos quais ela iria se ausentar, certo? A empresa dela trabalhava para a minha!

Não fazia sentido nenhum.

Mandei os *prints* no grupo que tinha com Yuri e Luís Paulo e eles responderam que aquilo com certeza era uma desculpa esfarrapada, que ela provavelmente só não queria ficar perto de mim.

Quem precisava de inimigos quando se tinha os meus amigos?

Durante o resto do dia, eu me ocupei com as três reuniões que estavam agendadas. Foram poucos os momentos em que olhei para o meu celular, irritado, buscando algum tipo de resposta para o seu sumiço repentino.

E tudo teria sido perfeito se o idiota do Ícaro não tivesse aparecido na minha sala no final do expediente. Ele veio me dizer que as pessoas da agência de publicidade estavam atrasando as últimas peças aprovadas da campanha e emendou em um assunto aleatório sobre alguma mulher que tinha fodido na noite anterior.

— Ah, conheci o Cristiano — ele comentou, algum tempo depois.

— E o que achou dele? — perguntei, distraído, sem parar de digitar no meu computador.

— Definitivamente não é tão bom de se admirar quanto ela. — Eu o olhei de cara feia e Ícaro deu uma risada. — Simpático, normal... Por quê?

— Nada, só achei esquisito ele aparecer aqui.

— Acho que você está exagerando. — Meu amigo deu uma risada. — A Clara... Carolina, que seja... Enfim, ela teve uma emergência familiar, vai precisar ficar uns dias fora. É superaceitável que mande o sócio no lugar.

Seu comentário atraiu totalmente minha atenção.

— Como sabe que foi uma emergência familiar?

— Ela me disse.

— Como assim *te* disse? — Franzi o cenho, sem entender.

Que porra?

— Ela me mandou uma mensagem bem cedo explicando que teve uma emergência com a mãe e avisou que o Cristiano ficaria no lugar dela por um tempo.

Aquilo era de foder! Eu era a porcaria do CEO da empresa e o meu diretor de *marketing* tinha recebido mais informações do que eu! Sendo que era eu quem estava trepando com ela horas antes da merda da suposta emergência!

— Estão amiguinhos agora? — perguntei, nem tentando esconder minha irritação. — Caso não se lembre, foi a família dessa maldita que tentou foder a minha.

Ícaro me olhou enfadado e soltou uma respiração.

— Não, idiota! A gente se fala, mas não somos “amiguinhos” — ele retrucou, debochado, fazendo as aspas no ar. — Nós tínhamos uma reunião hoje e ela se desculpou por não conseguir estar presente.

Ela pediu desculpas para ele e não para mim? Quem pagava a merda do salário dela? O Ícaro, porra? E que caralhos “a gente se fala” significava?

— Além do mais, se eu fosse ser algo dela, amiguinho seria a última opção na lista... — zombou, e eu sustentei meu olhar cheio de ódio. — Deus, eu tô brincando!

A irritação pinicava a superfície da minha pele e eu nem mesmo conseguia entender o motivo. Estava pouco me fodendo se nós nos odiávamos, acima disso havia uma relação profissional. Mesmo que a desgraçada estivesse tentando foder a minha empresa, eu já tinha deixado claro que ela iria, sim, cumprir o contrato. Era muito desaforo que minha funcionária não me desse o mínimo de satisfação!

— Por que está tão estressado hoje?

— Eu sempre estou estressado — falei, dando um sorriso falso e voltando a digitar no *laptop*.

— Verdade, mas acho que hoje está mais do que o normal.

— Como quer que eu fique, Ícaro? A filha dos Lacerda se infiltrou aqui, já fodeu com minhas metas e agora tem um desconhecido na minha empresa. Não faço ideia do que eles estão arquitetando, mas não estou gostando de nada disso.

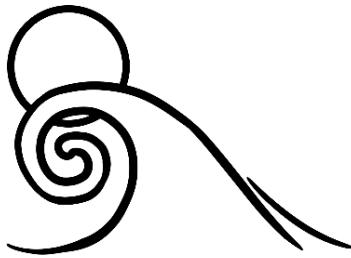
Ícaro se levantou, deu a volta na minha mesa e girou minha cadeira. Encostou com as duas mãos no meu ombro, deu uma risada e me sacudiu de leve.

— Cara, pelo amor de Deus! Você está controlando cada passo dela e acredito que vá fazer o mesmo com ele, então relaxa!

— Vou relaxar quando os dois estiverem fora da minha empresa.

— Enfim, você que sabe. Preciso ir... — avisou, caminhando em direção à porta, mas antes de sair, se virou novamente para mim. — Vê se come uma boceta!

Como se aquilo fosse resolver meus problemas! A comida de boceta era o que estava me deixando ainda mais puto.



Toda a situação fodeu a minha mente pelas três longas semanas que se seguiram. Tentei tirar informações do idiota que ela tinha de sócio, mas ele não deu uma brecha.

Decidi até mesmo dar uma de “chefe preocupado” e questionei se não havia nada que a empresa pudesse fazer para ajudar na questão familiar, mas tudo o que ele fez foi agradecer e dizer que a “Cá” tinha tudo sob controle.

Sim, Cristiano a chamava de “Cá”, como aparentemente a porra da minha empresa inteira, mas não estranhou quando usei o nome Ana Carolina. Conforme os dias foram passando, percebi que ele era muito fechado... E lerdo! Já estava perdendo a paciência, porque o outro sócio da Nexus não parecia totalmente inteirado sobre as questões da *Petrolío*.

E como se não bastasse, o seu tempo na empresa não era integral.

Ela não apareceu na academia em nenhum dos dias e só descobri que tinha pisado no prédio quando um dos seguranças do elevador me perguntou, meio acanhado, se estava tudo bem com a “Cá”, porque já fazia mais de uma semana que não a via.

Então soube que Ana Carolina deixou um documento na recepção e sequer se deu ao trabalho de mostrar as caras. Era muito descaso, honestamente.

Eu mandei uma mensagem perguntando se estava tudo bem.

Depois outra questionando se havia uma previsão para que ela voltasse.

Mais uma inventando um assunto que eu poderia facilmente ter resolvido com o lerdo do Cristiano (o que ela me lembrou ao me responder).

E como se não bastasse toda a humilhação de receber respostas como se eu fosse a porra de um antibiótico (de 12 em 12 horas), decidi me rebaixar um pouco mais.

A culpa era dos meus amigos.

Um conselho: não tenham amigos.

Aqueles dois filhos da puta entraram na minha cabeça com a história de que eu tinha sido babaca dizendo que ela não era especial.

Foi só a porra de uma frase! E uma frase verdadeira, porque ela sabia que não era especial! A gente se odiava! Ana Carolina Lacerda nunca iria querer ser especial para mim, inferno!

Então por que ficaria ressentida pelo que eu falei?

Não. Fazia. Sentido!

Ainda assim, aquilo não me deixava dormir. Na verdade, toda aquela situação estava me dando insônia. Passava boa parte do dia massacrando minha bolinha antiestresse com as mãos e toda vez que alguém batia na porta, meu coração disparava.

Até pensei em perguntar para a Maria Manuela se havia acontecido alguma coisa, mas fiquei com medo dela fazer perguntas demais. Dois dias depois da nossa foda, ela me perguntou como estava a minha relação com Ana Carolina e eu pude jurar que minha cunhada sabia de alguma coisa. Acho que fiquei nervoso demais e pedi para, por favor, não tocarmos mais naquele nome.

Eu não podia chegar na casa dela pedindo informações sobre seu paradeiro, demonstrando estar interessado. Aquela ecochata era inteligente demais, iria sacar na hora.

Pensava naquela desgraçada por mais tempo do que gostaria durante o dia. Cheguei até mesmo a me questionar se ela tinha feito algum tipo de feitiço de amarração para mim.

Só isso poderia explicar o fato de que eu, Domenico Perazzo, digitei com meus próprios dedos uma mensagem que dizia: "Você ficou chateada porque eu disse que você não era especial?".

E pela primeira vez em dias, a cretina ficou *online* na hora em que eu mandei, impedindo que pudesse deletar a frase que me arrependi no mesmo segundo que apertei o botão de enviar.

Ela mandou vários pontos de interrogação e eu precisei me explicar. E aí foi ladeira abaixo. Sentia-me como a porra de um adolescente de dezessete anos, com o coração quase saindo pela boca para me justificar sobre a porcaria de uma frase.

Eu disse que em algum momento naquela noite fiz aquele comentário e não sabia se de alguma forma ela tinha se ofendido. Me desculpei e emendei afirmando que por mais que nossa relação fosse regada de animosidade, não era minha intenção ofendê-la como mulher. Para finalizar, esclareci que ela não precisava se afastar da empresa pelo que tinha acontecido, que podíamos ser adultos a respeito daquilo.

A resposta foi: "Domenico, acha que sou uma adolescente idiota? Acredita que deixaria o meu trabalho de lado porque não sabia lidar com o fato de que trepamos? Foi só uma foda, pelo amor de Deus! O mundo não gira em torno do seu umbigo, estou com um problema familiar sério. Cresce!"

E simplesmente assim eu ganhei o prêmio de imbecil do ano.



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Minha mãe teve uma piora absurda. Naquela manhã fatídica, algumas semanas atrás, eu recebi uma ligação do meu pai dizendo que estava chegando no meu apartamento em dez minutos porque os médicos tinham entrado em contato.

Ela apresentou uma insuficiência cardíaca e recebeu o diagnóstico de uma cardiotoxicidade. Aparentemente, os pacientes

que faziam quimioterapia recebiam muitos medicamentos que poderiam ser tóxicos para o coração a ponto de sobrecarregá-lo.

O cardiologista disse que era preocupante, que havia a possibilidade de causar uma lesão mais séria no coração, principalmente porque ela estava apresentando alguns outros problemas.

Aquelas três semanas e meia foram caóticas, mas há dois dias tínhamos recebido a notícia de que seu quadro estava mais estabilizado. Eu praticamente morei dentro do hospital quando minha mãe foi para o quarto. Não queria deixá-la em momento algum e fiquei revezando com o meu pai para dormir lá.

Meus irmãos apareceram, demonstraram todo apoio do mundo e por alguns dias foi como se fôssemos uma família de verdade, como no passado. Sem julgamentos, apontamentos ou qualquer assunto que nos dividisse.

Sentia falta daquela dinâmica. E tudo teria se mantido daquela forma se aqueles malditos não tivessem destruído nossas vidas. Eu ainda teria crescido na minha casa com meus irmãos.

Por mais de três semanas, Julia não tocou no nome dos Perazzo e não mencionou o meu trabalho, mas assim que o médico informou a melhora da mamãe, minha irmã perguntou o que eu pretendia fazer dali em diante.

Respondi que iria voltar para minha rotina e ela quis saber se isso incluía retornar para a *Petrolío*. Deixei claro que sim, porque aquele era meu trabalho. Obviamente recebi outro sermão e ela voltou a afirmar que enquanto eu estivesse naquela empresa fazendo sabe-se lá o que o nosso pai queria, não desejava contato comigo.

Então sim, havíamos voltado à estaca zero.

Chacoalhei a cabeça e encarei as portas do elevador, respirando fundo para conter minha irritação. Não estava nada animada para encontrar o Domenico.

Já fazia uns dias desde a última mensagem que tínhamos trocado. E simplesmente não conseguia esquecer como aquele babaca podia achar que eu estava inventando desculpas para não voltar para a empresa só porque tínhamos transado.

Egocêntrico do caralho!

Infelizmente a sorte não estava ao meu lado, porque assim que as portas se abriram, o maldito se materializou na minha frente. Domenico estava prestes a entrar no elevador, mas parou. Sua boca se entreabriu de leve e ele piscou, meio atordoado.

Havia algo na sua expressão... Era quase como se estivesse se perguntando se eu era real.

— Boa tarde — falei de má vontade, passando por ele.

Antes que eu pudesse dar mais alguns passos, aquela mão enorme segurou o meu braço. Senti meu estômago retorcer, a inquietação irradiando por cada célula do meu corpo com o toque. Inalei uma respiração e me virei para olhar dentro dos seus olhos.

— Não sabia que viria hoje.

— Pois é, aqui estou eu.

— Veio me ver?

— Sim, vim só para te ver — respondi, debochada, e depois semicerrei os olhos e falei baixinho: — Você acha que todo mundo que está aqui veio trabalhar? De jeito nenhum, aposto que todos só estão esperando por uma oportunidade de cruzar com você no elevador para admirar o esplendor dos seus olhos ou desfrutar desse seu bom humor contagiante.

Ele revirou os olhos e bufou.

— Muito engraçada... Queria saber se pretendia fazer alguma reunião comigo hoje. Eu estou de saída. Vou fazer uma viagem e só volto na semana que vem.

Ótimo, agora eu parecia uma idiota.

— Ah... — tentei não gaguejar. — Certo. Não, não pretendia fazer nenhuma reunião.

O elevador voltou a parar no nosso andar e ele segurou a porta, mas antes de entrar, se virou para mim.

— Avisei para o Cristiano que o assistente de vocês faltou e não buscou os brindes que ficaram prontos para o evento de amanhã.

— Puta que pariu! Vou buscar eu mesma — avisei, entrando com ele no elevador. — Onde fica?

— No prédio aqui do lado, onde ficava a antiga *Blockbuster*^[12].

— Antiga o quê? — franzi o cenho, sem entender do que ele estava falando.

— *Blockbuster*.

— O que é uma *Blockbuster*?

— Você só pode estar de sacanagem! — Domenico exclamou, abrindo um pouco os braços, parecendo incrédulo.

Ficou me encarando como se estivesse esperando que eu falasse alguma coisa, mas não fazia ideia do que era aquilo.

— Você não sabe o que é uma *Blockbuster*?

— Não. Eu deveria?

— Meu Deus! — Ele passou uma das mãos no rosto. — Claro que você não sabe, porque você tem vinte anos!

— Vinte e um — eu o corrigi. — Em breve vinte e dois.

Ele me olhou, a pergunta “sério?” estampada em todas as suas feições.

— Você realmente precisa superar o lance da minha idade.

— Impossível. Sua geração me dá nos nervos. Meu Deus, não saber o que é uma *Blockbuster*? — ele meio que falou para si mesmo, soltando um ruído incrédulo, balançando a cabeça em diversas negativas.

— Diz o cara que tem uma farmácia na gaveta como se tivesse oitenta anos.

Sua boca se entreabriu e eu comprimi os lábios, me segurando para não rir do quanto Domenico ficou irritado com o meu comentário. E dois segundos depois, ele explodiu:

— Pessoas de trinta e dois anos não são irresponsáveis como as de vinte, Ana Carolina. Nós nos preocupamos com a saúde!

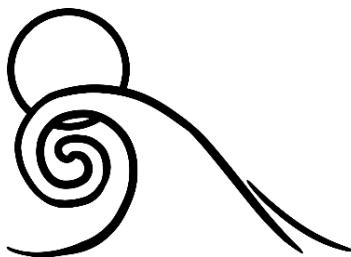
E simplesmente saiu puto do elevador, pisando firme sem nem olhar para trás. O idiota foi embora e não me disse que porra era uma *Blockbuster* e muito menos onde ficava.

Decidi perguntar para um dos seguranças onde ficava o prédio com a referência que ele havia me dado e o senhor me disse exatamente o lugar que eu precisava ir: o edifício da nova *Starbucks*.

Ótimo, mal cheguei e o Babaca Júnior já tinha me irritado. Toda aquela ansiedade em encontrá-lo tinha sido reduzida a pó em apenas uma interação. Eu me amaldiçoei por todos os dias que pensei nele e me xinguei mentalmente por ter trepado com o idiota.

Foda-se que foi incrível! Ele continuava sendo um arrogante e egocêntrico. No fim das contas, seu sobrenome ainda era o mesmo.

Graças a Deus Domenico passaria uns dias fora e eu não seria obrigada a vê-lo na minha frente.



Descobri que *Blockbuster* era a porra de uma locadora de vídeo.

Por sete dias, eu trabalhei como um camelo no deserto. Tivemos dois eventos com os funcionários e meu sócio me deixou muito mais demanda do que eu imaginava.

Tudo estava me irritando de um jeito absurdo e nem sabia identificar o motivo ao certo. Estava bem mais puta do que o normal, mas coloquei na conta da minha TPM. Eu provavelmente iria entrar naqueles dias em breve...

Que dia eu tinha menstruado no mês passado mesmo? Meu ciclo era meio irregular porque precisei parar com o anticoncepcional uns meses atrás, então sempre me perdia.

Ok, talvez eu estivesse um pouco aborrecida porque desde que tinha cruzado com Domenico no corredor, todas as lembranças daquela tarde (e noite) inundaram minha mente por completo.

E Deus, eu me masturbei todas as noites pensando naquele babaca filho da puta. Eu tentava pensar em qualquer outro cara, mas tudo voltava para ele. Sua voz rouca e grossa ecoava na minha mente me dando ordens e a merda do vibrador não me preenchia o suficiente.

Maldito seja ele e sua pica gigante!

Então sim, estava frustrada, subindo pelas paredes e não conseguia parar de pensar em sentar naquele homem de novo. Todos os dias eu repetia para mim mesma de que nunca deveria ter experimentado.

A gente não pode sentir falta do que não teve, inferno!

Foi uma péssima decisão.

Sempre fui uma garota que fazia boas escolhas. O que infernos estava acontecendo comigo?

Eu estava tão irritada!

E por que esses idiotas desses funcionários não entendiam o que eu tinha explicado na palestra? Que diazinhos de merda eu estava tendo, puta que pariu!

Para ser sincera, a única diversão da semana foi perturbar o idiota. Eu pesquisei algumas gírias dos anos 2000 e sempre que precisava enviar um *e-mail* ou mensagem para ele, usava uma delas.

Entrei no *Google* para procurar mais alguma expressão nova. Já estava entediada depois de criar dez planilhas no *Excel* e responder quinze funcionários que não estavam entendendo a dinâmica da nova cartilha.

Estava rindo quando ouvi um pigarro. Levantei os olhos para ver quem estava ali e todo o ar se tornou inexistente. Nenhum outro som saiu da minha boca quando percebi que Domenico estava parado na porta da minha sala. Deus, ele estava lindo dentro de um terno azul-marinho elegante e meu coração perdeu as batidas assim que ele umedeceu os lábios antes de começar a falar:

— Boa tarde.

— Boa tarde — respondi firme, escondendo o quanto tinha me afetado com sua presença.

Não estava preparada para sua chegada. Muito menos assim, de supetão dentro do meu escritório. Achei que ele me enviaria um *e-mail* ou mensagem dizendo que havia chegado, afinal, eu avisei que precisava marcar uma reunião quando ele voltasse.

— O relatório que você enviou ficou bom, mas preciso dos gráficos em curva — falou, como se estivesse prestes a deixar o cômodo.

— Jura, Dom? Ficou TDB^[13]? — falei, cheia de sarcasmo.

Tentei conter aquele farfalhar no meu estômago, um que eu percebi ter sempre que imaginava aquele idiota ranzinza bufando ou revirando os olhos por estar sem paciência. Não sabia como, mas aquele homem ficava ainda mais gostoso puto.

— Que porra é essa, Ana Carolina? — indagou, estressado, e eu abafei uma risadinha, satisfeita.

— Gíria da sua época, ué.

Dei de ombros e ele puxou fundo uma respiração. Os músculos do pescoço retesando e se tornando mais visíveis para demonstrar toda sua irritação. Tirá-lo do sério poderia facilmente estar na lista de coisas que eu mais gostava de fazer agora.

Ele era realmente lindo, que inferno!

— Quer parar com isso? Me azucrinou a porra dos dias inteiros com essa merda. Quantos anos você tem? Cinco?

— Desculpe, só estou tentando me adequar à sua geração. Talvez esteja moderno demais para quem via o café da manhã do "Xou da Xuxa"^[14]? — Tornei a comprimir os lábios ao ver seu rosto ficando ainda mais vermelho.

— Eu não via Xuxa!

Segurei a risada porque ele parecia realmente ofendido.

— Caralho, garota, você é IN-SU-POR-TÁ-VEL! — falou entredentes, pausando a cada sílaba para dar ênfase na palavra e depois pareceu muito ofendido antes de sair resmungando pela porta.

— Você quis dizer: você é show de bola? — meio que gritei com desdém para o corredor.

Dei uma risada sozinha, encostando na cadeira, e suspirei, experimentando uma sensação de paz esquisita. Eu deveria estar desconfortável com sua chegada, mas não. De alguma forma, tinha a percepção de que as coisas pareciam exatamente no lugar agora que Domenico estava de volta.

O quão esquisito era isso?

Capítulo 29



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Eu iria matar aquela desgraçada!

Há dois dias nós tivemos uma briga ridícula sobre direcionamento de verba e na hora que começamos a discutir, me senti até aliviado porque tudo parecia ter voltado ao normal.

Tudo bem que eu queria rasgar suas roupas enquanto berrava com ela, mas ainda assim era uma vitória. Até porque mantivemos

uma distância segura um do outro.

E agora o que Ana Carolina estava fazendo? Queimando a porra da minha empresa para Deus e o mundo em uma transmissão ao vivo em um evento da área de ESG.

"— *Como sua consultoria lida com as dificuldades que encontram com os clientes?*

— *Lidar com pessoas normalmente é mais fácil, mas no caso de algumas empresas, o desafio dentro da sustentabilidade é maior. Como reduzir a pegada de carbono, por exemplo...*"

A filha da puta olhou para a câmera e deu um sorrisinho que eu sabia ser para mim. Respirei fundo, pegando minha nova bolinha antiestresse porque a última eu simplesmente consegui rasgar ao meio.

"— *Isso só ocorre com investimento em maquinário. E bem, se a empresa não se propõe a trabalhar em sinergia com a consultoria fica um pouco mais complicado, entende? As metas vão ficando mais difíceis de serem atingidas se não há liberação de verba para a compra de equipamentos.*

— *E vocês costumam alertar os clientes, certo?*

— *Claro, é nossa obrigação. Normalmente não temos muitos problemas, mas sempre existem aqueles que não estão dispostos a investir para os melhores resultados ou então não seguem nossas sugestões. Por exemplo, uma meta de zero queima de rotina em flares até 2028 pode parecer difícil e realmente é, mas ela só será impossível se não houver investimento.*

— *Ainda assim, a Nexus vem se destacando por obter resultados fantásticos, correto?*

— *Sim, fico feliz de afirmar que nossos números são incomparáveis.*

— *Algumas pessoas acharam uma loucura as metas sugeridas pela Petrolio. Pode falar um pouco mais sobre isso?"*

Eu iria ter uma parada cardíaca. Certeza. Com trinta e dois anos, o infarto seria fulminante. Era raríssimo alguém da minha idade sobreviver.

"— *Infelizmente não posso dar mais detalhes sobre meus clientes, mas estamos fazendo o possível para mitigar os obstáculos*

e cumprir as metas. Como eu disse, todos os projetos que estão nas nossas mãos são possíveis, tudo depende se a empresa está disposta a colaborar ou não.

— Entendo... E a questão da transparência é algo que assusta as grandes empresas?

— A transparência é um dos nossos pilares. Nós somos apenas uma consultoria, mas nosso compromisso é com a verdade sempre.”

A entrevista acabou e permaneci estático olhando o vídeo no YouTube sem acreditar que ela tinha acabado de fazer aquilo. Na verdade, era aquele tipo de situação que ficamos perplexos, mas na realidade não é uma surpresa.

Sabia bem que Ana Carolina Lacerda não estava na *Petrolío* a passeio. Ela queria me foder e era por esse motivo que divulgou aquelas porras de metas absurdas. E agora tinha deixado nas entrelinhas que estava se referindo à minha empresa.

A porra da meta de zero queima de rotina em *flare* até 2028 era nossa! A maioria das empresas tinha colocado um prazo até 2030, mas nós éramos a única empresa insana que reduziu dois anos!

Recebi algumas mensagens do meu irmão e da minha cunhada perguntando se eu tinha visto a entrevista. Na mesma hora, minha secretária me ligou avisando que Ícaro estava do lado de fora.

— Você viu isso? — Ele praticamente invadiu a minha sala, meio ofegante.

— Sim — respondi, moendo meus dentes.

— E não está preocupado, porra? Ela mencionou uma das nossas metas, falou sobre a pegada de carbono... Sabe que todo mundo vai achar que ela tá falando da gente, né?

— Não brinca, Ícaro? Pensei que achariam que ela estava se referindo à porra da *Quatro por Quatro*^[15]! Caralho! — berrei, jogando a bolinha do outro lado da sala.

Ele ficou em silêncio e eu passei as mãos pelo rosto, parando com meus polegares nas têmporas para massageá-las. Não conseguia entender como alguém era capaz de me deixar tão transtornado.

— Que filha da puta!

— Não acho que muita gente assistiu isso — Ícaro disse, com um tom de voz baixo, claramente tentando me acalmar.

— Não interessa, porque provavelmente todo mundo que quer ver nossa empresa fodida viu.

— Vamos ver o lado positivo.

— Que lado positivo, porra?

— *Marketing* negativo também é *marketing*... — comentou, um pouco receoso, e eu o olhei cheio de ódio.

— Com todo respeito, Ícaro... Vai tomar no cu?

Ele saiu da minha sala dizendo que iria tentar colocar panos na situação. Afirmou que sondaria os veículos de comunicação e faria o possível para que ninguém ligasse aquela entrevista à *Petrolio*.

Enquanto isso eu fiquei no telefone conversando com Dante que tentava me acalmar. Minha cunhada estava ao seu lado tagarelando sobre os demais clientes da *Nexus*, buscando detalhes sobre eles para minimizar toda a merda.

Não demorou muito para que Ana Carolina chegasse e eu já tinha deixado avisado na recepção que no minuto em que a cobra pisasse na empresa, deveria ir para minha sala.

Eu estava em pé quando ela entrou, parecendo entediada.

— Boa tarde. A Pam disse que queria falar comigo... — disse e então cruzou os braços, apoiando as costas na porta.

— Boa tarde? — perguntei, aumentando o meu tom de voz enquanto atravessava minha sala com apenas alguns passos. — Boa pra quem, porra?

— Estou tendo uma tarde ótima.

— Claro que está! — berrei, chegando ainda mais perto e ela estremeceu. — Como sua tarde não seria ótima se estava fodendo com a porra da minha empresa?

— O que eu fiz?

— Você é sonsa ou se faz? Que merda de entrevista foi aquela?

— Nada demais, apenas um convite para minha empresa.

— E você achou que seria certo falar que a *Petrolio* não te dá verbas suficientes para cumprir as porras das metas absurdas que você inventou!

— Bem, de fato você não parece muito disposto... — Eu a fuzilei com os olhos, mas ela apenas projetou o queixo para frente.
— De qualquer forma, não mencionei a *Petrolio*. Em momento algum disse que vocês não queriam liberar verbas.

— E precisava, caralho? — tornei a me exaltar, dando mais um passo à frente. — Você usou de exemplo nossas metas, falou sobre pegada de carbono... Não fode, Ana Carolina!

Meu corpo estava praticamente colado no dela, os rostos a poucos centímetros de distância. O sangue borbulhando nas minhas veias, queimando cada músculo que se contraía.

Toda aquela postura dela, a forma como me olhava, quase que me desafiando. Em alguns momentos, eu achava que aquela mulher estava me empurrando até a borda, provocando-me até que eu pulasse em um precipício.

Quando percebi, minha mão estava ao redor do seu pescoço. Meu coração trovejava contra minhas costelas, a respiração irregular se fundindo com a sua, meio ansiosa.

O seu perfume tornava tudo pior, transformando toda a atmosfera em uma nuvem densa, capaz de consumir cada um dos meus sentidos. Nossos olhos travavam uma batalha e nenhum dos dois ousava desviar. E o ódio... Deus, o ódio pulsava tão forte que me impedia de raciocinar.

— Não tenho culpa se vão interpretar alguma coisa — respondeu com desdém, arqueando uma das sobrancelhas. — Na verdade, a culpa é da reputação péssima da sua empresa, não minha.

Seus lábios estavam próximos demais...

— Você é uma filha da puta.

— Eu nunca disse que não era.

Ela olhou para a minha boca. Então tudo pareceu desmoronar em cascata e eu me vi pressionando seu corpo ainda mais contra a porta antes de tomar sua língua afiada para mim. E no momento em que eu a beijei, foi como encher os pulmões de ar depois de dias sem conseguir respirar perfeitamente.

Foi incontrolável, como uma força da natureza.

Fazia um pouco mais de um mês desde a última vez em que nos tocamos, mas tinha a impressão de que sofri por uma eternidade. E a sensação do seu corpo se derretendo no meu parecia tão certa que eu não entendia como consegui passar todos aqueles dias distante.

Ela gemeu baixinho dentro da minha boca quando deslizei a mão por sua barriga, por baixo da blusa, apertando-a com força. Meu próprio corpo me traía, agarrando-a de um jeito como se não quisesse que ela se afastasse.

Foda-se, eu queria trancar minha sala e foder aquela cretina até o dia seguinte. Estava subindo pelas paredes, estressado e acho que nem mesmo aguentava mais tocar punheta. Porque sim, trepei com a Letícia e a Laís no meio daquelas três semanas infernais e foi uma merda.

Nem mesmo conseguia entender, eram duas mulheres que faziam parte da minha rotina, que eu estava acostumado a transar. E agora tudo parecia sem graça. Era como comer um *tiramisù* e não ser capaz de sentir a merda do gosto direito.

Agora com ela... Meu Deus, eu podia sentir cada um dos sabores dos ingredientes apenas durante aquele beijo.

Não fazia a porra de um sentido, mas ser racional era a última coisa que eu desejava agora. Eu precisava do seu gosto e era quase como uma necessidade vital me enterrar naquela boceta quente e perfeita.

Decidi que demitiria Pamela no minuto em que ela bateu na minha porta.

Não! Não! Não, caralho!

Ana Carolina sobressaltou, afastando-se um pouco e me encarou com os olhos grandes e assustados. Era quase como se só naquele momento tivesse se dado conta do que tinha acabado de acontecer.

— Estou ocupado, Pamela! — berrei para que ela ouvisse do outro lado, suprimindo a vontade de socar a merda da porta.

— Por que fez isso? — ela perguntou com a voz entrecortada, puxando uma respiração.

Eu a encarei por alguns segundos, pensando no que dizer. Não havia nenhuma justificativa lógica além de “sou um idiota”.

— Combinamos que não faríamos mais isso — falou, empurrando-me para sair dos meus braços, a irritação claramente presente na voz.

— Quer que eu me desculpe por ter te beijado?

A pergunta a pegou desprevenida.

— Você... Ahn... Não precisa se desculpar, mas... — ela parou, engasgou um suspiro e depois franziu o cenho, voltando a ficar agitada. — Você não pode simplesmente...

Ana Carolina parecia estar hiperventilando, o rosto ficando ainda mais vermelho. Ela ficava bonitinha assim, meio desorientada. Nem mesmo parecia a víbora venenosa que realmente era.

— Além do mais, era só uma vez, certo? Eram as regras!

— Regras? — Dei uma risada fraca e ela me olhou inconformada.

— Sim!

— Já liguei o foda-se sobre minhas próprias regras. E sinceramente, nossa palavra não vale de muita coisa.

— A minha vale, sim! — respondeu, ofendida.

Depois cruzou os braços e soltou um ruído de incredulidade.

— Eu vi, com você praticamente me engolindo um minuto atrás... — Estalei a boca e virei de costas em direção à minha mesa.

— Você me agarrou!

— E você correspondeu.

Seus lábios se entreabriram e as palavras morreram ali mesmo.

— Fica tranquila, isso não vai acontecer de novo — afirmei, percebendo que ela continuava imóvel.

Havia algo nas suas expressões, no seu olhar. Uma espécie de decepção misturada com alívio. Ou talvez fosse apenas o que eu estava sentindo depois de ouvir aquela frase ecoando pela minha sala.

Não iria acontecer de novo.

Eu não podia deixar que aquela merda se repetisse!

Ana Carolina era uma Lacerda. Ana Carolina tinha vinte e um anos. Ana Carolina mentiu para mim. Ana Carolina era uma cobra

manipuladora. Ana Carolina queria me destruir, porra!

— Ótimo. Vê se você se controla da próxima vez — disse com um leve deboche, antes de abrir a porta e deixar o cômodo.

Perfeito, agora eu estava ainda mais puto e com a porra de uma ereção!

Inferno de mulher do demônio!

Capítulo 30



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

— Sim, querida, eu entendo, mas o exame estava marcado para hoje, não para amanhã!

Pincei a ponte do meu nariz, suprimindo a vontade de mandar a mulher para a puta que pariu. Odiava lidar com funcionários que trabalhavam de má vontade, principalmente quando precisavam interagir com pessoas que estavam com os nervos à flor da pele.

— *Senhora, mas o plano não autorizou e existe uma agenda lotada.*

— Minha mãe precisa fazer o exame hoje, ela terá a consulta com o oncologista amanhã e ele pediu para ver a ressonância o mais rápido possível.

— *Entendo, senhora.*

— Não, você não entende! — Senti minha voz embargar, o desespero começando a me inundar. Ainda assim, tentei controlar meu tom e voltei a dizer: — Ela teve uma piora ontem. Não sei o que está acontecendo, não sei o que fazer. O plano nunca negou nada, ela está internada há meses! Você pode tentar ligar mais uma vez, por favor?

A mulher ficou três segundos em silêncio.

— *Certo. Tentarei mais vez.*

— Obrigada. Fico no aguardo de um retorno.

Então eu simplesmente desabei. Engasguei em um soluço enquanto as lágrimas rolavam pelo meu rosto e eu o afundava nas minhas mãos. Não liguei para o fato de estar no meio do meu ambiente de trabalho, estava tão cansada de toda aquela dinâmica, de tanta burocracia, de viver com medo de que alguma coisa acontecesse com a minha mãe. Óbvio que eu era muito grata, ao menos ela tinha acesso a bons médicos e plano de saúde, mas todo o peso daquela doença fazia com que eu me sentisse impotente e exausta.

Ouvi um pigarro seguido por uma batida na porta (que eu esqueci aberta) e fechei os olhos, rezando para que Domenico não tivesse ouvido a conversa. Porque sim, eu sabia que era ele ali.

Nem mesmo pensei na possibilidade de alguém estar ouvindo. Havia sentado na cadeira de frente para minha mesa e estava de costas para a entrada. Não queria lidar com ele, mas limpei o rosto rapidamente, ainda irritada comigo mesma e me virei.

— Está tudo bem?

— Sim. Já vou te enviar o relatório que pediu — avisei, levantando-me da cadeira e dando a volta na mesa para mexer nos meus documentos.

— Não parece tudo bem.

Puxei uma respiração e levantei os olhos para encontrar os seus.

— O quanto você ouviu?

— A porta estava aberta — foi sua justificativa.

— Ótimo — resmunguei, bufando e voltando a olhar para as pastas espalhadas perto do meu *laptop*.

O silêncio perdurou por uns vinte segundos que pareceram durar uma eternidade. Não sabia ao certo o que ele continuava fazendo ali, tornando tudo mais constrangedor ainda, mas ao mesmo tempo, não queria perguntar.

— Precisa de ajuda?

— Não — respondi firme, sem nem direcionar o olhar para ele.

Meu braço esbarrou em um vasinho com uma suculenta e eu xinguei baixinho, pegando as pedrinhas que caíram sobre os papéis. Não levantei os olhos paravê-lo, mas senti que seu corpo deu um passo para frente e, em seguida, ele se interrompeu.

— Pelo que entendi, sua mãe precisa fazer um exame. O dono do hospital Albertelli é pai de uma amiga minha — ele comentou, como se aquilo fosse uma conversa habitual entre nós.

A raiva explodiu dentro do meu peito.

Larguei os papéis que estavam na minha mão e o olhei irritada. Quem ele pensava que era para se meter na minha vida daquele jeito? Nós não éramos amigos, nós nos odiávamos por causa dos nossos pais!

— Não finja que se importa com a minha família, Domenico. Não preciso da sua ajuda.

Ele me encarou, o maxilar travado como se buscassem segurar alguma coisa dentro de si. Minha respiração até mesmo se tornou mais pesada, meu coração pulsando com força contra minhas costelas.

— Não estou fazendo isso por eles.

Cheguei a dar uma risada fraca. Aquele homem era inacreditável. Que tipo de comentário era aquele? O que Domenico queria dizer? Que estava fazendo por mim? Não tínhamos uma relação, nem mesmo nos suportávamos!

— E você se importa comigo?

— Pelo visto o suficiente para não querer te ver chorar.

A resposta me pegou desprevenida, mas mantive minha postura neutra. Aquilo não mudava nada, não me abalaria. Ele provavelmente só estava desconfortável de ver uma mulher chorando na sua frente.

— Não preciso da sua pena, obrigada.

— Carolina! — Sua voz ecoou pela sala, a irritação presente em seu tom. — Deixa de ser teimosa? É só a porra de um exame! Resolvo isso com uma ligação.

A forma como ele me chamou fez o meu coração bater de forma errada. Não sabia explicar o motivo, afinal, era o meu nome. Havia algo, entretanto. Quase como uma intimidade mascarada.

— Não. Obrigada, mas não quero dever nenhum tipo de favor a você.

Meu telefone tocou na mesma hora e eu fiz um sinal com a mão para que ele nem começasse a falar, porque seu cenho já estava franzido e sua boca entreaberta. Domenico estava pronto para iniciar um discurso.

Assim que atendi a ligação, a atendente avisou que conseguiu contato com o plano e confirmou o exame. Respirei aliviada, agradeci e desliguei o celular.

— Já resolvi — avisei para ele. — Você não precisa ficar aqui, vou te enviar o relatório agora mesmo.

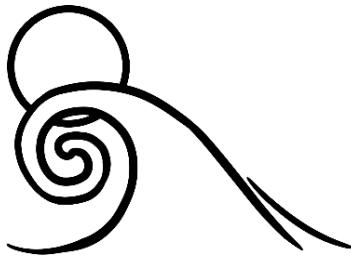
— Na verdade, vim te perguntar sobre o evento essa noite. E você não precisa ir, se...

— Estarei lá — eu o cortei, não dando margem para que ele falasse sobre minha mãe ou minha família novamente.

Ele colocou as duas mãos dentro dos bolsos e me encarou por alguns segundos antes de deixar a sala.

Afundei meu rosto nas mãos e contive o grito que queria fugir da minha garganta. Aquilo não podia ter acontecido. Eu não queria que Domenico Perazzo soubesse sobre a situação da minha mãe, não queria que me visse vulnerável daquele jeito.

Como eu era idiota! Meu pai surtaria se soubesse que fui tão estúpida.



Passei no hospital para ver minha mãe rapidinho, não podia demorar demais porque precisava me arrumar para o evento. Ela permaneceu dormindo durante o tempo em que estive lá e nem percebeu minha presença. Meu pai explicou que por causa das dores, o médico havia dado uma medicação um pouco mais forte hoje.

Estava tão exausta, emocional e fisicamente. E socializar era a última coisa que eu queria fazer, mas não daria munição alguma para o babaca falar sobre mim ou a respeito do meu profissionalismo.

Ignorei o fato de que tudo o que eu queria fazer era estar dentro dos meus pijamas, chorando e comendo pizza enquanto assistia ao meu filme favorito. Fingi que não estava enjoada porque tinha comido uma coxinha cheia de óleo no hospital. E empurrei o ódio de ser obrigada a ficar mais algumas horas na presença do cara que eu odiava e que também me dava muito tesão.

E como era muito boa no que fazia, já estava há mais de três horas com o meu melhor sorriso falso no rosto aturando os idiotas dos fornecedores da *Petrolio*.

Não demorou muito para que eles fossem embora e tudo o que eu fiz foi caminhar até uma das mesas no fundo do salão e pedir um copo cheio de gelo com água.

— O que aconteceu? — ele perguntou, olhando ao redor, sentando-se na cadeira ao lado da minha.

— Nada.

— Você parece que vai vomitar.

— Não vou vomitar, só estou enjoada. Comi uma coxinha superoleosa — contei e ele retorceu o rosto em uma careta.

— Tenho *Vonau*^[16] no carro, se quiser. Ou *Bromoprida*. Se bem que um *Sonrisal*^[17] pode ser melhor... — comentou, pensativo.

Pisquei, sem acreditar.

— Você tem outra farmácia no carro?

— É só uma bolsinha de remédios, Ana Carolina.

— Não precisa, está passando.

Ele bufou, se levantou e saiu. Fiquei um tempo com o gelo dentro da boca esperando para ver se a sensação ruim passava enquanto observava as pessoas do evento interagindo. Alguns minutos depois, Domenico voltou com um copo de *Coca-Cola* e um comprimido e os colocou na minha frente.

— Você é irritantemente teimosa — falou, cruzando os braços e eu apenas o encarei por alguns segundos. — Anda, toma isso.

— Que parte do “eu não preciso de ajuda” você não entendeu?

— Não vou discutir com você — deixou claro, sentando-se ao meu lado novamente e levando o copo de uísque até a boca, enquanto olhava distraído para o salão.

— Ótimo.

A verdade é que eu nem mesmo tinha forças para entrar em uma discussão. Havia algo dentro de mim, bem lá no fundo, que agradeceu por ele ter buscado o remédio. Foi uma sensação singular ver alguém se preocupando. Por tanto tempo todos os meus esforços eram para minha mãe, para cuidar dela e eu negligenciava até mesmo minha saúde. Não fazia ideia de quando foi a última vez que alguém “cuidou de mim”.

Destaquei o comprimido da cartela e percebi que ele me olhou de canto de olho, mas rapidamente voltou a observar as pessoas à nossa frente. Ficamos em silêncio e foi assustadoramente reconfortante.

— Você estava com a sua mãe, não é? Durante o tempo que ficou fora? — indagou sem nem me olhar, ainda parecendo distraído.

— Sim.

— Você poderia ter me dito... — Ele fez uma pausa. — Que era uma emergência familiar.

— Não vou falar sobre minha família com você.

Ele se virou para mim, olhando no fundo dos meus olhos.

— Posso odiar sua família, mas não sou um filho da puta. Jamais desejaria algo ruim pra outra pessoa, odiando ela ou não.

Fiquei quieta, procurando a mentira daquela frase, mesmo que algo no fundo de mim desconfiasse de que era uma verdade. Ainda assim, confiar nele, nas suas palavras ou qualquer outra coisa me parecia perigoso.

Talvez Domenico estivesse fazendo o caminho inverso, fingindo se preocupar, tentando criar algum tipo de laço para descobrir o que eu estava fazendo, para tentar me fazer mudar de ideia.

Era inteligente, porque em alguns momentos eu parecia realmente duvidar sobre suas intenções.

Eu também deixei que ele visse quem eu era de verdade apenas para me aproximar. Mostrei a minha parte que não era contaminada pela vingança. Não seria absurdo que ele seguisse pelo mesmo caminho.

Domenico achava que eu era uma garota nova e idiota, ele deixou isso claro com aquela mensagem. O idiota realmente achou que eu abandonaria meu trabalho apenas por uma frase idiota que ele disse. Era egocêntrico a esse ponto.

E para completar, a gente tinha transado, ele sabia que me afetava.

Porra! Era tão óbvio, o plano dele estava ali, bem na minha cara!

Domenico provavelmente estava demonstrando se importar porque iria tentar fazer com que eu me apaixonasse ou então me apegasse. E aí iria foder com meus planos.

Por isso ele tinha me beijado de novo! Por isso estava fingindo preocupação! Deus, como eu era lerda...

— Foda-se, você não precisa acreditar. — Ele virou todo o conteúdo do copo de uísque de uma só vez.

— Por que está fazendo isso? — Semicerrei os olhos apenas para ver o que ele iria responder.

— O quê?

— Sendo solícito, simpático ou sei lá o que você está querendo mostrar. Não temos esse tipo de relação — lembrei, deixando claro

que eu sabia o que ele estava fazendo ao mudar sua postura de uns dias para cá.

— Eu não sou a pessoa que você quer que eu seja, Ana Carolina. Não vou ser um filho da puta só porque é isso que você pensa de mim.

Sustentei o olhar, tentando mais uma vez ler através dele. Domenico Perazzo era uma incógnita e eu odiava isso. Por alguns segundos, me bateu um desespero porque eu não parecia estar mais no controle.

Eu precisava dar a volta por cima.

Capítulo 31



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Pelo visto o burburinho estava correndo dentro do Círculo de Ouro. Recebi uma mensagem do meu pai me dizendo que tinha ouvido comentários sobre eu estar cogitando uma união com a Marcella.

Eu o ignorei, claro, mas era óbvio que *ela* não deixaria aquilo passar. Então aqui estava eu, há uns quinze minutos ouvindo a

garota tagarelar sem parar.

— Já entendi, Marcella — tentei cortá-la quando mais uma vez ela explicou o motivo pelo qual nossas famílias se beneficiariam com um casamento.

— Não sei se entendeu realmente.

— Acha que sou burro? — perguntei, irritado, e ela respirou fundo, tentando se manter calma.

Nunca fui fã da Marcella, aturava porque ela foi namorada do meu irmão, mas todo aquele jeito insuportável e fútil me dava nos nervos. A obsessão pelo Dante tornava tudo mais desgastante.

Na época em que ele descobriu sobre a Gigi, ela surtou e me ligava insistente mente toda a semana querendo que eu colocasse algum “juízo” na cabeça dele. Fora que Marcella era como a cadelinha do meu pai, fazia tudo o que o babaca pedia.

— Não, não acho que seja, Dom, mas sinto que você não está explorando bem as oportunidades.

— Marcella! Se eu resolver me casar com você, pode ter certeza de que iremos conversar sobre.

— Isso é por causa do Dan? A gente não precisa transar nem nada do tipo, se você tiver algum problema com o fato de que já fui sua cunhada — comentou de um jeito quase debochado, como se aquilo não fosse nada relevante.

Era de foder.

— Ok, vamos lá... Me diz, você pretende o quê, Marcella? Casar comigo e continuar dando pro arrombado do Lacerda? — perguntei, deixando claro que eu sabia o que estava acontecendo, e ela fechou as expressões.

— Não estou...

— Não adianta você negar, chega a ser ridículo. Todo mundo está sabendo.

— Não tenho nada com ele — garantiu, séria, e eu dei uma risada debochada.

— Não vou me casar com alguém que possa arrastar meu nome na lama assim.

Não que eu tivesse a mesma preocupação de antes. Estava puto com a minha família e tudo o que eles tinham feito, então

confesso que todo o zelo que sempre tive com meu sobrenome havia reduzido muito.

E ainda que estivesse com raiva do Círculo de Ouro e daquelas pessoas, entendia que não poderia jogar tudo para o alto. Mesmo que meu pai fosse um babaca escroto, eu era o atual dono da *Petrolio*, aquele era meu império.

— Domenico, eu jamais te envergonharia dessa forma. É só você dar uma palavra e eu encerro qualquer contato com o Adriano. Eu não sei como as pessoas ficaram sabendo, mas não quero estar atrelada a ele dessa forma. Assim como você, sei das minhas responsabilidades.

— Uma palavra e você joga seu namoradinho pros leões, Marcella? — continuei, cheio de ironia, porque, honestamente, estava me divertindo. — Onde está sua lealdade?

— Sempre esteve com vocês, com sua família.

— Uma pena que eu não acredite em você.

Dei uma risada fraca. Uns meses atrás, aquela conversa teria me irritado de verdade porque eu de fato cogitei me casar com aquela mulher. Tudo o que eu conseguia pensar era no ódio que estaria de mim mesmo se tivesse feito aquilo depois de tudo o que Marcella tinha feito para o Dante.

Agora estava apenas achando divertidovê-la implorar.

— Você está ressentido pelo que aconteceu com o Dan... Não precisa, porque foi um mal-entendido e...

— Não foi um mal-entendido! — contestei com raiva, levantando-me da cadeira e apoiando uma das mãos na mesa. — Não aja como se eu fosse idiota, Marcella. Eu não tenho paciência pra essa merda.

— Dom... — Ela se levantou também. Deu a volta no móvel, ficando de frente para mim e passou os braços ao redor do meu pescoço. — Sabe que podemos fazer isso dar certo.

Revirei os olhos. Já estava saturado da voz daquela mulher e do seu discursinho bosta. Segurei sua cintura para afastá-la, mas na mesma hora ouvi minha porta abrindo.

— Eu não sei o que você... — Ana Carolina interrompeu a fala, a atenção que provavelmente estava nos papéis em suas mãos se

voltou para mim. — Desculpa, eu...

— Quantas vezes mandei você bater na porta? — ralhei, me afastando da Marcella.

— A Pamela não estava... — ela justificou, meio seca, e se virou para a outra mulher na sala. — Boa tarde, Marcella.

Sua boca se entreabriu e ela olhou de mim para a Ana Carolina sem entender muito bem o que estava acontecendo. Provavelmente, ela a reconheceu porque estava trepando com o Adriano, mas acho que a informação de que a cobra manipuladora estava trabalhando na minha empresa não era do seu conhecimento.

A única coisa que fiz foi sustentar um olhar dando a entender que ela não deveria fazer perguntas e Marcella entendeu muito bem.

— Ahn... Boa... Boa tarde, Carolina. — Ela a cumprimentou com um meneio e depois olhou na minha direção. — Pensa no que te falei, ok?

Marcella deu um beijo demorado no meu rosto e depois caminhou até a porta, dando um tchauzinho antes de sair da minha sala. Durante todo o tempo, tudo o que fiz foi manter meu olhar fixo no da Ana Carolina, que parecia furiosa.

Ótimo, ela estava puta. E tudo o que eu queria era um pouco de paz!

— Já disse que não pode entrar na minha sala sem ser anunciada — falei, assim que ficamos sozinhos, andando até onde ela estava. — E se eu estiver em uma reunião ou...

— Comendo alguém... — alfinetou, não parecendo nada divertida.

— Isso poderia acontecer.

— É, eu sei. Pelo visto foi por pouco... — respondeu, ácida, e eu rolei os olhos.

— Nada iria acontecer.

— Uhum — murmurou, voltando a encarar os papéis e eu os tirei da sua mão para que sua atenção se voltasse para mim.

— O que foi?

— Nada... — Ela fez uma pausa. — Eu só acho engraçado que os rumores são realmente verdadeiros.

— Que rumores?

— De que vocês vão se casar.

— E por que isso seria engraçado? Até onde eu me lembro, não te devo satisfação da minha vida — respondi, aborrecido.

Que merda era aquela?

— Bem, tenho uma notícia... — Ela se aproximou um pouco, fingindo estar contando um segredo e cochichou, cheia de desdém:

— A sua noiva está trepando com meu irmão.

— Eu sei disso.

Ver a mudança de semblante e postura foi bom para um caralho. Ana Carolina achou que eu provavelmente não sabia de nada e que tinha uma informação que me desestabilizaria, mas ela ficou surpresa e não foi capaz de esconder.

— Isso só está acontecendo porque até o momento eu estou permitindo. — Era uma meia-verdade, porque sabia que se eu mandasse Marcella cortar relações com ele em troca do casamento, ela faria. — O babaca do seu irmão não tem relevância alguma, Ana Carolina. Acha mesmo que ela iria querer algo com ele? O Adriano é um merda!

A raiva começou a surgir em cada linha de expressão. As narinas levemente infladas, a boca trêmula e o fogo crepitando em sua íris verde. E tudo o que eu conseguia pensar era em como aquela cretina ficava linda assim, cheia de raiva.

Eu precisava ir a um médico, alguma coisa não estava funcionando de maneira correta dentro da minha cabeça. Talvez fosse um tumor.

— Não abre a boca para falar do meu irmão — vociferou, apontando o dedo para mim, praticamente encostando no meu peito.

Nossos olhares não se desviavam. Aquela atmosfera hostil começando a nos envolver, a proximidade tornando tudo mais denso e sufocante. Odiava o quanto Ana Carolina era linda e como mexia com a porra da minha cabeça. Tudo o que eu queria era berrar e beijar a sua maldita boca.

Que ódio!!!

— O seu irmão é uma das pessoas mais baixas que eu conheço! — Eu meio que explodi, guiado pela raiva que tinha

daquele pau no cu e por não conseguir me conter a respeito dela.

— Cala a boca!

— A verdade te irrita? Acha certo ele tentar foder a vida do Dante como fez?

Ela piscou, um pouco confusa, como se não soubesse do que eu estava falando. Dei uma risada sem humor, cerrando minha mandíbula.

— Ah, seu irmãozinho não te contou? Ele está sendo processado, Ana Carolina...

— Isso é o cheiro do seu perfume?

Ela fez uma careta.

— Porque ele é um arrombado do caralho! — berrei, meio que atropelando a sua pergunta porque ela me interrompeu e nem mesmo entendi o que disse. — Tem noção de que seu irmão tratava mal uma criança porque não conseguia superar o fato de que não engravidou a mulher que queria?

Eu estava ofegante e só então as palavras se fixaram na minha cabeça e eu entendi o que ela tinha questionado. Eu estava fedendo, porra?

— Domenico... — Ela se apoiou no meu braço, se afastou minimamente, inclinando-se para o chão.

E simplesmente vomitou.

Em cima do meu sapato.

Aquele era o tipo de situação que me faria querer morrer. Eu sempre achei que se alguém vomitasse em cima de mim, eu explodiria e daria um escândalo, mas tudo o que fiz foi me abaixar para segurá-la.

— Meu Deus! — exclamei, puxando seus cabelos para impedir que eles fossem para o seu rosto.

Ela ficou alguns segundos curvada com as mãos apoiadas nos joelhos e permaneceu encarando o chão.

— Você está bem? — perguntei, e ela assentiu, puxando uma respiração após limpar a boca com as costas das mãos.

— Desculpa. Merda! — começou a dizer, balançando a cabeça em algumas negativas enquanto provavelmente olhava para o meu sapato.

Observei o líquido no chão e em parte do meu sapato italiano que iria para o lixo. A coloração era amarelada, o que provavelmente indicava que ela estava de estômago vazio ou uma situação mais grave. E com o histórico da mãe dela, a segunda opção não poderia ser descartada.

Será que ela fazia exames com frequência? Seria muita irresponsabilidade não fazer.

— Acho melhor irmos para o hospital, você vomitou amarelo!

— Não vou para o hospital. Tá tudo bem — ela afirmou, parecendo inquieta. — Tem algum papel pra eu limpar isso?

Tirei os sapatos com os pés mesmo, fazendo uma careta, e dei graças a Deus que não molhou minhas meias. Dei um passo para o lado, pisando na parte seca do chão e segurei no seu braço para ajudá-la a caminhar até o sofá.

— Fica aí — mandei, pegando uma lixeira que estava por perto.
— E sei que você me odeia, mas pode tentar vomitar aqui dentro da próxima vez?

Ela deu uma risadinha, mas depois afundou o rosto nas mãos.

— Não foi proposital — choramingou. — Eu juro!

— Eu sei.

Fui até o frigobar que ficava no canto da minha sala e peguei uma garrafa de água com gás. Entreguei nas suas mãos e liguei para a Pamela, solicitando que ela acionasse a equipe da limpeza.

— Deveríamos ir para o hospital — tornei a dizer, parando na sua frente e cruzando os braços.

Fiquei irritado comigo mesmo por cogitar ir com ela para o hospital sem nem pensar. Eu não deveria estar considerando acompanhá-la e muito menos sugerir isso. Se ela tinha um problema, deveria ir sozinha.

Não gostava dela. Não éramos amigos. Pelo contrário!

Eu não tinha que ficar preocupado com a porra da minha inimiga!

— Não quero, obrigada. Estou bem melhor agora.

— Você é muito teimosa, sabia?

— Eu sei, você já disse. — Ela estalou a boca, parecendo enfadada.

Ouvimos uma batida na porta e Dona Solange entrou na sala, dando boa tarde de forma simpática.

— Querida, você está bem? — perguntou, preocupada.

— Tudo bem, Sô! Só me senti um pouco mal.

Olhei para ela e estreitei um pouco os olhos, tentando entender por que Ana Carolina parecia tão íntima de uma das minhas funcionárias. Não era só da Dona Solange, todos que a mencionavam pareciam gostar muito dela. Por qual motivo aquela cobra precisaria fingir ser simpática com as pessoas da minha empresa?

— Tem que tomar cuidado com essas viroses, Cá! — começou a dizer enquanto limpava o chão. — Lá em Belford Roxo tá com um surto de dengue, menina.

— No Rio de Janeiro todo, Dona Solange — lembrei, e ela assentiu, sorrindo.

— Meu afilhado pegou, mas graças a Deus o senhor dá um auxílio farmácia muito bom pra gente.

Ana Carolina me encarou e comprimiu de leve os lábios como se estivesse segurando uma risadinha. Eu revirei os olhos porque fazia ideia do tipo de comentário que a idiota faria.

E assim que a mulher limpou tudo e passou pela porta, ela se virou para mim e disse:

— Eu tinha me esquecido de que você resmungou que um vale-cultura era exagero meu, mas dá um vale farmácia pros seus funcionários.

— Me preocupo mais com a saúde deles — respondi de má vontade enquanto ela abafava uma risada e estiquei a mão para ela com um comprimido. — Agora vê se toma isso aqui, já que não quer ir ao médico, mas você deveria!

— Você não precisa fazer nada disso.

— É só um remédio, Ana Carolina. Anda!

Ela me encarou por alguns segundos, antes de levar o comprimido até abaixo da língua.

— Obrigada. Olha, eu posso descer e comprar um outro sapato...

— Não precisa, eu tenho outro aqui. Você deveria ir para o hospital ou para casa. Quer que eu peça um *Uber*?

Peguei o par extra que deixava junto com algumas roupas no meu armário e comecei a calçá-lo.

— Não, não vou embora. — Eu a encarei irritado, mas Ana Carolina bufou. — Tenho coisas pra fazer e já estou melhorando.

— Bem, você é quem sabe. — Caminhei até minha porta, mas me virei antes de abri-la. — Tenho uma reunião agora, mas deveria ficar deitada um pouco no sofá.

— Obrigada. E desculpa por ter... — Todo o seu rosto ficou vermelho. — Ahn... Vomitado em cima de você.

— Tudo bem. Só por favor, não faça isso de novo.

Ana Carolina sorriu e eu fiz o mesmo. Havia uma espécie de divertimento e cumplicidade pairando entre nós, algo que não conseguia explicar ao certo. Foi como se, por alguns segundos, eu tivesse me esquecido completamente quem ela era.

Talvez porque, na verdade, eu gostaria que aquela mulher tivesse um outro sobrenome.

Capítulo 32



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Pisquei, encarando os dois tracinhos. Mesmo que diante de mim houvesse cinco testes de farmácia, ainda não conseguia acreditar no que estava vendo.

Aquilo não podia ser real, eu não podia estar grávida.
Não *dele!*

Meu coração acelerava cada vez mais em um ritmo frenético e a impressão que eu tinha era de que ele pararia a qualquer instante. Meus olhos começaram a arder da força que eu estava fazendo para segurar a vontade de chorar, mas percebi ser uma tarefa impossível. Assim que afundei as mãos no rosto, as lágrimas jorraram sem parar.

Não! Não!

Eu tinha engravidado do único cara que não deveria. O inimigo da minha família, alguém que jurei destruir.

O homem que não saía mais dos meus pensamentos.

O ar parecia estar suprimindo todos os meus órgãos e tudo o que eu queria era vomitar. Então a cena de alguns minutos atrás voltou com força na minha cabeça.

"Enjoada de novo? Você não tá grávida, né? — uma das assistentes da Petrolio perguntou, gargalhando."

Aquilo não tinha passado pela minha cabeça em nenhum momento. Ignorei o fato de estar atrasada, porque o meu ciclo menstrual era irregular e definitivamente não associei os enjoos a uma possível gravidez.

Tínhamos usado camisinha, porra!

Sempre achei que aquela porcentagem mínima de erros só acontecesse nos filmes. Como, meu Deus?

Como eu tinha engravidado?

Refazia a pergunta de novo e de novo, como se repeti-la pudesse magicamente me dar uma resposta no mínimo aceitável. Porém, tudo o que recebia era um silêncio opressor.

Puxei mais uma respiração, sentindo meus pulmões queimarem. Meus órgãos pareciam em brasas, o ar lutando à procura de uma saída.

O que iria fazer? Não fazia ideia de como lidar com aquela situação.

Durante toda a minha vida, sempre achei que me casaria e só então teria um filho. Com um marido, em uma estrutura equilibrada e com uma rede de apoio. Definitivamente não estava nos meus planos fazer isso com vinte e um anos.

A minha família jamais aceitaria que eu tivesse um filho com um Perazzo!

Eu era tão idiota e tinha conseguido foder com tudo! Meu pai depositou sua confiança em mim e joguei tudo no lixo porque não consegui conter meus desejos.

Ele estava certo, eu era uma estúpida e fraca. A chance de reparar o que aconteceu, de vingar a minha família, estava nas minhas mãos e permiti que tudo escorresse pelos meus dedos.

O desespero começou a pinicar minhas extremidades, rastejando por cada fibra do meu corpo até me consumir por completo. Mal era capaz de respirar direito, sendo atingida pela infinidade de cenários catastróficos dentro da minha mente.

Será que eu realmente precisava contar? Havia a possibilidade de dizer que era de outro homem, ninguém precisaria saber. E se eu falasse a verdade, como Domenico reagiria?

Maria Manuela havia escondido a Giovanna do Dante por alguns meses e me lembrava de que os motivos tinham alguma relação com ele. Meu Deus, por que ela tinha omitido aquela informação mesmo?

Comecei a cavar fundo na minha mente, tentando lembrar dos motivos pelos quais minha ex-cunhada não queria que o pai da sua filha soubesse da sua existência, mas quando eu menos esperei outra recordação me acertou como um soco.

Aquele dia. A noite em que Domenico era apenas um cara aleatório bêbado que estava por trás de uma máscara. O homem que se sentou do meu lado, meio melancólico.

Eu não me lembrava, até aquele momento, da frase que ele tinha me dito, mas agora tudo parecia muito nítido diante de mim.

"É uma merda se sentir tão impotente. O que você faria se soubesse que as pessoas que você ama tiraram seu bebê de você?"

Achei um comentário sem nexo e perguntei se ele precisava de ajuda. Pedi uma explicação, mas tudo o que ele fez foi virar um copo de uísque, dar uma risada sem humor e dizer que gostaria que mudássemos de assunto.

E eu mudei, apenas porque vi o desespero nos olhos daquele desconhecido.

Lembrava disso agora, como se tivéssemos vivido aquilo no dia anterior.

Como eu esqueci daquele momento? Por que ele não veio para mim no dia em que percebi que Domenico era o cara que eu beijei naquela festa?

As informações pareciam turvar ainda mais o meu cérebro, a confusão se transformando em diversos questionamentos sem respostas.

É uma merda se sentir tão impotente.

O que você faria se soubesse que as pessoas que você ama tiraram seu bebê de você?

Tiraram seu bebê de você...

Tentei analisar cada palavra daquela frase. Alguém havia sequestrado o seu bebezinho? Não, se Domenico Perazzo tivesse um filho, as pessoas saberiam. Aquela informação teria chegado em mim com certeza.

Ele engravidou alguém que amava e ela abortou? Ou a pessoa que ele amava perdeu a criança?

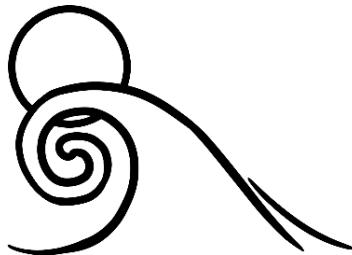
Aquilo faria um pouco mais de sentido...

Será que eu tinha ouvido certo? Talvez ele tivesse dito pessoa e não pessoas...

Inferno!

Minha cabeça até estava latejando de tanto pensar. Não sabia como agir, o que pensar. Fiquei um bom tempo tentando digerir tudo, buscando entender o que estava acontecendo, até que percebi que sozinha seria impossível.

Então, eu decidi ligar para a única pessoa que poderia me dar qualquer tipo de informação.



Fiz um exame de sangue e confirmei o que já sabia. Em seguida, chamei Maria Manuela Guerra para conversar porque sabia que aquela mulher era a única que poderia me dar uma luz.

Foi bem difícil convencê-la a me ver, principalmente porque eu pedi que não comentasse com absolutamente ninguém. Apelei para o lado emocional, por todo o carinho que sabia que ela tinha por mim, implorando para que ignorasse os últimos acontecimentos.

Assim que eu a encontrei, comecei a sondar sobre o Domenico, mas Manuela sacou na hora e afirmou que se eu estava em busca de alguma informação para foder com eles, ela não me daria.

Não podia contar que estava grávida, aquela notícia poderia chegar na minha irmã e consequentemente no meu pai. Expliquei então que estava muito confusa, que nós dois tínhamos nos conhecido em uma festa no ano anterior e que acabamos nos beijando.

Aquilo a pegou de surpresa, definitivamente. Achei que talvez fosse inteligente dizer que estava confusa e foi exatamente o que fiz. Completei contando que naquela noite Domenico me disse algo sobre ele ter perdido um bebê, que eu não sabia se era verdade.

Na minha cabeça, aquilo fazia mais sentido e eu tentei ser o mais objetiva possível.

Tudo o que ela me disse foi: "*Não sei o que pretende com essa informação, Carol, mas não use isso contra ele, por favor. Acho que tudo tem um limite e você não é uma pessoa ruim.*"

O jeito como ela disse, com os olhos levemente marejados... Era como se Manuela estivesse me implorando por algum tipo de "compaixão". Não sabia ao certo tudo o que tinha acontecido, mas era nítido de que o machucava.

E naquele momento, eu soube que não conseguiria continuar olhando na cara do Domenico sem contar que estava carregando um filho dele.

Eu.

Eu estava carregando um filho de Domenico Perazzo.

A impressão que tinha era de que o universo estava rindo da minha cara, brincando com a minha vida enquanto me punia pelas coisas que eu estava fazendo, por ser tão vingativa.

Coloquei a água para ferver e permaneci com o olhar fixo, distraída nas bolhas que começavam a se formar. Por que a minha vida não era mais simples? Por qual motivo os meus problemas não eram algo rotineiro como uma farpa entrando no dedo ou um boleto atrasado?

Era tão irônico.

Engravidar do homem que eu amaldiçoava, que odiava com todas as minhas forças. O cara que provocava uma série de arrepios e que eu mal conseguia olhar nos olhos.

Transar com ele era uma coisa, mas compartilhar um vínculo tão forte beirava o absurdo.

Eu me via dividida em milhares de possibilidades, temendo uma mais do que a outra. Esconder me parecia tão errado, mas contar a verdade abriria uma porta que eu nunca mais seria capaz de fechar.

Era o que eu pretendia fazer. Cumprir o meu trabalho, o que prometi para o meu pai, e nunca mais ter contato algum com alguém que carregasse aquele sobrenome. Como eu faria isso agora?

Fiquei um bom tempo brincando com um saquinho de chá até que ele esfriasse. E quando me dei conta, já estava gelado. As últimas horas tinham sido uma montanha-russa e a sensação era a mesma: tudo o que eu queria era vomitar.

Não fazia ideia de como Domenico reagiria ao saber da gravidez. Ok, ele era supercarinhoso com a Giovanna, mas eram situações diferentes.

Um filho não era uma sobrinha. E ainda havia todo o agravante de eu ser a mãe da criança.

Deus, ele surtaria!

Seria tão mais simples omitir...

Por que a porra da minha vida não era mais fácil? Por que caralhos eu não conseguia ser fria e ignorar o que ele tinha me dito naquela noite? E como se não bastasse, a frase da Manuela ecoava na minha cabeça sem parar, o olhar destruído daquele homem cravado na minha mente de forma permanente.

Eu jamais conseguiria viver comigo mesma se não contasse para ele.

Então, peguei minha bolsa e fui para a empresa decidida. Durante todo o percurso, eu repeti para mim mesma que estava fazendo a coisa certa. Fiz uma lista mental das razões pelas quais faria aquilo e me convenci de que não havia outra opção.

Até que eu cheguei na porta e um buraco se abriu diante dos meus pés. E eu a encarei sem coragem de seguir em frente.

— Está tudo bem, Cá? — Pamela perguntou, preocupada, porque eu já deveria estar parada ali há um tempo.

Assenti com um meio sorriso sem saber se estava realmente bem. Inalei o ar buscando qualquer resquício de força. Encostei na maçaneta, sentindo o gelado do ferro contra minha mão e a abri.

— Achei que já tínhamos decidido todos os pontos do evento — ele comentou, sem nem olhar para mim, mexendo nos seus papéis em cima da mesa. — Tenho uma reunião daqui a pouco.

— Não vim falar sobre o evento. Preciso conversar com você e não é sobre trabalho.

Ele levantou os olhos para mim e me olhou meio confuso.

— Não é sobre trabalho? Eu não vou te explicar o que é uma *Blockbuster* — respondeu com ironia.

— Estou falando sério, Domenico.

— O que você quer?

— Eu... Ahn... Sobre aquele *d-dia*... — Me xinguei mentalmente por ter gaguejado de leve.

Suas sobrancelhas se ergueram na mesma hora.

— Qual? O dia que você resolveu vomitar em mim?

— Não necessariamente, mas... Precisamos conversar.

— Acho que já falamos tudo o que tínhamos pra falar, não é?

— Infelizmente não. — Mordi a parte inferior da bochecha, apertando o envelope que estava nas minhas mãos.

Eu precisava falar logo. Seria mais fácil assim. Como arrancar a porra de um *band-aid*.

— Domenico, eu estou grávida.

Ele deu uma piscada meio lenta, como se estivesse tentando assimilar a informação. Depois, limpou a garganta e ajeitou a

postura.

— Meus parabéns? — saiu como uma pergunta e eu respirei fundo.

— Acho que você não está entendendo... — Dei uma risada nervosa. — Eu. Estou. Grávida.

— Eu ouvi. E o que *eu* tenho a ver com isso?

— Estou grávida de você!

Todo seu corpo ficou imóvel e os músculos retesaram no mesmo instante. Por alguns segundos, eu vi um pouco de desespero nos seus olhos, mas logo depois suas expressões mudaram. Domenico se levantou da cadeira tão abruptamente que ela chegou a cair para trás.

— SAI DAQUI! — ele berrou, cortando o ar com as mãos e eu estremeci.

— Será que a gente pode...

— Não! Acha que sou idiota? — vociferou. Todo seu corpo tremia, os olhos pegando fogo de ódio. — Acha que vou acreditar nessa merda? Chega! Já deu pra mim, pega a porra das suas coisas e sai da minha empresa AGORA!

Senti a raiva ecoando pelo meu peito. Era ridículo que ele achasse que era uma mentira. Por que caralhos eu inventaria um absurdo daqueles? Nem mesmo fazia sentido.

— Não é mentira! Eu estou realmente grávida.

— Ah, e esse filho é meu? — indagou com sarcasmo. — Você é uma piada!

— Não transei com ninguém além de você — respondi, seca.

— Todas as vezes que te comi estava usando camisinha, não fode! — ele explodiu, toda a fúria sendo visível nas palavras. — O quanto você acha que sou idiota, Ana Carolina? Realmente acreditou que usaria algo assim para as suas armações, sua oportunista do caralho?

Engoli em seco e comprimi os lábios, incapaz de dizer qualquer coisa.

— Acha que não sei o que está fazendo? Não consigo acreditar em como alguém pode ser tão sem escrúpulos de inventar algo assim. O que você achou? Que eu acreditaria nesse absurdo e te

daria dinheiro? Vai se foder! Meu Deus, como você pode ser tão baixa?

Senti meus olhos arderem. Sim, tinha mentido quem eu era, me infiltrado na sua empresa com a intenção de destruir o nome deles. E eu podia ser uma filha da puta por querer vingar minha família, mas o que esse idiota achava? Que eu tinha engravidado dele de propósito? Que mentiria sobre isso?

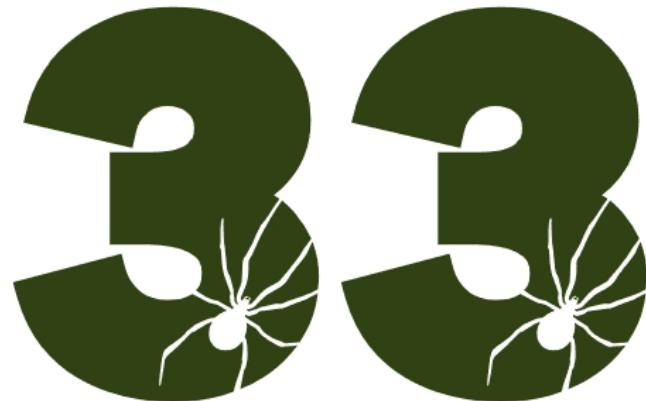
O quão doente ele achava que eu era?

De alguma forma, me machucava quando Domenico dizia que eu era baixa. Talvez porque no fundo eu achasse que fosse mesmo. Apertei mais uma vez o exame contra minhas mãos, tentando canalizar todas as minhas emoções.

— Acredite ou não... Sinceramente, não dou a mínima. Vou resolver isso sozinha, de qualquer forma — avisei, deixando o envelope em cima da mesa antes de me virar e sair pela porta.

A sensação de vazio era desesperadora. Eu estava totalmente sozinha. Não podia compartilhar aquela informação com mais ninguém, não tinha ideia de como iria conduzir dali para frente. Tudo o que eu queria fazer era chorar, mas engoli toda aquela vontade e segui em frente.

Eu não precisava dele para tomar nenhuma decisão.



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

O meu mundo inteiro desmoronou.

Ali, diante de mim, eu vi cada um dos meus pilares estremecer.
Uma espécie de abismo sem fim crescendo e dominando cada
partícula do meu corpo.

Sai do meu escritório como um furacão. Comecei a
hiperventilar e foi difícil fazer o caminho de carro até minha casa. O

automóvel era pequeno demais e eu sentia como se o espaço estivesse diminuindo a cada sinal verde que eu passava. Minha caixa torácica parecia estar sendo comprimida, o meu coração trovejando contra minhas costelas.

Por todo o caminho, tentei me agarrar às técnicas de respiração, mas só consegui me acalmar um pouco mais depois que cheguei em casa e entrei na minha banheira de gelo.

Eu fiquei lá por mais tempo do que normalmente conseguia, tentando alinhar os meus pensamentos, buscando entender por que eu estava passando por tudo aquilo novamente.

Talvez eu fosse um homem muito ruim mesmo.

Tantas perguntas me atormentavam... Será que Ana Carolina sabia o que tinha acontecido no passado e estava usando isso para me afetar? Ou havia sido uma infeliz coincidência aquela cretina decidir dar o mesmo golpe que a Tália?

Tornei a olhar a folha de papel que tinha deixado em cima da minha mesa assim que pisei no apartamento. Analisei as taxas de Beta HCG do exame abaixo do seu nome.

Forjar um exame não era difícil, mas... E se ela realmente estivesse grávida? Talvez o filho nem fosse meu e a maldita decidiu usar isso só para me atingir.

Minha mente estava um turbilhão, eu não fazia ideia de como prosseguir. Não deveria deixar o meu lado machucado falar mais alto, não podia permitir que a esperança me cegasse.

Já tinha feito isso uma vez.

As lembranças voltaram a rondar minha cabeça, fazendo com que eu revivesse algumas cenas que jurei não revisitar. Chegava a ser ridícula a quantidade de vezes que fiz aquelas promessas.

Todo o peso recaindo em mim e quando eu percebi, estava chorando. E nem era um cara religioso, mas comecei a implorar mentalmente para que Deus não me deixasse passar por aquilo de novo.

Um medo paralisante se enredou pela minha espinha, o terror constante daquele fantasma do passado provocando um *déjà vu* desesperador.

Eu não conseguia. Não era forte o bastante para viver algo parecido com o que aconteceu uns anos atrás.

Como eu lidaria com uma mulher mexendo comigo mais uma vez usando o fato de eu querer ser pai para conseguir algum benefício?

Porra! Sempre fui tão cuidadoso...

Achei que nunca mais passaria por uma situação daquelas.

Confesso que por muitos momentos repeti para mim que talvez ter um bebê não fosse meu destino, mas ultimamente me pegava pensando bastante sobre o meu futuro. Em algumas noites, me questionei se não valeria a pena aceitar um casamento por conveniência apenas para ter o filho que eu sempre sonhei.

Eu era incompleto, quebrado e marcado com as minhas cicatrizes. E sabia que sempre haveria um buraco dentro do meu peito desde o dia em que o ser que eu mais amei foi tirado de mim.

O que nunca desejei havia se tornado o meu maior sonho e algo me dizia que aquele sentimento de vazio só seria eliminado quando eu fosse pai.

Como um bloco de concreto, o desespero de ter aquilo arrancado de mim novamente voltou a me sufocar.

Porra, eu precisava respirar!

O eco cruel das frases de Tália voltou a me assombrar. A última vez que confiei cegamente em alguém, que deixei meu coração aberto. Toda a vulnerabilidade, a exposição...

Como eu faria isso? Não aguentaria viver toda a pressão psicológica de novo, ser manipulado daquela forma.

Para ser sincero, Ana Carolina mentir para mim sobre seu nome ou o real motivo de estar na minha empresa era o de menos.

Porque a verdade é que eu a queria antes, mas eu a tive realmente por inteiro depois de saber quem ela era de verdade.

Eu ansiei por todo o desejo, mas em especial o ódio.

Eu a quis como Ana Carolina Lacerda, sabendo de todas as implicações.

Talvez eu fosse um sádico.

É, acho que definitivamente aquela palavra me definia. Odiar aquela filha da puta era quase que a minha droga atualmente.

Passava os dias pensando nela, ansiando pelo momento em que gritaríamos um com o outro.

Implorando internamente para que ela cedesse, para ter sua boca estúpida colada na minha...

Acho que marcar um psiquiatra seria válido. Provavelmente ele me receitaria algum remédio, porque eu estava fora de mim.

Suspirei, cansado.

E se realmente a cobra estivesse falando a verdade? Se aquela gravidez fosse acidental, como eu pediria que ela mantivesse o bebê?

Meu coração voltou a disparar, os questionamentos ricocheteando na minha cabeça, perdendo-se em um redemoinho caótico.

Porra, e se realmente fosse verdade?

Meu peito pareceu ser esmagado com força e senti uma pontada tão forte na cabeça que achei que fosse desmaiar.

"*Vou resolver isso sozinha*".

O que aquilo queria dizer?

Puta merda!

Ela pareceu tão ofendida... Não podia esquecer de que Carolina era uma ótima atriz, mas ainda assim, aquela frase não fazia muito sentido.

Troquei de roupa e atravessei a rua até o seu prédio em menos de cinco minutos quando aquilo me atingiu como um soco. Não sabia o andar que ela morava, então expliquei para o porteiro que não me recordava e ele acabou interfonando.

Confesso que me espantei quando o homem indicou que eu subisse. Achei que iria vomitar durante todo o caminho. Não fazia uma porra de ideia do que diria para aquela mulher. Nem mesmo conseguia traçar um plano. Eu deveria me fazer de sonso? Fingir que não me importava muito ou ser sincero e falar que eu queria o bebê?

E assim que a porta se abriu, tudo foi por água abaixo. Ela vestia uma calça flanela do Jack Skellington^[18] com gorrinhos de

Natal e uma camiseta surrada do *Pânico*^[19]. O rosto completamente inchado demonstrava o quanto Ana Carolina estava destruída.

— O que você quer? — perguntou com a voz fraca e rouca e depois limpou a garganta, ajeitando mais ainda a postura.

— Precisamos conversar. Posso entrar?

Ela não disse nada, apenas abriu a porta para me dar passagem. Dei alguns passos para dentro do apartamento, examinando-o rapidamente. Todos os móveis eram elegantes em um tom escuro, e pelo visto seu gosto era bem parecido com o meu.

Havia algumas plantas espalhadas e uns itens de decoração de *Halloween* que davam personalidade ao lugar, mas os objetos destruídos na sala definitivamente não faziam parte da composição.

Sempre que eu observava a casa das pessoas tinha a impressão de que a minha era um pouco sem vida. Voltei meu olhar para encontrar o seu e aquele incômodo voltou a me perturbar.

Eu realmente odiava vê-la daquele jeito.

— Por que estava chorando?

Nem sei o motivo pelo qual fiz aquela pergunta, apenas saiu.

— Eu não queria ter um filho seu — respondeu, séria, sem desviar o olhar.

A sinceridade daquela frase me quebrou. E naquele momento, eu acreditei que não era uma mentira.

E como seria?

Estava por toda a parte. Nos itens quebrados no chão, no desespero e no medo dos seus olhos. Ali eu soube, sem um pingo de dúvidas, de que a mulher que eu odiava estava grávida de mim.

— E por que foi me dizer, então?

— Você queria que eu omitisse?

— Não foi o que perguntei. Sabe qual é o meu sobrenome, entende melhor do que ninguém sobre as rixas das nossas famílias.

Ela me encarou por alguns segundos. Comprimiu os lábios e olhou para baixo, cutucando as cutículas das unhas que agora já estavam com o esmalte todo descascado.

— Eu pensei nisso... Em omitir. E você nunca saberia.

O desconforto daquela frase pinicou pela superfície da minha pele. Joguei o peso de uma perna para a outra e inclinei minimamente a cabeça para tentar relaxar o músculo tensionado do pescoço.

— Só que eu sei que você queria ser pai e que isso já foi tirado de você antes. — Ela voltou a me encarar e fez uma pausa.

Por alguns segundos, eu me esqueci de como respirava.

— Eu não lembrava bem sobre o que conversamos naquela festa, mas quando fiz o teste, assim que me vi desesperada sem saber o que fazer, tudo voltou como um *flash*. Você dizendo que era uma merda se sentir tão impotente porque alguém decidiu tirar um bebê que era seu...

Não desviei o olhar. Na verdade, estava focado em manter as lágrimas dentro de mim e qualquer movimento arruinaria tudo. De todas as coisas, aquilo eu não previ.

— Aquele dia, quando eu perguntei... — Ana Carolina com certeza estava tentando escolher bem as palavras, quase como se ela se importasse. — Você pediu para que mudássemos de assunto. As lembranças ainda são meio turvas, então não me recordo se tivemos mais alguma conversa sobre isso.

— Não tivemos.

— Não conseguiria viver comigo mesma se não contasse — confessou. — E você não precisa acreditar em mim, Domenico.

— Acreditar em você é um pouco difícil tendo em vista nosso histórico.

— Eu não transei com ninguém além de você nesse período. Caso não se lembre, no dia seguinte o quadro da minha mãe se agravou e... — Uma risada fraca escapou dos seus lábios. — Não sei por que estou me explicando, você provavelmente acha que tudo o que eu digo é uma mentira.

— E a culpa disso é minha? — Arqueei uma das sobrancelhas. Era inacreditável!

— Tudo bem se não quiser fazer parte disso, não estou aqui exigindo nada. Para ser sincera, minha vida seria muito mais fácil se você não quisesse se envolver.

Havia algo no seu olhar e eu não sabia se estava enganado, mas era quase como se ela estivesse implorando para que eu desse as costas e fosse embora.

O que aquela garota tinha na cabeça?

— Como você sabe, a possibilidade de ser pai já foi tirada de mim antes. O que te faz pensar que eu não vou querer fazer parte disso?

Ana Carolina suspirou como se tivesse sido vencida. E então afundou o rosto nas mãos e começou a chorar novamente.

Pisquei, ainda sem reação, quando ela se escorou no sofá e deslizou lentamente até o chão. Eu não fazia ideia do que deveria fazer e diversos pensamentos invadiram minha mente.

Era visível o quanto ela estava transtornada. E eu sabia porque me encontrava da mesma forma. Toda a situação era, sim, desesperadora.

Nossas famílias se odiavam, assim como nós dois. Ela queria foder a minha empresa, a diferença de idade era ridícula, éramos de gerações diferentes e definitivamente não éramos compatíveis.

Nem mesmo gostava daquela mulher!

Ok, eu a desejava, mas era só isso.

Não queria nenhuma ligação, nenhum contato.

Ainda assim, ali estava eu. Pensando no que fazer para tirá-la daquela situação simplesmente porque não suportavavê-la aos prantos. E sem que eu me desse conta, ajoelhei no chão e segurei o seu rosto.

— Olha pra mim — pedi, e ela levantou o olhar, sem parar de chorar.

— Desculpa, eu juro que não queria isso! E pensei que talvez fosse melhor tirar...

Meu coração parou de bater e minha visão turvou na mesma hora. Senti que minha respiração se interrompeu no meio do caminho e um outro buraco se abriu embaixo de mim.

— É o que quer fazer? — perguntei, tentando parecer neutro.

Sabia que aquilo era uma decisão dela, mas dentro de mim, tudo gritava implorando para sua resposta ser *não*.

— Não tenho... Eu simplesmente não... — A frase morreu na sua boca, a cabeça balançando em diversas negativas.

— Sei que isso é uma decisão sua, mas... — Tentei escolher as palavras, porém, sabia que provavelmente não seriam as melhores.

Eu queria dizer que gostaria que ela continuasse com a gravidez. Na verdade, queria implorar para que não fizesse nada. Não podia pedir aquilo, entretanto, então afundei qualquer sentimento dentro de mim. Era muito difícil demonstrar imparcialidade diante daquela situação por toda a dor residual que eu tinha do passado, mas foi o que fiz. Não era meu o direito de decisão.

Em um movimento involuntário, entrelacei os meus dedos entre os dela sem me importar se ela entenderia aquilo. Apenas queria que Ana Carolina entendesse que não estava sozinha.

Foi instintivo.

— Estou com você para o que você decidir. — Fiz uma pausa quando meu estômago revirou, sentindo a bile praticamente na minha boca. — Se você quiser ter o bebê ou se optar por...

— Eu não vou tirar o bebê, Domenico. Não tenho coragem de fazer isso.

Graças a Deus!

Aquela frase teve o mesmo efeito de uma tonelada inteira ter saído de cima do meu corpo. Meus músculos relaxaram automaticamente e percebi que tinha parado de respirar por mais tempo do que imaginava.

Nunca vou saber explicar o que senti naquele momento. Eu queria chorar e contar tudo para ela, mas tinha consciência de que não podia fazer aquilo.

Ainda assim, havia uma voz interna desesperada para se abrir com aquela mulher que eu nem mesmo gostava e, ao mesmo tempo, uma parte de mim gritava para que eu me mantivesse o mais neutro possível. Se eu demonstrasse o quanto aquilo me afetava, Ana Carolina poderia usar contra mim.

Não seria a primeira vez, Tália havia feito a mesma coisa com maestria.

— Certo — foi só o que disse.

— Eu só... — Ela tornou a balançar a cabeça negativamente e soluçou, as lágrimas voltando a cair por suas bochechas. — Não sei o que aconteceu. A gente se preveniu. Isso não tem o menor cabimento. Eu não tenho idade para ser mãe, não sei cuidar de um bebê. *Eu-eu* dei um susto no Lucca porque ele estava com soluço e então o pobrezinho começou a chorar... Meu Deus, meu pai vai me matar e...

Conforme a infinidade de perguntas e afirmações iam sendo despejadas, o pânico em sua voz parecia aumentar. Era como se eu nem mesmo estivesse mais ali, estava apenas como expectador da sua pequena crise.

Era tudo verdade. Ela não estava mentindo para mim e estranhamente um sentimento de alívio me preencheu.

Estava analisando cada um dos seus movimentos desde que cheguei. Raiva, decepção, medo. Ninguém fingia tão bem. Eu podia ver na contração dos seus lábios, na forma como suas unhas cravavam fundo na palma da minha mão e na tensão dentro dos seus olhos.

— Carolina! — eu a chamei e sua atenção se voltou para mim.

— Nós estamos nisso juntos, ok?

Ela assentiu, apertando os dedos com mais força nos meus.

— Nós vamos fazer isso dar certo.

E acreditei naquela frase. Nós faríamos dar certo.

Eu só precisava descobrir como.

Capítulo 34



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Feliz vinte e dois anos, vadia vingativa!
E toma de presente um bebê do homem que você odeia.
Acordei pela manhã com uma ligação de vídeo da minha mãe
para me desejar parabéns. Hoje ela parecia um pouco melhor e eu
sabia que aquilo me daria forças para continuar.

Precisei mentir que tinha passado a noite limpando a casa e fiquei com uma crise alérgica porque meu rosto continuava um pouco inchado de tanto que chorei.

A noite anterior havia sido algo bem fora do comum. Estava irritada comigo mesma por ter sido tão estúpida a ponto de "desabafar" com ele sobre minhas inseguranças.

Domenico não era meu amigo, sequer um colega.

Ainda estava me martirizando sobre ser uma idiota de merda quando Pamela entrou na minha sala, trazendo um bolinho nas mãos. Ela me deu parabéns, disse que estava muito contente pelo meu dia e fez questão de contar toda felicinha que o seu chefe tinha encomendado meu bolo uma semana atrás.

"O senhor Domenico sempre pede para que eu encomende o bolinho que a empresa dá para os funcionários, mas dessa vez fez questão de fazer o pedido ele mesmo! Está vendo, Cá? Tenho certeza de que está fazendo um trabalho incrível!"

A coitada não fazia ideia de que havia grandes chances de aquele bolo estar envenenado.

Assim que me despedi, abri a caixinha e examinei o *bento cake*^[20] com a frase: "Você é uma funcionária maravilhosa..."

Havia um pedacinho de acetato ao lado e percebi que era um daqueles bolos que quando você puxava, revelava uma outra frase escondida. Dei uma risada fraca antes mesmo de ler o que estava escrito por baixo.

"Você é uma funcionária maravilhosa... E eu sou um ótimo mentiroso."

E a futura mãe do seu filho, seu babaca!

Olhei novamente para o bolo, ele parecia tão bom. Porém, não me parecia muito inteligente comer algo que o homem que me odiava tinha encomendado *especialmente para mim*.

Suspirei, deixando a caixinha de lado e decidi que iria focar no relatório que eu precisava fazer. Trabalhar era a melhor coisa para manter minha cabeça ocupada e não ficar me martirizando por toda a vergonha que passei na noite anterior.

Durante as duas horas que se seguiram, recebi alguns telefonemas e mensagens e meu pai perguntou se eu gostaria de almoçar. Falei que infelizmente não conseguia sair da empresa e que eu o encontraria no hospital após o expediente.

Ainda não fazia ideia de como conseguiria encarar minha família sabendo que eu estava carregando no meu ventre um Perazzo. Não fazia ideia de quanto tempo seria capaz de esconder uma gravidez.

Talvez eu fosse uma daquelas mulheres que mal tem barriga...

A batida na porta fez com que eu sobressaltasse, arrancando-me dos meus devaneios. É claro que ele não me daria um único dia de paz, nem mesmo no meu aniversário.

— Bom dia — falou assim que entrou, abrindo o botão do terno enquanto caminhava para se sentar na cadeira em frente à minha mesa.

— Bom dia.

— E feliz aniversário — completou com algo que me pareceu um deboche, antes de olhar para a caixinha aberta do bolo. — Vejo que recebeu o bolo.

— Fiquei tão tocada com seu gesto... — respondi no mesmo tom de desdém.

— A empresa envia para todos os funcionários. — Ele deu de ombros e seu olhar examinou a sala. — Não se sinta especial.

— Ainda assim, você encomendou o meu. Talvez em uma tentativa de se livrar de mim...

Ele riu.

— Por isso não comeu o bolo? — quis saber, inclinando-se um pouco para olhar dentro da caixa. — Achou o quê? Que eu iria envenenar? Em que século você acha que estamos?

— Prefiro não correr riscos, afinal, você mesmo fez questão de fazer o pedido, pelo que eu soube.

— Eu não poderia mandar minha secretária encomendar um bolo em que eu te chamava de péssima funcionária.

O cheiro do seu perfume entranhou nas minhas narinas e embrulhou o meu estômago. Retorci o rosto em uma careta e seus olhos se arregalaram um pouco.

— O que foi? Você não vai vomitar de novo, vai?

Automaticamente ele se afastou um pouco e empurrou na minha direção uma lixeira que estava ao lado da sua cadeira.

— Seu perfume me deixa enjoada... Ou talvez seja só você mesmo — zombei.

Incrível que apenas olhando suas expressões conseguia perceber a vontade que Domenico estava de me mandar tomar no cu.

— Olha que incrível, eu não estou grávida, mas você me causa o mesmo efeito — retrucou, com um sorriso sem humor.

— Fico feliz.

— Você já marcou algum médico? Eu tenho o contato de ótimas obstetras.

Abri a boca e depois franzi o cenho. Já era estranho que ele tivesse o número de uma, mas Domenico deu a entender que conhecia mais.

— Ótimas? No plural?

— Sim — respondeu, seco. — Posso marcar ou você prefere se consultar com a sua ginecologista e conversar com ela primeiro?

— Eu... Ahn... Não tenho uma.

— Você não tem uma ginecologista? — Senti um tom de julgamento naquela frase, mas respirei fundo e soltei o ar lentamente.

— Morava fora até o ano passado e não precisei ir em nenhuma.

Outro olhar julgador.

— Tudo bem, posso te enviar uma lista e você pode ir em todas, se quiser. Apenas diga o meu nome quando for agendar a consulta.

— Quantas obstetras você conhece? — A pergunta coçou minha língua e simplesmente não aguentei.

— Algumas.

— Por quê?

— Não é da sua conta — ele me cortou, e abri a boca para questionar mais uma vez. — Não vou te responder, nem perca seu fôlego.

Suspirei em desistência e o encarei por alguns segundos. O silêncio perdurou por um tempo considerável, mas não foi algo constrangedor e nem desconfortável. Seu olhar se mantinha fixo em mim, provavelmente me analisando e tentando ler através do que eu externava.

— Sei que está se questionando, mas realmente não sei como isso aconteceu, Domenico. A gente se preveniu.

— Sim. E transamos muito também naquele dia. — Ele permanecia sério, mas não era como se estivesse irritado, apenas complacente. — A camisinha pode ter estourado, falhado... Não faço a mínima ideia e não adianta ficarmos tentando adivinhar onde foi que deu merda.

— Deu merda quando decidimos fazer isso — lembrei, com um sorriso apático. — Estamos sendo punidos por...

— Não estamos sendo punidos, Carolina — ele me repreendeu, agora sim parecendo aborrecido. Depois levantou e abotoou o terno, mas se virou antes de passar pela porta. — Enfim, tenha um bom dia. Você pode comer o bolo, se quiser... Ou dar para a Pamela ou qualquer outra pessoa. A minha intenção era te irritar, jamais faria alguma coisa para prejudicar sua saúde. Caso não se lembre, todas as vezes em que você não se sentiu bem, fiz totalmente o contrário do que você está me acusando.

— Eu não estou...

Ele fechou a porta e eu bufei.

Ok, talvez eu estivesse nervosa demais com toda a situação. Era óbvio que aquele arrogante idiota não iria envenenar o bolo. Que merda eu tinha na cabeça?

Domenico não estava errado, todas as vezes em que passei mal ou não estava me sentindo bem, ele ofereceu ajuda ou insistiu que eu me medicasse. E nem era algo fora do normal, aquele hipocondríaco não podia ver uma oportunidade para usar sua farmacinha.

O restante do dia foi um porre (exceto pelo bolo, que estava maravilhoso).

As coisas só melhoraram quando eu fui visitar minha mãe. Meu pai e meu irmão apareceram com um bolinho, mas Julia sequer me

mandou uma mensagem.

Nós jogamos um jogo de adivinhação, mas logo percebemos que Dona Carmen estava cansada e eu pedi para passar a noite com ela. Precisei insistir um pouco e usar a cartada do meu aniversário porque o meu pai sequer conseguia dormir longe.

— O que você tem? — ela perguntou assim que ficamos a sós e por alguns segundos um frio gelou a minha espinha.

Deveria ser pecado esconder algo da minha mãe doente, mas eu não podia contar. Aquela informação chegaria no meu pai e então tudo estaria perdido. Respirei fundo, tomando coragem para encará-la, sabendo que eu me arrependeria por omitir aquela informação dela.

— Eu? — Me virei para perceber que ela tinha um olhar cheio de insinuação.

— Tem algo... Você está diferente. — Seus olhinhos se cerraram para mim e eu sorri aovê-la toda animadinha. — Aposto que está apaixonada.

— Apaixonada? — Não pude deixar de rir. — Mamãe, eles trocaram seus remédios por cogumelos?

— Muito engracadinha. Uma mãe sabe... Ou se esqueceu de que eu descobri da sua paixonite pelo seu professor de matemática? — perguntou, travessa, e eu senti meu rosto esquentar.

— Pelo amor de Deus, mãe!

— Anda, quem é ele?

O que eu diria? Não podia deixar que ela desconfiasse de que eu estava grávida e pelo que eu conhecia da mulher que me deu a vida, quando algo entrava na sua cabeça, não saía mais.

Eu poderia contar por alto sobre a experiência que tive...

— Não estou apaixonada, antes que você crie teorias absurdas — afirmei, e ela balançou a cabeça e comprimiu os lábios como se não acreditasse. — É só um cara que eu saí.

— Mais velho — foi uma afirmação e eu ri.

— Só alguns anos.

— Qual o nome dele?

— É irrelevante.

— Então ao menos me diz como ele é. É bonitinho?

Dei uma risada. Chegava a ser indecente que ela se referisse à beleza do Domenico no diminutivo. Suspirei, tentando esconder a deceção por toda ironia que era minha vida.

— Ele é lindo, o tipo de cara que quando chega em qualquer ambiente faz as pessoas pararem de falar.

— Tipo o...

— Acho que não existe ninguém que se assemelhe a ele — eu a interrompi e nem mesmo percebi o tom de frustração que acompanhou a minha frase. Depois, limpei a garganta e ajeitei a postura. — No quesito ser bonito, quero dizer.

— E ele é legal?

Soltei uma gargalhada imaginária.

— É... Na verdade, ele é meio ranzinza, estressado, mas sei lá, eu gosto da companhia dele.

Não era uma mentira, nunca foi nenhum sacrifício.

— Onde você o conheceu? — quis saber, animada.

Eu expeli o ar e senti um aperto no peito por ver minha mãe daquele jeito. Entendia que toda a rotina de hospital era cansativa e falar sobre minha vida se tornava uma distração. Dona Carmen amava fofocar sobre o que acontecia dentro daquele hospital.

— Ahn... No trabalho.

Ela levantou as sobrancelhas, surpresa.

— Não é onde o...

— Sim, mãe, mas ninguém sabe de nada — garanti. — Foi só um encontro e não vai acontecer de novo. Não vou me envolver com ninguém.

— Filha, eu já te disse que você precisa viver a sua vida e esquecer as coisas que seu pai quer.

— É o que eu quero também. É o que você queria até uns anos atrás — lembrei, mas ela me olhou de um jeito carinhoso, quase como se estivesse com pena de mim.

— Quando eu não sabia que a vida era tão frágil, que certas coisas eram tão pequenas, Cá... — Um sorriso sem muita animação surgiu no seu rosto. — Eu quero que você se apaixone, que viva sua vida e não entre em uma relação sem sentido só porque o seu pai quer.

— Não é sem sentido. Sei das minhas responsabilidades, das implicações. Eu sempre soube.

Engoli em seco quando pensei em como meu futuro mudaria agora. Até aquele momento, eu não tinha refletido sobre ele. Não era justo! Eu havia traçado um planejamento, feito tudo direitinho até...

Até o momento em que aquele homem cruzou o meu caminho.

Deus, eu o odiava ainda mais agora do que antes. Era culpa dele! E daquele cabelo ridículo, sua barba estúpida e os malditos olhos castanho-esverdeados!

Se Domenico Perazzo não tivesse voltado para a *Petrolio*, eu estaria lidando com o idiota do Genaro e tudo seria muito mais fácil.

Não estaria grávida, para início de conversa.

Fiz uma careta involuntária com o desconforto que se enredou pela minha coluna com aquele pensamento.

Eu precisava tirá-lo da minha cabeça.

E nem mesmo uma porra de uma dose de tequila podia beber.

Capítulo 35



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Chamei meu irmão para beber. E com certeza recebi muitos xingamentos da ecochata que já estava quase parindo. Era escroto excluir uma grávida? Sim, mas eu precisava falar com Dante a sós.

Nós tínhamos ido até o bar *Scorpius* e já estávamos há uma hora jogando conversa fora (mais da metade do tempo falando sobre a Gigi, óbvio).

— Ok, você não me chamou aqui para saber quais palavras novas a sua sobrinha aprendeu — concluiu, rindo, e eu soltei um ruído de incredulidade.

— Eu poderia, me preocupo com...

— Não fode, Dom! Se quisesse saber sobre a Gio, você estaria lá em casa e eu não teria largado minha mulher grávida.

— Vocês nasceram colados, porra? Eu não posso querer apenas um tempo com meu irmão?

Dante estreitou os olhos para mim e cruzou os braços.

Eu poderia falar que nosso pai tinha ligado hoje querendo saber como estavam as coisas na empresa e que tentou puxar conversa sobre toda aquela história com a Marcella. Tudo me parecia irrelevante, entretanto.

— Anda... — insistiu. — O que aconteceu?

Encarei meu irmão, a coragem fugindo para debaixo do tapete interno da minha mente. Como eu contaria aquilo? Eu enchi a porra do seu saco quando soube que ele engravidou Maria Manuela.

— Eu te falei que ela faz aniversário hoje?

— Quem? — Seu rosto se retorceu em uma careta de confusão.

— A cobra que trabalha na *Petrolio*.

— E o que eu tenho a ver com isso, Dom? — Dante continuou com a mesma expressão, sem entender por que eu a havia mencionado.

Merda, não sabia por onde começar!

— Nada, foi só um comentário.

Ele me olhou através do copo de uísque um pouco desconfiado. Ficou alguns segundos me fitando como se estivesse me analisando. Depois simplesmente pareceu ter uma epifania e abruptamente bateu com o vidro na mesa e apontou um dedo acusatório para mim.

— Você comeu ela! — afirmou, levantando o tom e eu respirei fundo, examinando ao nosso redor para ver se ninguém tinha ouvido.

Antes fosse só isso...

— Meu Deus! — Dante exclamou quando eu encarei o meu copo, deslizando o dedo pela borda sem dizer uma única palavra.

— Shhhhh... — Fiz um ruído com a boca e o olhei irritado. — Vai contar pra porra do bar inteiro?

— Você é maluco, Domenico? — Ele abaixou o tom, mas permaneceu falando comigo de um jeito aborrecido. — Que merda tem na cabeça? A gente descobriu que essa garota literalmente entrou na empresa pra foder com ela!

— Aconteceu, porra!

Dan estalou a boca e balançou a cabeça, olhando-me incrédulo.

— Nem fodendo... Você me criticou pra caralho por conta da Manuela... Como foi que disse? — Então ele limpou a garganta e tentou engrossar a voz para me imitar, cheio de desdém: — “Só sendo completamente doente pra trepar com a escrota que tenta acabar com a reputação da nossa empresa”.

— Você, de todas as pessoas, é a única que não pode me julgar.

— Ah, eu posso, sim! Porque você é um chato do caralho que passou meses fazendo isso comigo. Você é tão hipócrita...

Ele deu uma risada sem muito humor, deixando nítido o ressentimento pelo fato de eu ter jogado tantas vezes na sua cara que ele e Maria Manuela não faziam sentido algum. Respirei fundo, tentando conter a irritação e virei o meu copo, acabando com todo o conteúdo.

Fiz um sinal para que o garçom trouxesse mais duas doses de uísque e puxei uma respiração, buscando junto com ela a coragem para iniciar aquele assunto.

— Sério, não acredito nessa merda! Você falou, falou e fez muito pior... A Manuela infernizava a empresa, mas você trepou com a filha dos Lacerda! Os Lacerda!

— Dante, no momento, eu ter trepado com a Ana Carolina é o menor dos meus problemas.

Meu irmão, que já tinha se preparado para cuspir uma infinidade de outras coisas, parou. Piscou lentamente e todas as suas expressões foram se modificando para algo que beirava o

desespero. Era como se ele pudesse ler minha mente... Ou talvez Dan me conhecesse o suficiente para ver o pânico nos meus olhos.

— O-o que...?

Permaneci em silêncio e comprimi os lábios. Nós ficamos presos em uma bolha silenciosa e densa por alguns segundos. Meu irmão permanecia imóvel, com medo demais de perguntar e eu, do outro lado, estava procurando as forças internas para contar.

— Dan... — Fiz uma pausa e acho que meu irmão prendeu até mesmo o ar. — Ela está grávida.

Ele cobriu a boca com uma das mãos e arregalou os olhos. Em seguida, começou a balançar a cabeça em diversas negativas.

— Não! Você... Não! — repetiu, incrédulo.

— Sim.

— Como isso *a-aconteceu*? — perguntou meio transtornado e tudo o que fiz foi erguer uma das sobrancelhas. — Você sempre encheu a porra do meu saco para usar camisinha e mais uma vez falou pra caralho por eu ter esquecido uma única vez na vida...

— Eu usei camisinha. Todas as vezes. Não sei o que aconteceu!

— Todas as vezes? — Um sorrisinho prepotente surgiu nos seus lábios. — Vocês estão transando com frequência?

— Não, idiota. Foi só uma noite, mas foram muitas vezes. Eu já estava fazendo uma merda trepando com a mulher que eu odeio, acha mesmo que não iria encapar a porra do meu pau? Diferente de você, eu penso nas consequências.

Ele levantou o dedo do meio para mim.

— E ainda assim ela está grávida — debochou e eu o repreendi com os olhos. — Enfim, tem certeza de que é seu? Pelo histórico dessa mulher, sabemos que tudo pode ser uma mentira e...

Meu irmão fez uma pausa e me olhou preocupado. Eu sabia o que estava cruzando sua mente. Dante finalmente tinha se dado conta de que havia a possibilidade de eu passar por tudo mais uma vez.

— Desculpa, eu não...

— Tudo bem, Dante. Eu sei que tudo isso é uma merda. Não confio na Ana Carolina e estou me cagando de medo de que ela faça algo parecido com o que a Tália fez. Ainda assim, não acho que seja

uma mentira. — Soltei o ar, cansado. — Na hora eu achei que não fosse meu, falei um monte de merda, mas depois fui até seu apartamento e porra... Dan, ela estava destruída. Ficou repetindo que não sabia como isso tinha acontecido, que o Franciley iria surtar...

— Meu Deus!

— Pois é. Acho que infelizmente nós dois só fomos vítimas da ironia do universo.

— Isso é bizarro. E eu não consigo nem imaginar como sua cabeça deve estar. Imagino que tudo esteja sendo um gatilho absurdo e talvez seja melhor ir com calma, porque não sabemos as intenções dela.

— Acha que não pensei nisso? Realmente não acredito que a Ana Carolina está mentindo, mas ela sabia vagamente sobre eu ter perdido minha filha. — Sua boca se abriu e ele franziu o cenho.

Então eu contei para ele sobre tudo o que tinha acontecido na festa de *Halloween*. Expliquei que isso também teve relevância para que eu tivesse me envolvido com ela e Dante disse cheio de desdém que entendia o quanto o ódio e o desejo pareciam andar de mãos dadas.

Desabafei sobre as minhas inseguranças e toda a preocupação que estava me rondando ultimamente. Eu tinha medo de que aquela mulher percebesse o quanto eu queria o bebê e começasse a usar aquilo para conseguir o que queria.

Ok, Tália tinha planejado tudo, mas no meio do caminho recalcoulou a rota ao se dar conta de que eu não desejava que ela fizesse um aborto. E se Ana Carolina entendesse que daquele acidente ela poderia se beneficiar de alguma forma?

Eu havia passado a tarde inteira em pânico diante daquela possibilidade. Simplesmente não conseguia nem mesmo concluir um pensamento sem que o medo me dominasse, sem que o passado me engolisse por inteiro, arrastando-me para aquela tempestade devastadora que eu vivi.

— Acho que você deve ter cautela em como vai agir perto dela — ele sugeriu. — Sei que provavelmente está ansioso e animado com essa notícia, mas talvez seja melhor não demonstrar demais.

— Sei disso. Não quero que ninguém saiba também, não conversamos sobre essas coisas.

Meu irmão me olhou com uma carinha de cachorro abandonado e eu revirei os olhos porque sabia bem o que aquela expressão significava.

— Não acho que você deveria contar nada pra sua mulher ainda — falei e ele pareceu murchar. — A Manuela é melhor amiga da Julia, que é irmã do Adriano e da Ana Carolina.

— A Julia não quer se envolver em nada, pediu para que não falássemos sobre o assunto.

— É, mas e quando a Julia descobrir que a ecchata sabia que a irmã dela estava grávida e não falou nada?

Dante piscou.

— Merda, você está certo. Talvez seja melhor não falar nada por enquanto.

— Eu sempre estou certo.

— Papai Perazzo vai amar saber que o presenteamos com outro bastardinho — ele zombou. — O que será que vai acontecer quando ele descobrir que o filhinho perfeito dele fez pior que eu?

— Prepare-se para o apocalipse na Terra. Ele vai amar saber que entrei na competição de “filho ingrato”, mas fique tranquilo, Dan... Ainda acho que você é o número um na escala de decepção — respondi com sarcasmo e ele gargalhou.

— O posto principal de como jogar o nome Perazzo na lama é meu e ninguém tira — disse, como se estivesse orgulhoso de si mesmo, rindo.

Balancei a cabeça enquanto tamborilava os dedos no vidro do copo. Meu irmão encarou o nada, os olhos perdendo um pouco o foco e depois balançou a cabeça como se ainda estivesse digerindo tudo. Dan parecia distraído, provavelmente tentando entender como a minha vida tinha desandado daquela forma.

Nem eu sabia.

— Puta merda, ainda não acredito que você engravidou a irmã do cara que tentou acabar com meu relacionamento...

— Nem me fala... — Ele deu uma risadinha e outro pensamento veio na minha cabeça. — Meu Deus, eu engravidei uma

garota de vinte anos!

— Vinte e dois — corrigiu, rindo. — Ela não fez aniversário?

— Que se fodam esses dois anos, a gente arredonda pra baixo!

Caralho, ela não sabe nem o que é uma *BLOCKBUSTER*!

— Sério? Esse é realmente o grande problema? — meu irmão questionou entre as risadas.

— Na boa, qual é o meu problema que eu só engravidou mulheres filhas da puta?

— Olha, Dom, eu te amo, mas fica difícil eu tentar te defender nessa.

— Eu sou muito fodido! Não sei como resolver isso.

— Acho que uma ótima solução seria um casamento... Ou então vocês podiam morar juntos! Não foi o que você disse que eu deveria fazer? — implicou, debochado, porque quando soube sobre a Giovanna, foi o que eu sugeriu.

— Na época falei do casamento porque estava preocupado com a reputação da nossa família, e pensei que aquilo seria o melhor caminho e a sugestão de vocês morarem juntos foi apenas para que você fosse introduzido na vida da sua filha, seu idiota. São situações completamente diferentes, porque caso não se lembre, você e sua mulher estavam agindo como dois adolescentes que não sabiam conversar.

— E você e ela sabem? — indagou com sarcasmo. — Imagino que você seja tão maduro na presença dela já que está irritado com o simples fato de a Ana Carolina não saber o que é uma locadora.

— Sim, sabemos conversar — menti. — E é bem absurdo alguém não saber o que é uma *Blockbuster*.

— Sabe o que é engraçado? Pelo que eu me lembre, você não se envolvia com mulheres mais novas de jeito nenhum.

— Não estou envolvido!

— Irmão, ela está grávida de você — Dante lembrou, rindo. — Você está envolvido pra caralho.

Meu Deus, eu estava tão fodido.



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Ele havia me enviado uma lista com mais de dez obstetras e eu continuava sem saber como Domenico conhecia tantas. De qualquer modo, fiz algumas pesquisas na internet, olhei comentários e páginas no *Instagram* e no final fiquei em dúvida entre duas.

Ambas pareciam ótimas e acabei compartilhando que estava tendo um pouco de dificuldade para escolher. Ele me tranquilizou

que todas eram muito recomendadas no Rio de Janeiro e comentou que uma das que eu tinha selecionado era a obstetra da Manuela.

Isso foi o suficiente.

Domenico avisou que ligaria para a médica para que ela me encaixasse naquele mesmo dia e foi o que aconteceu. Assim que cheguei, fui muito bem recebida e fiquei apaixonada por todo atendimento.

Dei graças a Deus que estava sozinha, porque quando a obstetra me disse que eu provavelmente estava de quase 9 semanas, meu cérebro bugou um pouco. Não dava o dia certo que tínhamos transado, mas ela esclareceu que as semanas eram contadas da data da última menstruação.

Normalmente, eu não saberia a data do meu ciclo porque ele era meio irregular, mas lembrei que às vezes eu resmungava com o meu sócio que ele tinha sorte de não ter um útero por causa das cólicas. E foi assim que consegui saber o dia correto.

A doutora disse também que meus enjoos tinham se intensificado porque isso costumava acontecer nesse período, mas que dependia de cada mulher e eles poderiam durar por um período maior.

Contei um pouco da minha situação (sem mencionar o Domenico) e a mulher me acolheu de uma forma que nem mesmo consigo explicar. Saí de lá meio chorosa, sem entender direito porque estava tão emotiva. Eu culpei os hormônios, no entanto.

Não achei realmente que o insuportável fosse querer me acompanhar e sinceramente tenho a impressão de que meu “convite” foi uma surpresa para ele também.

Então estávamos dentro de uma sala de espera do consultório aguardando para fazer a primeira ultra. A ansiedade me corroía de dentro para fora e tinha a impressão de que as paredes brancas estavam se apertando e suprimindo o meu ar. Ou talvez fosse o fato de que ao meu lado podia sentir a respiração do homem que eu nunca imaginei que chamaria de pai do meu filho.

A tensão entre nós dois era quase palpável e seus olhos pareciam aéreos, sem um foco. Era como se Domenico estivesse

preso em um plano de fundo, vendo a realidade correr diante de si mesmo.

Observei as mulheres sentadas um pouco à frente com barrigas gigantes e quando desviei o olhar, dei de cara com as revistas de bebês empilhadas ao meu lado. Toda aquela atmosfera me deixava agitada e talvez fosse pelo fato de que aquele exame tornaria tudo ainda mais real.

— Fica calma. — Ouvi sua voz rouca perto do meu ouvido ao tempo em que sua mão firme encostou no meu joelho para que eu parasse de balançar a perna.

Acho que já estava fazendo isso há um bom tempo, mas talvez tenha aumentado o ritmo sem nem perceber.

Eu o encarei e assenti, ignorando o arrepio que escalou por cada uma das vértebras da minha coluna, avisando para todo o meu corpo sobre sua presença. O calor do toque rastejava pela minha pele, mudando até mesmo a frequência dos meus batimentos cardíacos.

— Quer água ou alguma outra coisa? — perguntou, afastando a mão assim que percebeu que eu olhei para o local.

— Não, obrigada.

— Vou pegar uma pra mim.

Ele se levantou e o cheiro de um perfume diferente do habitual entrou pelas minhas narinas, causando-me ânsia. Inalei uma respiração profunda, tentando conter o café da manhã no meu estômago. Domenico tinha ido até a recepção e voltou em seguida com uma garrafinha de água nas mãos.

— Está passando mal? — quis saber, agachando-se para que seu rosto ficasse na altura dos meus olhos.

— Você trocou de perfume? — Eu o afastei um pouco, fazendo uma careta.

— Sim, você disse que o outro estava te deixando enjoada e eu definitivamente não quero que vomite em mim novamente.

— Esse é ainda pior.

— Puta que pariu! — murmurou, levantando-se e esticando o braço com a garrafinha. — Vou até o carro pegar um remédio...

— Não precisa — garanti, dando um gole na água. — Já está quase na hora.

— Ok, eu vou sentar ali. — Ele apontou para a cadeira em frente à minha.

Não demorou muito para chamarem meu nome e Domenico me encarou de um jeito peculiar. Havia algo na forma como ele suspirou, olhando da funcionária para mim, após ela dizer meu sobrenome. Não sei explicar, mas me veio um pensamento... Como se aquilo fosse um reforço do universo querendo esfregar na sua cara quem eu era e o que estávamos prestes a viver.

— Tem certeza de que quer que eu entre? — perguntou, mas tive a impressão daquela frase ter saído meio a contragosto, como se ele apenas estivesse tentando ser educado.

— Tenho.

Caminhamos em silêncio e a médica abriu a porta do consultório com um sorriso simpático e avisou que eu poderia me trocar enquanto ela preparava tudo. Sim, eu era uma idiota e tinhaido de vestido porque esqueci completamente que faria uma ultra.

Fiquei alguns segundos me encarando no espelho da cabine, buscando coragem para sair dali. Respirei fundo e passei pela porta.

Ele estava em pé, com as mãos dentro dos bolsos e seus olhos foram a primeira coisa que encontrei. Engoli em seco, forçando o aperto da minha garganta para baixo. O piso estava gelado sob meus pés e eu me senti extremamente frágil dentro daquela camisolinha azul.

— Podemos começar, querida? — indagou, com um sorriso nos lábios e então indicou a maca com a mão. — Você pode se deitar aqui, por gentileza.

Fiz o que ela mandou e em seguida a mulher cobriu parte do meu corpo com uma manta. Explicou como seria o procedimento e começou o exame.

Fechei os olhos assim que o gel gelado entrou em contato com a minha barriga e puxei uma respiração profunda. Estava com medo, queria chorar, mas suprirei todos os meus sentimentos e os empurrei para baixo. Não queria parecer fraca, mesmo que por dentro eu estivesse desmoronando.

Sabia que depois daquele episódio eu precisaria me controlar perto dele. Não queria que Domenico me visse vulnerável, que percebesse o quanto aquela gravidez me afetava. Se minha intuição estivesse certa... Porra, não conseguia tirar da cabeça que ele tinha um plano de fazer com que eu me apaixonasse ou algo assim. Não iria tornar tudo mais fácil mostrando que estava fragilizada.

— Esse aqui é o saco gestacional... — A voz da médica me trouxe de volta para a realidade. — E esse é o embrião. Vocês conseguem ver?

Encarei a tela cinza e perdi o controle da respiração quando me dei conta do que estava acontecendo. De repente, todo o meu pânico foi levado por uma onda de emoção enquanto eu fitava aquela bolinha meio disforme no meio de um outro círculo.

— É... — Minha voz falhou e senti a ardência enquanto me segurava para não chorar. — O bebê está aqui?

— Sim. — A mulher sorriu.

Demorou um único segundo. Apenas um para que eu descobrisse o significado da palavra “mãe”. Meu coração transbordou, como se o meu corpo não fosse o suficiente para conter a intensidade de um amor que eu jamais senti antes.

Ali, olhando para um monitor, eu entendi cada um dos receios e medos da minha mãe e tudo o que ela abriu mão por mim. Percebi que não havia uma única palavra no dicionário que pudesse descrever o que estava sentido.

Um bebezinho. Jesus, um bebê!

Levei a mão até a base da minha barriga involuntariamente, sentindo o gel que tinha escorregado um pouco para baixo. Inalei uma respiração profunda, incapaz de tirar meus olhos daquele pequeno serzinho que estava me dando “oi” pela tela.

Deus! Eu teria um bebê com bracinhos e perninhos que já estavam começando a se formar. Não estava maluca ou sonhando, a comprovação estava bem ali naquela imagem! Existia uma vida dentro de mim e tudo o que eu queria agora era protegê-la de qualquer coisa.

E ao mesmo tempo que meu coração estava prestes a explodir de tanto amor, o medo veio em disparada, infiltrando-se em cada

lacuna. Como eu faria para manter meu bebezinho em segurança? E se eu falhasse?

Afastei aquele sentimento. Não podia deixar que aqueles medos ofuscassem o momento mais surreal de toda a minha vida.

Domenico também estava meio hipnotizado encarando a tela, até que nossos olhares se encontraram, a comunicação silenciosa carregada de tanto sentimento que nem mesmo conseguia descrever. Pude perceber o quanto ele estava tentando esconder qualquer emoção, mas muitas coisas o entregavam: os músculos retesados, os olhos levemente molhados e a respiração descompassada.

— Acho que a doutora Trajano tinha comentado com você, certo? A idade gestacional é de nove semanas — a médica afirmou e eu olhei para Domenico.

— Ela me explicou que a data é contada pela minha última menstruação, por isso não... — comecei a me justificar, mas ele apenas deu um sorrisinho complacente.

— Eu sei, Carolina.

— Vocês querem ouvir o coraçãozinho?

Acho que aquela frase fez com que esquecêssemos de como se respirava. Sustentamos o olhar como se fosse impossível sair daquela névoa que nos rodeava. Assentimos, meio desnorteados ainda porque acho que nenhum de nós estava conseguindo raciocinar direito.

Então um som ritmado preencheu toda a sala, batendo tão forte a ponto de encher meus olhos de água. O tempo parou, desintegrando-se por completo, como se transpassasse pelo universo. Era como se cada batida suave e persistente ressoasse dentro do meu peito, direto para o meu coração.

Éramos um só e aquilo era tão vítreo como a água.

Não fazia ideia de que aquele som seria capaz de mudar tanta coisa em uma fração de segundos. Instintivamente, nossos olhares voltaram a se cruzar e tudo o que pude ver dentro da sua íris castanha-esverdeada foi amor.

Na mais pura forma.

Domenico passou as pontas dos dedos nos cantos dos olhos e suspirou, voltando a encarar o monitor. Ajeitou a postura e limpou a garganta, como se finalmente percebesse que havia deixado transparecer demais.

— Está batendo forte — ele comentou, olhando de mim para a médica e ela sorriu, afirmando.

— Sim... Acho que ele sabe que os papais estão ouvindo — brincou, fazendo com que uma risada nervosa escapasse dos seus lábios.

— Vocês querem que grave, certo?

— Pode? — perguntei, esperançosa, e ela tornou a abrir um sorriso, assentindo. — Tem como fazer duas cópias?

Olhei para ele, meio apreensiva.

— Quer dizer, não sei se você também quer e...

— Eu quero — Domenico afirmou e depois se virou para a mulher. — Pode fazer uma pra mim também?

— Claro.

Nós dois permanecemos ali, em silêncio, ouvindo aquele som tão significativo preenchendo todo o ambiente enquanto a médica realizava a gravação. Assim que o exame finalizou, eu me sentei na maca ouvindo as explicações sobre os próximos passos. Depois, ela avisou que nos deixaria a sós e que poderíamos pegar a gravação na recepção.

— Domenico...

Eu o chamei e ele desviou o olhar do celular, preocupado. Aproximou-se de onde eu estava sentada e perguntou se eu precisava de ajuda. Neguei com a cabeça e fitei minhas mãos, apoiadas no meu colo.

— Eu sei que nós dois temos uma questão. E não faço ideia do que aconteceu no passado, sobre o bebê que tiraram de você...

Seu maxilar travou na mesma hora, os músculos ficando tensos e engoli em seco, preocupada com a resposta atravessada que poderia receber. Não era minha intenção me meter em nada ou abrir nenhuma ferida, mas eu precisava dizer alguma coisa.

— E você não precisa me contar — me adiantei, em uma tentativa de tranquilizá-lo. — Só que eu não sei como está se

sentindo a respeito dessa gravidez, sobre ter um filho...

— Eu não preciso te dizer como estou me sentindo, Ana Carolina. Não somos amigos — ele me cortou.

— Você pode *não* ficar tanto na defensiva? — perguntei, franzindo o cenho e deixando nítido meu aborrecimento.

Ele soltou o ar, cansado.

— Sim, não somos amigos e você não precisa me falar como se sente. Também sei que não sou a mulher que imaginou para a mãe do seu filho... — Seus olhos continuavam fixos em mim. — Entendo que isso não seja fácil pra você.

— Acredito que essa parte não esteja sendo um arco-íris para você também — disse com ironia.

— Não, mas... Depois de hoje... — Olhei para a tela que ainda estava pausada na imagem que a médica tinha tirado foto. — De verdade, eu estou feliz com o bebê e não sei se você está, mas...

— E faz diferença? Saber se estou feliz ou não?

Eu o olhei triste. Foi involuntário e acho que ele percebeu minha mudança de expressão.

— Não, realmente. Desculpa, não vou mais tocar nesse assunto — afirmei, descendo da maca.

Assim que passei por ele, senti sua mão no meu pulso e me virei, olhando para cima, para encontrar seus olhos. Eu estava descalça e Domenico parecia ainda mais alto agora. Ele puxou uma respiração meio a contragosto e ficou em silêncio por alguns segundos.

— É meu filho, não é? — questionou, sério, e eu assenti. — Por que eu não estaria feliz?

— Porque eu sou a mãe — lembrei, óbvia.

— Ainda assim, ele é meu filho.

— O que eu queria te dizer antes é que você não precisa fingir indiferença — falei, sentindo minha voz embargar. — Eu passei o exame inteiro me segurando para não chorar preocupada com o que você iria pensar...

Que se foda!

Sua boca se entreabriu levemente e ele ergueu um pouco as sobrancelhas, surpreso. Domenico não estava esperando aquele tipo

de sinceridade e confesso que nem eu, mas quando percebi as palavras estavam saindo da minha boca como se não houvesse freio.

— Não confiamos um no outro — afirmei. — E eu continuo odiando você e sua família, mas acho que somos adultos suficientes para ter uma relação no mínimo civilizada quando o assunto for nosso filho... Ou nossa filha.

Domenico nem mesmo piscou e o aperto no meu pulso aumentou. Só então percebi que sua mão continuava me segurando. Ele também não tinha se dado conta, porque desviou os olhos para o local e me soltou no mesmo instante.

— Acha que é uma menina? — foi só o que ele perguntou e eu dei uma risada, meio confusa.

— Não faço ideia. Faz diferença? — Arqueei uma das sobrancelhas, debochada. — Vai dizer que é um daqueles caras que quer a todo custo um menino?

Percebi que ele se irritou por alguns segundos e estava prestes a me dar uma resposta malcriada, mas respirou fundo, como se a engolisse.

— Não faz diferença.

— Ótimo.

— Você quer fazer um exame de sexagem ou prefere esperar?

— Eu não vou conseguir esperar — contei baixinho, como se aquilo fosse um segredo, e ele riu.

— Certo. Nós podemos fazer o NIPT na semana que vem e eles costumam fazer a sexagem junto e...

— O que é NIPT? — Pisquei, confusa.

— É um exame de sangue que tem o intuito de avaliar e detectar possíveis alterações cromossômicas, ele monitora a formação do bebê. Identifica ou descarta suspeitas de possíveis alterações congênitas — explicou, como se fosse *expert* no assunto.

Por que não me espantava?

Na mesma hora, eu me questionei se o motivo pelo qual Domenico sabia todas aquelas coisas era por conta do bebê que foi tirado dele. Será que ele chegou a passar por essas etapas? Meu coração apertou por alguns segundos.

— É muito importante — ele afirmou.

— A médica não pediu isso...

— Você disse que o filho era meu?

— Não, era para ter dito? — Dei uma risada meio nervosa e um pouco confusa.

— Bem, óbvio que não disse, porque ela teria solicitado o NIPT se soubesse que eu era o pai.

— A médica também sabe que você é um desesperado com essas coisas de saúde?

— Sim. Ela provavelmente não te passou porque é um exame caro e nem todo mundo pode pagar.

Quase dei uma risada, porque qualquer pessoa que pisasse no consultório que eu estive teria condições de pagar um exame mais caro... Quer dizer, não sabia o valor, mas aquela médica com certeza atendia pessoas com muito dinheiro.

— Enfim, eu não falei nada com ela porque nem sabia se iria escolhê-la, mas você poderia ter dito.

— Você disse que o exame é caro...

— Para algumas pessoas, não para mim, Ana Carolina.

— Às vezes ela só não pediu porque talvez não tenha tanta necessidade assim — sugeri, mas ele arregalou os olhos e me encarou como se eu tivesse dito que cometido um crime.

— Não tem tanta... — Sua voz até mesmo falhou, a respiração ficando ofegante. — Não tem necessidade?

Então ele simplesmente começou a cuspir diversas informações, pontuando os motivos pelos quais eu deveria fazer o exame, citando dados e cada uma das síndromes que eram detectadas. Cheguei a abrir a boca para dizer que tudo bem, mas Domenico estava tão concentrado tentando me convencer que nem mesmo prestou atenção. Depois, finalizou seus argumentos falando que se eu não estava convencida, que fizesse apenas para saber o sexo do bebê, que nem mesmo faria diferença para mim, que eram apenas uns tubinhos a mais de sangue.

— Eu já tinha concordado antes de você começar a falar — garanti. — Ao perceber que sua alma saiu do corpo quando perguntei se havia mesmo necessidade. Esqueci por alguns segundos quem você é.

— E por que me deixou falando que nem um idiota?

— Isso foi só para meu divertimento mesmo — zombei, e ele me olhou irritado. — Enfim, podemos fazer o exame. E não sabia se deveria contar para a médica, por isso não mencionei nada.

— Você pensou melhor sobre falar para as pessoas?

No dia em que fui conversar com Domenico sobre as médicas, pedi que não contasse nada para ninguém. Ele ficou meio apreensivo e confessou que tinha comentado com o irmão. Por alguns segundos, meu mundo desabou, mas ao perceber que eu provavelmente estava ficando branca, avisou que se certificou de que Dante não mencionaria nada para Maria Manuela.

— Não quero que ninguém saiba ainda — afirmei. — Na verdade, eu gostaria de fugir para os Estados Unidos e ficar lá por um tempo até essa criança nascer para que o meu pai e meu irmão nunca saibam.

— Sabe que isso seria impossível, não é? Eu não pretendo manter meu filho em segredo.

— Sei disso — murmurei e depois soltei um suspiro.

Na mesma hora, eu me dei conta de que os pais de Domenico não ficariam nada felizes com a minha gravidez. Genaro estava em surto desde que Dante descobriu que era pai da Giovanna e isso rachou a família.

Mordi o lábio inferior e o encarei, questionando-me se deveria fazer a pergunta que queria.

— Você... Você não está preocupado com a reação da sua família?

— Não. — Sua resposta foi seca e um lembrete de que eu não deveria ir mais além.

— Certo.

Fiz menção de me virar, mas ele me chamou mais uma vez, interrompendo-me antes que eu pudesse dar as costas totalmente.

— Se você... — Domenico fez uma pausa e pigarreou. — Quando o resultado do exame sair... — Mais uns segundos de silêncio. — Sei que não vai poder compartilhar esse momento com as pessoas que gosta, mas podemos abrir juntos. E mesmo que eu

odeie todas essas parafernálias de chá revelação... E não seria bem um chá revelação porque não teria ninguém além de nós dois...

Era engraçado ver o quanto ele parecia nervoso e meio sem jeito. Principalmente porque Domenico tinha quase dois metros de altura e era todo ranzinza.

— Bem, se você quiser posso encomendar um bolo com a cor ou sei lá que coisa brega as pessoas fazem atualmente para descobrir o sexo do bebê.

Eu abri um sorriso. E depois dei uma risada imaginando aquela cena. Não fazia ideia de porque aquele homem estava perguntando se eu queria um chá revelação, mas eu achei que seria impagável um momento como aquele.

— Eu sempre sonhei em descobrir com um avião passando e jogando a fumaça no céu com a cor do bebê — menti, segurando as risadas e ele piscou, olhando-me horrorizado.

— Ok, eu posso...

— Pelo amor de Deus! — Gargalhei, jogando até mesmo o corpo para frente. — Eu estou brincando, você acreditou nisso?

— Você é insuportável.

— É, eu sei... Não quero nada elaborado, mas eu não dispensaria um bolo... Principalmente se for do lugar em que você encomendou aquele em que me xingava — falei de maneira sugestiva, arrancando uma risada fraca dele.

— Tenho os dizeres perfeitos para o próximo — falou, com um sorrisinho debochado no rosto, e eu cruzei os braços, incentivando-o a continuar. — “Obrigado por me dar um filho, espero que ele seja menos irritante do que você!”

— E eu só torço para que ele não seja tão rabugento quanto você.

— Achei que gostasse de pessoas rabugentas... — Ele estalou a boca e estreitou os olhos de um jeito debochado. — Ah não, isso era a Clara, não era?

A Clara sou eu.

Dei um meio-sorriso e mordi a língua para segurar a resposta que eu queria dar. Não tinha motivos para ficar me justificando

sobre quem eu era de verdade, não faria diferença. O que ele pensava sobre mim era irrelevante.

Tudo o que importava era o bebê.

Todas as nossas diferenças e desentendimentos soavam ridículas perto da vidinha que estava dentro de mim. A conexão entre nós dois havia mudado hoje e talvez para sempre. Ela havia deixado de ser hostil e parecia tão mais profunda agora. Tudo o que eu podia pensar era na promessa de amor infinito que eu carregava.

Então sim, nós teríamos uma relação civilizada...

Na medida do possível.



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Já estava encarando aquele maldito bolo com cobertura branca há quarenta e sete minutos. O mesmo tempo que Ana Carolina estava atrasada.

Tínhamos marcado no meu apartamento porque não me pareceu muito lógico que fizéssemos aquilo dentro da minha sala do

escritório. Não queria nenhum tipo de fofoca e sabia bem que as pessoas da empresa estavam sempre à espreita atrás de uma.

Cobra Manipuladora Vingativa: Oi!

Dom: Resolveu responder?

Cobra Manipuladora Vingativa: Sei que estou atrasada...

Dom: Não brinca? Quarenta e sete minutos.

Cobra Manipuladora Vingativa: Você está contando?

Dom: O que acha?

Dom: Te mandei cinco mensagens!

Cobra Manipuladora Vingativa: Eu vi, uma a cada dez minutos, kkkkk

Cobra Manipuladora Vingativa: Ainda estou no hospital.

Dom: O que aconteceu?????

Olhei para a tela e vi que o status "*online*" sumiu e o desespero começou a rastejar por cada centímetro do meu corpo. Todos os meus músculos se tensionaram, como se estivessem em alerta. A sensação era de ter uma mão invisível me sufocando, apertando minha garganta aos poucos.

Quando finalmente consegui me mexer, comecei a digitar diversas mensagens freneticamente.

Dom: MULHER, PELO AMOR DE DEUS!!!!

Dom: Você tá bem??????

Dom: Aconteceu algo com o bebê?????????????

Dom: Que hospital você está?

Dom: Me responde!!!!

Meu coração batia tão rápido por segundo que talvez ele fosse explodir. Por que caralhos ela não respondia? Estava *online* alguns instantes atrás! Cliquei no ícone da ligação, mas foi rejeitada. Repeti a mesma ação mais três vezes, em vão.

Como trinta segundos podiam durar tanto tempo? Puta que pariu, parecia uma eternidade!

Cobra Manipuladora Vingativa: Não posso atender.

Cobra Manipuladora Vingativa: Estou no hospital com a minha mãe, Domenico! Fica calmo!

Finalmente respirei aliviado, o ar tornando a fazer o caminho certo para meu pulmão.

Dom: Que susto, porra!

Cobra Manipuladora Vingativa: O médico dela disse que queria falar com a gente, não sei se consigo ir hoje.

Cobra Manipuladora Vingativa: Você pode partir o bolo se quiser.

Cobra Manipuladora Vingativa: Sei que está curioso.

De alguma forma, aquilo me causou um incômodo. Sugerí fazermos aquilo juntos porque sabia que mais ninguém tinha conhecimento da gravidez, mas eu tinha meu irmão. Uma pessoa que com certeza comemoraria comigo da forma adequada, alguém que amava e sabia o quanto aquele bebê significava para mim.

Então por que eu me sentia tão desapontado? Por que estava levemente frustrado de que ela não estivesse presente?

Dom: Posso te esperar.

Cobra Manipuladora Vingativa: Eu acho que vou chegar bem tarde.

Cobra Manipuladora Vingativa: E sei que está irritado com o atraso.

Dom: Vou esperar. Venha pra cá quando sair daí, independente da hora.

Cobra Manipuladora Vingativa: Ok.

Decidi que veria um filme para passar o tempo. Coloquei um dos meus preferidos: *Sexta-feira 13* e tentei ignorar a porra do bolo que estava na mesa da sala implorando para que eu o cortasse.

A curiosidade me corroía *frame a frame* e eu permaneci em um *looping* tedioso até que ela chegasse, quase duas horas depois, parecendo exausta.

— Se incomoda se eu tirar o sapato? Esse salto está me matando! — perguntou, entrando no apartamento.

— Não, você quer alguma coisa? — Estendi a mão para que ela me desse a bolsa e a pendurei perto da entrada.

— Eu queria álcool — choramingou, fazendo um biquinho e eu ri.

— Sinto muito, mas se você não fosse uma cobra vingativa, não estaríamos nessa situação e você poderia tomar quanto quisesse de álcool.

— Tratando a mãe do seu herdeiro com tanta hostilidade... —
Ela estalou a boca com deboche.

— Podemos, pelo amor de Deus, saber o sexo dessa criança?

Ana Carolina se virou em direção à mesa e não percebeu o móvel bem na sua frente, dando um chute na quina. Comprimi os lábios, levemente preocupado, mas percebi que não era nada sério quando ela soltou um palavrão e em seguida se xingou de idiota.

— Estou bem! — Ela ergueu uma das mãos no ar, como se estivesse me dizendo para não soltar nenhum comentário e eu abafei uma risada.

— Consegue usar a faca ou tem chances de você acabar se cortando ao invés do bolo?

— *Há-há*. Muito engraçado — falou, tirando o talher da minha mão. — Posso?

— O que está fazendo? — perguntei quando percebi que ela posicionou a faca para cortar em uma reta paralela.

— O certo é cortar o bolo assim — disse, parecendo muito certa do que estava dizendo. — Porque você consegue...

— Pelo amor de Deus, só corta esse bolo logo! — implorai, impaciente.

Assim que a faca atingiu o fundo e ela empurrou a lateral do bolo para um prato que estava apoiado, vimos que o recheio era branco.

Branco.

Caralho?

Pisquei, incrédulo.

— Que porra?

— Não deveria ser rosa ou azul? — ela perguntou, meio confusa. — O branco significa alguma coisa?

— Significa! — explodi. — O processo que vou meter nesses filhos da puta!

Era um absurdo! Eu tinha dado a merda do *login* e senha para a confeitaria, pedindo que eles só me enviassem o resultado do NIPT e depois mudassem a senha.

Sabia que se tivesse acesso, havia a possibilidade de não conseguir me controlar, então achei mais garantido mandar para

uma empresa que acreditei ser profissional.

— Ledo engano! Irresponsáveis do caralho!

— Ele estava tão bonitinho... — ela murmurou, frustrada.

Seu olhar se voltou para o bolo e por alguns segundos me perguntei se ela iria chorar.

Peguei meu celular e cliquei no contato, andando de um lado para o outro para conter a vontade que eu estava de gritar. Como eles podiam fazer isso? Estragar um momento tão único na vida de um casal?

Não!

Porra! Não éramos um casal!

Inferno!

Porra de empresa filha da puta que estava até mesmo me confundindo.

— Eles só podem estar de sacanagem! — falei sozinho, tentando ligar para o estabelecimento pela quinta vez.

Olhei para trás quando ouvi um cochicho e franzi o cenho, sem entender se ela estava falando comigo ou com o bolo.

— Puta merda, não acredito que esses arrombados não vão atender!

— São onze horas... — ela sussurrou algo parecido com isso, mas não entendi direito porque continuava transtornado tentando contato com a confeitoria. — Está tão cheiroso...

O que ela estava falando?

— Eu posso...

Tornei a me virar para encará-la e fiz um sinal para que permanecesse em silêncio, porque a ligação ficou muda por alguns instantes.

— Alô? Alguém está aí?

— Tão molhadinho...

— Não é possível! — Empurrei o indicador no outro ouvido para tentar escutar melhor. — Alô? Tem alguém aí?

Uma voz ecoou e no momento em que eu estava pronto para dar um sermão na pessoa do outro lado da linha, ouvi outro sussurro atrás de mim:

— É uma menina...

— O que você disse? Senhora, pode esperar só... — Eu me virei pela terceira ou quarta vez, ainda com o celular no ouvido e interrompi a frase quando percebi um pequeno amontoado rosa na mesa.

Prendi o ar, meio sem reação.

— É uma menina — ela repetiu meio eufórica, levantando os olhos marejados para encontrar os meus da mesma forma.

— É? — perguntei, mesmo sem saber que não emiti nenhum som algum.

— Sim! É uma bebezinha. — Sua voz saiu mais estridente dessa vez e ela pegou os miniconfetes com a mão, mostrando-os para mim. — Olha, estava dentro do bolo!

Desliguei a ligação em um movimento involuntário e dei alguns passos na sua direção até que conseguisse chegar até ela. Suas mãos formavam uma concha com diversos confeitos rosa e eu as segurei por baixo, encarando o resultado.

Engoli o nó que se instalou na minha garganta e tentei conter a explosão dentro do meu peito, alastrando-se como chamas contidas. Nem mesmo percebi que mantive minhas mãos apertando as suas, como se não quisesse que aquele instante fosse quebrado.

Levantei os olhos, cravando-os nos seus e sorri ao ver que ela fazia o mesmo. Sua risada alegre se enrolou por cada partícula do meu corpo até que atingisse meu coração, até que derretesse todo o gelo que eu cultivei por mais de uma década.

Aquele momento não era nada como o que eu tinha vivenciado uns anos atrás. Porque diferente da garota que um dia eu amei, a mulher que eu odiava amava a parte de mim que estava crescendo dentro dela.

Nossa relação estava bem longe da perfeição, mas ainda assim, era estranho como aquela conexão entre nós dois parecia tão certa.

E então, como se aquilo fosse algo normal entre nós, ela simplesmente deixou todos os confetes caírem no chão e se jogou em cima de mim, envolvendo-me em um abraço.

Tudo o que eu fiz foi passar os braços ao redor do seu corpo. Respirei fundo, sentindo o perfume que estava impregnado no seu

cabelo e aquela sensação de plenitude voltou a me preencher.

Eu deixei que o mundo inteiro queimasse ao nosso redor. Não pensei em como nossa relação era quebrada e sem honestidade, porque naquele momento eu confiava nela. Naquela mulher que estava ali no meio da minha sala. Comigo.

Por um instante, eu senti que éramos três e tenho certeza de que foi um sentimento recíproco, porque alguns segundos depois ela pareceu se dar conta do que tinha feito e se afastou, um pouco constrangida.

— Desculpa...

— Não precisa se desculpar por isso. Nós já fizemos coisas bem piores do que um abraço — zombei, tentando quebrar o gelo e todo seu rosto ficou vermelho.

Ela ficava fofa com vergonha.

— Está feliz, não está? — ela perguntou, voltando a abrir um largo sorriso.

— Muito — afirmei, tentando manter minha voz estável. — Estou aliviado que o exame não mostrou nenhuma alteração genética e muito feliz porque vamos ter uma bebezinha.

Mais um sorriso. E todo meu ar se esvaiu.

— Podemos comemorar comendo mais um pouco de bolo? — perguntou, com os olhinhos brilhando de ansiedade.

Dei uma risada, assentindo.

— Eu comprei um champagne... — comecei a dizer e ela pareceu animada.

— Estou chocada, você é tão paranoico que achei que fosse querer manter até o álcool em gel longe de mim.

— Não, eu pretendo deixar muitos perto de você — avisei, indo até uma das minhas gavetas e tirando três frasquinhos. — Inclusive, coloque isso na sua bolsa. Como eu estava dizendo, como você não pode beber champagne, comprei um espumante sem álcool para você.

— Não é a mesma coisa.

— É só o que você vai ter.

— Tudo bem, obrigada. Só o que mais me espanta é que tenha pensado em mim — respondeu, meio debochada.

— Estava pensando em mim, porque seria insuportável te ouvir resmungando sobre você ter que beber água enquanto eu estivesse bebendo um champanhe.

Ela me olhou com os olhos estreitos e sorriu.

Que caralho com todos aqueles sorrisos!

— Enfim, como descobriu os confetes? — decidi mudar de assunto e fui até o bar pegar as taças.

— O bolo parecia tão gostoso... — confessou, como se estivesse se lamuriando. — Ele estava praticamente me implorando para comê-lo e eu não achei que a loja iria se importar porque, bem, eles iriam jogar fora! E não podia permitir um desperdício daqueles...

— Claro que não — respondi com desdém.

— Pois é. Eu tentei te chamar, mas você parecia um dragão no cio depois de tomar alguns litros de querosene...

Dei uma risada. Tão idiota...

— Então enfiei o garfo ali mesmo, quase no meio da massa e comecei a comer e quando vi, diversos confetinhos rosa escorregaram pelo suporte. — Seus olhos se arregalaram e ela se abaixou na mesma hora. — Meu Deus, os confetes.

— Pode deixar isso aí, daqui a pouco eu... — falei, mas foi em vão, porque ela se levantou em seguida, meio agitada, e assoprou uma mecha que escorregou para o meio do rosto.

— Já resolvi.

Peguei as garrafas e nós ficamos ali sentados, comendo o bolo enquanto ela criava alguns cenários do que teria acontecido se eu tivesse dado um esporro na mulher da loja.

— O que aconteceu no hospital? — indaguei algum tempo depois.

— Não é nada demais.

— Você parecia preocupada quando chegou.

Ela soltou o ar, cansada, e apoiou as costas na cadeira.

— O plano não quer cobrir um dos exames e vamos ter que entrar com uma liminar — contou e eu até mesmo ergui as sobrancelhas por toda aquela demonstração de sinceridade. — Enfim, vou resolver, só é bem estressante.

— Eu posso...

— Não, já disse que vou resolver — ela me cortou e suspirou em seguida. — Mas obrigada.

Assenti, deixando claro que não tocaria mais no assunto. Em seguida, Ana Carolina me olhou, cheirou o ar e estreitou os olhos na minha direção.

— Está sem perfume...

— Sim, estou. Só que eu não posso ficar indo trabalhar sem perfume, então... Aproveitando que está aqui, pode ir até o meu quarto escolher um que você consiga aturar sem vomitar em mim, por favor?

Ela riu e concordou. Fomos até o meu *closet* e paramos em frente à estante de perfumes e assim que eu abri a porta de vidro, uma careta se retorceu no seu rosto.

— Isso vai ser uma tortura — choramingou.

— Quer deixar pra lá?

— Não, vamos lá... Por que tem tanto perfume se só usa o mesmo?

— Porque é meu preferido.

— Eu gosto dele... Quer dizer, gostava — lembrou, rindo.

— Vê, o que acha desse? — Tirei a tampa e antes mesmo que pudesse aproximar o frasco do seu nariz, ela deu um passo para trás, fazendo uma negativa com a cabeça.

Durante uns vinte minutos, ficamos ali testando vários e Ana Carolina ficou enjoada com literalmente todos eles. Decidi parar no quinto, vendo que ela realmente não estava se sentindo muito bem, mas a teimosa insistiu em mais alguns até que precisasse correr para o banheiro.

— Eu mandei a gente parar! — ralhei quando ela voltou. — Foi uma ideia idiota de qualquer forma. Desculpe.

— Não foi idiota, eu acho que foi mais inteligente do que testar enquanto estivéssemos no escritório. Acho que seus sapatos e sua lixeira agradecem — zombou, dando uma risada.

— Não vou mais usar nenhum perfume — avisei, e suas sobrancelhas se ergueram, surpresa.

— Achei que não pudesse ficar sem.

— Não tem nada que eu não vá fazer pela minha filha.
— Ok, mas sou eu que estou enjoada...
— Você é a mãe dela. E mesmo que eu te odeie... No momento não tem nada que não faria por você também.

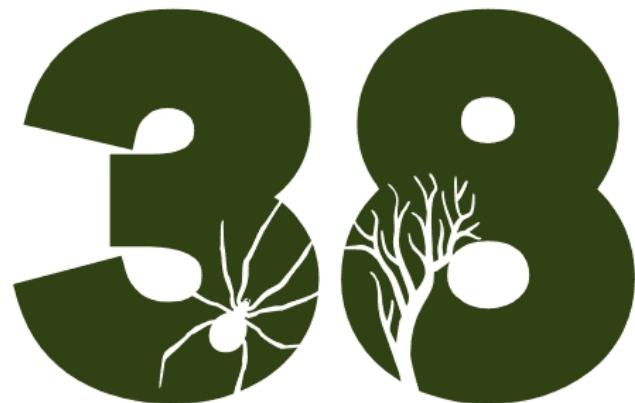
Não consegui colocar um freio na língua. A frase saiu sem que eu percebesse, porque era a verdade. Na hora não me lembrei do passado ou dos receios que eu tinha dela saber que tinha algum poder sobre mim.

Sentia-me um idiota? Sim, mas mantive minha postura séria e acho que a peguei desprevenida, porque Ana Carolina apenas abriu e fechou a boca, meio sem reação e agradeceu.

Sugeri que voltássemos para a sala e assim que nos sentamos, nós continuamos ali, conversando por algum tempo. Falamos sobre a bebê, o exame e tornamos a rir do desastre do bolo e todo meu acesso de fúria.

Por toda aquela noite, eu me esqueci do seu sobrenome e tudo o que o acompanhava. Ela estava mais solta, exatamente como era antes de eu descobrir o seu segredo.

Ana Carolina parecia a Clara e eu não sabia o que aquilo queria dizer.



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Não demorou muitos dias para que nossa “trégua” acabasse.

Domenico havia dado uma entrevista umas semanas atrás afirmando que minha empresa tinha uma dedicação quase que exclusiva com a *Petrolio*, dando a entender que eu priorizava a petrolífera aos meus outros clientes. O que iam pensar? Que eu tinha largado a consultoria para ser empregada dele?

Meu sócio precisou até mesmo explicar para um ou dois clientes que o contrato com a *Petrolio* era diferente, mas que eu continuava cuidando dos demais projetos.

Entramos em uma discussão gigante e mal estávamos nos falando desde então. Aquilo era bom, entretanto. Não podia esquecer quem ele era e por mais que agora tudo tivesse um sentido diferente, sabia que não podia decepcionar minha família. Já bastava estar grávida do homem que eles odiavam.

Meu Deus, como eu contaria que havia uma pequena Perazzo crescendo dentro de mim?

Tentava manter minha comunicação com ele por *e-mail*, mas era difícil porque Domenico estava por todo lugar, sempre preocupado com a bebê. E isso me irritava, parecia impossível continuar com raiva dele nessas horas.

Talvez eu estivesse emotiva demais por conta daqueles malditos hormônios. E como se não fosse o suficiente, estava desesperada para comer *donuts*. E no Brasil não tinha uma única *Krispy Kreme*^[21] (*ainda, porque tinha visto uma notícia de que iriam abrir a primeira franquia em breve, graças a Deus!*)!

Cheguei a sonhar com aquele aviso luminoso vermelho da loja, informando que a fornada estava fresquinha.

De qualquer forma, acho que nem mesmo um *donuts* cheio de açúcar me faria ficar mais calma, porque eu tinha acabado de descobrir que ele havia pagado o exame da minha mãe que o plano não queria liberar.

Quem Domenico pensava que era para se meter na minha vida daquele jeito?

Estava esperando para entrar na sua sala, batendo meu pé tão forte contra o mármore que Pam levantava os olhos para mim a cada trinta segundos, claramente irritada.

Então, do nada uma mulher (bem) grávida saiu da sua sala e cumprimentou Pamela toda sorridente, dando um tchauzinho.

Pisquei, meio confusa.

Domenico tinha engravidado outra mulher? Foi como se um quebra-cabeça começasse a se formar na minha mente, juntando

todas as peças.

Ela estava saindo da sala dele.
Domenico conhecia diversas obstetras.
E sabia várias coisas sobre gravidez.
Fazia total sentido!

Suprirei o incômodo que pinicou as minhas extremidades junto com a raiva aparente que começou a borbulhar dentro de mim. Não conseguia entender aquele sentimento, mas não estava nada feliz com ele.

— Você decidiu espalhar seu material genético por aí? — foi a primeira pergunta que fiz, assim que Pam autorizou a minha entrada.

— O que você quer, Ana Carolina? — perguntou, sem nem olhar na minha direção, distraído em assinar um documento.

— No momento, saber se minha filha vai ter um irmão.

Ele parou o que estava fazendo e encostou-se na cadeira, olhando-me com um sorrisinho divertido no rosto. Eu odiava o quanto aquele estúpido era lindo e queria queimar aqueles ternos ridículos porque ele ficava tão bem neles.

Ninguém deveria ficar tão bem assim dentro de uma roupa!

— Acha que a Bia vai ter um filho meu? — perguntou, achando graça.

Bia...

Engoli em seco, tornando a afundar meu desconforto. Depois, cruzei os braços, demonstrando que estava esperando uma satisfação.

Domenico me devia uma, certo? Eu era a mãe da filha dele!

— Eu não engravidou a Bia — afirmou, mas não acreditei e me mantive na mesma postura.

Ele inalou uma respiração e me olhou enfadado.

— Eu não te devo explicações, mas sinceramente não quero que arrume um jeito de usar isso contra mim — falou, com um sorriso sem humor. — Porque talvez essa não seja a única mulher grávida que você vai ver saindo da minha sala... Às vezes elas aparecem.

Às vezes elas aparecem.

Quem ele achava que era, porra? Um jogador de futebol?

Que ódio! Eu queria gritar de raiva, mas apenas soltei um ruído de indignação.

— Você trepa com tanta mulher assim sem proteção a ponto de várias aparecerem na sua porta?

— Eu tenho um projeto, Carolina — explicou, claramente sem paciência. — Ajudo algumas mulheres que engravidaram sem planejamento.

Minha boca se entreabriu, surpresa, e eu me senti tão idiota que queria cavar um buraco no chão. Alguém deveria me dar um prêmio de vergonha alheia.

Por que eu tinha feito várias acusações sem sentido? E se ele tivesse engravidado um time de vôlei? Que merda eu tinha a ver com isso? Não éramos um casal, Domenico não era meu namorado nem nada do tipo!

— Ajuda...? — As palavras morreram na minha boca.

— Nem todas elas querem abortar, algumas só cogitam isso porque não têm condições financeiras — contou. — A maioria delas é abandonada pelos parceiros, então eu criei um projeto que dá todo o suporte e auxílio médico para essas mães.

— Por isso você conhece tantas obstetras...

— Sim. Normalmente dou uma ajuda financeira para o primeiro ano da criança e quando elas se sentem aptas, vou em busca de oportunidades pra essas mulheres no mercado de trabalho.

— Não fazia ideia — murmurei, meio envergonhada.

— Claro que não. Porque você não me conhece e não sabe nada da minha vida. — Mais um sorriso apático antes de voltar a assinar os documentos que estavam à sua frente.

Permaneci em silêncio por alguns segundos.

— Afinal, o que quer? Estou ocupado.

— Por que pagou os custos do exame da minha mãe? — perguntei, voltando a ficar irritada com aquele assunto. — O que eu te disse? Não falei que iria resolver?

— Você resolveu? — Sua sobrancelha se arqueou e eu juro que pude ver uma pitada de deboche.

— Ainda não, mas não pedi sua ajuda!

— Você vai ser a mãe da minha filha, só fiz o que eu achei que era certo — respondeu calmamente e toda aquela serenidade já estava me dando nos nervos.

— Que merda está tentando provar? Que você é um cara incrível? — explodi, com uma risada de desdém. — O que quer com isso? Que eu seja eternamente grata? Que fique com uma dívida com você?

— Não quero porra nenhuma, Carolina! — Ele se levantou, apoiando as mãos na mesa e finalmente seu tom de voz se igualou ao meu. — Na verdade, sim. Quero que saia da minha sala.

Sustentei o olhar por alguns segundos antes de me virar e fazer exatamente o que ele tinha pedido. Estava tão furiosa com tudo aquilo, sem entender por que aquele insuportável estava querendo provar alguma coisa.

Não saber o que Domenico pretendia me consumia.

Comecei a xingá-lo mentalmente e assim que pisei do lado de fora, vi a Giovanna correndo na minha direção, dando gritinhos.

— Meu Deus, filha! — Manuela se levantou da cadeira para ir atrás da bebê, mas assim que me viu, comprimiu os lábios. — Oi, Cá!

— Oi, Manu. — Sorri, simpática, abaixando para falar com a Gigi: — Oi, gatinha, como você está?

Ela desatou a falar e eu comecei a rir, concordando com a cabeça da história que estava tentando contar, embolando várias palavras. Giovanna era tão bonitinha e simpática que me dava vontade de esmagar.

— Desculpa por ter dado atenção para ela primeiro... — pedi, entre as risadas.

— Tudo certo, estou acostumada.

— Você está bem? — perguntei para Manuela assim que me levantei.

Giovanna tinha ido até a Pam para mostrar sua capivarinha de pelúcia.

— Sim, só esse final de gestação que é mais cansativo... — ela soltou o ar, passando a mão pela barriga. — E você?

— Tudo bem também. Tem visto minha irmã? — Meus olhos arderam porque eu estava com saudades dela.

— Sim, estive com ela hoje. Sinto muito que as coisas estejam meio conturbadas entre vocês.

— Obrigada. Quando for a hora, vamos nos resolver.

Manuela me analisou por alguns segundos. Talvez ela soubesse o que “quando for a hora” queria dizer. A minha ex-cunhada era uma das pessoas mais inteligentes que eu conhecia, ela cresceu no meio da minha família, a mãe dela praticamente nos criou.

Ela sabia que queríamos vingança.

— Pensou sobre o que eu te disse? — perguntou, meio apreensiva.

— Não vou usar nada contra o Domenico, Manu — garanti, e ela manteve o olhar no meu, como se tentasse me ler.

— Neném! — Gio surgiu embaixo de mim e apontou para minha barriga.

O olhar da Manuela pulou de mim para sua filha e talvez se Domenico não tivesse aparecido naquele exato momento, ela não teria feito ligação alguma. Porém, no instante em que seus olhos se arregalaram e ela cobriu a boca com a mão, percebi que estava fodida.

Eu vi, diante dos meus olhos, o seu cérebro juntar as peças.

— Ninico, neném — Giovanna o chamou, tornando a apontar para minha barriga.

A expressão no rosto de Domenico provavelmente nos entregou ainda mais, porque agora a cabeça da Manu estava balançando de um lado para o outro, a incredulidade sendo visível em cada linha do seu rosto.

— Ei, Gigi! Isso mesmo, você é uma neném muito linda — ele falou, indo até a sobrinha, pegando-a em um movimento tão rápido que mal me deu tempo de piscar.

Ele entrou na sala sem dizer uma única palavra e nem mesmo me atrevi a olhar para sua secretária, completamente constrangida com aquele momento. Dei uma risada nervosa e fiz menção de ir embora, mas Manuela me pegou pelo pulso e me puxou até a sala.

— Esqueci que preciso tirar uma dúvida com você sobre sua área de atuação — se justificou, olhando em seguida para Pam, que sorriu simpática.

— Eu não...

— Você está grávida — ela afirmou assim que fechou a porta atrás de nós e depois se virou para Domenico, apontando na sua direção. — Dele!

— *Shhhh...* Fica quieta, meu Deus! De onde você tira essas ideias? — Domenico se aproximou, franzindo o rosto.

— Está chamando sua sobrinha de mentirosa? — Manuela cruzou os braços e olhou para a filha, com um sorrisinho vitorioso no rosto.

— Ela é uma criança! Nem sabe o que está dizendo e...

— Vocês dois acham que sou idiota, sério? Primeiro, você fica me enchendo de perguntas sobre ela — começou a pontuar e eu ergui uma das sobrancelhas, percebendo seu constrangimento. — Depois você pede pra me encontrar, também me faz perguntas sobre ele e ainda diz que se beijaram em uma festa.

Senti meu rosto queimar quando ele me olhou da mesma forma. Gigi estava em silêncio, olhando para cada um de nós, tentando prestar atenção em toda aquela agitação.

— E como se não bastasse, meu marido estava vendendo carrinhos de bebê uma semana atrás.

— Você está grávida! — Domenico pontuou com a voz estridente.

— E eu já tenho quatro carrinhos de bebê! E só dois filhos, sendo que o segundo ainda está aqui dentro! Acredite, eu deixei claro que se Dante aparecesse com outro dentro da nossa casa, ele iria sair. Além do mais, crianças sentem essas coisas. Eu não sou idiota!

— Por favor, não conta pra minha irmã! — eu implorrei, sem nem pensar demais.

— Carolina! — ele chamou meu nome, como se não acreditasse.

Manuela piscou. Acho que por mais que estivesse ali esfregando na nossa cara que sabia a verdade, não imaginou que

fôssemos admitir nada. Aquilo a pegou de surpresa.

— É verdade?

Então nós contamos.

Colocamos a Giovanna para desenhar no chão e nos sentamos no sofá, de frente para onde ela estava. Explicamos que não sabíamos como tinha acontecido, ela debochou um pouco da nossa resposta, mas no final, pareceu meio emocionada. Principalmente quando falamos que era uma menina.

Por alguns instantes, eu vi tudo indo por água abaixo, mas depois de um tempo conversando com Manuela, eu me lembrei da relação que tivemos no passado e me senti acolhida.

Quando eu era pequena, via aquela mulher como uma espécie de segunda irmã mais velha e por anos achei que ela entraria para a família de vez, afinal, já fazia parte dela.

Foi como se um bloco de concreto tivesse deixado o meu peito e era um alívio poder falar sobre aquilo com outra pessoa. Trocar experiências, ouvir os relatos e dicas.

Pedi mais uma vez que ela não comentasse nada com a Julia, expliquei que precisava de um tempo para assimilar tudo e Manuela me garantiu que não diria nada, mas que eu não deveria esconder aquilo por muito tempo. Reafirmou que era importante se cercar de pessoas que eu amava e disse que poderia contar com ela para qualquer coisa.

Em algum momento, eu olhei para Domenico e ele deu um microssorriso e eu sabia que algo no seu olhar queria dizer “está tudo bem”. Então, repeti aquela frase mentalmente até que ela ficasse gravada na minha cabeça.

Tudo estava bem.

Capítulo 39



DOMENICO PERAZZO

Ana Carolina Lacerda

Nada estava bem.

Esperei fazer o exame morfológico do primeiro trimestre para contar para a minha família. Posterguei por mais uns dias, porém, julho surgiu junto com uma pequena protuberância na minha barriga.

Decidi que não conseguiria mais esperar, mas tudo o que eu queria fazer era voltar no tempo e desfazer minha escolha.

— Você é uma idiota! — meu pai berrou, fazendo com que eu estremecesse. — Uma vagabunda burra e idiota.

— Pai! — Adriano o chamou, mas para ser sincera, pelo jeito como meu irmão me olhava, sabia que ele partilhava o mesmo pensamento.

— Como você teve coragem de dar praquele filho da puta? Ele é um Perazzo, Ana Carolina! Um Perazzo! — gritou a plenos pulmões. — Você... Eu sabia! Eu sempre disse que você não conseguiria fazer isso, sua pirralha estúpida!

O ressentimento pareceu roubar toda a vida do ambiente, o oxigênio sendo absorvido pela própria amargura daquela frase. Eu podia ver todo o ódio estampado na vermelhidão do pescoço ou na mandíbula que estava cerrada com tanta força que até mesmo conseguia ouvir o ranger dos dentes.

Afundei minhas mãos no rosto, sentindo a vergonha queimar. As lágrimas rolavam sem pausas e tudo o que eu sabia fazer era repetir a palavra “desculpa” inúmeras vezes.

— Eu te disse, não disse? Te disse que ela iria estragar tudo!

— Como você... — Adriano me olhou cheio de nojo. — Como você conseguiu transar com esse cara, porra? O Domenico é um dos piores seres humanos que existe!

— Ele não é tão ruim quanto vocês acham e... — Meu diafragma congelou e as palavras morreram quando meu pai veio andando a passos firmes na minha direção.

Então eu senti a ardência do tapa forte no meu rosto. O estalo ecoou pelo cômodo, seguido por um silêncio ensurcedor. Um zumbido insistente pareceu perfurar meus tímpanos e minha cabeça inteira latejou pelo impacto.

— Não é tão ruim? — Ele segurou meu rosto com rigidez, forçando-me a olhar para ele. — Essa família destruiu nossa vida! Olha a situação da sua mãe, sua puta estúpida! Ela nunca estaria nessa situação se os Perazzo não tivessem tirado tudo da gente.

Levantei os olhos para encontrar os seus, o desgosto transbordando por sua respiração ofegante. Ele me odiava. E tudo

bem, porque eu havia traído sua confiança, mas eu não era uma vagabunda, como ele podia pensar isso de mim?

Meu pai se manteve em silêncio, como se a raiva fosse incapaz de ser colocada em palavras. Sentia meus músculos doloridos por toda a tensão, o choro contido rasgando minha garganta. Eu não queria parecer ainda mais fraca, mas era tão difícil.

Balancei a cabeça em diversas negativas e fitei o chão, não conseguindo mais sustentar seu olhar de nojo para mim.

— Sinto muito, mas eu vou fazer o que você quiser. Eu te prometi e...

— Agora? Agora você vai fazer o que prometeu? — Soltou um ruído evasivo, seguido por uma risada debochada. — Conseguiu os documentos?

— Não achei nenhum documento, eu te disse desde o início que eles provavelmente não guardam isso na empresa.

— E na casa do Domenico? Você não esteve lá? — meu irmão quis saber e eu neguei com a cabeça.

Se eu dissesse que estive no apartamento dele e sequer lembrei de procurar algum documento, os dois acabariam ainda mais comigo.

— Abrir as pernas pra ele como uma piranha não ajudou em nada, afinal? Porque pelo visto, nem para isso serviu!

As frases cortavam meu coração como lâminas afiadas, cada palavra dissecando todas as minhas inseguranças e medos. Era difícil até mesmo respirar no meio daquela nuvem de decepção, diante do olhar inflexível dos dois.

Eu não era aquela pessoa, porra! Não era baixa, muito menos teria coragem de transar com alguém para obter algum tipo de vantagem! Como o meu pai e meu irmão poderiam pensar algo assim?

— Eu não transei com ele pra conseguir nada — respondi baixinho, o cansaço sendo visível na minha voz.

— Claro que não! Porque, além de vagabunda, é burra! — Fechei os olhos quando as palavras me acertaram como um outro tapa, ainda mais dolorido. — Tem ideia do que aconteceria se essas

informações caíssem em mãos erradas? Acho bom você resolver isso sem que ele sequer desconfie de alguma coisa.

Abri os olhos e pisquei lentamente, meio confusa.

— Como assim? O Domenico já sabe.

— Você contou para ele antes de nós? — Adriano perguntou, incrédulo. — Que merda você tem na cabeça, Ana Carolina?

— Ele é o pai.

— Meu Deus. Espera! — meu pai exclamou, o silêncio ecoando através das suas palavras. — Você está cogitando continuar essa gravidez?

Reuni toda a coragem que ainda existia dentro de mim. Eu precisava ser forte e enfrentá-lo. Eu jurei para mim mesma que iria proteger minha bebê do mundo, de qualquer coisa ou pessoa que quisesse o seu mal.

— Não estou cogitando. Eu vou continuar.

— Não! Você não vai ter essa criança! — ele afirmou, furioso.

Permaneci imóvel, tentando assimilar o que tinha acabado de sair da sua boca, vendo nitidamente uma ruptura se formar diante da nossa relação. Dessa vez, fui eu quem senti a decepção contornando cada um dos meus nervos, afundando no meu estômago com tanta força que me deu ânsia de vômito.

E aquilo não tinha nenhuma relação com a gravidez.

Dei um passo para trás.

— Sim, eu vou — afirmei, o olhar fixo no dele.

Eu o vi avançar e todo o meu corpo tremeu.

— Pai! — Adriano o segurou com força.

Não sei explicar o fogo que pareceu me consumir como um incêndio incontrolável. Ao invés de correr para a porta como um dos meus instintos mandava, eu dei mais dois passos para frente. Ergui meu queixo, estufando um pouco o peito para deixar claro que eu não estava com medo.

Era ele que deveria me temer.

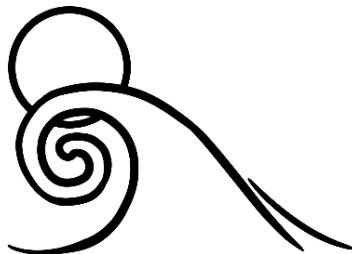
— Se tentar fazer qualquer coisa para mim ou para a minha filha, vai se arrepender... — afirmei em um tom ameaçador, sentindo a raiva ecoar pelas minhas cordas vocais. — Você me ensinou a ser vingativa por conta do seu passado. Não se esqueça de que o

mesmo sangue, cheio de rancor, que corre dentro de você, também corre dentro de mim.

Bati com força no meu punho.

— Se ousar fazer qualquer coisa com o meu bebê... Não me importo que seja meu pai. Eu sou sua filha e sou capaz de fazer muito pior do que você faria. Não queira experimentar uma vingança do monstro que você mesmo criou, porque eu estou avisando: dessa vez eu não vou ser fraca. E muito menos ter piedade.

E então eu me virei e saí pela porta.



Caos era a nova definição da minha vida.

A minha família descobriu sobre o bebê... E aí aconteceu o mesmo com todo o mundo. Meu irmão contou para a Marcella, que decidiu que a notícia era sua para divulgar para o Círculo de Ouro inteiro.

Não demorou nem mesmo doze horas para que os funcionários da *Petrolío* tomassem conhecimento daquela informação. E menos de um dia para que vazasse na mídia.

Minha irmã assumiu que eu tinha engravidado de propósito e continuava dizendo que estava decepcionada comigo. E para ser sincera, andava tão exausta que nem mesmo me dei ao trabalho de tentar convencê-la do contrário.

Meu pai e Adriano não queriam conversar e a única pessoa que me acolheu foi minha mãe. Ela chorou, afirmou que estava muito feliz e que o destino estava me dando uma chance de desistir de toda aquela vingança. Tornou a afirmar que não entendia os motivos pelos quais meu pai continuava nutrindo aquele ódio todo, que aquilo iria acabar com ele. E mais uma vez pediu que eu não continuasse com a vingança, que focasse na minha bebezinha.

Parecia tão simples.

Queria passar todos os dias com ela, ouvir seus conselhos e tudo o que minha mãe tinha a dizer sobre o tema maternidade. O único problema é que meu pai não queria me ver pintada de ouro e me mandou uma mensagem pedindo que eu só a visitasse se fosse extremamente necessário.

Nunca, em toda a minha vida, eu me senti tão sozinha.

Muitas pessoas da empresa foram queridas, dizendo palavras bonitas e me dando felicidades pelo bebê, mas a grande maioria achava que eu era uma golpista que tinha me aproveitado do pobre bilionário indefeso.

Achei que não era muito sábio dizer as coisas que ouvi, Domenico não precisava saber mais do que o necessário a respeito da relação com minha família. Ele também não pareceu muito empolgado em partilhar sobre como os Perazzo tinham reagido.

Quando eu perguntei, apenas falou: "*Estão putos, mas eles vão superar*".

Eu senti que aquilo criou uma outra barreira entre nós dois.

Toda a nossa relação parecia muito mais fria. Éramos extremidades totalmente opostas agora.

Isso fez com que meu coração fosse esmagado, ficando pequenininho.

Não me sentia confortável para conversar com ele e tinha até mesmo medo de fazer alguma brincadeira ou comentário que pudesse desencadear em uma briga.

E mesmo que não fizesse nenhum sentido, Domenico era a última pessoa com a qual eu queria ter um embate.

— Está se sentindo bem? — Ouvi sua voz atrás de mim, arrancando-me dos meus pensamentos.

Pisquei, meio confusa, sem ter a certeza de que era realmente ele ou minha imaginação, mas assim que me virei, dei de cara com ele dentro de uma camiseta preta que marcava todos seus músculos.

Já fazia tanto tempo que eu não ia para a academia que até mesmo me esqueci que ele malhava ali. Sim, eu havia começado na *Elysium* em uma tentativa de me aproximar do meu alvo, mas

depois de tudo, parei de frequentar o mesmo horário e voltei para o antigo.

— Tudo bem.

— Você não me disse que tinha voltado a malhar — comentou, parecendo aborrecido.

— Eu preciso te dizer todos os meus passos agora? — indaguei, apoiando uma das mãos na cintura.

— Não, mas você não consegue fazer um exercício direito e esses idiotas só ficam olhando para a sua bunda ao invés de ajudar — resmungou em um tom mais alto, sem se importar se os instrutores estavam ouvindo e deixando nítido que, sim, ele estava puto.

— O Kayke estava me ajudando agorinha.

— O Kayke é um arrombado e quer te comer.

Dei uma risada e franzi o cenho.

— Oi?

— Ouvi ele no banheiro falando de você — respondeu a contragosto.

— Mesmo? — perguntei, curiosa. — E o que ele disse?

O Kayke era um gato!

Comprimi os lábios, a fim de abafar uma risada quando tudo o que Domenico fez foi me lançar um olhar mortal, deixando claro que não continuariámos aquele assunto.

— A partir de hoje, vamos malhar juntos — ele avisou e eu gargalhei, porque parecia uma piada.

— Nem fodendo!

— Qual o problema?

— Eu já tenho que te aturar no trabalho. A academia é o momento que eu tenho para descontar toda a frustração diária que você me causa — zombei e Domenico puxou uma respiração.

Certeza de que estava me mandando tomar no cu mentalmente.

— Então vou contratar uma personal pra você — disse por fim.

— Não quero, obrigada.

— Não tem a menor condição de você continuar fazendo os exercícios todos errados, Carolina!

— Falando nisso, reclamar é tipo um exercício para você, não é? Resmunga tanto porque precisa manter sua língua em forma, Domenico?

Um sorrisinho safado surgiu no seu rosto e foi como se por um instante nós tivéssemos voltado para um daqueles joguinhos iniciais de sedução.

— Eu posso te dizer o que deixa minha língua realmente em forma...

Senti meu rosto esquentar e ergui um pouco as sobrancelhas, surpresa. E acho que só então ele se deu conta do que tinha dito.

— Domenico... — eu o chamei em um tom de alerta.

— Vou contratar uma personal — foi só o que disse, dando as costas e caminhando para o lado oposto.

— Por que não *um* personal? — impliquei, seguindo-o.

O que eu podia fazer? Sentia falta daquilo.

Já fazia dias que mal interagíamos.

— Não testa minha paciência, por favor — pediu, aumentando a quantidade de placas no aparelho e puxando-o com força.

— Está irritado? — perguntei com desdém e ele não me respondeu. Esperei até que ele terminasse a série e falei: — Você me parece irritado.

— Vai pra casa, Carolina.

Dei uma risada.

— Ok, vou fingir que você veio aqui para malhar e não para fazer hidroginástica com o pessoal da sua idade — zombei, dando as costas enquanto me afastava.

E quando me virei, eu o vi rindo e balançando a cabeça em diversas negativas. Aquela pequena interação boba e ridícula fez com que o meu dia inteiro ganhasse outra cor.

Sim, eu realmente sentia falta daquilo.

Capítulo 40



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Eu não conseguia entender como o universo era tão filho da puta. Porque só assim para justificar eu ter saído do saco de um ser humano tão desprezível.

Mesmo que minha relação com meu pai estivesse péssima, não achei que pudesse piorar. Ele apareceu no meu apartamento furioso assim que descobriu. Eu não o atendi, não o convidei e o idiota foi

até lá mesmo assim, ignorando todas as regras de etiqueta que sempre encheu o saco para que eu e Dante seguíssemos.

O babaca opressor achou que pudesse ter uma opinião sobre o minha bebê, e para ser sincero, chegou a ser cômico. Primeiro, ficou possesso por descobrir que Ana Carolina era uma Lacerda e queria jogar aquela responsabilidade em cima de mim. Ameaçou tirar o meu cargo, mas eu lembrei que ele foi a pessoa que a contratou e que se estávamos naquela situação, não era minha culpa.

O velho chegou até mesmo a ficar vermelho, tanto que achei que fosse explodir. Começou a cuspir milhares de ofensas àquela família, berrando que eu precisava resolver e tirá-la de dentro da *Petrolio*. Tentei explicar tudo o que tinha conversado com os advogados, mas meu pai não parecia muito empenhado em entender.

E só tive um pouco mais de paciência antes de mandá-lo tomar no cu porque bem ou mal, a empresa também era dele. Desde que decidi voltar para a petrolífera, tratava dos assuntos profissionais de forma civilizada, de preferência por *e-mail*.

O problema maior foi quando o idiota trouxe para a conversa a gravidez da Ana Carolina. Eu o cortei de imediato, avisando que ele não se meteria mais na minha vida, mas Genaro nunca deu a mínima para porra nenhuma quando queria emitir sua opinião.

Ele me chamou de burro, jogou na minha cara que mais uma vez uma golpista tinha me feito de otário e afirmou que eu tinha arruinado ainda mais o nosso nome. E quando falou que joguei no lixo tudo o que ele fez por mim, eu explodi e o mandei tomar no cu.

Minha mãe me mandou algumas mensagens, alegando que se eu estava feliz com a notícia, ela também estava e mais uma vez pediu para que nos encontrássemos.

Deixei claro que ainda não me sentia confortável e pedi que respeitasse meu espaço. Fazia apenas alguns meses desde que descobri o que eles dois tinham feito. As feridas do meu passado foram reabertas com uma faca e eventualmente alguém jogava sal, esfregando até que eu pudesse sentir a dor lacinante mais uma vez.

Lidar com minha família agora parecia tão trivial...

E o que eles esperavam? Que após tudo aquilo eu fosse recebê-los de braços abertos e participar dos almoços de domingo como se nada tivesse acontecido?

Era de foder!

Sempre tive o pensamento de que somos responsáveis pelas nossas ações e precisamos aceitar todas as consequências, por piores que sejam. Os dois não quiseram colocar a porra do Círculo de Ouro na frente do filho deles? Então que levassem aqueles velhos fodidos para almoçar.

— Dom? — Ouvi uma voz me chamar enquanto caminhava em direção ao elevador. — Tudo bem?

Eu me virei para encontrar a Letícia, com um sorriso simpático no rosto e a cumprimentei com dois beijinhos.

— Tudo bem e você?

— Tudo certo, queria saber como estão as coisas... Com tudo o que tem acontecido, nem consegui conversar com você.

Claro, porque agora a empresa inteira sabia que eu tinha engravidado a Ana Carolina. Foi só a filha da puta da Marcella abrir aquela boca de sacola para o Círculo inteiro que no dia seguinte havia uma matéria na *QueenG!*^[22].

O fofoqueiro do Samuel Medici^[23] mencionou, inclusive, que nossas famílias tiveram um problema no passado e foi bem debochado afirmando que com certeza todas as mágoas haviam sido perdoadas, afinal, nós havíamos dado um emprego e um filho para os Lacerda como “reparação histórica”.

O mais bizarro foi ver algumas pessoas comentando que não se lembravam que aquele era o nome dela. A cobra manipuladora deixou tudo tão amarradinho que ninguém desconfiou do que ela tinha feito.

Meu advogado nos orientou a sustentar aquela história porque a *Petrolio* não aguentaria mais um escândalo. E também fez questão de marcar uma reunião com o meu pai para explicar por que não iríamos jogar a Ana Carolina na rua. Se soubessem que uma pessoa tinha se infiltrado na empresa e fodido com nossas metas, o desastre poderia ser ainda mais catastrófico.

— Estou bem, um pouco corrido — respondi, meio sem vontade.

— Eu imagino... Se quiser, podemos marcar um café qualquer hora.

Dei uma risada.

— Quer marcar realmente de tomar um café ou decidiu usar eufemismos para me chamar pra transar?

Porra, nem conseguia me lembrar qual foi a última vez que tinha trepado com a Letícia. Meu Deus, há quanto tempo eu estava sem transar?

Ela riu, balançando a cabeça.

— Não preciso de eufemismos. Na verdade, nem acho que você queira isso... — comentou, sugestiva, e eu arqueei uma das sobrancelhas, fazendo com que ela rolasse os olhos. — Não olhou para o meu decote uma única vez, Dom. Acho que a menina dos olhos verdes te amarrou.

Eu soltei uma gargalhada gostosa. Fazia tempo que eu não achava algo tão engraçado.

— Ninguém me amarrou, Letícia. Eu só estou sobre carregado...

— Certo, mas é só um convite para um café — afirmou. — Assim como disse na mensagem que te mandei, estou feliz por você. E espero que esteja tudo bem entre você e a Cá.

— Obrigado — agradeci e depois franzi o cenho. — E por que não estaria?

— Nada, é que eu a vi meio chorosa no banheiro. Perguntei se precisava de ajuda, mas só me respondeu que estava bem. Tenho visto ela meio sozinha, acho que algumas pessoas estão pegando um pouco pesado com certos comentários, não sei se a garota ouviu alguma coisa.

— Obrigado, vou ver o que aconteceu — avisei, me despedindo.

Peguei meu celular e mandei uma mensagem cancelando o almoço que tinha marcado. Tita (como eu a chamava desde pequeno), era uma amiga de infância que era modelo e morava na França, e estaria na cidade por dois dias e combinamos de nos ver.

Mudei minha rota e fui até a sala dela. A porta estava fechada, o que era uma surpresa, porque ela vivia deixando-a aberta. Dei uma batida fraca e entrei assim que ouvi sua voz do outro lado.

— Está tudo bem? — perguntei, preocupado, vendo que ela estava inclinada sobre um documento, com uma das mãos apoiada na cabeça e o cabelo cobrindo quase todo o rosto.

— Uhum.

— Carolina, olha pra mim — pedi e ela levantou o rosto, meio a contragosto, e eu percebi que estava realmente meio inchado.

— O que foi, Domenico?

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, são só hormônios — justificou de má vontade, mas eu cruzei os braços, esperando por uma resposta melhor. — Está tudo bem!

— Vai almoçar com alguém?

Não entendi a risada abafada que ela deu, sem humor algum.

— Não.

— Então pega as suas coisas, vamos almoçar — avisei e suas sobrancelhas se ergueram.

— Acho melhor não, as pessoas vão ficar...

— Foda-se, anda. — Ela negou com a cabeça e eu puxei uma respiração, irritado. — Sou seu chefe, estou mandando.

— Você sabe que não é bem meu “chefe”, não é? — respondeu, revirando os olhos enquanto se levantava.

— Anda logo, Carolina! Eu tenho reserva.

Ela bufou, apoiando a bolsa no antebraço e passou por mim tão afobada que quase derrubou a cadeira no meio do caminho.

Puta merda, parecia sempre um furacão, levando tudo junto.

Apoiei minha mão em suas costas quando ela passou por mim e me xinguei mentalmente. Não conseguia aceitar ou explicar a necessidade que meu corpo parecia ter de tocá-la, como uma espécie de ímã. Era ridículo! E eu fazia isso involuntariamente em alguns momentos e todas as vezes me amaldiçoava pela falta de controle.

Eu percebi que algumas pessoas cochichavam enquanto estávamos passando, mas fiz questão de encarar cada uma delas

demonstrando meu aborrecimento. Todas pararam no momento em que perceberam meu olhar de ódio e algumas até mesmo voltaram para suas mesas.

Era de foder! Bando de fofoqueiros do caralho!

— Afinal, onde é que você fez reserva? — perguntou assim que entramos no elevador.

— No *Moonlight*.

— Você pretende ir para Coroa do Sul agora? Não temos uma reunião hoje?

— Abriu uma unidade ontem no Village Mall. O dono é um amigo meu e ele reservou os três primeiros dias apenas para seus convidados — expliquei. — E eu cancelei a nossa reunião de hoje, de qualquer forma.

Ela entreabriu a boca, meio confusa.

— Lá tem uma loja gigante de bebês... Ahn... E achei que talvez você quisesse dar uma volta.

— Acho que eu gostaria disso — falou, e eu assenti, satisfeito por ver um pequeno sorriso no seu rosto.

Aquele assunto definitivamente a animou, porque ela começou a falar sem parar sobre carrinhos. Disse que tinha visto uma infinidade de *reviews* em alguns canais do *YouTube* e eu confessei que tinha feito o mesmo, porque estava preocupado em pegar o mais seguro.

Nós tivemos um almoço agradável. Ela estava bem falante e só depois de algum tempo percebi que havíamos deixado de lado o tópico bebê. Ana Carolina tinha pedido um *Carbonara* (o carro-chefe do restaurante) e enquanto estávamos conversando sobre comidas italianas, ela comentou que um dos seus ex-namorados era dono de um restaurante em Orlando.

Aquela informação me incomodou pra caralho.

— Por que terminaram? — perguntei, e ela me olhou através do vidro do copo.

— Queríamos coisas diferentes.

— Tipo? — insisti, tentando fingir casualidade, quando na verdade estava me corroendo de curiosidade.

— Ele queria casar e... Bem, eu não podia fazer isso.

— Não quer se casar?

— Eu vou... Eventualmente — respondeu de forma evasiva, e eu cerrei os olhos, porque era o tipo de resposta que eu costumava dar.

— Quando seu pai arrumar um casamento que seja bom pra família de vocês — afirmei e ela me encarou, meio surpresa, como se eu tivesse descoberto um dos seus segredos.

— Não é assim...

— Era por causa dele que estava chorando hoje?

— Não posso discutir sobre minha família com você, Dom — ela disse, parecendo cansada, como se nem tivesse se dado conta de ter me chamado daquele jeito.

Na verdade, havia algo no seu tom, no jeito como ela brincou com uns pedacinhos de bacon do prato.

“Não posso”.

Não foi um “não quero” ou um “não vou”.

— Você pode, se quiser.

Ela levantou os olhos, me deu um sorriso triste e eu senti meu coração afundar. Não haveria uma resposta, aquilo foi o máximo.

— Se você quiser, posso pagar uma psicóloga pra você e...

— Eu não quero que você pague nada, Domenico.

— E eu não quero que fique chorando pelos cantos! — respondi, irritado comigo mesmo por me sentir tão impotente.

Ela me encarou por alguns segundos e depois cutucou os entalhes do copo de vidro com as unhas.

— Desculpa — pedi e encostei minha mão na dela para chamar sua atenção.

A quem você quer enganar, Domenico?

Empurrei aquele pensamento para debaixo do tapete enquanto tentava ignorar o aumento das batidas do meu coração. Simplesmente porque uma mecha do seu cabelo caiu na frente do rosto quando ela levantou os olhos para encontrar os meus.

Deus, ela era tão linda.

— Alguém comentou alguma coisa, não é? Provavelmente me viram chorando no banheiro — concluiu. — Por isso me chamou para

almoçar. Você está preocupado porque podem pensar alguma coisa e eu...

— Não! Eu só... Não estou nem aí para as pessoas da minha empresa, Carolina. Estou preocupado com você — confessei e ela deu um meio-sorriso, como se não acreditasse naquilo. — Você não conversa comigo e está se isolando...

— Você também não conversa comigo — disse baixinho e quando percebeu que eu não sabia o que responder, ela continuou: — Está tudo bem, eu só estou tentando absorver tudo.

— Dom? — Ouvi a voz da Kátia, a minha amiga com quem eu tinha acabado de cancelar o almoço. — Você cancelou o almoço comigo porque achou alguém mais bonita?

Ok, Ana Carolina era simplesmente uma obra de arte, mas chegava a ser ridículo que a idiota estivesse brincando com aquilo. Ela também era linda, com seus olhos azuis e cabelos ruivos que chamavam a atenção de qualquer pessoa.

Kátia deu uma risada e eu respirei fundo, sem acreditar. Ela era foda! Claro que não iria deixar de soltar uma gracinha, porque amava deixar as pessoas constrangidas. Principalmente se seu nome fosse Domenico Perazzo.

Ana Carolina olhou dela para mim e ergueu uma das sobrancelhas.

— Tita... — Levantei, ajeitando o meu terno e a cumprimentei com dois beijinhos. — Essa é a Ana Carolina. Ana Carolina, essa é a Kátia.

— Ah... Então você é a pobre coitada que vai ficar amarrada a ele para o resto da vida? — zombou, fazendo-a rir.

— Kátia!

— O que foi, Ninico? — perguntou, apertando meu rosto com as duas mãos e eu a empurrei. — Sabe que só digo verdades.

Eu disse que tinha os piores amigos, não disse?

Então ela se virou para Ana Carolina e colocou uma das mãos perto do rosto, fingindo que estava contando um segredo.

— Eu dei um jeito de fugir para a França — cochichou. — É a única forma de conseguir ser amiga desse cara por tantos anos.

— Sei como é... — Ana Carolina fingiu se lamentar, rindo.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, mudando de assunto.

Eu literalmente mandei uma mensagem dizendo que precisava almoçar com a Ana Carolina e sugeri que reagendássemos nosso encontro para a noite.

Dei uma risada interna quando percebi que fui burro e dei informações demais para minha amiga intrometida. Claro que ela iria aparecer para conhecer a mãe da minha filha.

Estava cercado de cobras!

— Você falou tanto do restaurante que vim conhecer!

— Como conseguiu entrar?

— O que eu não consigo, Domenico? — respondeu, com um sorrisinho sugestivo porque quando a notícia saiu, ela me pediu para conhecer a Ana Carolina e eu disse que não. — Bem, vou deixar vocês a sós...

— Você não quer sentar com... — Ana Carolina começou a dizer.

— Não, ela está de saída — afirmei. — E não acredite no que ela diz, ela só está na França porque eu a mandei para lá.

Kátia gargalhou.

— Não é uma mentira — disse, dando de ombros e depois deu um sorriso para a Carolina. — Foi um prazer.

— Você cancelou com sua amiga de anos só para *me* trazer pra almoçar porque eu estava triste? — ela perguntou, assim que ficamos sozinhos, estreitando os olhos para mim, como se não acreditasse naquilo.

— Sim. Porque, no momento, você é minha prioridade — respondi, sério, porque já estava irritado.

Por que caralhos ela não entendia?

Ana Carolina piscou lentamente. E depois deu um suspiro, seguido por um sorriso de canto.

— Eu nunca pensei em dizer isso, mas... Admiro o que está fazendo. Sei que não gosta de mim e mesmo assim... — Ela fez outra pausa. — Acho que nossa filha vai ter sorte de ter você como pai.

E pela segunda vez no dia, ela fez com que meu coração batesse de uma forma diferente.

Capítulo 41



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Talvez eu estivesse morto. E não que eu tenha morrido antes, mas a sensação era bem semelhante ao que eu achava que era a morte. O desespero se apossando do meu corpo, aquele silêncio gélido e sufocante rasgando minha alma por completo até que eu me visse imerso em uma escuridão que conhecia tão bem. A cada

batida do meu coração, o ar se tornava mais pesado, quase como fosse ser extinto.

Senti o sangue se esvair do meu rosto, o pânico engolindo todo meu oxigênio. A sensação de desespero cresceu de forma exponencial e, como se fosse uma fagulha, o medo se espalhou consumindo cada um dos meus órgãos.

Não, eu não estava passando por aquilo novamente.

Não iria sobreviver tendo outra parte de mim arrancada daquele jeito.

Acho que preferia a morte.

Quando Pamela me avisou que ela tinha sido levada para a emergência, todos os meus músculos e ossos congelaram. Durante todo o caminho até o hospital, meu cérebro lutou contra as lembranças do passado que se misturavam com meus temores do presente. Minha cabeça latejava e o mundo ao meu redor parecia turvo, girando pelo redemoinho de pensamentos.

Era difícil até mesmo me lembrar o caminho que eu já tinha feito diversas vezes. Quando finalmente puxei uma respiração mais funda, consegui raciocinar por alguns segundos e peguei o celular para ligar para o dono do hospital.

Quase o joguei pela janela quando percebi que minha bateria tinha acabado. Era por isso que minha secretária não tinha conseguido me ligar!

Sinceramente, nem sei como dirigi até lá, mas cheguei em segurança e antes que eu pudesse pisar no Albertelli, uma médica veio ao meu encontro.

— O senhor se chama Domenico Perazzo?

— Sim — respondi com a voz falhada, o medo impedindo que minhas cordas vocais funcionassem perfeitamente.

— Antes de mais nada, fique calmo. O bebê está bem — a mulher afirmou, com um sorriso simpático, e encostou de leve no meu ombro.

— E a Carolina?

— Também.

E foi como se finalmente eu conseguisse respirar de novo.

— O senhor Inácio Albertelli me pediu para encontrá-lo aqui. Ele recebeu uma ligação da sua secretária sobre sua esposa e solicitou que eu o acompanhasse até o quarto.

— Ela está acordada? Vocês fizeram todos os testes? — perguntei, ainda preocupado. — Tem certeza de que nada aconteceu?

— Sim, ela está acordada. Nós fizemos todos os procedimentos, posso te mostrar tudo quando chegarmos lá em cima. Pode me acompanhar?

Eu assenti e a acompanhei.

Julho estava sendo caótico demais para o meu gosto. Para começar, eu reformei todo o quarto para a bebê. Depois, meu sobrinho decidiu que não queria mais ficar dentro daquele ambiente hostil que deveria ser a barriga da minha cunhada. O coitado provavelmente estava louco para me conhecer e fugir de toda aquela *vibe* “salvem as árvores” do meu irmão e da ecochata.

Sim, Pietro tinha nascido antes da hora. Eu estava muito feliz, mas preocupado com a quantidade de visitas que meu irmão estava permitindo antes que o bebê tomasse todas as vacinas.

E agora um susto desses!

Enchi a médica de perguntas conforme andávamos pelos corredores. Aparentemente, Ana Carolina começou a passar mal, chamaram uma ambulância e uns dois minutos antes de chegarem, ela teve uma queda de pressão e desmaiou.

Estava puto comigo mesmo por ter ido para aquela maldita reunião. E como a merda da bateria acabou tão rápido?

A médica avisou que iria me deixar entrar para visitá-la, mas que se eu precisasse de qualquer coisa, ela estava pelo andar. E assim que entreabri a porta e a vi sorridente no quarto, uma onda de alívio tomou conta de mim.

Seguida por uma de raiva, porque quando tive uma visão completa do quarto, percebi que o Ícaro estava sentado no sofá, superconfortável enquanto conversava com ela.

— Oi! — ela exclamou ao me ver e abriu um sorriso largo, derrubando meu aborrecimento.

— Ei... Como você está? — perguntei, indo até ela sem nem direcionar um único olhar para o meu amigo.

— Tudo bem — respondeu e depois franziu o cenho. — Você parece agitado.

— Claro que estou agitado, Carolina, achei que tinha acontecido alguma coisa com você ou o bebê.

— Eu pedi para o Ícaro te avisar que eu estava bem assim que acordei... — ela falou, olhando para o lugar em que ele estava. — Imaginei que fosse surtar ao saber que vim para o hospital.

Fechei minhas expressões na mesma hora.

Estava puto para um caralho.

O que ele estava fazendo aqui, porra?

— E aí, cara? — Ícaro se levantou e me deu um abraço de lado, acertando minhas costas com alguns tapinhas solidários. — Tentei ligar para o seu celular, mas estava desligado.

— Minha bateria acabou — respondi, seco. — O que está fazendo aqui?

— Alguém precisava acompanhar a Carol — falou, como se fosse óbvio, e deu uma risada.

Carol...

— Obrigada por isso, Ícaro. De verdade. — Ela sorriu para ele.

— Sim, obrigado — murmurei de má vontade.

— Não fiz nada demais.

— Claro que fez. E como agradecimento, eu prometo que não vou roubar mais seus biscoitos — ela brincou.

— Sabe que não me importo de verdade.

Que porra?

Biscoitos? Por que ela ia para a sala dele comer biscoitos?

Ícaro deixou de ser a porra do meu gerente de *Marketing* e tinha aberto uma fábrica de biscoito Globo, caralho?

Senti o incômodo pinicando ainda mais a superfície da minha pele, como microagulhas. Odiei aquela intimidade que nem mesmo sabia existir.

— Você pode ir, Ícaro — avisei. — Pode deixar que fico com ela.

— Não me importo se... — ele começou a dizer, mas parou quando lancei um olhar fulminante na sua direção.

Era só o que me faltava!

— Tenho certeza de que tem muitas coisas para resolver na empresa — afirmei. — Obrigado por ter ficado com ela até agora.

Ele assentiu e se despediu de nós dois.

— O que foi isso? — ela perguntou, franzindo o cenho assim que ficamos a sós.

— O quê?

— Você. Sendo grosso com o Ícaro. Ele só estava tentando ajudar.

— Já ajudou. E eu agradeci — respondi, tentando não demonstrar irritação. — Não estava sendo grosso, mas não tem cabimento um funcionário meu ficar aqui com você quando eu mesmo posso fazer isso.

— Ele é seu amigo, até onde eu sei — comentou, sugestiva.

— Não interessa. Enfim, precisa de alguma coisa?

— Não, estou bem. Acho que vou receber alta daqui a pouco.

— Sim, a médica me disse. Você vai para a casa do seu irmão ou...?

— Não, vou para a minha casa mesmo. — Ela deu uma risada, meio confusa.

— E quem vai ficar com você?

— Deus? — brincou, e eu respirei fundo, pinçando a ponte do nariz.

Como eu queria minha bolinha antiestresse agora.

— Não pode ligar para os seus irmãos? Talvez um deles possa ficar com você.

— Não.

A forma como ela disse, ríspida e olhando no fundo dos meus olhos, me impediu de insistir naquela ideia. Provavelmente a situação entre os Lacerda estava tão conturbada quanto a minha, mas Ana Carolina não me diria, de qualquer jeito.

— Você não vai ficar sozinha — afirmei e ela me olhou confusa.

— Zero condições.

— Domenico, pelo amor de Deus!

— Bem, então você vai ficar no meu apartamento comigo — decretei por fim.

— Ah, mas não vou mesmo!

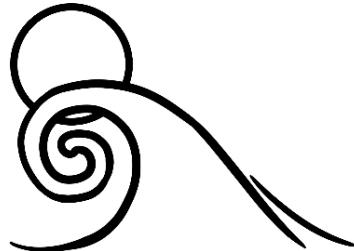
— Carolina, isso não é uma discussão. Eu conversei com a médica e ela disse que seria bom que você ficasse uns dias de repouso, de preferência sob a supervisão de alguém. Ela quer ter certeza de que isso foi só uma coisa pontual.

Ela suspirou, como se estivesse sem forças para vencer aquela batalha.

— Estou com sono, vou dormir um pouco. Você pode voltar mais tarde — resmungou, virando-se de lado e dando as costas para mim como se fosse uma criança mimada.

Bufei e saí do quarto. Pedi para usar o telefone da recepção e liguei para Pamela me encontrar no hospital com um carregador. Enquanto isso aproveitei e dei um pulo na emergência, porque já estava sentindo dor no pulso há uns dias.

Resultado: saí de lá com o início de uma tendinite.



Nós tínhamos passado na sua casa para que a teimosa buscassem algumas coisas, muito a contragosto. Então ela entrou no meu apartamento com uma malinha e eu me perguntei como havíamos chegado naquele ponto.

Uns meses atrás, ela se chamava Clara, depois descobri que seu sobrenome era o mesmo do maior desafeto da minha família e ela era uma cobra. E agora Ana Carolina estava vindo morar comigo por uns dias porque eu dei um jeito de meter um filho nela, mesmo trepando de camisinha.

Quem era o roteirista de merda que estava escrevendo minha vida?

- Por que tem uma receita no seu nome junto com as minhas?
- ela perguntou, assim que entramos.
 - Eu dei um pulo na emergência.
 - Você não está falando sério...
 - Não é nada demais.
 - Você não tinha o que fazer e resolveu se consultar também?
- perguntou, chocada, com a boca entreaberta.
 - Eu estava com dor no pulso! — retruquei, puxando a receita das suas mãos enquanto ela balançava a cabeça em diversas negativas, sem acreditar.
 - Hospital e farmácia realmente são a *Disney* pra você, não é?
 - Não enche meu saco, Carolina. Agora, por favor, vai tomar um banho e depois me entrega essas roupas sujas de hospital que vou colocar para lavar.
 - Pelo visto você vai tornar minha estadia aqui um inferno.
 - Alguma coisa boa eu preciso tirar disso, não é? — zombei, fazendo com que ela abafasse uma risadinha e revirasse os olhos.

Eu mostrei o quarto em que ela ficaria e avisei que também tomaria um banho. Assim que entrei no box, apoiei a cabeça no azulejo frio e deixei que a água quente caísse sobre as minhas costas, levando embora todo o estresse daquele dia.

Estava na área de serviço colocando a minha roupa na máquina quando ela apareceu, dentro de um pijama rosa de seda com listras que já estava bem apertadinho na sua barriga de vinte e uma semanas.

Já tinha notado que o tamanho havia aumentado consideravelmente desde o último exame, mas não sabia a melhor forma de comentar sobre isso.

— Você não parece confortável nessa roupa — falei e depois me amaldiçoei.

Sério, Domenico? Porra!

— Estou bem — garantiu, dando uma risada e depois alisou o tecido antes de fazer um biquinho. — Quero aproveitar enquanto ele ainda cabe em mim.

— Certo.

— Pode me dar um pouco de água, por favor?

— Sim, mas fique à vontade para abrir a geladeira e pegar o que quiser — falei, pegando uma garrafa de água. — Ah, essa máquina faz qualquer bebida, é só colocar a cápsula aqui dentro. Na verdade, acho melhor eu te mostrar algumas coisas.

Então, eu fiz um rápido *tour* com ela pelo apartamento e expliquei que a partir do dia seguinte, uma pessoa viria para fazer a comida e outra para limpar o apartamento.

— Sabe que não tem necessidade alguma, certo? Eu posso pedir comida na rua.

— Não está aberto à discussões.
— Nada está aberto à discussão com você?
— Não em relação à sua saúde.
— "Porque a sua geração... Blá-blá-blá" — ela começou a me imitar e depois gargalhou. — Não sei como te aguento.
— Me faço a mesma pergunta todos os dias sobre você.

Puxei as roupas que ainda estavam nas suas mãos e me virei para colocar na máquina. Estava pensando em como perguntar sobre aquela interação no hospital de forma casual e descontraída.

— Não sabia que era próxima do Ícaro — comentei, encostando os quadris na máquina e cruzando os braços.

Ela estreitou os olhos para mim.
— O que quer saber, Domenico?
— Nada.
— Mesmo?
— Eu só acho engraçado que nunca vi os dois juntos e de repente estão superamiguinhos.
— Sempre conversamos.

Joguei o peso de uma perna para a outra e apertei meus braços ainda mais contra o corpo para não demonstrar minha irritação.

— Cuidado com o Ícaro — foi só o que disse.
— Por quê? — perguntou, divertida, aproximando-se de mim.
Prendi a respiração quando ela chegou bem perto e tirou um fio do seu cabelo da minha camiseta.
— Meus cabelos sempre voando por aí...

— Pois é, mal chegou e você já está por todo lugar — brinquei, mas logo depois voltei a fechar minhas expressões. — Enfim, ele não vale nada e quer comer todas as funcionárias da empresa.

— Então ele é tipo você? — implicou, contraíndo os lábios.

— Carolina... — eu a chamei em um tom de repreensão, fazendo com que ela subisse a mão até a boca para abafar a risada.

Depois, seu olhar se perdeu enquanto analisava os produtos na prateleira da lavanderia.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Uhum — murmurou, distraída.

— Avisou para sua família que está aqui?

Seus olhos se voltaram para a minha direção, a tristeza sendo refletida neles.

— Não faz diferença.

— Eles não aceitam, não é? — perguntei, vendo que ela estava lacrimejando um pouco.

— Meu pai pensa o mesmo que você de mim — falou, dando um sorriso sem humor e eu a olhei confuso. — Ele também me acha uma pessoa baixa.

Aquilo me pegou desprevenido e eu me senti um babaca.

— Eu não...

— Tudo bem — ela me cortou. — Minha família não quer falar comigo, não é o fim do mundo... Eu só... Eu só estou sozinha nessa.

Ela tornou a dar um sorriso apático e limpou uma lágrima solitária que escapou dos seus olhos. Desde que eu descobri quem Ana Carolina era e o que estava fazendo na minha empresa, desejei que ela sofresse as consequências.

E era o que estava acontecendo, certo?

Então por que soava mais como uma perda do que como uma vitória? Porque agora, vendo-a completamente vulnerável, quebrada daquele jeito, eu só queria dar um jeito de pausar a sua dor.

Meu peito afundou por completo. Eliminei ainda mais a distância entre nós dois e segurei uma das suas mãos.

— Ei... Olha pra mim — pedi, erguendo seu queixo para que ela voltasse a manter contato visual comigo. — Você não está sozinha. Eu estou aqui, não estou?

— É, mas...

— Estamos fazendo isso funcionar, certo? Nossa convivência está melhor, eu não quero te xingar o dia inteiro... — brinquei, para tentar quebrar aquele clima ruim.

Ela riu e aquela onda de calor me atingiu novamente.

— Só boa parte do dia?

— Podemos comemorar as pequenas vitórias? — perguntei, e ela assentiu, com uma risada meio anasalada.

— Gosto de ter pequenas vitórias.

Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, seus olhos se arregalaram e ela encostou na barriga.

— Ela se mexeu! — exclamou, animada, e na mesma hora segurou a minha mão, posicionando-a para que eu sentisse.

Meu coração saltou, martelando tão forte a ponto de ouvir a vibração nos meus tímpanos. Eu podia sentir a leve agitação contra a palma da minha mão, a comprovação de que a minha bebezinha estava ali, mostrando para nós dois que ela era maior que qualquer coisa. Provando que todos os problemas eram irrelevantes.

— Meu Deus! — falei meio assustado, sentindo um movimento mais forte.

E quando levantei os olhos para encontrar os dela, pude ver uma espécie de cumplicidade que nunca achei que teríamos. A euforia parecia transpassar de mim para ela e nós dois demos uma risada ao mesmo tempo, como se não conseguíssemos nos conter.

— Ainda acha que está sozinha? — perguntei, sorrindo, e ela fez o mesmo, deslizando quase de forma imperceptível o polegar pelas costas da minha mão.

— Definitivamente não me sinto sozinha.

Aquilo. Aquela conexão bem ali.

Naquele momento, éramos apenas um.

Como eu podia continuar dizendo que odiava aquela mulher?

Capítulo 42



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Seria foda dividir o apartamento com ele. Se eu tinha dificuldade no trabalho com Domenico usando terno, imagina agora que eu estava vendendo-o saindo da piscina de sunga todo molhado?

Deveria ser tipo crime acordar e dar de cara com aquela visão. E tudo o que eu queria era ir até a geladeira só para pegar um copo de água.

O maldito caminhou na minha direção e parou em frente à porta que separava a varanda da sala.

— Bom dia — ele falou, passando a toalha pela cabeça e colocando-a ao redor dos ombros. — Já tomou café? Conheceu a *chef* Cláudia e a Cenira?

— Conheci. Elas são umas queridas, estava conversando com as duas agorinha, mas estou meio enjoada, então não comi ainda. Vou esperar um pouco e ver se me sinto melhor.

Como alguém poderia ter aquele corpo, sério? E por que Domenico era tão alto, lindo e gostoso? Ele já era rico, não deveria existir algum tipo de justiça do universo?

— E você dormiu bem? — perguntou, arrancando-me dos meus devaneios.

— Uhum — cantarolei, tomando toda a água.

Que sede do caralho. Que calor dos infernos!

Eu queria poder lamber cada uma das gotinhas com a ponta da...

— Carolina? — Ele estalou o dedo para chamar minha atenção.

— Oi?

— Vamos ter um problema se continuar me olhando assim — ele avisou, fazendo com que meu rosto ficasse vermelho.

— Eu não estou te olhando de jeito nenhum, faça-me o favor! — menti, virando-me de costas para que nenhuma expressão me denunciasse.

Fiz o movimento tão rápido que quase derrubei o copo, mas o peguei ainda no ar. Bufei, irritada, ouvindo-o rir atrás de mim, mas ignorei e voltei para o meu quarto.

Eu decidi tomar um banho gelado para tentar conter todo o calor que parecia incendiar o meu corpo, queimando-o de dentro para fora. Não adiantou nada e eu precisei usar meu sugador para aliviar toda aquela vontade.

Com certeza era a gravidez. Porque eu não estava tão obcecada antes. Ok, talvez um pouco, mas agora minha vontade tinha quadruplicado. Cheguei a pesquisar em alguns sites, comprovando que, sim, era muito normal e ainda vi um vídeo de

uma obstetra aleatória no *TikTok* falando: “você pode transar o quanto quiser, aproveite!”.

Aproveite o quê, sua vaca?

Ela achava que todo mundo tinha um parceiro para transar a hora que quisesse? E as mulheres solteiras? Achei de uma insensibilidade absurda!

Estava subindo pelas paredes, sonhando com aquele idiota literalmente todas as noites. Não aguentava mais, a vontade era insuportável.

Metade do dia eu estava triste e a outra com tesão.

Era muito injusto que minha bebê fizesse isso comigo. Tudo o que eu fiz desde o momento que descobri aquela gravidez foi amá-la incondicionalmente. E agora a ingrata ficava liberando hormônios ou sei lá o que, mas me faziam ter desejos ainda mais obscuros pelo pai dela.

Será que os “desejos de grávida” se estendiam a pessoas?

Porque, uns três dias atrás, falei para a Dona Solange que estava louca por *donuts* e ela me disse que se eu não atendesse ao meu desejo de grávida, a bebê provavelmente nasceria com a aparência do alimento.

Ah não!

Será que o fato de eu querer tanto o Domenico...

Não!

Não!

Era eu quem estava carregando minha filha, ela tinha que nascer com a minha cara, não com a dele!

Então, alguns minutos depois de gozar, eu estava chorando.

Realmente nunca achei que fosse conhecer o fundo do poço da humilhação, mas aqui estava eu.

Peguei minha agulha e decidi fazer alguma coisa mais útil do que sentir pena de mim mesma. Depois, minha mãe fez uma chamada de vídeo comigo e eu percebi que meu pai não estava no quarto. Era melhor assim.

Preferi omitir o que tinha acontecido para não preocupá-la. Conversamos um pouco e mostrei a peça que eu estava terminando para uma das crianças do hospital.

Era sábado, então algum tempo depois, Domenico apareceu e perguntou se poderia me mostrar uma coisa que eu não tinha visto no dia anterior. Eu o segui até o final do corredor, e assim que abriu a porta, encontrei um quarto todo montado para a bebê.

As paredes eram revestidas de um papel de parede claro com pequenos detalhes em lilás e os móveis brancos tinham um *design* moderno e elegante. Tudo estava tão cuidadosamente posicionado, como um cômodo projetado para uma foto de revista.

Na verdade, toda sua casa era assim. Nem parecia que alguém morava no apartamento.

— Está lindo! — comentei, perplexa, analisando os detalhes.

— Gostou? Ainda preciso comprar algumas coisas.

E então um sentimento de desespero começou a se apossar do meu corpo. Como assim ele já estava com um quarto inteirinho pronto? Tudo o que eu tinha eram algumas roupinhas e uns outros itens que compramos naquela ida ao shopping.

— Meu Deus, eu sou uma péssima mãe, nem comecei a montar o quarto da minha filha! — falei com a voz chorosa.

— Calma, Carolina, tem tempo pra isso.

— O seu já está pronto! — exclamei, esticando as mãos para mostrar o espaço ao nosso redor. — Quando você fez isso?

— Já está pronto há uns dias.

— Porra, não é possível!

— Eu posso pedir para o Bernardo ir até o seu apartamento...

— Quem é Bernardo, Domenico?

— Meu arquiteto. — Ele se aproximou e segurou meus ombros, olhando nos meus olhos. — Pode respirar um pouco?

Eu o encarei irritada.

— Por favor?

Inalei uma respiração a contragosto.

— Minha reforma não durou nem duas semanas e o quarto só está pronto porque eu sou ansioso. As pessoas normalmente começam a montar depois da vigésima semana.

— Estou com vinte e uma — lembrei, finalmente me acalmando e ele sorriu, fazendo com que meu estômago farfalhasse.

— Eu sei. Então fica tranquila que vamos resolver isso, ok?

Concordei com a cabeça. Por mais que aquele homem tirasse a minha paz, eu não tinha dúvidas ou qualquer insegurança quando ele garantia que iríamos resolver alguma coisa. Acreditava naquilo de olhos fechados, sabe-se lá porquê.

Talvez eu devesse ir a um psicólogo. Não fazia o menor sentido.

— Agora, vamos almoçar?

Saímos do quarto e nos sentamos na mesa de jantar. Os pratos foram servidos e, na primeira garfada, dei graças a Deus que Domenico não dispensou a *chef* que tinha contratado, porque a comida da mulher era divina.

Encarei o quadro da mesma montanha que estava gravada nas minhas costas. Ainda achava estranho estar na casa dele, eu me sentia uma espécie de corpo orbitando ao seu redor, esperando que ele me dissesse o que fazer, onde eu deveria me sentar.

— Acho que vou para o quarto — comentei, após elogiar o almoço várias vezes.

— Está com sono? Cansada?

— Não, estou bem.

— Você não precisa ficar trancafiada no quarto, Carolina.

Gostava de quando ele me chamava assim, de como meu nome soava no timbre da sua voz. Era sempre Ana, Carol ou Cá. Nunca só Carolina.

— Não quer ver um filme ou algo assim? — ele indagou.

— Com você?

Eu me arrependi da pergunta assim que a fiz, porque pela forma como sua boca se entreabriu, demonstrando surpresa, percebi que não era o que Domenico pretendia com aquela sugestão. Ainda assim, antes que eu pudesse falar qualquer outra coisa, ele respondeu:

— Sim, podemos ver um filme... Acredito que vamos chegar em um denominador comum, sendo que nosso preferido é o mesmo.

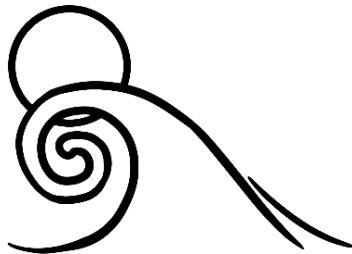
Não podia discordar.

Assim que nos sentamos de frente para a televisão gigante que ele tinha na sala de cinema e abri seu catálogo da *Netflix*, achei que

estava dentro do meu. Ficamos um tempo conversando, Domenico não acreditou que eu nunca tinha assistido *Halloween*^[24].

Ele ficou chocado que nunca assisti a um filme de 1978!

Era de foder!



— Ok, eu amei — assumi assim que acabou e ele chegou a se ajeitar no sofá, com um sorrisinho convencido no rosto. — Agora é a minha vez de escolher. De preferência um filme mais atual.

— Ah não, vamos ver outro clássico — sugeriu, puxando o controle das minhas mãos.

Em um impulso, eu joguei meu corpo por cima do dele, praticamente sentando no seu colo para tentar pegar e o idiota levantou as mãos acima da cabeça, achando graça.

— Não é justo, eu vi o seu — eu falava enquanto tentava escalar por cima dele.

Então eu cutuquei sua barriga para ver se ele sentia cócegas ou alguma coisa e automaticamente seu corpo inteiro se curvou. Domenico me xingou entre as risadas e segurou um dos meus pulsos com uma das mãos. Gargalhei, jogando o corpo para frente e só percebi que apoiei a testa no seu ombro quando senti uma das mãos perto do meu pescoço.

Ele estava tentando me afastar, achando que eu continuaria fazendo cosquinha, mas no momento em que levantei meus olhos para encontrar os dele, percebi que estava fodida. As risadas cessaram, as respirações precárias queimando uma na outra, sendo praticamente recicladas pela proximidade. Então seu olhar desceu e eu o amaldiçoei por fazer isso.

E como se eu não tivesse nenhum controle sobre o meu corpo, segurei o seu rosto e colei a boca na dele. Foi um beijo urgente,

porque não havia como ser de outra forma. Foi instintivo, quase como um reflexo inconsciente.

Eu desejei aqueles lábios por tanto tempo. Precisei beijá-lo, pois Domenico era o dono de absolutamente todos os meus pensamentos, porque só ele era capaz de incendiar o meu corpo inteiro com apenas um olhar e em meio a tantos outros motivos, ele havia feito tudo quando eu não merecia nada.

Então, aproveitei por alguns míseros segundos aquele gesto involuntário.

— Desculpa, eu não deveria ter feito isso — falei, saindo do seu colo e pulando para o outro lado do sofá. E como se minha língua não tivesse freio, eu continuei: — Acho que eu só estou um pouco confusa... Deve ser a gravidez e todos esses hormônios. Foi sem querer, não vai acontecer de novo, ok? Podemos, por favor, fingir que isso não acabou de acontecer?

Arrisquei olhar para ele, que parecia meio desnorteado pelo beijo, mas levemente aborrecido pelo meu falatório.

— Ok — foi só o que ele disse.

— Está chateado?

— Não, só preciso de uns minutos — falou, olhando para a televisão e colocando uma almofada no colo. — Anda, diz que filme você quer ver.

Eu queria me desculpar mais uma vez, mas achei melhor continuar agindo como se nada tivesse acontecido.

— Anabelle você já viu?

— Ah não. Sem chances — resmungou, cortando o ar.

— Por que não?

— Porque deve ser uma cópia barata do Chucky e eu meio que já saturei desse boneco desgraçado.

— O Chucky é ridículo perto dela — falei e depois segurei o riso quando Domenico me lançou um olhar julgador. — Você não tem como saber se não assistir ao filme.

— Nem preciso ver. Aposto que está errada.

— Não estou entendendo toda a sua resistência. Tá com medo de ver um filme de uma boneca de trancinhas?

— Não estou com medo, idiota.

— Será? — perguntei com uma voz meio sombria. — Ou será que tem medo de que a Anabelle faça uma visita noturna no seu quarto?

— No momento, meu único medo é que você me faça uma visita noturna e tente me agarrar — implicou, com um sorrisinho prepotente no rosto. — Anda, bota logo a merda desse filme!

Claro que ele não ia deixar barato.

Senti minhas bochechas esquentarem e me afundei ainda mais no sofá, apertando o botão para dar início ao filme e observando pela minha visão periférica que ele continuava com a mesma expressão, divertindo-se às minhas custas.

Bem, brincadeiras eram melhores do que momentos constrangedores.

Iria dar certo. Éramos adultos, porra! E não adolescentes na puberdade.

Eu faria aquilo funcionar.

E não me jogaria mais em cima dele.

Capítulo 43



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Eu estava tão perto...

Lembrava dos olhos fixos em mim enquanto eu me masturbava em cima da sua mesa. O jeito como aquele homem me encarava era tão indecente que poderia ser considerado um atentado ao pudor.

Quase lá...

— Porra, Domenico!

E quando eu estava prestes a explodir, simplesmente a porra da bateria acabou. Minha vontade era arremessar meu sugador na parede, mas eu não sobreviveria sem ele.

Certeza de que o pobre coitado iria pifar em breve de tanto uso.

Joguei o meu brinquedinho dentro da gaveta e tentei acalmar minha respiração, fitando o teto.

Eu duvido que alguém permaneceria mais do que algumas horas se a equipe do *Big Brother Brasil* colocasse no *reality* uma prova de resistência do tipo “fique presa em um apartamento com Domenico Perazzo”. Sentia-me uma verdadeira heroína por não ceder.

Alguém deveria me dar um prêmio muito bom mesmo.

Tipo um Prêmio Nobel.

Categoria: não pular no pau do cara que você odeia.

Quatro malditos dias!

Estava naquele apartamento supostamente para ficar sendo supervisionada por conta de uma alteração na minha pressão. Sendo que o Domenico fazia com que ela aumentasse apenas por me olhar daquele jeito penetrante por alguns segundos a mais.

A médica disse que só precisava de repouso por três dias, mas aquele hipocondríaco insuportável insistiu para que eu ficasse em casa até o final da semana. Eu aceitei porque era exaustivo demais argumentar com ele, mas não via a hora de voltar para o meu apartamento, longe de todas as tentações.

Quer dizer, eu ainda sofreria um pouco no trabalho, mas seria mais fácil.

Eu precisava de água. E talvez um banho de banheira gelado depois (porque fui proibida de colocar a água mais quente do que a temperatura ambiente). Não estava sendo nenhum problema, tendo em vista que ficava com calor boa parte do tempo agora.

Abri a porta do quarto e fui caminhando devagar pelo corredor mal-iluminado. Mantive meus olhos fixos no chão porque não queria esbarrar em alguma coisa, mas no meio do caminho percebi uma sombra, ocultando ainda mais a luz fraca que vinha da sala.

Levantei os olhos assim que Domenico se aproximou.

— Ei...

— Por que está ofegante? — perguntou, com um sorrisinho meio presunçoso no rosto.

Abri e fechei a boca, incapaz de inventar uma desculpa. Eram onze horas da noite. O que eu diria para aquele infeliz? Que estava malhando no meu quarto?

Ele deu um passo para frente, eliminando ainda mais o espaço entre nós dois e assim que minha bunda encostou na parede, eu me perguntei como aquilo tinha acontecido.

Por que ele não tirava aquela expressão do rosto? Era quase como se soubesse o que eu estava fazendo.

— Ficou com sede?

— Uhum...

— Ofegante e com sede... — ele ponderou, o olhar vagando pelo meu rosto e colo enquanto seu indicador levantava o meu cordão fino de ouro. — O que você estava fazendo, Carolina?

Deus, Domenico parecia ainda mais irresistível assim, falando essas coisas de um jeito sugestivo no meio da penumbra.

Decidi que entraria no seu joguinho sujo.

— Acho que você sabe o que eu estava fazendo.

Suas sobrancelhas se ergueram um pouco, a surpresa pela minha resposta sendo visível.

— Não posso dizer que não sei... — Ele se inclinou para que sua boca ficasse perto do meu ouvido. — As paredes são finas e aparentemente eu tenho um bom *timing*.

O arrepio espiralou pela minha espinha e sua risada ressoou em cada um dos meus ossos. O idiota claramente estava se divertindo com toda aquela provocação, então quando ele estava prestes a se afastar, eu entranhei uma das mãos pela sua nuca, sem deixar que fizesse isso.

— Talvez o seu *timing* seja melhor do que você imagina — sussurrei, arranhando os dentes de leve pelo lóbulo da sua orelha.

— Carolina... — chamou, como se me alertasse para não continuar com aquilo.

— Já ouviu falar que grávidas têm desejos? — perguntei, deslizando a mão livre por seu abdômen. — Sabe qual é o meu?

A respiração queimava meu pescoço e nossos corpos estavam tão colados que eu podia sentir sua ereção crescendo. Ele dobrou um dos braços, apoiando-o na parede como se estivesse fazendo força para se controlar.

— Não sei se quero sab...

— Você. Eu quero você.

Ele inalou o ar com força e soltou devagar.

— Volta pro seu quarto.

— Por quê?

— Porque não vamos fazer isso.

Meu coração disparou, a frustração crescendo junto com o calor no meio das minhas pernas.

— Por favor, eu quero tanto... — implorai baixinho e percebi que ele apertou o punho contra a parede.

— Eu não acho...

— Você não vai negar o desejo de uma grávida, não é? Principalmente a mãe da sua filha — tentei com uma voz meio melosa, usando todas as armas que eu tinha. — Você vai aguentar, Domenico? Saber que eu estou no quarto ao lado me masturbando e gemendo seu nome?

— Puta que pariu.

— Eu vou tomar um banho de banheira... — avisei baixinho, deslizando a mão por cima do tecido, quase chorando ao sentir sua ereção latejando contra a minha palma. — Pensando no seu pau se enterrando na minha boceta... Sinta-se à vontade para aparecer.

E simplesmente saí, voltando para o meu quarto.

Assim que fechei a porta, encostei minhas costas nela. Todo o meu corpo tremia de ansiedade. Eu não pensei muito no que estava fazendo, apenas imaginei que talvez implorar não fosse o melhor caminho. Optei então por deixá-lo meio transtornado, dando só um gostinho para aguçar sua imaginação.

A vontade e a curiosidade eram inimigas da paz. Eu sabia bem disso.

Abri a torneira da banheira, deixei o ambiente mal-iluminado e acendi algumas velinhas que encontrei pelo banheiro. Esperei que enchesse enquanto tirava minha roupa e entrei logo depois. Despejei

um pouco de gel para fazer espuma e pensei que se Domenico não aparecesse, pelo menos eu teria um encontro diferente com meu sugador.

Merda! Eu precisava colocá-lo para carregar.

Assim que me levantei, a porta se abriu e eu quase me desequilibrei.

O seu olhar examinou todo o meu corpo, meio coberto de espuma, parando alguns segundos a mais na minha barriga. Ele me encarava completamente maravilhado e em seguida respirou fundo, como se ainda estivesse tentando decidir se deveria fazer aquilo. Então, seus ombros relaxaram um pouco e Domenico se aproximou, parando em frente à banheira e segurando a base do meu pescoço.

Encarei aquela íris que tirava minha paz, o reflexo das velas dançando pelo castanho-esverdeado, deixando tudo aquilo mais intenso. Havia uma mistura de desejo e incerteza em seu olhar e sua respiração entrecortada demonstrava que eu não era a única tentando conter toda minha turbulência interna.

— Você veio...

— Eu vim...

— Porque ficou imaginando como seria transar comigo na banheira? — perguntei, com um sorrisinho safado no rosto.

— Porque não conseguia parar de pensar em você escorregando no chão desse banheiro — brincou, deslizando o polegar pela minha mandíbula enquanto a outra mão acariciava a minha bunda.

— Ainda bem que está aqui para não deixar isso acontecer — sussurrei contra os seus lábios.

— Eu não posso te beijar — falou, sério, os olhos cravados nos meus.

— Não pode ou não quer?

— Não posso.

— Por quê?

— Porque eu simplesmente não consigo ouvir você dizer de novo que foi um erro, que não devemos fazer isso e... — Ele fez uma pausa. — E se eu começar a te beijar, não vou conseguir parar. Porque é só o que eu quero fazer, porra!

Meu coração deu um salto, as palavras morrendo na minha boca.

— Eu não quero que você pare.

— Eu não quero que seja só... Um impulso.

Um impulso... Como ele podia achar que eu estava sendo impulsiva? Será que aquele idiota não percebia?

— Impulso? Eu penso em você enquanto estou acordada e quando não faço isso é porque estou tentando arrumar um jeito de te tirar da minha cabeça. E como se não fosse o suficiente, o mesmo acontece durante os meus sonhos. Você é o dono das vinte e quatro horas do meu dia, Domenico.

Antes que eu pudesse piscar novamente, ele me puxou para si, beijando minha boca até que eu fosse incapaz de respirar. O homem que eu odiava extinguiu todo o meu ar até que não me importasse mais com o mundo à minha volta, até que tudo fosse reduzido a um único grão de areia.

E como sempre acontecia quando ele me tocava, qualquer partícula do passado deixou de existir.

Domenico enfiou os dedos por baixo do coque malfeito, puxando a base do meu pescoço e produzindo aquele arrepio que espiralava de forma constante do início até o final da minha espinha. Ele deu um puxão pendendo minha cabeça para trás e beijou minha mandíbula de forma urgente, afundando o rosto pelo meu pescoço.

— Porra, você está tão linda. E você me deixa louco! — sussurrou entre os beijos, acariciando minha barriga. — Talvez até mais agora que está grávida de mim.

— Será que é por isso que estou tão obcecada por você? — brinquei e ele deu um sorrisinho safado.

— Não, isso é porque eu sou irresistível mesmo...

Eu ri e ele tornou a me beijar calorosamente. As mãos passeavam pelo meu corpo, nunca parando muito tempo em um só lugar. E eu me encontrava da mesma forma, arrastando minhas unhas pelo seu braço, por dentro da sua camiseta e onde mais eu pudesse alcançar.

O calor se misturando com a euforia. Queimando lentamente. Borbulhando e puxando-me como tentáculos para o meu inferno

pessoal: ele.

Deus, eu podia sentir a pulsação das minhas veias na ponta da sua língua. Seu braço se mantinha firme ao redor da minha cintura, como se tivesse medo de que eu fugisse.

Só se eu fosse louca.

Domenico se afastou alguns milímetros, mas não o bastante para que nossos lábios deixassem de se tocar. Arrastou o polegar por eles, olhando tão fundo nos meus olhos que eu me liquefiz inteira.

— Também penso em você a porra do dia inteiro, Carolina — ele confessou, praticamente dentro da minha boca.

— É? E você me imagina fazendo isso? — perguntei, subindo sua camiseta e beijando seu abdômen.

Ele a tirou rapidamente, arremessando-a para o lado enquanto eu descia a barra da sua samba-canção, liberando o pau mais perfeito que eu já tinha visto em toda a minha vida.

Na mesma hora, ele se livrou da única peça restante e entrou na banheira, apoiando os quadris na borda de mármore. Eu me sentei, deixando parte do meu corpo imerso na água e observei aquela cena por alguns segundos.

Deus, ele parecia uma escultura.

Engatinhei, entrando no meio das suas pernas e segurei na base do seu pau, movimentando minha mão para cima e para baixo lentamente. Ele mordeu o lábio inferior e soltou o meu coque, deixando que meus cabelos caíssem sobre meus seios.

— Puta merda! — Domenico exclamou, apoiando os braços atrás do corpo, acomodando-se para ter uma visão melhor do que eu estava prestes a fazer.

Posicionei minha boca perto da sua glande, mas não a toquei. Umedeci os lábios quase que em câmera lenta, completamente obcecada pela forma como ele me encarava. Fingi que iria chupá-lo, mas me afastei, dando um sorrisinho safado só para vê-lo irritado.

— Carolina... — ele me chamou, deixando claro que eu não deveria testá-lo e fazendo com que todos os meus poros ericassem junto com meus mamilos.

Deslizei a língua em um movimento rápido e depois repeti mais uma vez antes de sugar a ponta da cabeça com um pouco mais de pressão. Ele grunhiu, soltando um palavrão, e na mesma hora, uma das suas mãos agarrou meus cabelos, enrolando-os no punho.

— Não me provoca... — avisou, sério, apertando o meu rosto com a mão livre. — Agora abre essa boca linda porque eu estava contando os dias pra ver ela ao redor do meu pau.

Fiz exatamente o que ele mandou e comecei a chupá-lo devagar. Era impossível engolir tudo, mas eu amava a sensação daquele pau me sufocando até que eu não pudesse mais respirar. Então eu fui até o meu limite, sentindo-o bater no fundo da minha garganta.

Aumentei o ritmo sem quebrar o contato visual, eventualmente alternando entre lamber a base do seu pau e chupar suas bolas. Eu poderia ficar horas assim, sentindo-o pulsar na minha língua enquanto meu coração acelerava no meu peito quase no mesmo ritmo.

Ele forçou um pouco os quadris contra o meu rosto e as lágrimas se acumularam nos cantos dos meus olhos, deixando-me ainda mais excitada.

— Porra, você é tão perfeita... — disse, acariciando meu rosto, antes de me dar um tapa de leve.

— Mais forte, por favor — pedi, quase choramingando, e ele pareceu ponderar por alguns segundos. — Eu estou grávida, não doente, Domenico.

— Eu sei, mas você está sensível e não quero passar dos limites.

— Se você não for me foder como uma puta, não vai me foder — avisei.

Ele se inclinou um pouco e segurou meu rosto com uma das mãos, puxando-me para mais perto.

— Sabe que não vai falar assim comigo, não é? — Domenico respondeu, claramente irritado.

— Desculpa — pedi, apoiando as mãos no seu pescoço e dando um beijo na sua boca. — Por favor?

Arrastei o nariz pelo seu, percebendo que ele fechou os olhos e puxou uma respiração profunda.

— Me fode que nem uma cachorra, Dom. Só quero que você me coloque de quatro e me lembre que é você quem manda — imploro.

— Você gosta de testar minha paciência, garota...

Domenico segurou a base do meu pescoço e o dedo se moveu pela minha mandíbula, deslizando pelo queixo e contornando até parar na frente dos meus lábios. Ele observou o gesto hipnotizado enquanto os separava minimamente com o polegar e o deslizava para dentro da minha boca.

— Você fica tão linda quando não está sendo uma pirralha insolente... Sabe muito bem que não é me contrariando que vai conseguir o que quer. Ou já se esqueceu?

— Não esqueci.

— Ótimo, agora apoia ali e fica de quatro pra mim — mandou, indicando a alça de ferro dentro da banheira.

Ele se sentou em uma elevação que ficava do lado oposto e eu me posicionei exatamente como Domenico ordenou, empinando para ele. Fechei os olhos quando senti sua mão escorregando pela minha bunda molhada, a ansiedade pelo tapa fazendo com que meu coração martelasse dentro da minha caixa torácica.

Então ele veio. Forte. Exatamente como eu gostava. A umidade fez com que minha pele ficasse mais sensível, aumentando a dor. A ardência se espalhando, misturando-se com todo meu desejo, devastando tudo como um incêndio incontrolável.

— Gosta disso, né, sua vagabunda? — perguntou, dando mais um tapa e eu grunhi um ruído de afirmação.

Sim! Sim!

Eu queria chorar de emoção.

Homem gostoso do caralho!

— É, eu sei que gosta de ser tratada como a vadia que você é — afirmou e mesmo que eu estivesse de costas, sabia que no seu rosto havia um sorrisinho safado. — Não aguenta uma porra de uma batidinha na quina do móvel, mas está aqui, toda arreganhada com essa boceta aberta me pedindo pra te bater mais forte.

Dei uma risada.

— Sou uma hipócrita...

— Sim, você é.

Ele deslizou os dedos pela minha boceta, que já estava dolorida de tanto tesão, e eu gemi baixinho, mordendo meu lábio inferior. Esfregou lentamente, em um movimento quase torturante, e eu recebi mais um tapa quando impulsionei os quadris, desesperada por um pouco mais de fricção.

— Não mandei se mexer, Carolina. — Domenico agarrou minha bunda com as duas mãos, abrindo-me ainda mais. — Puta merda, sua boceta é perfeita.

Engoli uma respiração quando ele enfiou o rosto no meio e quase me desequilibrei, inclinando meu corpo ainda mais para frente. A língua quente e grossa me chupava sem parar e a impressão que eu tive era que aquele homem parecia uma pessoa faminta em um banquete.

Porra, eu amava a sensação da sua barba roçando em qualquer lugar do meu corpo, mas ali... Era como uma visita ao paraíso com um tobogã direto para o inferno.

O jeito como Domenico beijava minha boceta provocava uma série de arrepios pelo meu corpo e arrancava gemidos atrás de gemidos. Eu podia sentir o seu desespero intercalando entre sugar meu clitóris e arrastar a língua por toda a extensão.

Era como se ele quisesse tudo ao mesmo tempo.

— Está desconfortável nessa posição? — perguntou, parando o que estava fazendo. — Não acha melhor...

— Não! Só por favor, para de me torturar, Dom... — choraminguei, porque já estava louca para tê-lo dentro de mim.

— O que você quer? Pede!

— Quero sentir seu pau na minha boceta.

— Assim, gostosa? — perguntou, esfregando a glande por cima do meu clitóris.

— Sim! Pelo amor de Deus!

— Merda, esqueci a camisinha!

— Sério? — Olhei para trás com deboche.

Não estava preocupada com aquilo, honestamente. Domenico com toda a certeza fazia exames todo mês porque ele era a definição de neurótico.

— Quer que eu te coma sem camisinha? — Ele piscou, parecendo meio absorto.

— Faço meus exames sempre e não transei com ninguém além de você nos últimos tempos.

— Tá, mas...

— E acho que já estou grávida o suficiente de você para se preocupar com essa possibilidade — brinquei. — Então, se você quiser...

— Ah, foda-se!

Ele mandou que eu ajoelhasse, fazendo com que meu corpo ficasse quase todo imerso na água, mas me manteve na mesma posição. Puxou meus quadris para mais perto e continuou deslizando a cabeça do seu pau pela minha boceta, deixando-me alucinada.

Então, eu o senti me preenchendo lentamente enquanto tudo ao meu redor desabava. Era como se todas as minhas prateleiras internas fossem derrubadas e, ao mesmo tempo, a sensação que eu tinha era de que tudo estava no seu perfeito lugar.

Os movimentos começaram devagar e eu até tentei aumentar o ritmo, mas recebi um tapa em resposta e um aviso de que se eu continuasse fazendo aquilo, ele não me deixaria gozar.

Foi o suficiente, porque considerei uma ameaça preocupante.

Eu queria mais rápido, mais forte, mas Domenico estava meio preocupado e já tinha se certificado três vezes de que eu não estava sentindo nenhum desconforto.

— Já disse que tá tudo bem — respondi. — Estou acostumada, Domenico, pelo amor de Deus! Pode ir mais rápido...

— Acostumada com o quê, porra?

— Com paus grandes!

Gelei quando o senti sair de dentro de mim. Ele me virou de frente para ele e envolveu a mão no meu pescoço, os olhos fixos em mim, queimando de ódio.

Deus, ele ficava lindo assim.

— Você nunca mais vai falar sobre o pau de qualquer outro cara enquanto eu estiver te comendo, entendeu? — praticamente saiu como um rosnado.

Eu assenti, ficando ainda mais excitada.

— Desculpa — pedi em um tom meloso, beijando seus lábios.

— Só queria que fosse mais rápido... Você sabe que eu aguento.

— Estou com medo de te machucar, porra! — Ele moveu uma das mãos, espirrando água. — Eu li que essa posição não era muito confortável.

Ergui uma das sobrancelhas, divertida. Mordi o lábio inferior e comecei a beijar seu rosto, arrastando os meus dentes até chegar perto do seu ouvido.

— Você estava procurando quais posições poderia me comer, Domenico? — perguntei baixinho, sentando-me totalmente no seu colo.

— O que você acha? Sim, estava atrás de mais maneiras de me torturar — resmungou, e eu sorri.

— Acho que podemos testar todas as posições... Apenas para pesquisa de campo — sugeri, fingindo estar meio pensativa e ele gargalhou, colando a boca na minha, confirmando com a cabeça.

Dom me agarrou pela cintura, deslizando a mão pela minha barriga e beijou preguiçosamente. Sua língua quente explorava cada parte da minha boca, extinguindo todo o meu ar enquanto se encaixava novamente em mim.

— Quero você cavalgando no meu pau, linda — avisou, espalhando um pouco de espuma pelos meus peitos antes de agarrá-los.

Nem precisou pedir duas vezes. Ancorei as mãos nos seus ombros e comecei a descer e subir devagar, aproveitando que estava ditando os movimentos para ir mais fundo.

Não demorei para agarrar as bordas da banheira em uma tentativa de me impulsionar com mais rapidez. Meu coração pulsava tão rápido e eu comecei a sentar em um ritmo quase sincronizado com as batidas.

Domenico soltava diversos palavrões a cada vez que eu ia até o fundo. Eu já estava meio acostumada a me sentir zonza depois de

alguns minutos beijando-o, mas vê-lo sem fôlego era algo fora de série. Eu amava saber que havia tanto ar ao nosso redor, mas ele estava escolhendo me beijar a respirar.

Ele puxou meu cabelo, pendendo meu corpo para trás, fazendo uma trilha de beijos e chupões do meu pescoço até meus peitos. Tentei conter os gemidos na minha garganta, mas eles pareciam se multiplicar e depois triplicar, emendando-se com os palavrões.

Eu gemia baixinho no seu ouvido enquanto Dom chupava meus mamilos incansavelmente. A água começou a transbordar e a molhar o chão na medida em que os movimentos se tornavam ainda mais rápidos. Isso não fez com que parássemos, e para ser sincera, estava ainda mais excitada com o caos.

— Estou... — tentei avisar, mas minha voz morreu no meio da garganta.

Tudo em mim queimava, o formigamento fugindo das minhas extremidades e direcionando-se para o centro do meu corpo como se estivesse se acumulando para uma única explosão.

Senti que iria colapsar quando o orgasmo me atingiu. Meu corpo se contorceu, o ar simplesmente foi extinto e minha visão inteira se tornou um borrão. Foi como se minha alma fosse arrancada, dividindo-se de qualquer materialidade ainda existente em mim.

— Meu Deus, você é tão gostosa, caralho! — ele disse, com a respiração falhando ao sentir toda a contração da minha boceta no seu pau.

A minha força diminuiu junto com o ritmo, o corpo cedendo com a letargia pós-orgasmo. Estava tão sensível, ainda experimentando os tremores por todas as minhas células.

— Não para, Carolina. Você vai continuar até gozar de novo.

— Não vou conseg... — comecei a dizer, mas ele segurou meu pescoço.

— Vai sim!

Ele segurou meus quadris com força, impulsionando-me ainda mais. Domenico estava hipnotizado, observando meus peitos balançando sem parar. Era nítido que aquele homem estava alucinado apenas pela forma como ele me olhava.

— Puta merda! — grunhiu, continuando a estocar rápido, aproveitando aquela onda agitada que ainda se debatia no meu corpo.

Eu estava louca! Completamente fora de mim. Meu Deus, era tudo tão intenso... Iria gozar de novo em alguns segundos e aquela rapidez inesperada me deixou transtornada.

— Porra! Porraaaaa! — repeti, nem percebendo as vogais se alongarem em meio aos gemidos.

Minhas unhas arranharam suas costas e, ao mesmo tempo, Domenico mordeu a minha clavícula, gemendo enquanto gozava com força dentro de mim e junto comigo.

Então, eu pulei mais uma vez em direção ao abismo. E a queda era maravilhosa.

Os nossos corpos perderam a resistência, derretendo-se ainda mais em um só. Fechei os olhos, aproveitando os efeitos retardatários do orgasmo, sentindo-me em um outro plano astral.

Nossos corações trovejavam na mesma frequência e as respirações vinham em rajadas ofegantes. Domenico arrastou o nariz pelo meu pescoço e segurou o meu rosto, beijando-me carinhosamente. E o silêncio foi se desdobrando, o fluxo do balanço da água diminuindo ao nosso redor até que se tornasse apenas um som suave.

— Isso foi perfeito — sussurrei contra seus lábios.

— Você é perfeita — afirmou, olhando no fundo dos meus olhos de um jeito intenso.

Aquela frase me fez estremecer.

Ele me virou de costas, colocou meu cabelo para o lado e me envolveu nos braços, apoiando sua cabeça no meu ombro. Deitei em seu peito com os olhos fechados enquanto ele fazia carinho na minha barriga. E nós permanecemos assim durante algum tempo, apenas ouvindo o barulhinho das bolhas da espuma se rompendo.

— Eu não transo sem camisinha há, sei lá... Mais de uma década — falou, distraído, brincando com os meus dedos.

Seus lábios se arrastaram pelo meu ombro e eu tornei a fechar as pálpebras, suspirando. Era como se ele fosse incapaz de parar de me tocar e eu entendia bem aquela sensação.

— E o que você achou?

Ele riu contra minha pele. Uma risada gostosa e divertida.

— Acho que depois de hoje terei problemas para voltar a usar.

Será que ele pretendia voltar a usar logo? Será que Domenico queria continuar trepando com outras mulheres?

Eu me virei para ficar de frente para ele. Abri e fechei a boca enquanto tentava pensar no que dizer.

— O que foi? — perguntou, dando uma risada confusa.

— Você não precisa usar... Quer dizer, não *c-comigo*. — Me xinguei mentalmente. — Nós... Ahn... Vamos continuar fazendo isso?

— Achei que isso estivesse subentendido quando entrei por aquela porta, Carolina.

— Só estou confirmado... Acho que pode ser vantajoso para nós dois.

— Vantajoso? — Ele riu.

— Sim, você aproveita mais um tempo de sexo sem camisinha e eu consigo conter todo esse fogo por conta dos hormônios.

— Então, você pretende só me usar como um pedaço de carne pra saciar seus desejos de grávida? — perguntou, divertido.

Dei de ombros.

— Foi você quem colocou ela aqui, o mínimo que pode fazer é me dar alguns orgasmos...

Domenico segurou meu rosto, um sorrisinho ordinário crescendo. Arrastou os lábios pelos meus e deixou a frase morrer dentro da minha boca:

— Fica tranquila, linda, eu vou te dar uma infinidade deles.

Capítulo 44



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Eu senti uma espécie de alívio quando abri os olhos na manhã seguinte e ela estava aninhada nos meus braços, dormindo profundamente.

Acordar sentindo o seu perfume e ter o calor do seu corpo contra o meu me trazia uma espécie de paz. Muitas mulheres

acordavam na minha cama, mas eu normalmente ficava ansioso para que elas fossem embora.

Fazia anos que algo assim não acontecia.

Não queria que Ana Carolina fosse embora. Na verdade, minha cabeça não parava de trabalhar criando motivos para pedir que ela ficasse. Sempre fui um cara meio solitário, gostava do meu espaço e odiava que se intrometessesem demais na minha rotina, mas eu não me incomodei nem um pouco em tê-la pela casa.

Durante aqueles dias, eu gostei de acordar e ver que já tinha vida no apartamento. Sempre que chegava na cozinha, Ana Carolina estava conversando animadamente com as funcionárias. E definitivamente não fazia parte da minha rotina sorrir pela manhã, mas era impossível quando ela se atrapalhava com alguma coisa porque era desastrada demais.

Gostava de ter a visão daquela mulher andando pelo apartamento exibindo sua barriguinha de grávida e um calor reconfortante enchia o meu peito por saber que aquela bebezinha ali dentro era minha.

Eu sabia que todos aqueles pensamentos eram meio preocupantes, mas ainda assim eu os empurrei dentro de uma caixa e o afundei na minha mente.

Não queria lidar com aquilo. Não agora.

Seus olhos verdes se abriram sonolentos e ela sorriu, afundando o rosto no meu peito. Aquela maldita era simplesmente a comprovação de que a perfeição existia de fato.

— *Hi!* — ela brincou, cobrindo parte do rosto com o lençol.

Antes de dormir Carolina tinha dito que nossa vida seria muito mais fácil se ainda fôssemos aqueles dois estranhos em Orlando. E eu não podia discordar menos.

— *Hi!* — falei rindo, puxando o tecido e revelando um sorriso ainda maior.

Eu sorri em resposta e dei um beijo rápido na sua boca, incapaz de me conter.

— Bom dia, bebê — disse, olhando para baixo e passando a mão pela barriga. Depois, se virou para mim, puxando minha mão e colocando por baixo da sua. — Ela está mexendo um pouquinho.

Mantive meu olhar fixo na barriga, sentindo novamente minha bebezinha se movimentar. O calor transpassava do meu corpo para o dela e era uma experiência surreal.

— Acho que essa espertinha realmente sente quando você está por perto — comentou, e eu semicerrei os olhos para ela, como se não acreditasse. — Sabe que ela pode te ouvir, não é?

— Sim.

Eu já tinha lido que naquela fase os bebês podiam sentir os toques e ouvir as vozes, mas mesmo que nossa relação estivesse melhor, não tínhamos intimidade. Óbvio que eu queria conversar com minha filha e senti-la, mas me parecia muito estranho simplesmente chegar e fazer isso.

— Você sabe quem está aqui, não é, nem só? Fala com ela, Dom — incentivou, ajeitando-se na cama e eu levantei meus olhos, meio apreensivo.

Ana Carolina estava me dando uma brecha para a conexão que eu queria. Por todo aquele tempo, eu nunca soube como me aproximar, com medo de deixá-la desconfortável. Convenhamos, sexo era algo muito menos íntimo do que aquela troca.

Conversar com a bebê na sua frente, tocar na sua barriga e demonstrar algumas emoções no meio do caminho, transparecia uma versão minha vulnerável. Eu queria me permitir, mas exteriorizar aquilo ainda me deixava um pouco incomodado. E para ser sincero, nunca quis que a mulher que eu odiava me visse tão exposto.

A mulher que eu odiava...

Era estranho que todo aquele sentimento por ela tivesse evaporado?

— Não sei... Ahn... Como fazer isso — confessei, meio receoso, e ela sorriu de um jeito acolhedor.

— Sei que você é mais fechado e que não se sente muito confortável comigo, por conta de... — Ela fez uma pausa, comprimindo os lábios. — Toda a nossa história... Só que já te vi com sua sobrinha e sei como é carinhoso com a Gigi.

Ana Carolina suspirou, acariciando sua barriga e sorrindo para ela.

— É bem nítido o quanto você ama a nossa bebezinha também. E tudo bem que não somos um casal, que não planejamos isso, mas essa fase da gravidez tem sido uma experiência única. Me sinto tão conectada com ela... — Mais uma pausa e eu percebi que ela ponderava sobre quais palavras usar. — Eu só... Sei lá, acho que se os bebês podem sentir nossa presença, acredito que também sintam a ausência e... Bem, só não gostaria que perdesse esses momentos de conexão com sua filha por conta de nós dois.

Senti meus olhos arderem um pouco por toda aquela franqueza inesperada. Era como se eu fosse tão transparente a ponto de ela ler através de mim.

Eu encarei em silêncio por alguns segundos, percebendo a aflição em suas expressões e a impressão que eu tinha era de que Carolina estava se xingando mentalmente por ter “cruzado aquela linha”.

- Desculpa, eu não quis...
- Você está certa — eu disse por fim.
- Olha, isso é algo único — brincou e eu dei um meio-sorriso.
- Eu só não queria ser inconveniente e nem invadir o seu espaço. É o seu corpo e tudo o mais.
- Sério, Domenico? Você estava dentro de mim ontem.
- É diferente, Carolina. — Revirei os olhos e suas bochechas enrubesceram quando ela sorriu.
- É, realmente? — Ela retorceu o lábio, parecendo pensativa.
- Enfim, jamais te acharia inconveniente por querer criar um vínculo com sua filha. Eu converso com ela todos os dias... Em alguns dias, várias vezes.
- Eu sei. A primeira vez achei que você estava falando com um espírito na cozinha e só então percebi o que estava acontecendo — contei, abafando uma risada e ela fez o mesmo.
- E o que você faria se fosse um espírito? — quis saber, divertida.
- Acho que agora você estaria gemendo o meu nome do outro lado da rua, porque eu teria te expulsado na primeira oportunidade.
- Ela jogou a cabeça para trás, gargalhando.

— Idiota — falou, cessando as risadas. Depois, em um movimento abrupto, ela se levantou. — Tive uma ideia! Já volto.

E simplesmente saiu correndo (sim, correndo) porta afora. Porra, eu iria infartar antes da minha filha nascer. Certeza.

— Cuidado! — berrei para o nada, passando as mãos no rosto.

Aproveitei para fazer xixi e usar um enxaguante bucal, e não demorou nem dois minutos para que voltasse, meio ofegante, com um fone de ouvido em uma das mãos e o celular na outra. Ela se sentou na cama, meio inclinada e eu continuei olhando-a, confuso.

— Pronto, eu vou colocar uma música para te dar um pouco de privacidade para conversar com a bebê.

Abri a boca e a fechei no mesmo segundo, dando uma risada meio hesitante. Antes que eu pudesse dizer que não tinha necessidade, Carolina cobriu as orelhas com o fone e uma batida de funk começou a tocar, vazando dos alto-falantes.

Ergui uma das sobrancelhas e ela bufou, abaixando um pouco o som.

Sério? Sério que aquele era o seu tipo de música?

Ela se acomodou um pouco mais entre os travesseiros, fechou os olhos e suspirou, parecendo plena. Se eu não tivesse ouvido o trecho: "*pede com maldade, toma pocpoc*"^[25], diria que facilmente estava escutando uma meditação guiada.

Respirei fundo, deixando aqueles pensamentos de lado e encostei na sua barriga, chegando o rosto o mais próximo possível para que ela pudesse me ouvir.

— Ei, bebê — falei, sentindo minha voz embargar um pouco quando senti uma movimentação na minha palma. Empurrei o nó que parecia estar apertando minha garganta e continuei: — Não sei se você sabe quem sou eu, mas sou o seu pai. Ahn... Eu sou meio resmungão, sistemático e provavelmente sua mãe deve me xingar bastante, mas eu prometo que sou um cara legal.

Olhei para cima no automático, procurando o olhar e uma possível risada da mãe da minha filha, mas ela continuava concentrada na música. E naquele momento, percebi que não me importava se ela estivesse ouvindo.

Deslizei o polegar e suspirei, completamente envolvido naquele momento único.

— Enfim, neném... Eu só quero que você saiba que você se tornou o meu mundo inteiro desde o momento em que descobri que você existia e mesmo sem te conhecer, eu já te amo mais do que qualquer coisa — confessei, limpando uma lágrima que escapou do canto dos meus olhos. — O papai está cuidando de tudo por aqui, então só se preocupa em crescer bem lindinha.

Inalei uma respiração e soltei o ar devagar, tentando equilibrar aquele redemoinho que desestabilizou todas as minhas emoções.

Me ajeitei no colchão, aproximando-me do seu rosto e puxei o fone para chamar sua atenção. Seus olhos verdes encontraram os meus, cheios de expectativa.

— E aí? Deu certo?

— Sim... — contei, segurando o seu rosto e deslizando o polegar pelo maxilar e percebendo a leve mudança na sua respiração.

— Foi uma conversa produtiva?

— Sim, eu comecei me desculpando pelo seu gosto musical. Você não tem pena da nossa filha? — zombei e ela gargalhou.

Suspirei, ouvindo sua risada ecoar pelo quarto diretamente para o meu peito. Por que era tão maravilhoso tê-la assim, nos meus braços, em meio aos meus lençóis? Por que infernos eu queria que aquilo se tornasse parte da minha rotina?

— Foi importante pra mim... — firmei, sem quebrar o contato visual. — Você não precisava ter feito isso, mas obrigado.

Ana Carolina abriu um sorriso, afundando ainda mais o meu peito.

E então eu a beijei, porque parecia certo.

Capítulo 45



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Descobri que o lugar que mais gostava da casa era o quartinho da bebê. Havia uma grande janela, era fresquinho boa parte do dia e eu achava agradável ficar ali pela manhã fazendo meus amigurumis.

Dei o último ponto e me levantei da cadeira, colocando-a em cima da bancada para ver como ela ficaria com a decoração. Ponderei um pouco, pensando que talvez ficasse melhor na prateleira.

— Ah, você está aí. Será que... — Ouvi sua voz atrás de mim morrer quando eu me virei.

Seus olhos estavam fixos na girafinha de crochê que eu tinha feito. Domenico deu alguns passos na minha direção e pegou o bichinho da minha mão, encarando-o sem nem mesmo piscar.

Assim que ele levantou o olhar para mim, percebi que seu rosto estava branco e por alguns segundos eu achei que ele fosse colapsar. Me aproximei, preocupada, encostando de leve no seu braço.

— O que foi?

— Por... Por que... — Sua voz falhava, a confusão sendo refletida em todas as suas expressões. — Fez isso?

— Como assim, Dom?

Ele tornou a olhar para o amigurumi nas suas mãos grandes, que tremiam um pouco enquanto tocavam nos detalhes da peça. Domenico tentou puxar uma respiração e comprimiu os lábios, balançando a cabeça em diversas negativas. Meu coração disparou, porque eu não conseguia entender o que estava acontecendo.

— Uma girafa. — Era como se aquelas duas palavras exigissem muito esforço. — Por quê?

Seus olhos estavam marejados, uma dor inexplicável sendo visível neles enquanto ele lutava para contê-la. Não sabia o que

responder, com medo de dar uma resposta que pudesse fazer aquele homem de quase dois metros desabar.

— É... É o primeiro bichinho que faço para nossa bebê e... Bem, eu escolhi uma girafinha porque é o meu animal preferido e achei que ela fosse gostar também.

E então Domenico simplesmente me abraçou. Um dos braços se manteve firme ao meu redor, tenso. Fechei os olhos ao perceber que ele estava chorando e encostei a mão no seu peito tentando acalmar a agitação.

Meu coração desmoronou.

Seu queixo estava apoiado na minha cabeça e ele acariciou minha barriga, apertando-me ainda mais contra seu corpo. Eu sentia o seu coração bater com força contra a minha palma e tudo o que eu queria era acabar com qualquer angústia que ele estava sentido.

— Dom... — Me afastei minimamente, segurando o seu rosto e limpando suas lágrimas. — O que aconteceu?

Ele não me respondeu, mas seus olhos voltaram para a girafinha em suas mãos. Era como se aquele homem estivesse imerso em outro universo, sendo engolido por uma espécie de buraco negro.

— Por favor, fala comigo — pedi, sentindo meus olhos molhados também.

— Quando... Quando ela tirou minha bebê de mim... — murmurou com a voz meio rouca, deslizando o polegar pelos pontos de crochê. — Eu havia comprado um par de sapatinhos... De girafas.

Domenico levantou os olhos para encontrar os meus. E eu vi o mesmo olhar devastado daquela noite em que eu o conheci.

— Eu não sei o que isso quer dizer — confessou, como se estivesse completamente perdido.

Pisquei, um pouco confusa. Eu não sabia tudo o que tinha acontecido.

Quem era *ela*? Por que uma mulher tinha tirado a bebezinha dele?

Ele pareceu perceber a minha agonia.

— Tive uma namorada aos dezenove anos — ele começou a dizer devagar, como se estivesse tomando coragem para revisitar

aquele fantasma do passado. — Ela era uns anos mais velha e eu não me importei porque estava apaixonado.

E então Domenico me contou absolutamente tudo.

Como sua ex tinha decidido engravidar propositalmente para chantageá-lo. Narrou em detalhes algumas das suas manipulações e meu peito apertou quando ele disse que a mulher até mesmo o levou em um exame.

Falou sobre as ameaças e toda a agonia diária que sentia sem saber o que poderia acontecer. Conforme eu descobria um pouco mais sobre Tália, entendia menos ainda como alguém podia ser tão fria e cruel.

Domenico me contou sobre os planos que fez e como machucou saber que nunca iria realizá-los porque ela havia tirado o bebê na semana do Natal. E eu chorei com ele, sentindo uma parte do meu coração quebrar junto.

A cada frase dita, era como se uma camada da sua pele fosse arrancada. Cada hesitação em sua voz parecia uma pausa para que ele aguentasse a dor da faca imaginária que o cutucava.

Aquele era ele e toda sua vulnerabilidade crua. Domenico Perazzo estava ali diante de mim expondo todas as suas feridas abertas, os seus medos e inseguranças.

Ele admitiu que quis morrer. E que eventualmente se perguntava por que os vidros que causaram suas cicatrizes não foram mais fundo, atingindo uma veia principal.

Eu o beijei e pedi que nunca mais repetisse aquilo. Apertei meu corpo com força contra o dele, desesperada para transferir um pouco da sua dor para mim. Porque não estava conseguindo suportar ouvir tudo aquilo e me sentir tão impotente. Vê-lo tão quebrado daquele jeito me destruiu.

E quando eu soube sobre a participação dos seus pais, entendi o significado da palavra “repulsa”. A raiva ecoava pelo meu peito de forma tão lacinante que cheguei a ficar com falta de ar. Por que as pessoas que nós amávamos, aquelas que deveriam nos proteger de todo o mal, estavam fazendo o oposto disso?

Ali eu tive a certeza do que já desconfiava: Domenico não era nada como sua família. E todo o ódio que um dia eu senti por ele

era infundado.

Queria colocá-lo dentro de um frasco e protegê-lo do mundo.
Queria machucar todas as pessoas que o fizeram sofrer.

Cada uma delas.

Naquele momento, eu consegui entender absolutamente tudo.
O porquê de Manuela praticamente ter implorado para que eu não usasse aquela informação contra ele.

Cada uma das suas reações desde o momento em que falei que estava grávida finalmente fizeram sentido. Ele achou que eu seria como ela, que usaria a gravidez para obter alguma vantagem e depois destruiria sua vida mais uma vez.

Deus!

— Dom... — perguntei baixinho, um pouco hesitante quando ele finalmente se acalmou. — Você tem certeza de que ela não teve o bebê?

— Sim. Eu me certifiquei. Fotos, exames, tudo.

Seus olhos vaguearam pelo quarto e ele deu uma risada vazia.

— O quanto doentio é que mesmo assim eu tenha passado mais de sete Natais indo até o país em que ela morava? Apenas pensando na possibilidade de ela estar com a minha filha?

— Não é doentio — afirmei, fazendo carinho no seu pescoço.

— Não diz isso. Você estava machucado, sustentando-se por uma única fagulha de esperança.

— Acho que o choque de realidade veio quando eu finalmente a vi na rua com um bebê. Foi foda ver a minha vida inteira, o que deveria ter sido, diante de mim.

— Dom... — eu o chamei, segurando seu rosto. — Jamais vou chegar perto de entender o que você passou. E sei que você vai se perguntar para sempre “o que poderia ter sido” porque a dor do “e se” é esmagadora. Todos os momentos que você esperava compartilhar, os planos que você fez... Tudo foi tirado de você e isso é doloroso.

Ele afirmou, sem dizer uma única palavra.

— Mas ninguém nunca vai poder tirar o amor que você sente e ele nunca vai ser substituído.

— É estranho que eu me sinta culpado? — perguntou com a voz fraca. — Porque no momento em que vi a girafa, eu me perguntei se o universo estava jogando na minha cara por estar feliz por ter esses momentos com a nossa filha quando não pude ter com a outra...

Meu coração se partiu em ainda mais pedaços. Era tão injusto que ele se sentisse assim. Limpei seu rosto mais uma vez quando outra lágrima escorreu.

— Dom... — falei, sem conseguir conter o choro e ele fez o mesmo comigo, passando o polegar pela minha bochecha. — Por favor, não se sinta culpado. Não sei o que essa coincidência significa, mas existem tantas coisas inexplicáveis nesse mundo. Você associou a dor da sua perda ao sapatinho de girafa que nunca pôde dar para sua primeira filha. Talvez seja só o universo querendo ressignificar essa imagem pra você. Ou às vezes é só ele mostrando que as duas metades do seu coração estão juntas, mesmo que em lugares diferentes. Em alguns momentos, a vida tem dessas coisas, mas a forma como escolhemos interpretar os sinais faz toda a diferença.

Ele fez carinho no meu rosto e seus lábios se curvaram minimamente.

— Gosto das suas interpretações.

Eu sorri.

— Que bom.

— E desculpa por ter jogado tudo isso em você, eu...

— Domenico — eu o interrompi. — Estou feliz que tenha feito isso. Eu... No início, cheguei até a achar que não queria o bebê pela forma como você reagiu, mas consigo te entender melhor agora.

— Sinto muito por ter sido um babaca naquele dia. Eu só...

— Tudo bem. Você não confia em mim e achou que eu pudesse ser como ela.

— Você não é como ela — afirmou, parecendo ofendido por eu ter dito aquilo. — Você ama a nossa filha. Você a quis mesmo me odiando e...

— Eu não te odeio, Domenico. E para ser sincera, acho que fiz um péssimo trabalho tentando te odiar.

— Ótimo, porque eu também estou bem longe de te odiar.



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Despejar todas aquelas informações me puxou de volta para um momento sombrio e eu sabia que precisava de um tempo até que tudo voltasse ao normal.

Quando chegou o dia de ir embora, ela ficou. E mesmo que eu não tivesse dito uma só palavra, tinha certeza de que Ana Carolina

sabia que eu estava grato.

Eu havia cutucado o vespeiro e precisei de um tempo até que as mordidas cicatrizessem, então eu me fechei um pouco para o mundo enquanto tentava levantar meus muros novamente.

Não achei que fosse obter conforto e carinho da última pessoa possível, mas eu tive.

Por alguns dias, eu me questionei sobre muitas coisas, principalmente os motivos pelos quais a companhia daquela mulher fazia minha vida mais feliz. Enquanto o mundo fora daquele apartamento parecia sem sentido, criamos um universo alternativo que era só nosso.

Nós vimos o nosso filme preferido e comemos pipoca.

Ela brincou sobre nossa diferença de idade, jogando na minha cara que eu era da época em que usavam mapas de papel.

Eu quase fui parar na emergência com um ataque cardíaco porque aquela garota infernal decidiu se pendurar na estante.

Nós transamos até que desmaiássemos de exaustão.

Ela dormiu na minha cama todas as noites.

Eu acordei com seu sorriso todas as manhãs.

Nós discutimos nomes para a bebê... E continuamos chamando-a assim porque não chegamos a lugar algum.

Ela me beijou até que eu nem mesmo fizesse questão de respirar.

Eu conversei com a minha filha enquanto ela fazia carinho nos meus cabelos.

Nós nos conectamos ainda mais, de uma forma que eu nunca pensei que pudesse acontecer.

Em meio àquilo tudo, ela e a bebezinha foram as únicas cores na minha cidade de cinzas. Elas se espalharam até que colorissem tudo novamente.

— Então ela está morando com você? — Dante perguntou, arqueando uma das sobrancelhas.

Meu irmão tinha passado na empresa para pegar um documento e aproveitou para aporrinhar o meu juízo insinuando várias merdas.

— Ela não está morando comigo — afirmei. — Está ficando lá. Só por uns dias.

— Claro, só por uns dias — respondeu, cheio de sarcasmo.

— Dante, eu tenho mais o que fazer. Não tenho essa sua vidinha de CLT.

— Você realmente acha que sua vida de CEO é mais difícil?

— Dante! Vaza daqui!

— Sua sobrinha perguntou de você essa manhã — avisou, fazendo com que qualquer irritação sumisse. — Falou que você tinha que ir lá em casa tomar “caputinho”.

Dei uma risada junto com ele.

— E essa semana perguntou se a água estava menstruada antes de beber — contou, gargalhando.

— Oi?

— Era misturada.

— Porra, ela é muito fofinha!

— Eu sei... E está falando pra caralho, Dom!

— Estou com saudades dela.

— Hoje é quarta e você a viu domingo.

— E daí?

— Domingo que vem você a vê novamente. — Ele rolou os olhos.

— Queria te perguntar isso... A Carolina está meio isolada e fiquei me questionando se não seria uma boa ideia levá-la comigo...

Dante ergueu as sobrancelhas e um sorrisinho debochado cresceu em seus lábios. Eu odiava quando aquele idiota vinha com aquela expressão julgadora e cheia de insinuação porque sabia que ele falaria alguma merda que acabaria com a minha paciência.

— Está me perguntando se pode levar sua namorada no aniversário da minha filha?

— Ela não é minha namorada.

— Você não continua trepando com ela?

— Sim, só que...

— Ela não está morando com você? — ele me interrompeu, fazendo com que minha irritação crescesse.

— Sim, mas...

— Você não engravidou a garota?

— Sim...

— Sinto te informar, mas você meio que está namorando sim.

— Meu irmão estalou a boca, como se estivesse se lamentando, e depois deu uma risadinha. — Percebeu que respondeu “sim” quando eu perguntei se ela estava morando com você?

— Vai tomar no cu, Dante!

— Já vi esse filme antes...

— Minha história com ela não tem nada a ver com a sua e a da echata.

— Só a parte de que engravidamos elas na primeira sentada, foram morar com a gente e depois começamos a namorar. Realmente, quase nada parecido...

— Não. Estamos. Namorando.

— Em todo caso, seria legal que ela fosse. A Manu estava pensando em formas de aproximar ela e a Julia...

— Ela e a Julia não estão se falando?

— Não.

— Por quê?

— Eu preferi não saber. Tenho um recém-nascido que caga mais do que um pato, Domenico. Não tenho tempo para esses dramas.

Dei uma risada sem acreditar.

Era de foder! Meu irmão, a própria rainha do drama.

— Disse o homem que chorou ao se desfazer do seu jatinho.

— Ele era uma parte de mim!

— Bem, se você não vai sair da minha sala, saio eu — avisei, caminhando em direção à porta, e ele me seguiu, resmungando.

Eu o deixei no elevador enquanto caminhava até a sala dela, mas parei quando a vi perto do bebedouro conversando animadamente com o Ícaro. O babaca do meu amigo estava flirtando com ela e eu sabia porque cansei de vê-lo dando em cima de mulheres.

Fiquei alguns segundos observando aquela interação, brigando comigo mesmo para controlar meu aborrecimento.

Era tão ridículo!

Os dois estavam no meio da empresa, porra!

Inclinei o pescoço de um lado para o outro e apertei o punho, em uma busca imaginária pela minha bolinha antiestresse.

Ele deu um sorriso estúpido, fazendo com que suas bochechas corassem e Carolina encarou o copo de café, parecendo tímida. Que merda o imbecil estava falando para ela?

Desisti de continuar ali presenciando aquela cena patética e caminhei a passos apertados, parando na frente dos dois.

— Se eu soubesse que estava com tanto tempo livre, não teria aceitado adiar o prazo do relatório de hoje — falei, sério, e Ícaro deu uma risada.

Ana Carolina me fitou com raiva e eu percebi que já fazia algum tempo que não recebia aquele tipo de olhar dela. Ela não disse nada, apenas continuou me encarando, apertando tão forte o copo de café que seus dedos começaram a perder a cor.

— Chefinho está bravo — ele zombou e eu o olhei irritado.

— Ícaro, eu não te pago para ficar de conversinha pelos corredores. Você não tinha uma reunião com o RH?

Meu amigo fechou as expressões. Sabia que ele odiava que eu chamassem sua atenção na frente das outras pessoas, mas sinceramente? Estava pouco me fodendo.

— Já estou a caminho, Domenico — retrucou, seco, e depois se virou para ela. — Carol, a gente se fala depois.

— Sim. Muito obrigada pelo café, Ícaro.

Percebi que ela estava com uma embalagem de acrílico na outra mão e assim que Ícaro nos deixou sozinho soltei um ruído incrédulo e cruzei os braços à espera de uma explicação.

Sério, porra? Ele estava dando presentes para ela?

Sem nem me informar, Carolina se virou e saiu pisando forte em direção à sua sala. Ela não se deu ao trabalho nem de olhar para mim!

— Ei! Estou falando com você! — falei entredentes, olhando para os lados para me certificar de que nenhum fofoqueiro estava vendo aquela cena ridícula.

Eu a segui mesmo sem respostas e quase levei a porta na cara quando a insuportável entrou pela sala. Ela se sentou na mesa e

começou a mexer nos papéis, fingindo ignorar que eu estava plantado no meio do cômodo.

— Carolina!

— Não quero falar com você.

— Não quer... — soltei uma respiração, sem acreditar naquela palhaçada, e coloquei as mãos na cintura. — Como assim não quer falar comigo?

— Você é tão ridículo! — Ela se levantou furiosa, aproximando-se de mim e praticamente rosnou, cutucando meu peito com o indicador.

— Eu? Eu sou ridículo? — Peguei o potinho de acrílico de cima da mesa e afinei a voz. — “Muito obrigada pelo café, Ícaro.”

Ela piscou e franziu o cenho.

— Por que esse idiota está te dando presentes, porra?

— Porque ele sabe que eu gosto de café, seu idiota!

— Eu gosto de uísque e ele nunca me deu um. Por que será, Carolina?

— Talvez porque você seja um péssimo amigo que fica dando esporro nele no meio...

— Porque ele quer te comer, porra! — exclamei, irritado, abrindo as mãos ao lado do corpo. — Eu te falei pra ficar longe dele!

— Você se ouve? Não vou deixar de falar com alguém só porque você quer — afirmou, chegando o rosto perto do meu. Seus olhos queimavam de raiva, o peito subindo e descendo pela respiração desenfreada. — Se tem um problema, lide com isso.

Envolvi minha mão pelo seu pescoço e meu olhar desceu pela sua boca. Deus, ela me irritava tanto e tudo o que eu queria fazer era tomar aquela língua atrevida para mim.

— Quer testar a rapidez com que eu posso voltar a te odiar? — perguntei, deslizando o polegar pela linha da sua garganta, sentindo o corpo se derreter com o meu toque.

— Vai me odiar porque ganhei a merda de um presente? Já ouviu falar de terapia?

Fechei os olhos, respirando fundo. Que mulher teimosa do caralho!

— Carolina...

— Carolina não! Você chamou minha atenção na frente dos outros sem motivo algum, agindo como se eu fosse uma relaxada e estivesse à toa ao invés de fazer o meu trabalho.

Pisquei, meio sem reação. Eu não era o foco e sim ela flertando com aquele idiota que eu chamava de amigo! Como aquela discussão tinha se voltado para mim, porra?

— Tem ideia do que as pessoas falam de mim por aqui? Eu trabalho feito uma filha da puta, cumpro todos os seus prazos e você ainda dá a entender que sou desleixada com meu trabalho?

Ela continuava me encarando cheia de raiva. Abri e fechei a boca rapidamente pensando no que dizer, mas ela continuou:

— Foi babaca e eu estou puta pra caralho.

— Desculpa, eu não deveria ter feito isso — murmurei, erguendo o seu queixo para que ela me olhasse nos olhos.

Ana Carolina bufou e tentou sair dos meus braços, mas eu a mantive ali.

— É sério, não foi minha intenção.

— Se fizer isso mais uma vez, pego minhas coisas e vou embora, entendeu?

— Não vai acontecer de novo — garanti, deslizando o polegar pelo seu maxilar. — Eu só fiquei puto porque te avisei sobre o Ícaro. Ele não vale nada e vive dando em cima das mulheres.

— Sim, e daí? — Ela me olhou com desdém e em menos de um segundo, eu fiquei irritado de novo.

— E daí que não quero você de conversinha com ele, porra!

— Já disse que não vou deixar de falar com alguém só porque você quer.

— Quer dar pra ele? — fiz a pergunta a contragosto, sentindo o gosto amargo na minha boca na hora em que as palavras saíram.

— Eu poderia, se quisesse.

— Eu não divido o que é meu — avisei, sério, e ela ergueu uma das sobrancelhas.

— Não sou sua — respondeu de um jeito insolente.

— Você está carregando minha filha, trepando comigo e morando na minha casa! Sim, você é minha! — falei em um tom

autoritário e todos os pelos de sua pele se eriçaram sob o meu toque.

Mais uma vez senti seu corpo amolecer e ela mordeu o lábio inferior, olhando para os meus por alguns segundos.

— Não estou morando com você... — ela sussurrou, praticamente com a boca colada na minha.

Entranhei os dedos por baixo do seu cabelo, puxando-o de leve.

— Sim, você está. E é sua última chance de contestar qualquer coisa do que eu disse. — Deslizei a mão livre por sua bunda e puxei seus lábios com os dentes.

Ela tentou me beijar, mas eu a afastei.

— E então?

— Você parece ter bons argumentos — afirmou, já de olhos fechados.

— Então diz com todas as letras o que eu quero ouvir — mandei, e suas pálpebras se abriram no mesmo instante.

— Sou completamente sua, Dom.

Foi como se um bloco de concreto tivesse deixado o meu peito. As palavras vieram para acalmar o furacão interno que foi criado pela simples possibilidade de dividi-la com outro homem. Eu sabia que aquilo me destruiria, porque a verdade é que eu era inteiramente dela também.

Capítulo 47



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Eu não sabia onde enfiar a minha cara. Era muito estranho estar ali com ele, principalmente porque era um evento familiar. Até cogitei não ir, mas quando lembrei que o Lucca estaria lá, decidi que valia a pena porque já fazia umas semanas que não via o meu sobrinho.

Assim que cheguei, fui recebida pela mãe da Manu, que me tratou superbem e disse que eu deveria fazer uma visita qualquer hora, pois estava com saudades. Domenico me apresentou seu afilhado e eu morri de amores, porque o Pietro era lindo demais.

O Dante e a Manuela também fizeram com que eu me sentisse acolhida e eu não esperava isso do homem que estava processando meu irmão por toda a cagada que ele tinha feito (sim, eu acabei descobrindo todas as merdas que Adriano fez).

Ainda assim, ficava imaginando o que se passava pela cabeça de alguns dos poucos amigos deles que estavam presentes. Como Pietro era muito pequeno, eles decidiram não fazer uma megafesta para a Gigi e Dante deixou claro que no ano seguinte iria correr atrás do prejuízo.

Julia chegou algum tempo depois e me cumprimentou rapidamente antes de dizer que precisava ajudar sua amiga. Então, eu e Domenico ficamos no jardim brincando com a Gigi e o Lucca. Foi a primeira vez que interagi com os dois e Giovanna não pareceu acreditar quando eu disse que era a titia do seu melhor amigo.

A relação daquelas duas crianças era tão linda que fiquei com vontade de chorar. Eles andavam de mãozinhas dadas e o meu sobrinho ficava atrás dela para cima e para baixo.

— Quando é seu aniversário? — perguntei, pensativa, assim que as crianças correram para brincar do outro lado do jardim e nós nos sentamos em um banco de frente para uma mesa.

— Já foi, vinte e três de junho. — Domenico riu, meio confuso, e eu entreabri a boca, em choque.

— Você não me disse nada.

— Eu tinha que te dizer? — Ele arqueou uma das sobrancelhas.

— Sim, para eu te dar um presente... Você foi tão gentil no meu com aquele bolo ofensivo — zombei. — Queria conseguir agradecer da mesma forma.

Ele abriu e fechou a boca, dando um sorriso safado.

— Eu vou guardar meu comentário sobre o que você poderia me dar porque tem muitas crianças por perto — falou baixinho, passando a mão pela minha coxa e eu senti todo meu corpo esquentar.

— Vamos mudar de assunto? Pelo amor de Deus! — pedi, empurrando sua mão e ele gargalhou.

Na mesma hora, uma criança passou correndo, gritando: “Bia, Bia, vem cá”.

— O que acha de Beatriz?

— Tive uma professora que não suportava com esse nome.

— Mel?

— Já disse que não vou colocar um apelido na minha filha, Carolina. Pelo amor de Deus!

— Não é mais apelido, várias pessoas se chamam só Mel — afirmei e ele bufou. — E Carla?

— Odiava uma Carla — respondeu, com o olhar aéreo, dando um gole na sua *Coca-Cola*.

— É muito difícil quando você é um rabugento que odeia todo o mundo.

Ele riu e me puxou para perto. Passou o braço ao redor do meu pescoço e arrastou os lábios nos meus.

— Eu não odeio mais você — falou com um tom zombeteiro. — Mesmo que você use a porra do *TikTok* como ferramenta de pesquisa.

Dei uma risada, jogando a cabeça para trás. No dia anterior, ele tinha ficado horrorizado porque estávamos na cama e quando ele perguntou alguma coisa sobre parto, eu fui buscar por algum vídeo no aplicativo.

— Desculpa, eu esqueci que deveria ter olhado nas suas encyclopédias — comentei com desdém e estalei a boca. — Ou talvez em pergaminhos... Qual desses mesmo a sua geração usava?

— Cala a boca. — Ele riu, revirando os olhos, e me beijou.

Quando Domenico perguntou se eu queria acompanhá-lo na festa, achei que as coisas seriam diferentes. Eu realmente não previ que ele entrelaçasse os dedos nos meus e agisse como se fôssemos um casal.

Porque não éramos.

Éramos?

Na verdade, eu não reparei de imediato que estávamos agindo como se ainda estivéssemos em casa. Foi só quando abri os olhos e

percebi minha irmã nos encarando, meio perplexa, que me dei conta.

Limpei minha boca e me afastei um pouco.

— O que foi?

— Nada, Julia está olhando pra cá como se tivesse visto um dinossauro — contei, sentindo meu rosto esquentar.

— Achei que sua relação com sua irmã fosse melhor.

— Não estamos nos melhores dias.

— Quer conversar? — perguntou, olhando no fundo dos meus olhos e colocando o cabelo atrás da minha orelha.

— Não aqui, Dom.

Eu deveria ter estipulado algumas coisas com ele antes, definido como iríamos agir na frente das pessoas. No escritório era diferente porque Domenico era supersério e profissional. O máximo que fazia era encostar nas minhas costas para me direcionar para algum lugar, sempre de forma respeitosa.

Tudo bem que no seu escritório ele me comia de uma forma nada respeitosa, graças a Deus...

— Você não está confortável — comentou, deslizando o polegar para acariciar minha barriga. — Quer ir embora?

— Não. Está tudo bem. Acho que vou ao banheiro — avisei.

Levantei e conforme caminhava pelo jardim, percebi que todos pareciam ocupados com seus círculos de conversa e uma onda de alívio me atingiu. Repeti para mim mesma que estava sendo paranoica, que ninguém estava comentando sobre nós dois.

Porém, assim que cheguei na cozinha, minha irmã estava lá.

— Oi! — falei, tentando conter a animação na minha voz.

— Oi... Ahn... — Ela parecia apreensiva. — Precisa de alguma coisa?

Da minha irmã...

— Não, está tudo bem — murmurei, tentando engolir o caroço que se instalou na minha garganta. — Só vou ao banheiro.

— Carol? — sua voz me chamou assim que passei por ela. Julia estava atrás da bancada mexendo em um pano de prato. — Vocês estão juntos?

— Parece que sim — confessei, sem ter certeza do que aquilo significava.

— Eu fui visitar sua mãe essa semana — começou a dizer, parecendo estar escolhendo bem as palavras, eventualmente desviando o olhar para o tecido em suas mãos. — Nós... Ahn... Conversamos bastante e eu estava pensando... Em como falar com você. Eu...

Ela levantou os olhos para mim.

— Você realmente gosta dele?

Assenti, cutucando as unhas. Meus olhos arderam e eu dei alguns passos na sua direção, aproximando-me da bancada.

— Eu não engravidei de propósito, Ju — afirmei com a voz faltada. — Jamais envolveria um bebê inocente. Sempre fiz tudo pelo papai, mas eu nunca seria capaz de fazer algo assim.

— Quando eu te liguei e disse aquelas coisas... — Ela fez uma pausa. — Você só ficou quieta e eu assumi...

— Estou cansada, Julia. Cansada de todos acharem que podem decidir por mim ou assumirem o pior. Estou exausta de tentar me provar para receber a aceitação de um de vocês.

— Eu não estava tentando... — Julia se interrompeu e segurou minha mão. — Eu só não queria que minha irmã seguisse o caminho errado. E talvez, eu tenha concluído que você tinha se contaminado o suficiente por passar tanto tempo perto do papai.

Ela soltou o ar, cansada.

— Todo esse desejo de vingança que ele tem... Eu não quero esse tipo de energia na minha vida. Infelizmente eu não estava perto o suficiente para saber o quanto meu pai se entranhou na sua cabeça e talvez por isso eu tenha assumido o pior... Porque achei que não te conhecia mais.

— Sou a mesma garota, Julia. A mesma, apenas com ambições diferentes.

— E elas mudaram? Suas ambições? — perguntou, meio receosa.

Eu estaria mentindo se dissesse que não havia cogitado jogar todos os meus planos no lixo antes. Logo nas primeiras semanas em que eu o conheci, cheguei a me questionar se ele realmente era

como sua família, mas empurrei aquilo tudo para debaixo do tapete e culpei aquela atração ridícula que tínhamos um pelo outro.

Nossas brigas sempre reforçavam que, sim, eu estava no caminho certo, mesmo que uma parte de mim gritasse o contrário. Porém, no momento em que eu engravidou, vi uma versão de Domenico que estava escondida.

Lutei bastante contra o impulso de mudar minhas percepções tão bem definidas sobre ele, mas parecia impossível. E quando Dom me deu abertura, quando deixou que eu visse todas as suas feridas, desisti de tentar me enganar.

Eu já sabia que estava apaixonada por ele.

E talvez eu tenha me apaixonado no primeiro sorriso genuíno que aquele babaca deu para mim.

Só que no instante em que desisti dos meus planos por ele, eu entendi que o amava de verdade.

— Sim, elas mudaram. E acho que eu mudei também.

— Eu não deveria ter me afastado...

— Eu entendo os seus motivos, eu só... Eu tenho o Domenico e a bebê, mas em alguns momentos me sinto tão sozinha — confessei, não conseguindo mais segurar as emoções.

Julia me olhou triste e com os olhos cheios de água antes de me puxar para um abraço. E então eu desabei.

Conforme nós duas chorávamos juntas, ela murmurava diversas desculpas abafadas pelos meus cabelos. Era nítido pela dor em sua voz o quanto minha irmã estava se sentindo culpada.

— Ainda não acredito que minha irmãzinha vai ter uma menininha. Carol, me desculpa. Eu sinto muito por ter perdido os primeiros meses da sua gravidez — pediu, limpando uma das lágrimas que escapou dos meus olhos. — Sinto muito por ter sido tão babaca.

— Não me importo.

— Mas eu me importo. Fui uma péssima irmã mais velha.

— Tudo bem, eu quebrei todas as suas maquiagens quando era criança — brinquei e ela sorriu, me envolvendo em outro abraço.

— É, tinha esquecido disso.

— Cadê meu marido? Preciso de um remédio para dor de cabeça — Antonio entrou gritando pela cozinha, procurando o Dante.

— Irmão errado — falei, rindo. — Pede pro Dom que ele enfiou uma farmácia na minha bolsa.

Julia me olhou curiosa, um sorrisinho cheio de insinuação crescendo no seu rosto.

— O quanto está apaixonada pelo pai da sua filha?

Domenico entrou pela porta e sorriu para mim, fazendo com que eu me esquecesse completamente de como realizar um ato tão banal como respirar. Meu coração acelerou, o calor irradiando por todo o meu corpo até que tomasse conta de tudo. Eu sorri de volta involuntariamente e suspirei.

— Mais do que deveria — respondi, sem desviar o olhar do dele.

Capítulo 48



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Meu coração palpitava tão devagar que achei que iria desmaiar.
Sentia-me destruída.

Estávamos voltando para casa quando recebi uma ligação do meu irmão avisando que o médico ligou sugerindo que a família se despedisse da minha mãe.

Eu fui a primeira a chegar.

Por mais que eu tivesse ido inúmeras vezes ao hospital, foi bem difícil entrar naquele quarto sabendo o que eu precisava fazer.

Abri a porta e meu coração se apertou em uma dor dilacerante. Ela parecia tão mais fraca do que o habitual, como se realmente a vida estivesse se esvaindo do seu corpo, a exaustão sendo visível em cada respiração.

Um pequeno sorriso surgiu em seu rosto e eu percebi o quanto de esforço minha mãe estava fazendo para tentar me passar algum tipo de tranquilidade. Mesmo ali, diante daquela situação, sua preocupação era com o meu bem-estar.

Sabia que ela não estava com medo, ela me dissera isso inúmeras vezes.

Segurei sua mão com delicadeza, fazendo movimentos suaves com o polegar. Seus olhos transbordavam amor e eu não conseguia entender por qual motivo aquilo estava acontecendo.

Eu fui incapaz de segurar as lágrimas. Minha mãe pediu que eu não chorasse e disse que eu precisava ser forte pela minha bebê. Ela se lamentou por não aguentar mais e esperar pela sua chegada, aquela frase esmagou o meu coração ainda mais.

Queria gritar, implorar para que ela não desistisse, mesmo tendo plena consciência do quanto estava sofrendo. Eu não podia fazer isso novamente, já tinha sido egoísta o suficiente por tantas semanas e, Deus, eu me odiava por isso.

Sua voz era quase inaudível e ficava ainda mais difícil de ouvi-la entre os meus soluços. Ainda assim, a pessoa que eu mais amava no mundo pediu que eu não deixasse o meu sentimento de vingança sobrepor a minha bondade e meu amor. Eu garanti que isso não iria acontecer, que aquilo não era algo para que ela se preocupasse. Afirmei que entendia tudo o que ela vinha dizendo para mim nos últimos tempos, que certas coisas eram pequenas demais.

A resposta veio com um sorriso, enquanto ela encostava os dedos nas minhas bochechas molhadas.

"Eu te amo e sempre vou estar com você, Cá."

Aquelas foram as suas últimas palavras para mim.

Meu irmão entrou no quarto esbaforido algum tempo depois e eu saí do cômodo para que eles tivessem um momento a sós.

Aparentemente, meu pai estava descendo a serra e ainda demoraria um pouco, mas Julia chegou logo em seguida.

Voltei para a sala de espera e Dom estava ali, com um olhar preocupado, esperando por mim. Assim que encostei a cabeça no seu peito, desabei ainda mais.

Eu tentei focar no movimento dos seus dedos penteando meu cabelo e nas batidas do seu coração contra os meus ouvidos. De alguma forma, sentia-me totalmente segura com ele.

— Você só pode estar de sacanagem que trouxe esse arrombado até aqui. — A voz do meu irmão fez meu sangue gelar.

Todos os músculos de Domenico retesaram e o aperto no meu corpo aumentou. Saí dos seus braços e minha visão ainda estava turva, mas reparei que algumas pessoas nos encaravam.

— Já estou indo embora — avisei baixinho e tentei começar a andar com ele, mas Domenico se manteve enraizado no chão.

— Vamos embora quando ela quiser ir embora — ele praticamente rosnou entre dentes, apertando-me ainda mais de um jeito protetor.

— Você não ouviu? Vaza daqui! — Adriano explodiu e o desespero começou a tomar conta do meu corpo.

— Dom, por favor...

— Não, é a sua mãe.

— E eu já falei com ela — lembrei, olhando nos seus olhos. — Vamos embora, por favor.

Domenico olhou para o meu irmão cheio de ódio. O meu coração martelava contra as costelas tão forte a ponto de senti-lo nos meus tímpanos. Eu puxei Dom pelo braço, implorando para que fôssemos embora, e depois de alguns segundos, ele cedeu a contragosto.

Estávamos caminhando pela entrada do Hospital Albertelli, perto da fonte, quando ouvi mais uma vez a voz do meu irmão atrás de mim. Domenico parou de andar e automaticamente eu também, porque ele estava com os braços ao redor do meu corpo.

— Você não tem vergonha nessa cara, não, Ana Carolina? — ele berrou, caminhando a passos apertados.

Domenico se posicionou na minha frente, como se fosse uma espécie de barragem. Adriano chegou mais perto, transtornado, e tentou passar por ele, sem sucesso algum.

— Me solta! — resmungou, puxando seu braço. — Sai da frente, caralho, não estou falando com você!

— Deixa ela em paz — ele avisou, as palavras soando tão ameaçadoras que um arrepiô correu pela minha coluna.

— É muita cara de pau você aparecer aqui com alguém dessa família de merda logo hoje! Tem sorte que nosso pai não chegou para não ser obrigado a ter um desgosto desses — gritou na minha direção, tentando afastar o Domenico para tentar ver meu rosto.

— Abaixa a porra do seu tom de voz pra falar com ela! — Ele o empurrou de volta.

— Estávamos no caminho, Adriano! Eu não planejei nada.

— Eu vou socar o babaca do seu irmão. — Ele virou o rosto para trás para me avisar e tudo o que eu fiz foi balançar a cabeça, pedindo silenciosamente que não fizesse isso.

— Sua burra, sério mesmo que vai continuar brincando de casinha com esse filho da puta? Por quanto tempo? Ele só quer a porra de uma boceta pra se divertir e a sua foi fácil demais de conseguir.

Eu vi o maxilar de Domenico endurecer ainda mais e seu punho cerrou na mesma hora. Segurei seu braço quando ele deu um passo à frente, tentando impedir que fizesse alguma coisa.

— Acha que ele se importa com você? — perguntou, dando uma risada cruel. — Deixa de ser idiota, Ana Carolina! Sabe o que eu acho? Que talvez você precise levar outro tapa do papai pra ver se seu cérebro volta pro lugar.

— É o quê? — Dom explodiu, deixando-me para trás e pegando-o pela gola da camisa. — O seu pai bateu na *minha* mulher?

Cobri a boca com as mãos, sem acreditar na cena diante dos meus olhos. Meu Deus, ele iria machucar o Adriano de verdade. Tudo indicava que faria isso. E meu irmão não teria chance alguma em uma briga, porque Domenico era muito mais forte e alto.

— Pro seu bem acho melhor você me dizer que estava brincando e que não deixou aquele filho da puta encostar a mão na sua irmã que está grávida — falou entredentes, torcendo ainda mais o tecido da camisa.

— Ela te defendeu, o que esperava que fosse acontecer? Pensando bem, meio que é sua culpa, então não se mete na porra da nossa vida! — Adriano cuspiu as palavras, o ódio vibrando em cada sílaba.

— Resposta errada, seu pau no cu do caralho!

E então ele simplesmente deu um soco no meio da cara do Adriano. Meu irmão tropeçou, caindo no chão, mas se levantou na mesma hora e correu na sua direção.

Dei um grito, sentindo meu coração sair pela boca, vendo os dois brigando e berrando uma infinidade de xingamentos. Segurei minha barriga em um movimento involuntário de proteção mesmo que não houvesse probabilidade alguma de ser atingida.

Graças a Deus não demorou muito até que os seguranças do hospital viessem correndo para apartar a briga.

— Vou te encher de porrada, seu merda! — Adriano berrou para ele sem nem perceber o quanto estava soando idiota, todo arrebentado e sendo erguido no ar por um dos seguranças. — Me solta, porra!

Um homem de mais de dois metros de altura que estava segurando o Domenico estreitou os olhos e o soltou. Na mesma hora, ele veio checar se eu estava bem e eu assenti, segurando seu rosto para ver o corte que tinha ganhado no supercílio.

— Meu Deus!

— Não está doendo. Você está bem? — perguntou, preocupado, e eu assenti.

— *Brother*, você aqui de novo? — o segurança gritou, chamando nossa atenção, e caminhou até onde meu irmão estava, colocando as duas mãos na cintura.

— Cala a boca!

— Cleiton, é a segunda vez que esse *playboy* entra numa briga aqui — contou para o amigo, cruzando os braços e soltando uma risada.

— A próxima vai pedir música no *Fantástico*, meu consagrado?
— o outro zombou, rindo.

— É de foder! Você não tem mais o que fazer, não, cara?

— Foi ele que me atacou! — Adriano gritou em um tom acusatório, apontando para ele.

— Desculpa aí, *seu* Domenico. Esse aqui já é reincidente — um deles falou, fazendo com que a boca do meu irmão se abrisse, incrédulo.

Dom fez um meneio com a cabeça, agradeceu, e na mesma hora os seguranças simplesmente o arrastaram para longe.

Por que eu não estava surpresa que aqueles homens o conheciam?

— Você não vai atrás dele — avisou, sério, segurando o meu braço quando eu fiz menção de segui-los.

— Mas...

— Não confio no seu irmão. — Seu olhar se manteve fixo em mim e ele puxou uma respiração profunda. — Por que não me contou que seu pai te bateu, Carolina?

Eu o encarei, as palavras morrendo na minha garganta.

— Pelo mesmo motivo que você não me contou sobre a reação dos seus pais.

— São situações muito diferentes.

— São realmente, Dom?

Ele passou as mãos pelo rosto e depois me encarou por alguns segundos em silêncio. Domenico sabia bem do que eu estava falando. Nós tínhamos problemas de confiança e aquilo era uma via dupla.

E sim, óbvio que a culpa era minha. Fui eu quem o enganei e menti.

— Vamos pra casa? — perguntou, segurando o meu rosto, e eu balancei a cabeça positivamente.

Tudo o que eu queria era sair daquele lugar.

Nós voltamos para o apartamento, tomei um banho de banheira e depois, enquanto eu comia o queijo quente que Domenico tinha feito para mim, contei todas as coisas que meu pai e meu irmão disseram. Bem, exceto a parte que ele berrou que eu não

iria continuar com a gravidez. Não queria fazer o Dom reviver o próprio passado.

— Por que me defendeu?

— Eu só... Não gostei da forma como eles falaram de você.

— Você não tem que fazer isso. Eu sei cuidar de mim mesmo e não me importo com o que a porra da sua família pensa de mim.

— Eu me importo.

Dom sorriu e me beijou carinhosamente. Em seguida, avisou que faria pipoca para que assistíssemos um filme. Porém, alguns minutos depois, recebi uma ligação da Julia dizendo que o hospital ligou com más notícias.

Ela tinha ido embora. E eu senti meu coração inteiro se partir em milhares de pedaços.

Minha filha não conheceria sua avó.

Minha mãe não teria a chance de ver minha bebê.

O quão injusto era aquilo?

Estava com raiva. Não era certo que ela tivesse lutado por tantos anos em vão. Por que minha mãe precisou sofrer por todo aquele tempo? Que merda significava aquilo?

A dor tomou conta de cada partícula do meu corpo e eu não sabia como fazer com que ela diminuisse. Eu chorei por toda a noite, revoltada com Deus, o universo ou quem quer que fosse o responsável por tirá-la de mim.

E por mais que eu tentasse entender, eu nunca saberia.

Capítulo 49



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

As semanas que se seguiram depois da morte da Carmen foram difíceis. Na manhã seguinte, aconteceu o velório e depois Carolina me contou que o Franciley disse coisas horríveis por saber que eu estive no hospital, deixando claro que não queria vê-la de jeito nenhum.

Setembro inteiro passou arrastado porque a Carolina não tinha muita vontade de fazer nada.

Em um dos dias, ela me contou que sempre foi apaixonada pelo Natal, mas que descobriu o câncer da sua mãe na mesma semana da data festiva e desde então ela não tinha mais o mesmo significado e que agora seria ainda pior sem sua mãe.

Eu a lembrei que aquele feriado também era doloroso para mim, e no dia seguinte deixei um bilhetinho na sua cabeceira com uma música do *Blink-182* antes de ir para o escritório:

"We can live like Jack and Sally, if we want

Podemos viver como Jack e Sally, se quisermos

Where you can always find me

Onde você sempre pode me encontrar

And we'll have Halloween on Christmas

E teremos o Dia das Bruxas no Natal

And, in the night, we'll wish this never ends"

E, à noite, vamos desejar que isso nunca acabe

Ela pareceu gostar e em alguns dias eu deixava alguns *post-its* na sua xícara de café com frases de *Nightmare Before Christmas* apenas para poder ver o seu sorriso ao lê-los.

Seus pés começaram a ficar inchados, então, todos os dias depois do trabalho, eu preparava um escalda-pés com sal grosso e ervas que a Manuela me ensinou.

Cheguei a alugar o antigo jatinho do meu irmão para fazer um bate e volta em Miami, só para comprar os *donuts* da *Krispy Kreme* porque ela estava com desejo.

Eu tentei fazer tudo o que estava ao meu alcance para melhorar os seus dias de alguma forma porque vê-la daquele jeito estava acabando comigo aos poucos. Porém, a única coisa que realmente a deixou feliz foi ver nossa bebezinha no exame em 5D.

Sugeri que fizéssemos a reforma do quarto da bebê no seu apartamento, para caso ela enjoasse de ver a minha cara. Fizemos compras, eu a matriculei em algumas aulas, fomos em consultas e

aos poucos eu fui criando uma infinidade de atividades que pudessem ocupar sua mente.

As coisas começaram a melhorar em meados de outubro. Ela estava animada com o Dia das Bruxas e eu entendia aquele sentimento porque também adorava aquela época.

— Eu já te falei que você tem cheiro de *Halloween*? — murmurei, afundando o rosto no seu pescoço assim que ela se sentou no meu colo.

Era incrível como aquela mulher tinha o poder de eliminar todo o meu estresse. O seu calor, cheiro ou a forma como seu coração batia contra o meu me trazia uma sensação inexplicável de pertencimento, de plenitude.

— Sim, algumas vezes. — Ela riu e se contorceu um pouco, sentindo cosquinha.

— E já te falei que eu amo isso? — perguntei, beijando o seu pescoço e fazendo carinho na sua barriga.

Deus, eu amo você!

Ela suspirou, permitindo que o som dançasse na sua garganta junto com um ruído de concordância.

Eu tentei me concentrar nesse gesto ao invés dos pensamentos intrusivos que viviam me rodeando agora. Porém, aquilo era um jogo perdido.

E não, não fazia sentido ficar mentindo para mim mesmo, mas também não era inteligente estimular algo incerto. Sim, estava completamente louco por aquela mulher e ainda que desejasse mais do que qualquer coisa que ela se sentisse da mesma forma, não sabia se era recíproco.

— Dooooom, eu preciso trabalhar... — choramingou, estendendo as vogais do meu nome.

— Não, a empresa é minha e você precisa ficar aqui.

— Por quê?

— Porque estou estressado.

— Tá, mas isso é seu humor diário — brincou, sorrindo, e eu coloquei uma mecha de cabelo atrás da sua orelha, hipnotizado pelo rosto lindo que ela tinha. — E você tem sua bolinha antiestresse...

— Você é mais eficiente que ela. E precisa ficar para impedir que eu demita metade da equipe do financeiro.

— São dez da manhã. Você não vai demitir ninguém — afirmou, dando um beijo na minha boca antes de sair do meu colo.

— Tenho uma reunião.

— Já tomou suas vitaminas? — perguntei, porque eu sempre precisava lembrá-la, mas ela nem precisou responder porque sua expressão a entregou.

— Vou tomar agora, eu juro!

Assim que Carolina deu as costas para ir embora, dei um tapinha na sua bunda e sua cabeça se virou, revelando um sorrisinho safado em seu rosto. Ela mandou um beijo e saiu.

Ótimo, eu tinha coisa pra caralho para fazer.

Comecei com os *e-mails* mais urgentes e depois decidi encarar a pilha à minha frente. Os minutos foram passando lentamente e num passe de mágica, eu já estava de saco cheio de assinar tanto documento.

O telefone tocou e Pamela avisou que era uma ligação da sala de reuniões. Apertei o botão do viva-voz e continuei concentrado nos papéis.

— *Domenico, estamos finalizando a reunião, mas o Ícaro está teimando comigo que a percepção de greenwashing*^[26] *aumentou em 3,5% em nossos últimos relatórios de feedback dos clientes.*

— Não, o aumento foi de 1,8% — respondi.

— *Exatamente o que eu disse* — ela retrucou com um tom prepotente e eu dei uma risada.

Levantei, atravessando a sala em direção à mesinha em que Pam tinha deixado uma das pastas.

— *Certo, valeu, cara.* — Sua voz ecoou pelo viva-voz.

— *Obrigada* — ela falou em seguida. — *Desculpa te atrapalhar.*

— Boa reunião — gritei do outro lado da sala, colocando a caneta na boca para mexer nos papéis.

Ouvi um barulho, como se um dos dois tivesse apertado uma das teclas do telefone, mas a conversa continuou acontecendo e eu

não desliguei porque estava curioso para ouvi-la dando um esporro nele.

— *Você é muito teimoso, eu te disse que era 1,8%* — ela resmungou.

— *Já entendi. Ulisses, você anotou tudo?*

— *Sim, senhor.*

— *Ótimo, pode nos deixar a sós?*

Levantei meus olhos em um movimento de reflexo e franzi o cenho. O que ele precisava discutir a sós com ela, porra? Ícaro tinha marcado uma reunião com Carolina e o gestor da sua área. Os ciúmes corroeram minhas extremidades e andei devagar até a minha mesa, apertando o botão de mudo, para que somente eu pudesse ouvir a conversa.

A porta se fechou. O que significava que o Ulisses tinha saído.

— *O que você quer?* — A voz dela parecia um pouco mais distante, como se tivesse andado pela sala.

— *Saber porque decidiu me ignorar.*

— *Já te disse mil vezes que não quero mais fazer isso.*

Meu coração começou palpitar mais forte.

Fazer o quê, porra? De que merda ele estava falando?

— *Consegui o documento que o Franciley queria. Agora você precisa fazer sua parte.*

— *Eu...*

— *Nem começa, Ana!* — Ele levantou o tom de voz, irritado. — *Não nadamos até aqui para morrer na praia, porra! Eu vou repetir o que falei para o seu pai: fui muito legal com toda essa sua criancice. Tentei ser compreensivo porque você é nova e achei que seria importante que tivesse experiências, mas já deu merda pra caralho, estou de saco cheio e eu não vou te esperar pra sempre.*

Mais uma vez ouvi o barulho da porta se fechando e na mesma hora desliguei a ligação. Permaneci olhando para o nada enquanto as engrenagens do meu cérebro trabalhavam tentando entender que merda eu tinha acabado de ouvir.

"Não nadamos até aqui para morrer na praia."

"Não nadamos até aqui para morrer na praia."

"Não nadamos até aqui para morrer na praia."

E então a memória do dia em que eu retornei para a *Petrolio* me acertou.

"Fica tranquilo, é uma das empresas pioneiras aqui no Brasil e foi indicação de um colega. A gestora que está à frente de tudo é bem inteligente e mais do que qualificada."

Todas as peças pareciam se encaixar na minha mente como a porra de um quebra-cabeça.

Foi ele.

Ícaro foi o responsável por liberar as metas para a imprensa, alegando que viu minha assinatura.

Ícaro era a pessoa que sempre me aconselhava sobre várias decisões.

Ícaro foi quem a colocou dentro da empresa e é claro que meu pai levou isso em consideração, confiava naquele arrombado.

Meu Deus, como éramos idiotas!

Como foi que deixamos isso passar?

Os Dittz sempre foram superpróximos dos Lacerda e eu me lembra que inicialmente eles pareciam meio putos com a nossa família, mas depois de um tempo mudaram de lado, dando total apoio para nós. Todo mundo no Círculo de Ouro ficou surpreso, mas meu pai tinha mais poder, então deduzimos que eles apenas preferiam “não remar contra a maré”.

Nem mesmo nos demos conta de como eles foram se infiltrando na nossa vida, mas agora era como se a luz de um túnel escuro fosse finalmente acesa.

Aqueles fodidos deveriam estar arquitetando a porra de uma vingança por anos! E Ícaro estava envolvido no que quer que Ana Carolina estava planejando!

As minhas lembranças iam se encaixando com fatos que nunca achei que tivessem relevância. Era até mesmo difícil respirar.

Claro, aquele filho da puta havia enfiado uma faca nas minhas costas!

"Eu não vou te esperar pra sempre."

Que merda aquilo queria dizer?

E então, como se minha própria mente estivesse destinada a me empurrar do penhasco, eu me lembrei da conversa que tivemos

um tempo atrás quando eu perguntei se ela não queria se casar.

"Eu vou... Eventualmente".

Naquele momento, concluí que assim como eu, Ana Carolina iria se casar por conveniência porque isso poderia voltar a dar algum status para sua família. Só não pensei que...

Puta que pariu! Estava na minha cara!

Toda a intimidade que eles pareciam ter.

Os flertes...

Meu estômago afundou por completo. A bagunça irregular na minha cabeça me deixou zonzo e eu senti meus pulmões em chamas. O gosto amargo na minha boca marcava toda a repulsa que eu estava sentindo.

Eles eram o quê? Um casal? Os dois estavam juntos, brincando com meus sentimentos e me usando só para me foder depois?

Porra, eu queria vomitar.

Uma vozinha lá no fundo gargalhava de mim.

Patético. Carente. Infantil. Ciumento. Insuportável.

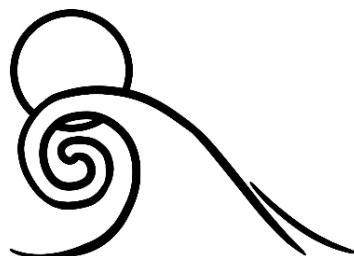
O fantasma cruel do meu passado estava ali, divertindo-se com o meu sofrimento por ter mais uma vez sido idiota o suficiente para entregar meu coração a alguém.

Não. Não. Não!

Eu não podia deixar aquilo me consumir. Não de novo!

Suprixi aqueles pensamentos com um grito interno, forçando-os para baixo e colocando tijolo por tijolo em cima deles. Eu não podia deixar as emoções me cegarem de novo.

Eu precisava ser racional, porra! Precisava pensar no que fazer.



Quando finalmente consegui me manter equilibrado, marquei uma reunião de urgência com meu advogado. Ficamos algumas

horas traçando uma estratégia e ele preparou alguns documentos ali mesmo para que eu assinasse.

Estava cansado de toda aquela merda!

E assim que ele saiu da empresa, eu pedi que Pamela chamassee aquele traidor escroto até a minha sala.

— E aí? — ele me cumprimentou, simpático.

Arrombado do caralho.

Não respondi, apenas coloquei a sua carta de demissão em cima da mesa. Ele se aproximou, pegou o papel e deu uma risada, meio confuso.

— Que porra é essa, Dom?

— Eu poderia te tirar daqui à força, mas não gostaria de escândalos, então se você puder assinar o documento... — sugeriu, sério. — Os seguranças estão te esperando no elevador.

— Isso não tem graça, Domenico. Não caio nessas pegadinhas.

— Ícaro! Assina. A. Porra. Do. Documento. — falei cada uma das palavras pausadamente e ele ficou me olhando perplexo.

Sabia que não valia a pena entrar em uma briga física com ele. Para ser sincero, sentia-me tão traído que acho que nem tinha forças para dar um soco naquela cara sonsa que ele tinha.

Eu o chamava de “meu amigo” e confiei nele por anos.

O quão fodido era isso?

— Dom...

— Anda, Ícaro. Assina!

— Podemos conversar? Quero entender o que aconteceu.

— Não faz nenhuma ideia? Mesmo? — perguntei com deboche.

— Meteu no meu cu com força e não se lembra, seu arrombado? Achou que eu realmente não ia descobrir que estava tentando foder minha empresa?

Então, finalmente suas expressões mudaram e ele deu um sorrisinho de desdém.

O quanto uma pessoa podia se cercar de filhos da puta? Certeza de que se existisse um prêmio para isso, seria meu.

— Bem, para ser sincero, você demorou bastante.

— O que eu fiz pra você, porra? — berrei, esticando as mãos ao lado do corpo. — Me diz!

— Não foi pessoal... No início. — Ele deu de ombros, a indiferença cruzando seu rosto. — Eu apenas estava fazendo o que precisava fazer pela minha família. Você entende isso melhor do que ninguém.

Que merda do caralho. Eu odiava meu pai com todas as forças. Por que eu sempre precisava pagar pela porra dos seus erros? De novo e de novo!

— Porra nenhuma, eu nunca fingiria ser amigo de uma pessoa para depois meter uma faca nas costas dela! Não fode, Ícaro!

— Eu também já me senti mal por isso, mas com o tempo se tornou mais fácil. — Então, sua expressão modificou, o ressentimento se tornando visível enquanto ele se debruçava no encosto da cadeira, apertando-o. — Sabe como é uma merda viver na sua sombra? Tendo que ouvir todos aqui me diminuindo.

— Eu nunca fiz isso! Você era meu amigo, porra!

— Não mete essa! — Ele revirou os olhos. — Você faz isso sem nem perceber. Porque você acha que a porra do mundo está aos seus pés, Domenico! Na verdade, você sempre teve tudo mesmo, não é?

Aquilo era uma mentira tão forte que chegava a doer.

— Acontece, Dom, que você não tem. Eu vejo o quanto você a quer e isso é satisfatório pra caralho, porque ela é minha.

— Ela não é sua — falei entre dentes, sem nem conseguir me controlar.

Ele riu.

— Pensa mesmo que a Ana vai ficar com você? Acha que ela vai dar as costas para a família dela? Deixa de ser estúpido! Você é tão burro! — ele berrou, irritado. — Assim que ela conseguir as terras da família dela de volta, vai afundar essa sua empresa de merda e você e sua família vão pagar por todas as merdas que fizeram. E eu vou...

— Você não vai conseguir fazer nada, Ícaro. Eu bloqueei todos os seus acessos na empresa, tenho *e-mails* e documentos que comprovam que você era o responsável por várias transações. E se quiser testar a porra da minha paciência, não se esqueça de que tenho alguns vídeos bem comprometedores das câmeras de

segurança que vão render uns processos nada interessantes para sua família — lembrei em um tom ameaçador. — Na hierarquia de uma empresa, Ícaro, os mais baixos caem primeiro. E você não passa de uma porra de um funcionário de merda aqui dentro. Insignificante como uma barata.

Seus olhos pegavam fogo. Eu sabia que tinha atingido um nervo porque Ícaro sempre se sentiu inferior aos seus irmãos. E provavelmente era por isso que esse babaca tinha aceitado toda essa merda, para atender um capricho daquela família escrota.

— Acha que ganhou isso? Eu e ela estávamos juntos nessa, idiota. Acha mesmo que me preocupo com você, Domenico? — Ele riu e eu senti novamente como se uma faca fosse enfiada no meu peito. — Realmente acha que tem uma chance? Acorda! É comigo que ela vai casar. Ana Carolina Lacerda é minha, sempre foi.

Cerrei a mandíbula, sentindo meus dentes doerem. Meu peito subia e descia em um ritmo acelerado, a última frase ecoando na minha cabeça com tanta força que eu sentia as palavras perfurando meu crânio.

— Sai da porra da minha empresa! Agora! — gritei, apontando para a porta.

— É um prazer — falou, saindo da minha sala, batendo a porta com tanta força que até mesmo as paredes tremeram.

Ele saiu, mas aquela sensação permaneceu ali, rodeando-me como uma névoa densa. Sentia-me um completo idiota por não ter visto o que estava diante dos meus olhos.

A raiva borbulhava, transbordando ainda mais ódio. E mesmo que eu estivesse machucado por ter sido traído por alguém que considerava um amigo, só havia uma frase que não saía da minha cabeça, uma que me doía mais que tudo:

"Ana Carolina Lacerda é minha, sempre foi".

Capítulo 50



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Ele sabia de tudo.

Ícaro me ligou falando sobre a conversa que tiveram, e, em seguida, o meu sócio contou que Domenico tinha solicitado minha remoção da empresa, alegando conflitos de interesses e deixando claro que se ele não acatasse seu pedido, teríamos que resolver tudo nas vias judiciais.

Por mais que Cristiano soubesse por alto dos problemas entre as nossas famílias, eu sempre garanti que isso não impactaria na *Nexus*. Então ele ficou bem irritado com os possíveis problemas e mandou que eu arrumasse minhas coisas para que trocássemos de lugar.

Não pude fazer nada além de aceitar. Depois, tomei coragem para ir falar com Dom. Nem mesmo sabia se conseguiria ser ouvida e confesso que foi uma surpresa quando Pam autorizou a minha entrada.

Assim que eu pisei na sua sala e vi todo o desapontamento nos seus olhos, percebi que aquele era o nosso fim.

— Dom... Podemos conversar? — perguntei, aproximando-me da sua mesa.

— Precisa de alguma coisa para a bebê?

— Não, eu...

— Então não tenho nada pra falar com você — respondeu, voltando sua atenção para os papéis na mesa.

Eu cheguei mais perto e encostei a mão suavemente no móvel. Ele se levantou e pegou as pastas que estavam por perto, nunca olhando na minha direção.

— Por favor, deixa eu falar com você?

— O que você quer, Carolina? — indagou, áspero, voltando a me encarar.

Meus olhos ardiam enquanto eu tentava segurar as lágrimas. Eu não sabia bem o que dizer. Na verdade, que merda eu falaria para me justificar? Eu era uma vaca escrota. Entrei na sua vida destinada a foder com sua empresa e seu nome.

Só queria fazer o meu trabalho, aquilo que meu pai me instruiu. Não era para eu ter me envolvido, me apaixonado e deixado de lado todos os meus planos.

Eu não me enquadrava no papel de uma mocinha manipulável e indefesa. Muito menos estava vivendo uma situação em que era vítima de um mal-entendido. Era mesmo uma vadia vingativa, no final das contas. Omiti tantas coisas e as verdades que ele sabia não eram nada bonitas.

Então, era difícil pensar em uma forma de defesa, e eu conseguia entender os motivos pelos quais Domenico queria distância. Ainda assim, como eu poderia sair por aquela porta se ele tinha tudo de mim?

Meu coração e minha alma.

— Quero te explicar...

— Me explicar o quê, porra? Que você me fez de idiota esse tempo todo? Que além de querer foder com a minha empresa achou que seria divertido brincar comigo também? Alguma coisa foi verdade? A bebê... — Ele fez uma pausa, como se estivesse buscando por coragem para dizer a frase seguinte: — Ela realmente é minha?

Senti como se uma faca fosse enfiada no meu peito, mas a verdade é que eu não tinha o direito de me sentir traída por aquela pergunta.

— Claro que ela é sua e eu posso fazer quantos testes você quiser — garanti, com a voz embargada. — E como você pode perguntar se tudo foi uma mentira? Você estava lá!

— Sim, estava lá enquanto você flirtava com o arrombado bem na minha cara.

— Eu não tenho nada com o Ícaro!

— Não? Você não pretendia se casar com ele? Olha na minha cara e diz que isso é uma mentira! — Ele soltou um ruído evasivo. — Se bem que você já contou tantas delas que acho que conseguiria fazer isso sem esforço algum.

— Você sabe como as coisas funcionam, Dom. Foi um acordo que minha família fez — contei baixinho, envergonhada. — Só que eu não tive nada com ele, nós esperaríamos até que se tornasse algo oficial.

— Isso é inacreditável! Era isso que você queria? A porra de um título? — ele explodiu de uma forma meio contida.

Dava para ver que Domenico estava tentando controlar o tom de voz, mas era nítida toda sua revolta. Neguei com a cabeça, sentindo as lágrimas rolando pelas minhas bochechas, mas ele continuou:

— É essa merda que você quer desde o início? Um casamento para voltar pro Círculo? Quer as porras das terras da sua família de volta? — Ele jogou alguns papéis em cima da mesa e me encarou, triste, a decepção transbordando por suas palavras e olhar. — Eu disse que faria o que fosse por você. Eu poderia ter te dado isso, Carolina. Eu poderia ter te dado essa merda toda! Isso não significa nada pra mim porque o mais importante eu já te dei. O pior você já tirou de mim, que foi a porra do meu coração!

E naquele momento, eu desabei. Simplesmente comecei a chorar desesperadamente. Entendia o peso daquelas palavras porque agora eu o conhecia bem demais. Domenico não dizia as coisas da boca para fora, não demonstrava sentimentos com facilidade.

A outra única pessoa que teve o seu coração o destruiu.

E eu era exatamente como ela.

— Dom... — Eu solucei, incapaz de falar.

— Bom, parabéns. Pode ligar pro seu pai e avisar que você conseguiu. Está satisfeita? Como é o sentimento de finalmente me destruir? Era o que você imaginava?

— Domenico, por favor... Não quero te destruir nem nada parecido. Olha tudo o que a gente passou, o que a gente viveu... Eu sou completamente apaixonada por você!

Ele deu uma risada sem humor.

— Claro, muito apaixonada... Mas é uma pena realmente, porque nós dois sabemos que você não trocaria sua família por uma paixão — respondeu com desdém, estalando a boca. — De qualquer forma, as terras que eram de vocês já estão no seu nome. Meu advogado vai te procurar, e só o que precisa fazer é assinar.

— Eu não...

— Carolina! — Sua voz vibrou pelos meus ossos. Ele deu a volta na mesa e caminhou em direção à porta. — Eu gostaria que você só me procurasse se precisar de alguma coisa para a bebê. Pode ficar no apartamento, eu vou para outro.

— Não, não... — Eu andei até ele e segurei o seu braço.

— Meu Deus, por favor, me solta! — pediu, se afastando com cuidado, e eu balancei a cabeça em algumas negativas. — Você não

acha que já fez o suficiente, garota? Só me deixa em paz!

A forma como ele falou, desesperado para me repelir, afundou o meu peito ainda mais. Foi como ter o meu coração arrancado de forma abrupta sem que eu nem pudesse contestar.

Não conseguia imaginar como continuaria sem ele. Domenico havia se tornado o meu porto seguro, a minha paz. A sensação era de estar asfixiada, o pânico corroendo cada lacuna do meu corpo enquanto eu tentava fugir de um labirinto.

A culpa era minha. Eu era a responsável por acabar com tudo.

E quando eu percebi que seria inútil insistir, me afastei. Domenico me olhou por alguns segundos e eu pude ver tantas emoções dentro da sua íris. A decepção e a tristeza se misturando em uma única coisa.

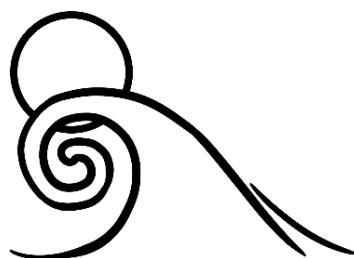
Então, ele simplesmente girou a maçaneta e saiu.

Fiquei ali.

Chorando.

Sozinha.

Sem ter ideia do que fazer em seguida.



Assim que cheguei no apartamento, o vazio do meu peito se tornou ainda maior, alastrando-se como uma espécie de buraco negro e consumindo tudo. E enquanto eu empacotava as coisas que tinha trazido, percebi que não teria mais aquele sentimento de pertencimento. Como, em tão pouco tempo, um lugar poderia ser considerado um lar?

Abri a gaveta, vendo todos os *post-its* que ele tinha escrito para mim com frases do nosso filme preferido apenas com o intuito de me alegrar. Havia no mínimo uns vinte bilhetinhos.

"É só uma fase ruim, vai passar. Precisamos ter paciência, só isso

— Jack Skellington.”

“O hábito de sapo disfarça qualquer cheiro

— Sally.”

“A vida não tem graça sem um bom susto.

— Jack Skellington.”

Foi aí que percebi que, assim como o Rei da Abóbora (durante a canção “*Jack's Lament*”), eu estava me afundando em lágrimas. Meu Deus, de que forma eu conseguia esquecer todos os minutos que tinha passado com ele? Como iria riscar tudo o que tínhamos vivido e simplesmente colocar em uma caixa junto com aqueles papéis?

Não.

Não era justo.

Eu queria dormir e acordar ao seu lado. Queria os seus beijos, o calor do seu corpo e aquele olhar que me derretia por inteiro. Desejava as brigas idiotas, as implicâncias a respeito das nossas gerações e toda a rotina que era somente nossa. E nem mesmo sabia como passaria o dia sem ouvi-lo resmungando sobre alguma coisa.

Talvez eu merecesse isso. Todo o sofrimento.

Eu fui uma filha da puta. Deixei que aquele ciclo interminável de vingança me consumisse, alimentando-se de um ódio que percebi que nem mesmo tinha real relevância.

Criei um caos, machuquei as pessoas à minha volta e me afastei de tantas outras coisas importantes. Por que eu achava que era merecedora de algum tipo de paz? Por que eu teria o direito de ficar com o cara legal, no final das contas?

Ainda assim, eu o queria e não me importava se isso me tornaria a pessoa mais egoísta do mundo. Eu o amava tanto... A ponto de o egoísmo se tornar apenas um eco distante, sendo abafado pela cacofonia de todos os meus outros demônios.

Quando fechei minha mala, parei em frente ao quartinho da bebê e suspirei, passando a mão pela barriga. Eu tinha uma imagem pré-definida do futuro, uma que passou a me trazer uma paz

reconfortante. Eu fazendo amigurumis sentada naquela cadeira enquanto minha filha dormia tranquilamente. E mesmo que Domenico não estivesse fisicamente naquele cenário, havia uma certeza de que ele estava ali, pelo apartamento.

Não fazia sentido algum que eu continuasse ali, entretanto. Aquela era a casa dele e eu tinha um apartamento do outro lado da rua, vazio.

Totalmente vazio. E sem vida alguma.

Sem ele.

Será que Domenico previu aquilo quando sugeriu que eu reformasse o quarto do bebê? Talvez, no fundo, o homem que eu amava sempre soube que estávamos fadados ao fracasso.

Sim, era coerente, ele era muito mais pé no chão do que eu.

Deixei minhas coisas empacotadas perto da porta. Pediria para que alguém viesse buscar depois. Olhei para o bloquinho de *post-it* que ele agora deixava perto da bancada da cozinha e deixei um último recado.

"Espero que ainda haja tempo para consertar as coisas.

— Jack Skellington."

Capítulo 51



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

- *Tisti, Ninico?* — Gigi perguntou, parecendo preocupada, e eu esbocei um meio-sorriso, dando um beijinho no topo da sua cabeça.
- Está tudo bem, meu amor.
- Que foi? — Ela fez um biquinho, os olhinhos grandes ficando ainda maiores.
- Nada, só estou sentindo falta de uma pessoa.

— Ela tá pro céu?

— Não!

Pelo amor de Deus! De onde aquela criança tirava aquelas coisas?

— Vou fazer *caputinho pá voxê* — falou, pegando uma xicrinha e eu dei uma risada.

— Tá bom, Gigi, mas eu posso fazer alguma coisa pra você também... O que você quer?

— Quero dinheiro, *Ninico*.

Eu gargalhei.

— Pra que você quer dinheiro, Giovanna?

— Salvar os *pixinhos* — explicou.

Ah pronto! Agora tinha a ecochata e a ecochatinha.

Certeza que tinha ouvido a Manuela falando sobre dinheiro e salvar peixes com alguma ONG. Eu ficava impressionado como aquela garotinha era inteligente. Giovanna era bem avançada para sua idade e conversava bastante, sempre prestando atenção no que fazíamos ou falávamos.

— Você precisa pensar maior, Gigi. Se eu te der dinheiro, você poderia investir na bolsa de valores.

— Que *ixo*?

— É como uma bolsa gigante em que as pessoas colocam coisas que têm valor... Que nem a sua caixinha de brinquedos, sabe? Você não coloca lá dentro os seus preferidos?

Ela assentiu, parecendo muito atenta.

— Só que nessa bolsa nós colocamos as ações. Por exemplo, com dinheiro você pode comprar uma parte da empresa do titio e você vai ser dona dela também.

Seus olhinhos se arregalaram.

— É?

— Sim, e assim você faz mais dinheiro. Na verdade, o titio vai te dar essas ações um dia, tá bom?

Havia tanta gente querendo meus bens... Pelo menos a Gigi merecia.

— E salvar os *pixinhos*!

Soltei o ar em desistência.

— Sim, aí se você quiser, pode salvar os peixinhos.

Ela sorriu, bateu palminhas e se esticou para me abraçar.

— *Bigada, Ninico.*

Nós continuamos sentados na sua casinha e ela me apresentou várias vezes suas novas bonecas. Uns vinte minutos depois, Dante nos chamou para jantar e eu agradeci a Deus porque minha coluna já estava doendo de tanto ficar curvado.

Ele resolveu fazer uma noite italiana com vários molhos e massas diferentes. Na verdade, meu irmão estava criando mil desculpas para que eu fosse até sua casa só porque percebeu que eu estava em sofrimentos nos últimos dias.

Assim que saí daquela sala, fui para um hotel, mas algumas horas depois, Carolina mandou uma mensagem dizendo que tinha voltado para seu apartamento. Ela mandou algumas outras perguntando se podíamos conversar, insistindo que queria me explicar as coisas, mas eu falei que se continuasse insistindo, iria bloquear o seu contato. Em seguida, mencionei que isso só dificultaria nossa comunicação a respeito da nossa filha.

Assim que voltei para casa e vi o bilhete que ela deixou, aquele vazio voltou a me rodear. A casa parecia sem vida novamente, mesmo que as plantas que ela tinha comprado estivessem por ali.

E agora eu ainda teria que regar essa merda.

Diferente do que aconteceu quando terminei com Tália, os dias não foram melhorando. A dor não foi se anestesiando... Cada dia sem ela era pior do que o outro.

Sentia saudades da sua risada, de como o seu corpo se derretia com o meu toque, de abrir as pálpebras e ser recebido pelo verde dos seus olhos logo pela manhã...

Insistia em repetir para mim mesmo que era só uma fase, que provavelmente estava sentindo falta da rotina, mas honestamente, a quem eu queria enganar?

Ainda que não fosse recíproco, eu a amava. Era amor, preenchendo lacunas que nunca achei que pudesse alcançar novamente, deteriorando qualquer outro sentimento que eu tentasse substituir. E a verdade é que estava desesperado por um pouco mais daquilo novamente, mesmo que tudo fosse uma farsa.

Faltei ao trabalho por uns três dias seguidos simplesmente porque me vi incapaz de sair da cama. Revi nosso filme dezenas de vezes e me perguntei se agora Carolina sempre seria a primeira coisa que viria na cabeça quando eu pensasse em *Nightmare Before Christmas* ou *Halloween*.

Será que até isso aquela desgraçada tinha estragado para mim?

Eu ansiava em ter mais uma vez o meu coração acelerado por ela fazer algum movimento irresponsável, queria o cheiro de *Spicy Pumpkin* correndo junto com o oxigênio para os meus pulmões e desejava mais que tudo o gosto do seu beijo.

Eu realmente fiquei na merda.

De uma forma que não imaginei que seria possível.

— Vamos fazer uma festa de *Halloween* na quinta — Maria Manuela avisou, arrancando-me dos meus pensamentos.

— Boa sorte...

— Não, você precisa vir também! — meu irmão insistiu, e eu estalei a boca.

— Sem chances.

— Você vai perder outro *Halloween* da sua sobrinha? — a ecochata perguntou, com um olhar julgador, e eu a olhei irritado pela chantagem ridícula. — E o primeiro do seu afilhado?

— Pois é! Não vou mandar uma única foto pra você — Dante apontou para o nada, balançando a cabeça positivamente.

— Você não faria isso...

— Quer testar? — Ele cruzou os braços, com um sorrisinho meio sarcástico no rosto.

Manuela pegou o Pietro e o entregou nos meus braços, brincando com seu queixinho como se ele fosse um bonequinho de ventrículos e começou a dizer com uma vozinha irritante:

— Vem me ver de fantasia, titio. Vou estar vestido da coisa que você mais odeia: árvore.

Eu ri.

— E você vai de Assombração da Floresta? — zombei e ela levantou o dedo do meio na minha direção.

— Deixa de ser insuportável... — meu irmão bufou, levantando-se da cadeira enquanto tirava os pratos. — Escolhe uma e vem. Vai ser legal, vamos chamar várias pessoas.

— Achei que tinha dito que ia ser legal — resmunguei, ninando o Pietro nos meus braços e mexendo em sua mãozinha.

— Deixa de ser antissocial, Domenico.

— Não quero interagir com pessoas. Não queria nem interagir com vocês. Estou aqui obrigado.

— Meu Deus, você fica ainda mais insuportável de coração partido — ele resmungou.

— Ah claro, porque você era a melhor companhia quando estava separado da Sacerdotisa da Reciclagem aqui.

Era de foder!

— Sacerdotisa da Reciclagem? — Ela abafou uma risada. — Essa é nova.

— Tive ajuda do Marco — confessei, rindo enquanto colocava o meu afilhado no moisés.

— Que filhinho da... — ela não terminou porque Gigi começou a gritar “papai” sem parar. — Vou dar um esporro nele na quinta.

— Ele vem?

— Sim, e a Paula e o Leonardo também — Dan contou e depois se virou para a filha. — Tá lindo seu desenho, capivarinha.

— Eu xei.

— Dante segue tentando puxar o saco do prefeito de Coroa do Sul — Manuela cochichou e eu dei uma risada.

— Acho que ele me odeia.

— O quê? — Ela entreabriu a boca, horrorizada. — Aquele homem é um santo, impossível ele odiar alguém. Por que o Ortega te odiaria?

— Porque eu comi a mulher dele? — respondi, como se fosse óbvio.

— Aposto que ele não te odeia por isso... Marco e ela viviam trepando e os dois são tipo, sei lá... Melhores amigos.

— Melhores amigos? — Gargalhei. — Se o Marco te ouvir falando assim... De qualquer forma, ele sempre é bem seco comigo.

Porém, não o julgo, eu também teria ranço de qualquer macho que tivesse visto minha mulher pelada.

— Por isso você achou uma boa eliminar 11 anos de competição? — zombou, rindo, mas depois parou quando eu o olhei sério.

— Ela não é minha mulher — lembrei.

— Desculpa, Dom... Eu...

— Mamãe! Tó — Gigi veio carregando uma bolsa no bracinho, esticando-o para a Manuela.

Ignorei o “graças a Deus” que meu irmão soltou baixinho e olhei para baixo para ver minha sobrinha.

— Que isso? — Minha cunhada fez uma expressão confusa.

— *Bocha. Valores.*

Joguei a cabeça para trás, gargalhando, e na mesma hora o olhar de repreensão da ecochata pousou em mim.

— É sério que estava falando sobre Bolsa de Valores para minha filha? — perguntou, chocada.

— Ah não! — Dante explodiu também. — Meu Deus, Domenico! Quantos anos você acha que a Giovanna tem? Ela não é um dos seus investidores!

— Ainda! Ela é muito inteligente, como vocês podem ver... Não é, Gigi? — Eu a peguei, levantando-a no ar, rindo do gritinho animado que ela deu. — Você não é a coisa mais linda do mundo inteirinho?

— *Xim!!!!* — berrou, gargalhando, e eu a apertei contra o meu corpo, enchendo-a de beijos.

— E quem vai tomar sorvete com o titio?

— Gigi! — Ela bateu palminhas, feliz.

— Ainda bem que você vai ter uma pra você, assim para de estragar a minha — Dante zombou.

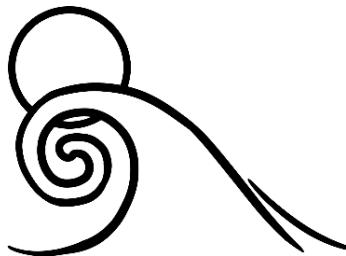
— Ei, um sorvetinho não faz mal a ninguém! — Manuela resmungou com meu irmão.

Eu concordei e examinei a sala com as pessoas diante de mim. Nunca, em toda a minha existência, achei que daria graças a Deus por aquela mulher chata ter entrado na vida do meu irmão.

Maria Manuela Guerra tinha dado para nós dois algo que nunca tivemos: uma família unida.

Ainda assim, havia um vazio gigante no meu peito, porque a sensação era de que ela não estava completa. Eu sabia que parte daquilo se dava ao fato da minha bebezinha não ter nascido ainda, mas infelizmente também tinha noção de que Carolina era responsável pela outra lacuna.

E eu tinha certeza de que ela continuaria ali para sempre junto com sua ausência.



Minha mãe mandou uma mensagem dizendo que estava saindo de casa, e como fiquei preocupado, acabei deixando de lado todos os meus sentimentos para ir ao seu encontro.

Nós tivemos uma tarde turbulenta.

Ela tentou se justificar por todo o passado, afirmindo que nunca quis nada daquilo e reforçando toda a pressão que meu pai fazia em sua cabeça. Sempre soube que Genaro era um babaca e discuti muitas vezes com ele por causa da minha mãe.

Pedi para que ela se separasse dele inúmeras vezes, afirmando que a apoiaria, mas tudo o que recebia era um olhar triste, como se eu fosse uma criança tola.

Havia o Círculo, aquela babaquice de “linhagem pura” e todo o status... Não era fácil que Paola Perazzo fosse contra tudo o que cresceu acreditando, o que aprendeu a vida inteira. Eu entendia isso, mas também não conseguia aceitar a sua participação no que meu pai decidiu fazer comigo.

Ainda que atualmente minha sobrinha tivesse uma boa relação com a avó (mesmo que seu marido fosse contra) e que ela estivesse tentando se redimir por todo seu preconceito estúpido, não a perdoava.

Talvez eu nunca fosse capaz.
Aquela mulher era minha mãe, entretanto.
E ela estava ali, implorando para fazer parte da vida da minha filha.

Era foda!

Como se não bastasse, sabia que Dante sofria por se sentir na obrigação de lhe dar um tratamento frio. Meu irmão se afastou dela completamente por minha causa depois do que descobrimos, mas eu via o quanto aquilo o machucava, principalmente porque Giovanna amava sua avó.

Então, eu decidi que ao menos tentaria lidar melhor com aquilo. Dei todo o meu apoio para que ela o deixasse e prometi que tentaria reconstruir algum tipo de relação.

Em contrapartida, meu pai surtou. Me ligou aos berros dizendo que nós queríamos matá-lo de desgosto e que se acontecesse qualquer coisa, carregariamo aquela culpa para sempre.

E eu respondi que da mesma forma que ele não se culpava pelo que tinha feito no passado, eu também não faria isso.

E aí, os gritos aumentaram. Tornou a dar outro chilique porque mandei que o advogado passasse as terras dos Lacerda (que agora eram minhas) para o nome da Carolina, sendo que sempre cagou para aquelas fazendas. Ainda assim, resmungou de novo sobre eu ter me envolvido “com o inimigo” só com o intuito de puni-lo por ser um pai preocupado com meu futuro.

Como se não bastasse, falou que minha mãe provavelmente tinha um amante e tentou ofendê-la, mas eu mandei que ele calasse a boca e assumisse suas ações. Afirmei que tudo o que estava acontecendo era sua responsabilidade, que se não fosse um marido e um pai de merda, não precisaria passar por nada daquilo.

Meu pai sempre reforçou que nosso sangue era melhor do que os dos outros, afirmando que vínhamos de uma linhagem pura, mas tudo o que eu via era a sordidez. Para ser sincero, aquele sobrenome não significava mais nada para mim, apenas me lembrava da vergonha de compartilharmos o mesmo DNA.

Estava exausto, saturado de tudo. Nem mesmo me importava se ele daria um jeito de tirar a empresa de mim. Deixei claro que a

única relação que eu poderia oferecer era a de um sócio e que os únicos assuntos que trataríamos dali para frente envolveriam a *Petrolio*.

Desliguei, sentindo o alívio correr pelas minhas veias. E prometi para mim mesmo que nunca mais deixaria aquele homem voltar para a minha vida.

Ele nunca mais me afetaria.

Capítulo 52



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Meu irmão e meu pai me enviaram uma mensagem dizendo que queriam conversar e eu cheguei a relutar, me questionando se deveria ir até eles. Por todo aquele tempo, nenhum dos dois se preocupou em saber como eu estava lidando com o meu luto.

Toda a situação era complexa demais, mas minha mãe havia morrido. Então eu ignorei os absurdos que aconteceram e os

procurei. Liguei, mandei mensagens mesmo estando bloqueada, mas nunca tive nenhuma resposta.

Até a noite passada.

Pedi que eles viessem no meu apartamento, pois sentia-me mais segura dentro da minha casa com todas as cortinas e janelas abertas. Também avisei para o porteiro que se eu interfonasse, era para ele subir imediatamente.

Talvez fosse um exagero, mas o Luan era um cara forte, alto e soube que uma vez meteu a porrada em um babaca que agrediu uma moradora. Assim que fiz aquele pedido, ele ficou preocupado, questionou algumas coisas, mas avisei que estava tudo sob controle.

Nunca pensei que fosse ter medo de ficar em um lugar fechado com os dois homens que mais amei em toda a minha vida, mas aqui estava eu, preocupada com o que estava por vir.

A campainha tocou. Era muito difícil o simples ato de abrir a porta e eu acho que fiquei segurando a maçaneta por alguns segundos, criando coragem para abri-la. Meus dedos formigavam e o gosto de bile amargava minha boca, deixando-me ainda mais nauseada.

— Ei... — falei, assim que abri a porta. — Tudo bem?

Percebi que, como sempre acontecia agora, seus olhos demoraram um pouco na minha barriga e eu sabia que Adriano estava incomodado. Ele não me abraçou, apenas se manteve meio inerte.

— Oi... Tudo... Não vão rebocar meu carro aqui na rua, vão? — comentou, passando por mim.

— Ahn... Não. — Assim que meu pai surgiu no meu campo de visão, um frio subiu pela minha espinha. — Oi, pai.

— Boa tarde, Ana — cumprimentou, olhando-me sem muito entusiasmo.

Diferente do meu irmão, ele sequer direcionava a atenção para minha barriga, mesmo que ela estivesse bem grandinha agora.

— Pode entrar... — falei, abrindo espaço e fechando a porta em seguida.

Eles caminharam para o meio do apartamento e notei que Adriano estava meio aborrecido, examinando tudo como se estivesse

em busca de alguma coisa. Decidi permanecer ali, perto da porta, com bastante espaço entre nós.

— Isso é seu? — indagou em um tom meio acusador, pegando um peso de papel da NFL em formato de uma bola de futebol americano.

— Sim.

— Hm... — comentou, colocando-o no lugar.

Então, eu entendi que ele estava procurando por qualquer coisa que remetesse ao Domenico. Respirei fundo, tentando ignorar aquilo.

— Vocês querem beber alguma coisa?

Os dois negaram com a cabeça. Meu pai deu alguns passos, observando os prédios pela janela, meio distraído. Minha boca ficou áspera e meu coração disparou um pouco. O medo de que ele fechasse as cortinas pinicou minha pele, entranhando-se pelos meus músculos e deixando-os tensos.

Engoli em seco. Ninguém dizia uma única palavra. O silêncio parecia opressor, aquele clima carregado pairando entre nós.

— Como você está, pai? — arrisquei.

— Como acha que estou sem sua mãe? — respondeu, ríspido, e eu olhei para baixo, sentindo-me uma estúpida por ter feito aquela pergunta.

— Sinto muito, as coisas também não têm sido fáceis para mim.

— Isso é uma culpa inteiramente sua, não é? Ao menos se minha filha honrasse o nome da sua própria mãe, eu teria algum motivo para me alegrar.

— Pai, uma vingança não vai trazer a mamãe de volta — falei baixinho e recebi um olhar queimando de ódio em resposta.

Por que ele não conseguia ver? Como depois de tudo o que tinha acontecido com o amor da sua vida, meu pai estava insistindo que deveríamos fazer algo que ela nem mesmo queria para honrá-la?

Adriano deu uma risada de desdém, balançando a cabeça negativamente.

— Não pedi sua opinião, Ana Carolina. Estou aqui sendo benevolente apenas para te dar uma chance de fazer o que é certo pela sua família. Bem, o Ícaro me disse que você continua com acesso à empresa, então podemos dar prosseguimento, expondo as ilegalidades da *Petrolio*. Aproveitar a denúncia sobre o surto de intoxicação alimentar que saiu na mídia ontem.

— Não quero... — Minha voz falhou e eu respirei fundo, puxando a coragem do fundo da minha alma. — Não vou continuar com isso.

— Ana Carolina... — meu irmão me chamou em repreensão.

— Quietó, Adriano — meu pai o cortou, dando alguns passos para a frente. — Vai ser uma ingrata depois de tudo o que fiz para você? Nós tínhamos a porra de um plano e agora quer jogar tudo para o alto porque sua consciência pesou demais? Por que está o quê? Apaixonadinha pelo filho da puta? Cresce!

Abri minha boca, mas meu pai não deixou que eu falasse absolutamente nada.

— Vai deixar a morte da sua mãe ser em vão? Tem noção do que os Dittz fizeram por nós? Tínhamos um combinado e cheguei até mesmo a achar que o Ícaro não fosse mais querer se casar, mas eles foram mais do que compreensíveis aceitando essa... — Seu olhar finalmente se voltou para minha barriga. — Essa desgraça.

Respirei fundo, sentindo a fúria me consumir como um tsunami até que me impedisse de respirar. Ele poderia me ofender o quanto quisesse, mas não abriria a boca para falar da minha bebê.

— Já chega! — berrei, sentindo a vibração da minha voz ecoar pelo cômodo. — Eu estou cansada! Vocês não vão falar da minha filha assim, como se ela fosse algo ruim. É triste que você não conheça a mulher com quem se casou, a pessoa que ela se tornou. Minha mãe me pediu tantas vezes para que eu não deixasse a parte ruim consumir a boa... — falei, sentindo meus olhos arderem.

Meu pai cerrou o maxilar, a raiva sendo visível.

— Eu cheguei aqui hoje e vocês sequer me perguntaram como eu estava, só se importam com essa merda dessas terras ou em voltar para o Círculo de Ouro. Sabe o que é mais triste? Os dois dão mais valor à palavra “família” do que a ela de verdade. Eu não vou

mais ser usada como a porra de uma marionete por vocês. Não vou me casar com quem você quer e nem inventar ilegalidades que não existem para foder a empresa dos Perazzo.

— Carol, a gente odeia essa família, sempre odiamos. Que merda de lavagem fizeram com você? Por que esses filhos da puta continuam fazendo isso? — meu irmão parecia transtornado.

— Você sabe o que o homem que vocês odeiam fez? Ele me deu um documento para passar todas as terras da nossa família para o meu nome.

A boca dos dois entreabriu.

— E eu nunca senti tanto prazer em rasgar um documento.

— Você não...

— Sim, eu rasguei. Porque eu não dou a mínima para mais nada. Porque essa merda de vingança fez com que eu perdesse a única pessoa que se importou comigo.

A vermelhidão subia pelo seu pescoço em direção ao rosto, a raiva e a indignação se misturando e crescendo como se fosse capaz de explodir sua cabeça.

— Você é patética! — ele berrou. — Acha que esse filho da puta se importa contigo?

— Acorda, Ana Carolina! — meu irmão falou por cima dele. — Nós sabemos bem quem eles são. Esses dois babacas estão empenhados em acabar com minha vida e você acha que com você vai ser diferente porque emprenhou dele?

— Exatamente, uma hora ele vai cansar de brincar com você e arrumar um casamento que o beneficie, sua burra!

— Ao menos deveria usar isso — Adriano apontou para minha barriga, olhando com repulsa — para tentar arrancar alguma coisa dele.

— Seria o mínimo — meu pai se virou para ele —, já que não nos ouviu quando mandamos você dar um jeito e tirar essa merda dessa criança.

Eu não percebi no exato momento em que a voz do meu irmão estava ecoando para um outro ambiente, mas assim que as palavras se firmaram na minha cabeça, percebi que a porta da frente tinha sido aberta atrás de mim.

Virei para ver aquele homem de quase dois metros de altura parado na porta prestes a explodir. Ele encarava meu pai e meu irmão com tanto ódio que me perguntei se seria humanamente possível que os dois pegassem fogo.

— Seu Domenico, pelo amor de Deus, volta aqui. — A voz desesperada do Luan ressoou distante no corredor.

— O que você falou? — ele perguntou entredentes, o olhar fixo no meu pai, queimando de raiva.

— Domenico... — Eu me coloquei na frente dele, espalmando as mãos no seu peito, sentindo-o tremer contra minhas palmas.

Ele não desviou o olhar.

— Ah, que bonitinho, chegou o filhote do ladrão! — meu pai falou, debochado.

— Ele mandou você tirar a bebê? — perguntou para mim, finalmente olhando nos meus olhos. — Por que não me disse isso, porra?

Aquilo o machucou, exatamente como eu imaginei que faria. Era possível ver toda a dor de escutar aquela frase mais uma vez e era isso que eu estava tentando evitar desde o início. Domenico não merecia ouvir novamente uma pessoa dizer que alguém deveria tirar seu bebê.

Forcei o nó que havia se instalado na minha garganta para baixo. Senti meus olhos ardendo pela força que estava fazendo para não chorar.

— Não queria que você... — comecei a dizer, mas estremeci quando a voz do meu pai tomou conta de toda a sala:

— Sim, eu disse que ela não iria continuar com essa gravidez! — respondeu a plenos pulmões, estufando até o peito, como se estivesse orgulhoso do seu feito.

Eu me virei para encará-lo, sentindo meu coração se quebrar em mais alguns pedaços. Não havia mais nada de humanidade ali e talvez... Talvez nunca tenha existido de fato.

— Só que pelo visto você entrou na cabeça fraca dessa idiota... — continuou, irritado. — É uma pena realmente que meu próprio sangue esteja ajudando a perpetuar esses seus genes... Por mim, essa criança nem nascia!

— Cala a porra da sua boca! — ele berrou, transtornado.

— Sai daqui, seu arrombado! — meu irmão gritou de volta.

— Tá querendo apanhar de novo, filho da puta? Uma porra de um olho roxo não foi suficiente?

— Dom...

— Carolina, sai da minha frente — ele rosnou, sem tirar os olhos do homem parado a uns metros de distância.

— Dom, por favor, não...

Ele respirou bem fundo e deu um passo para trás para se afastar. E quando eu achei que Domenico iria embora, ele meio que passou por mim com cuidado antes de apertar os passos para cruzar a sala. Tentei puxá-lo, mas minhas mãos seguraram o ar.

— Ah, minha Nossa Senhora! — o porteiro sussurrou ao meu lado e só então percebi que o homem já estava dentro do apartamento.

— Você bateu na sua filha grávida, seu desgraçado! — exclamou, puto, pronto para bater no meu pai, e eu fechei os olhos na hora em que meu irmão se colocou na sua frente. — Me solta, porra! Seus dois covardes de merda!

— Se você encostar a mão no meu pai, vou te processar!

— Foda-se! — Ele empurrou o Adriano com força para tentar chegar até ele.

O Luan saiu correndo para se colocar no meio dos dois, tentando apartar a briga, implorando para que eles parassem e avisando que iria chamar a polícia. Eu estava meio que enraizada no chão, sem saber o que fazer, apenas sentindo as lágrimas silenciosas rolarem pelo meu rosto.

Para ser sincera, acho que estava anestesiada pela dor.

— Ninguém que tenha o seu sobrenome presta! — meu pai continuou a se exaltar, as veias do pescoço ficando grossas. — Acha que quero contaminar o meu sangue com o seu?

— Senhor, pega leve, a menina está grávida — o porteiro tentou em um tom mais calmo enquanto usava toda sua força para empurrar o Domenico para longe deles.

— Infelizmente... Porque decidiu abrir as pernas para esse filho da puta que nem uma piranha! Tem horas que eu só torço para que

essa criança...

— Já chega! Cala a porra dessa boca imunda! — A voz grossa do Domenico ecoou pela sala com tanta intensidade que talvez os vidros tenham tremido. Ele apontou o dedo para o meu pai e o meu irmão e começou a ameaçar, cheio de ódio: — Se qualquer coisa acontecer com minha filha ou com a Carolina, eu MATO vocês! Estou pouco me fodendo para as consequências. Eu caço vocês e vou torturar os dois com minhas próprias mãos antes de mandá-los para o inferno.

Aquelas frases provocaram um arrepio gelado que subiu do início até o final da minha coluna. Porque a verdade é que eu sabia que Domenico estava falando sério. Ele não estava blefando ou fazendo ameaças vazias, eu já o conhecia bem o suficiente para ter certeza disso.

O peito dele subia e descia pela respiração ofegante e era possível ver o quanto Domenico estava se controlando para não romper a barreira que Luan estava fazendo com seus braços para não avançar nos dois.

E sinceramente, eu nem me importaria mais se ele socasse a cara deles. Ainda assim, não queria criar mais conflitos, apenas queria que eles fossem embora. Meu pai abriu a boca para contestar, tremendo de raiva, mas antes que pudesse fazer isso, eu o interrompi:

— Nem tenta, já chega! Quero vocês dois fora daqui — avisei, tentando manter meu tom firme, quando na verdade eu só queria desabar.

— Que merda está acontecendo aqui? — Um dos moradores apareceu na porta e aparentemente ele era policial, porque estava com uma arma na cintura.

— Esses dois tão criando confusão, seu Peçanha. A garota aqui tá grávida... — Luan começou a explicar.

— Algum deles machucou você? — perguntou para mim, mas só neguei com a cabeça. — Sou policial federal, se alguém fez alguma coisa com você, pode me falar que vamos para a delegacia agora.

— Ele... — Domenico começou a falar, mas o homem o interrompeu:

— Fica na tua, *brother*, não tô falando com você.

— Ninguém me machucou, eles só estavam discutindo e começaram a querer brigar.

— Tem certeza? Você não precisa mentir para defender nenhum deles, posso te acompanhar até a delegacia.

— Eu juro, o Luan está de prova — falei e seu olhar desviou para o porteiro.

— Isso mesmo, *seu Peçanha*. O *seu* Domenico é o namorado dela, ele veio me perguntar de quem era o carro parado ali fora e eu acabei comentando que a *dona Cá* estava meio apreensiva com a visita e ele saiu subindo todo preocupado.

Olhei para o Domenico. Parecia muito idiota corrigi-lo dizendo que não éramos namorados diante daquela situação e, pela forma como ele me encarou, deduzi que teve o mesmo pensamento.

— Quer que eu coloque seu namorado para fora? — perguntou baixinho, e eu neguei com a cabeça. Então, ele se virou para os dois e começou a mexer as mãos. — Ok. Acabou a palhaçada. *Bora*, circulando vocês dois.

— Isso é ridículo — meu irmão resmungou.

— Ridículo sou eu ter que parar a porra do jogo do meu Mengão pra dar esporro em dois marmanjos e um idoso querendo arrumar briga — reclamou, empurrando-os para fora do meu apartamento.

Ele e o porteiro se despediram e eu agradeci por todo o auxílio. Quando finalmente a porta se fechou e eu ouvi as vozes sumindo pelo corredor, arrisquei olhar para Domenico.

— Você está bem? — foi só o que ele perguntou, dando alguns passos na minha direção, mas hesitando um pouco.

Ele se aproximou, mas não tanto quanto eu gostaria. Era como se ele estivesse tentando controlar o próprio corpo para se manter distante de mim.

— Estou bem.

— Tem certeza? Não quer ir até o hospital...

— Não quero, eu estou bem. O que está fazendo aqui?

— Eu vi o carro do seu irmão parado na rua quando estava indo para a academia. Fiquei preocupado e fui perguntar para o Luan o que estava acontecendo — começou a explicar, mas em seguida fechou o maxilar, claramente irritado. — Ele me disse que você pediu para ele subir, caso interfonasse. Por que não me avisou?

— Não achei que tinha necessidade.

— Seu pai te bateu, Carolina. E você não me contou que ele queria que você tirasse a bebê. Que porra? Por que não me disse isso?

— Não queria que fosse um gatilho pra você — falei baixinho, olhando para minhas mãos. — Por conta das coisas que seus pais e a Tália...

Deixei que as palavras morressem, incapaz de pronunciá-las.

— Já falei que sei cuidar de mim mesmo — respondeu, sério, mas logo depois a irritação foi se derretendo. — Você precisa me dizer as coisas, principalmente se coloca a sua vida ou a vida da bebê em risco. E se eles tivessem feito algo com vocês?

— Eu jamais deixaria que eles fizessem alguma coisa.

Domenico passou as duas mãos pelo rosto e caminhou em círculos, balançando a cabeça em diversas negativas. Abri minha boca, pensando em tantas coisas que eu queria dizer, mas antes que eu pudesse emitir qualquer som, ele falou:

— Acho que deveria ir para a casa da sua irmã ou voltar para o meu apartamento. — Meu coração bateu mais forte diante daquela possibilidade, mas antes que eu pudesse me empolgar demais, ele emendou: — Posso ir para um hotel enquanto você fica lá.

— Não vou ficar no seu apartamento sem você.

— Então por favor, só vá para a casa da sua irmã, Carolina — pediu calmamente. — Arruma suas coisas, eu vou te levar...

— Não precisa. Na verdade, queria saber se podemos conversar sobre a gente.

— Não temos nada para conversar — respondeu, seco. — Por favor, não insiste, acho que hoje já tivemos um dia mais do que estressante.

— Tudo bem.

— Pode, por favor, ficar na sua irmã por uns dias?

Qualquer coisa por você.

— Certo, vou arrumar minhas coisas — afirmei e ele piscou, quase como se não acreditasse.

— Ok, vou pegar o carro e te espero lá embaixo.

Assenti, vendo-o sair pela porta. O buraco no meu peito aumentou ainda mais.

E eu me perguntei se, algum dia, teria o meu coração de volta.

Capítulo 53



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

Acabei cedendo a todas as chantagens que meu irmão fez a respeito daquela festa. Optei por um macacão azul-escuro que nem o Michael Myers do filme *Halloween* e uma máscara na intenção de que ninguém me notasse. Não estava nada animado para interagir com outras pessoas.

Meu plano foi direto para o ralo porque assim que cheguei, Gigi começou a chorar e precisei tirar a máscara. Então estava parecendo apenas a porra do cara da manutenção do prédio (com uma faca de plástico na mão).

Gigi estava vestida de Vandinha e Pietro de Feioso porque seus pais tinham decidido ir de Família Addams. Até perguntaram se eu queria ir de Tio Chico e eu apenas respondi com um sonoro: “vai para a puta que pariu, Dante”.

Era muita audácia sugerir que eu fosse como um velho careca de um metro e meio. Porém, quando externei isso, meu irmão gargalhou e disse que eu poderia me fantasiar de Tropeço.

Desliguei o telefone na sua cara.

Era de foder, sinceramente.

A festa de *Halloween* estava acontecendo na casa da Julia e eu sabia que havia a possibilidade de encontrar a mulher que destruiu meu coração. Uma parte de mim rezava para que Ana Carolina não passasse nem perto da porta, já a outra torcia pelo contrário.

Eu estava tendo dias de merda desde que ela havia ido embora. Na noite em que apareci no seu apartamento, quase tive uma recaída. Precisei lutar contra todos os meus instintos de abraçá-la e dizer que cuidaria dela.

Sentia tanta falta de absolutamente tudo da nossa rotina.

Tomava mais banhos gelados do que deveria, comprei umas cinco bolinhas antiestresse e ainda não conseguia extinguir aquela irritação crônica que nunca ia embora.

— E aí? Se divertindo? — Julia perguntou, parando ao meu lado enquanto examinava o jardim lotado.

— Vai ficar ofendida se eu falar que não? — Arqueei uma das sobrancelhas e ela abafou uma risada, negando com a cabeça. — Então, não.

— Sempre muito animado, graças a Deus — zombou, e eu levantei meu copo fingindo um brinde.

— Esse sou eu. — Fiz uma pausa e soltei o ar, vendo algumas crianças correrem pela grama. — De qualquer forma, agradeço pelo convite. Você se esforçou bastante e tudo está incrível.

— Obrigada. Acho que no ano que vem será melhor. As crianças vão estar maiores e a minha nova sobrinha também vai estar aqui com uma fantasia fofa.

Aquela imagem mental fez meu coração bater mais forte. Porra, eu compraria uma infinidade de fantasias de *Halloween* para minha bebezinha.

— Estou ansioso por isso.

— A Carol me contou o que aconteceu... Com o meu pai e meu irmão, quero dizer. Fico feliz por você ter aparecido e pedido que ela viesse para minha casa. Nós tivemos alguns problemas — começou a dizer, parecendo um pouco envergonhada e depois limpou a garganta. — Enfim, te acho um cara legal, Dom e agradeço muito pelo que fez por ela quando... Ahn... Eu não estava presente. É uma pena que vocês dois não tenham dado certo.

— É uma pena que sua irmã seja uma mentirosa.

Julia me encarou por alguns segundos e suspirou.

— Ela não é uma pessoa ruim, mesmo que suas atitudes tenham sido. A Cá passou boa parte da sua vida convivendo com o meu pai e eu te garanto, ele pode ser bem manipulador. Você melhor do que ninguém sabe o que é ter alguém repetindo a mesma coisa na sua cabeça por anos, te fazendo acreditar em coisas que nem fazem sentido, não é?

— É diferente — foi só o que eu respondi, e ela me deu um meio-sorriso, com um olhar que praticamente me chamava de idiota.

— Nem tanto... Não estou aqui pra justificar as merdas que minha irmã fez. Inclusive, foi por isso que nós duas brigamos, porque eu não estava de acordo com nada. E por um tempo, realmente acreditei que as ideias do meu pai tinham se entranhado tanto na mente da Carol a ponto de ela perder a sua essência.

— As pessoas não mudam do dia para a noite, Julia.

— Não, mas o amor às vezes traz à tona o melhor ou o pior das pessoas... Por causa das nossas famílias, eu presenciei a parte ruim da minha irmã surgir, mas por você, eu vi desaparecer. Enfim, só queria agradecer por isso mesmo.

— Eu não sei do que você está falando e não fiz absolutamente nada — respondi, confuso.

— Você quebrou um ciclo, isso é o suficiente.

Ela sorriu e simplesmente saiu.

Fiquei vagando um pouco pela festa, conversei com algumas pessoas e não demorou muito para que Ana Carolina chegasse, assim como previ.

Olá, anjo do meu pesadelo[\[27\]](#).

Ela estava vestida de Rosemary, do filme de terror "*O bebê de Rosemary*", com uma camisola azul e uma peruca de cabelos curtos.

Cheguei a me preparar, achando que ela viria até mim, mas tudo o que fez foi me dar um tchauzinho de longe com um sorriso sem muita vontade.

— Realmente, eu ainda fico horrorizado com o tanto de fralda que esse garoto gasta — Marco falou, incrédulo enquanto balançava o bebê conforto para frente e para trás.

E só então eu percebi que estava em uma rodinha com eles falando sobre seus filhos.

— Sim, realmente seria muito melhor se todos nós usássemos a reutilizável, mas... — o Prefeito de Coroa do Sul começou a dizer, ajeitando o bebê em seu colo que estava fantasiado de B1 do Bananas de Pijamas[\[28\]](#).

— Não fode, Ortega! — ele o interrompeu, enfadado. — Dom, não cai nesse papo, porque até hoje Paula tem pesadelos com o dia em que ele inventou de deixar os gêmeos com os panos de bunda.

Eu ri, achando graça.

Esperei que Carolina interagisse um pouco com o Guilherme e seu sobrinho e quando se afastou, resolvi que iria até lá.

Porra, por mais que não estivéssemos juntos, ela era a mãe da minha filha! Então eu afundei os meus sentimentos, pois precisávamos manter uma relação minimamente civilizada.

— Gente, já volto — avisei enquanto os dois continuaram em uma discussão.

Ela havia parado em frente à mesinha de guloseimas e estava deslizando a mão pela barriga distraidamente enquanto examinava os doces.

— Oi! — falei, fazendo com que ela virasse para mim. — Tudo bem?

— Ei... Estamos bem e você? — O verbo no plural fez meu coração se despedaçar um pouco mais. Sentia tanta falta de interagir com a bebê, mas me parecia esquisito demais agora, depois de tudo o que havíamos passado.

— Que bom. Está precisando de alguma coisa? Sei que temos um exame só na semana que vem, mas se você...

— Já sei, se eu precisar de qualquer coisa, é só te ligar — ela completou, sorrindo de um jeito carinhoso. — Sei disso, Dom.

— Certo.

— Não achei que viria.

— Nem eu...

— Ai, Cá, você está aí! Posso roubar ela só um minutinho? — Uma das amigas da Julia surgiu do inferno, pegando-a pelo braço. — Quero te mostrar uma coisa!

Carolina se desculpou em silêncio e foi levada para longe de mim. E depois disso, tentei me concentrar em qualquer conversa, mas era difícil quando ela estava por perto roubando minha atenção.

Parecia tortura estar tão perto daquela mulher e não poder tocá-la.

Decidi ir ao banheiro do segundo andar e assim que saí, Carolina estava no corredor, observando as fotos do sobrinho na parede. Eu não sabia como reagir, o que dizer. Não dava para passar por ela e fazer um meneio com a cabeça como se ela fosse uma desconhecida.

Notei que tinha tirado a peruca que compunha a fantasia e decidi que faria um comentário sobre sua escolha.

— A fantasia da Anabelle estava indisponível? — perguntei, sentindo-me um idiota.

— Achei que seria meio bizarro uma Anabelle grávida — respondeu, sorrindo e depois suspirou. — E mais uma vez não pude usar minha fantasia de Sally.

— Por que não serviu?

— Porque você sabe... — Ela cutucou os dedos, sem me olhar nos olhos. — Não faz sentido uma Sally sem um Jack.

Meu estômago pareceu borbulhar. A vontade de segurar seu rosto e beijá-la me consumiu a ponto de suprimir todo o meu ar. Eu não sabia mais como me portar perto dela, como agir de forma neutra e apática.

Eu amava aquela cretina, porra! Como seria indiferente?

— Realmente... — foi só o que eu disse, recebendo um sorriso triste em resposta.

Eu precisava dizer alguma coisa, qualquer coisa. Algo bobo ou estúpido, que apenas levasse aquela névoa de desconforto embora.

— Se rendeu aos clássicos, afinal? Porque *O Bebê de Rosemary* definitivamente não é da sua época — arrisquei em um tom divertido.

Ela sorriu genuinamente, fazendo com que meu coração desse uma cambalhota. Nunca iria entender como alguém podia deter absolutamente toda a beleza do universo para si própria. Chegava a ser desleal com os demais seres humanos.

— Talvez eu estivesse pensando em como chamar atenção de alguém do século passado... — confessou, mordendo o lábio inferior.

— Carolina...

Deixei seu nome pairando entre nós, em um aviso tácito de que não deveríamos seguir por aquele caminho. Ela não disse nada e nós ficamos ali, presos em uma bolha por alguns segundos, os olhos fixos um no outro.

Inalei uma respiração, soltando o ar devagar e fiz menção de ir embora, mas ela segurou o meu pulso.

— Por favor, vamos conversar? Eu só... Eu queria te explicar tudo, Dom. Desde o início. E depois disso, prometo que nunca mais toco no assunto, eu juro que vai ser a última vez que vou falar sobre nós dois.

A frase “não temos nada para conversar” ficou presa na minha garganta. Algo sobre a forma como ela fez aquela promessa me atingiu com força. Eu tinha medo de dizer qualquer coisa que a cortasse totalmente da minha vida.

O quão bizarro era aquilo? Ela tinha me feito sofrer, caralho! Por que infernos eu estava cogitando ouvir suas desculpas

esfarrapadas? Por que estava em pânico com a possibilidade de um ponto final?

Era o que eu queria, não era?

— Está aqui para me dizer que você não é a pessoa que eu conheci? — perguntei com desdém. — Porque, pelo amor de Deus, você criou um personagem! Você mentiu inúmeras vezes pra mim.

— Não criei um personagem.

— Não? — A palavra saiu com uma lufada de ar, junto com uma risada, externando toda minha incredulidade.

Suas expressões se fecharam e notei que seu olhar se tornou um pouco vazio.

— Com o tempo eu aprendi que a melhor maneira de você fazer as pessoas acreditarem em uma mentira é mentir o menos possível.

Então, ela começou a falar sobre absolutamente tudo.

Contou que tinha escolhido um apartamento perto do meu e também se matriculado na mesma academia apenas para criar uma espécie de vínculo, caso fosse necessário, para ganhar minha confiança. Mesmo sabendo que eu não estava na empresa, achou que uma hora aquela aproximação seria útil.

Carolina se preparou para vários cenários, ela e o Franciley previram tudo. Aparentemente, era muito mais simples quando meu pai estava no comando, mas eu cheguei para “dificultar” um pouco as coisas para eles.

Ela confessou que sempre sentiu atração por mim, mas que jurou para si mesma que eu não atrapalharia seus planos. Depois, ao perceber que toda nossa química era insustentável, achou que o flerte poderia ser benéfico para a situação.

Ali estava a mulher que eu amava contando todas as coisas que fez, em detalhes, para destruir a vida da minha família. Era possível notar que Ana Carolina estava envergonhada de suas ações apenas pela forma como apertava uma mão na outra ou como seu rosto eventualmente ganhava uma tonalidade vermelha, mas ainda assim, continuou.

Minha cabeça parecia um turbilhão com tantas informações e eventualmente fiz uma pergunta ou outra, mas ela quem falou por

boa parte do tempo.

Explicou em detalhes a forma como pretendia destruir a *Petrolio* e contou que se espelhou no escândalo de uma empresa de outro ramo que se afundou porque a consultoria de ESG os denunciou.

Além disso, mencionou que eles estavam em busca de um documento que já estava nas mãos do Franciley, algo que comprovava algumas irregularidades da época, do que meu pai fez para tirar os bens deles. Eles queriam, mais do que as terras, uma “reparação” do Círculo de Ouro.

Ela explicou que a família do Ícaro pagou por boa parte do tratamento da sua mãe e também contou sobre o acordo de casamento. Se o C.O. soubesse que eles estavam certos desde o início, aceitaria bem a união dos dois e nossa família provavelmente sofreria as consequências.

Descobri que os dois nunca foram muito próximos e assim que ela chegou ao Rio de Janeiro, avisou que queria aproveitar um pouco a sua vida de solteira antes de eles darem prosseguimento a um casamento de conveniência, mesmo que se sentisse atraída por ele.

Aquela informação fez com que meu corpo pegasse fogo de raiva, porém, deixei que Carolina continuasse falando. Não faria sentido algum ter uma crise de ciúmes, soaria ridículo.

Confessou que tinha medo, que sentia tudo muito forçado e pediu que eles tentassem criar uma espécie de “amizade” antes de tudo. Disse também que o Ícaro tentava flertar, mas ela sempre impôs alguns limites porque só queria lidar com aquela relação depois.

Fiquei um pouco surpreso quando Ana Carolina afirmou que rasgou todos os documentos que passavam as terras para o seu nome, deixando claro que não queria nada daquilo.

Ela mencionou mais algumas coisas e finalizou afirmando que tudo o que ela planejou foi por água abaixo porque se apaixonou por mim.

— Eu posso ter criado situações para me aproximar, mas deixei que você visse quem eu era, porque se eu fingisse ser outra pessoa

diferente do que eu sou, você teria visto através de mim.

Permaneci alguns segundos em silêncio, tentando absorver aquelas informações. Ok, nem tudo era uma grande surpresa, sempre soube que Ana Carolina havia entrado na *Petrolío* com um intuito: me destruir. Seria hipócrita dizer que fui totalmente enganado.

Então, ouvir tudo da sua boca não me trouxe nenhum outro sentimento além de conformismo.

Não sabia ao certo como estava me sentindo.

— Dom, por favor, me perdoa — ela insistiu, com os olhos marejados. — Eu amo você.

Aquela frase me desestabilizou. Grande parte de mim acreditava, mas aquela maldita vozinha continuava rindo de mim, me chamando de otário. Ainda assim, eu queria desesperadamente que fosse verdade.

— Você mentiu tanto, Carolina — falei, seco. — Como espera que eu acredite?

— Eu nunca menti sobre quem eu era de verdade.

— Não? — indaguei com deboche. — Você era a Clara até uns meses atrás, caso não se lembre!

— Eu sou a Clara. E eu também sou a Carolina. Tudo o que você viu... Sempre fui eu, Dom. Eu sou a garota que você beijou na festa, a consultora simpática que você conheceu no primeiro dia de trabalho e a filha da puta que tentou destruir sua empresa. Não mudei minha personalidade, apenas escondi minha parte ruim.

Eu sabia. Eu quis a Clara e também a Carolina. Eu me tornei obcecado e me apaixonei por ela em todas as suas versões.

— Não era para eu ter me envolvido, mas você me quebrou de tantas maneiras que eu nunca vou saber explicar... Com o amor que tinha pela sua sobrinha, pela sua preocupação comigo mesmo me odiando, pelo profissional sério que você é. Não sei como, mas você extinguiu qualquer coisa ruim que estivesse dentro de mim e, em meio a tudo isso, nós conseguimos criar algo perfeito.

Ela segurou minha mão e colocou sobre sua barriga e na mesma hora foi como se tudo ao nosso redor fosse reduzido a pó. Ali estávamos nós três de novo, como se fôssemos apenas um.

Senti meus olhos arderem, o nó parado na minha garganta impedindo-me de respirar direito. Eu desejava a nossa vida de volta, queria fazer planos, falar sobre nomes de bebês e acordar com aquela mulher todas as manhãs na minha cama.

Eu ansiava desesperadamente por algo que nunca pensei ser possível.

Queria me casar por amor e criar nossa filha com ela.

— Eu acho que já estava apaixonada antes, mas quando eu descobri que estava grávida... — Ela fez uma pausa e uma lágrima fugiu dos seus olhos. — A conexão que nós dois criamos foi inexplicável. Sentir nosso vínculo crescendo, ver o pai incrível que você é e saber que confiou em mim para conversar sobre as coisas que passou fez com que eu percebesse que o que eu sentia por você era amor de verdade. E eu sei que você me odeia...

— Não te odeio, Carolina. E é isso que me irrita pra caralho, porque eu deveria. Queria conseguir te cortar da minha vida... Porra, eu queria ao menos parar de pensar em você por algumas horas do meu dia! — explodi, irritado comigo mesmo, com toda aquela situação ridícula em que eu me encontrava. — Eu jurei para mim mesmo que não passaria por isso de novo, que não me abriria para ninguém, que não deixaria nenhuma mulher chegar nem perto no meu coração. E aí chega você com seus malditos vinte anos como um furacão na minha vida. Por que você tinha que fazer isso? Eu me sinto tão estúpido!

Quando terminei de falar, meu peito subia e descia em um ritmo rápido. Era como se eu estivesse finalmente me libertando de tudo o que eu queria dizer, expondo minhas frustrações sem me importar com nada, apenas porque desejava uma resposta.

Eu realmente gostaria que ela me desse uma, que me explicasse por qual motivo tinha roubado meu coração daquele jeito. Queria entender, desesperado por uma explicação lógica, porque não aguentava mais me sentir tão impotente sobre meus próprios sentimentos.

— Você não é estúpido — afirmou, balançando a cabeça em diversas negativas e encostando suavemente a mão no meu rosto.

— Sim, eu sou, porque você me enganou, me fez sofrer e ainda assim eu te amo.

Ela piscou, meio atônita. Sua boca se entreabriu e eu percebi que tinha dito aquelas três palavras em voz alta. Há quantos anos eu não as pronunciava? Por que havia um certo alívio em dizê-las?

— Você... Você realmente me ama?

— Sim, sua idiota! E eu não sei o que você fez comigo! — continuei, ainda transtornado. — É como se você fosse a porcaria de uma doença que tomou conta do meu corpo inteiro e eu não sei como me livrar de você!

— Por que quer se livrar de mim? — perguntou, triste, chegando ainda mais perto. — Não quero ir a lugar algum.

— Não quero acordar um dia e ver que você decidiu que era hora de voltar para sua família — confessei, sem me importar de parecer ainda mais vulnerável.

Já tinha pulado do penhasco mesmo, que se foda!

— Eu disse uma vez que jamais trocaria minha família por uma paixão...

— Exatamente por isso.

— Acontece, Domenico, que você não é uma paixão. Você é o amor da minha vida, você é a minha família.

Então, eu desisti de ser forte e permiti que todo o gelo derretesse.

Segurei seu rosto e a beijei de um jeito desesperado, como se aquela mulher fosse o ar que eu precisava para sobreviver.

E de certa forma, era exatamente o que ela era.

Capítulo 54



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

Ele me amava!

Ele me amava e nada mais importava.

Domenico repetiu aquela frase algumas vezes enquanto me beijava e outras olhando no fundo dos meus olhos. Porém, eu me desmanchei por completo quando ele ajoelhou, abraçando-me pela cintura antes de encher minha barriga de beijos.

— Também te amo, bebê... — falou baixinho, e eu deslizei os dedos por seus cabelos. — Desculpa por ter ficado tanto tempo longe de você.

Meus olhos tornaram a arder. Eu sabia que Domenico provavelmente estava sofrendo por se manter distante. Nos últimos dias, cheguei até a digitar algumas mensagens perguntando se ele queria passar no meu apartamento para conversar com a neném, mas tive medo de parecer que estava usando minha filha para me aproximar ou algo do tipo.

Ele me encarou e sorriu, levantando-se logo em seguida. Segurou meu rosto e ficou em silêncio, olhando-me quase que hipnotizado. Queria chorar apenas por sentir novamente seus polegares deslizando de forma carinhosa pelas minhas bochechas.

— Eu senti tanta falta de vocês — confessou, colando os lábios nos meus.

— Nós também sentimos muito a sua falta... — afirmei, olhando no fundo dos seus olhos e depois suspirei. — Senti falta das suas reclamações e até mesmo de você me enchendo o saco pontualmente para tomar as vitaminas. Que inferno, eu te amo tanto.

O aperto no meu rosto aumentou e ele meio que o espremeu, antes de colar os lábios nos meus.

— Também amo você.

Mais um selinho.

— Muito...

Outro beijo.

— Porra, amo você pra caralho!

— Mesmo? — perguntei em um tom meloso, e ele revirou os olhos.

— Quantas vezes mais preciso repetir?

— Então, eu vou ser tipo... Ahn... Sua namorada?

Dom abriu um sorrisinho ordinário, daqueles capazes de fazer a minha calcinha melar. Não era possível que um homem fosse tão lindo assim e era mais inacreditável ainda que ele estivesse dizendo tantas vezes que me amava.

Não fazia ideia de como o universo poderia ser tão bom comigo.

— Você não vai ser só “a minha namorada”, vai ser minha mulher — afirmou, deslizando o polegar por cima dos meus lábios. O impacto daquela frase me fez estremecer. — Só minha.

— Só sua... — sussurrei contra sua boca, antes de beijá-la. — Pra sempre.

Ele pressionou mais minha cabeça contra a parede, aumentando a intensidade do beijo e fazendo com que meu corpo incendiasse por inteiro. Nossas línguas trabalhavam em sincronia, desesperadas uma pela outra, tentando suprir toda aquela distância pelo tempo em que passamos separados.

Queria ficar presa dentro dos seus beijos por uma eternidade.

Talvez eu pudesse parar só um pouquinho para abaixar minha calcinha...

Podia sentir minha boceta latejando, mas tentei me manter calma. Estávamos tendo um momento meio fofo, não queria estragar tudo parecendo uma tarada.

Bem, eu estava grávida... Poderia colocar a culpa nos hormônios.

Não seria a primeira vez.

Suspirei fundo quando sua barba roçou na minha mandíbula e ele arranhou os dentes pelo meu queixo. Minha cabeça parecia feita de gelatina enquanto eu me derretia com o seu toque.

A mão que estava na minha nuca subiu um pouco, entranhando-se pelos meus cabelos e apertando-os no seu punho. Só esse gesto foi o suficiente para me deixar alucinada e a ansiedade me corroeu como labaredas.

— Vamos pro banheiro — sugeriu, ofegante, e ele me puxou, afastando um pouco a minha cabeça.

— Carolina... — chamou em um tom de alerta. — Nós estamos na casa da sua irmã.

— E ela tem um banheiro bem amplo aqui em cima.

Ele riu.

— A gente pode ir pra casa...

— Não aguento chegar em casa — confessei, passando a mão por cima do seu pau e ele fechou as pálpebras, inalando uma respiração.

— Ah, foda-se!

Domenico me puxou até o banheiro, mas assim que entramos e eu me olhei no espelho, lembrei que estava parecendo uma senhora do século passado.

— Meu Deus, eu não estou nada *sexy* — falei, triste, observando meu reflexo. — Estou parecendo uma velha!

Domenico me virou, apoiando uma das mãos no meu pescoço. A outra subiu lentamente pela minha coxa e ele me encarou, dando um sorrisinho safado.

— Eu te acho *sexy* mesmo dentro dessa roupa.

— Porque assim eu fico parecendo que tenho a sua idade? — zombei, e ele jogou a cabeça para trás, gargalhando.

— Não... — ele começou a sussurrar perto do meu ouvido, os lábios resvalando devagar pelo meu pescoço, a respiração queimando minha pele. — Porque eu te acho *sexy* de qualquer jeito e acharia mesmo que estivesse do avesso porque você é a porra da mulher mais gostosa do mundo...

Engasguei uma respiração quando sua mão encontrou minha calcinha de renda e outro sorrisinho surgiu nos seus lábios.

— Será que a Rosemary era safada assim? — indagou, esfregando os dedos por cima do tecido. — Porque não acho que ela usava uma calcinha dessas.

— Não, essa é só pra você — falei contra sua boca, e na mesma hora ele enfiou a mão por dentro, esfregando os dedos no meu clitóris.

— Que boceta encharcada, Carolina...

— O que eu posso fazer? — Retorci os lábios em um falso pesar. — Estou condenada a isso toda vez que vejo você.

Ele sorriu e tornou a me beijar, sem parar os movimentos. Não demorou para abaixar minha calcinha até o meio das minhas pernas. Por mais que eu já estivesse com a barriga grandinha, Domenico não tinha dificuldade alguma em me masturbar.

Tentei abrir o seu macacão e bufei, frustrada por não conseguir. Que inferno de fantasia ridícula.

— Que merda de roupa, Domenico. Por que está usando algo tão difícil de tirar?

— Porque eu não pretendia tirar e muito menos esperava que fosse trepar com você no banheiro da casa da sua irmã, porra!

— Se livra disso, pelo amor de Deus! — implorei, tentando puxar a peça e ele me ajudou, descolando o velcro e abaixando o macacão até a cintura.

Respirei aliviada assim que espalmei as mãos pelo seu peito quente e distribuí alguns beijos por ele. Eu amava o seu cheiro, seu gosto e o calor da sua pele contra a minha.

A sensação da sua mão cobrindo toda minha boceta enquanto seus dedos grossos se esfregavam ao redor do meu clitóris era alucinante. Ele estava inchado, latejando, e eu me perguntava quanto tempo mais conseguiria me segurar.

Um gemido mais alto fugiu da minha garganta e ecoou pelo banheiro. Na mesma hora, Domenico segurou meu pescoço com a mão livre, forçando-me a olhar no fundo dos seus olhos. O castanho esverdeado era quase nulo, a pupila dilatada preenchendo sua íris até que não restasse muito mais do que uma linha fina.

E a forma como ele me encarava. Tão excitado e prestando atenção em cada movimento do meu rosto. O olhar se perdia nos meus lábios entreabertos, no polegar que se arrastava por eles. O desejo crepitando e escurecendo no minuto em que tornava a encontrar os meus olhos.

Tentei abaixar o macacão, mas ele aumentou a pressão no meu pescoço e não fez nada mais além de um estalo duplo com a boca enquanto balançava a cabeça e uma negativa.

Parei na mesma hora diante do seu olhar autoritário, a excitação crescendo no meu ventre e queimando absolutamente todas as células do meu corpo.

Ele continuou. O olhar fixo no meu enquanto massageava meu clitóris devagar e depois um pouco mais rápido, sentindo prazer em me torturar. Minhas unhas cravavam nos seus ombros, buscando por apoio.

Eu estava tão perto...

— Abre os olhos, Carolina! — Sua voz ressoou dentro dos meus ossos, fazendo com que tudo dentro de mim estremecesse. — Olha pra mim!

Fiz exatamente o que ele mandou.

— Dom, eu vou...

— Eu sei — sussurrou contra os meus lábios, diminuindo os movimentos e me fazendo choramingar.

O aperto no pescoço tornou a se intensificar.

— Só que você vai gozar sem dar um pio, entendeu? Não quero ninguém além de mim ouvindo a porra dos seus gemidos.

Assenti com a cabeça e comprimi os lábios quando ele aumentou a fricção. Minhas unhas se afundaram com mais força, descendo pelo seu braço e criando um caminho vermelho. O calor se duplicou e depois se multiplicou, resultando em uma explosão catastrófica.

Meu mundo inteiro desmoronou. Eu gozei com força, sem emitir nenhum som, olhando no fundo dos seus olhos que me encaravam hipnotizados.

Ele me beijou como se não pudesse se conter, extinguindo a única centelha de fôlego que eu ainda tinha.

— Quero você dentro de mim... Por favor!

Ele me levantou, colocando-me em cima da pia de mármore, bem na beirada. O gelado da pedra não me incomodou, pelo contrário, me deixou ainda mais excitada.

— Está confortável? — perguntou, preocupado, fazendo carinho na minha barriga.

— Sim, Domenico, pelo amor de Deus! — Eu o puxei, posicionando-o no meio das minhas pernas, desesperada.

— Calma, mulher! — exclamou, empurrando o macacão para baixo.

A porra da pia tinha a altura perfeita! Obrigada, universo!

Ele tornou a colar a boca na minha e eu suspirei no momento em que aquele pau maravilhoso começou a me preencher aos poucos. E então ele se encaixou em mim, como se fôssemos um quebra-cabeça perfeito.

Chegava a ser assustador como meu corpo parecia ter sido feito para o dele. E a cada investida que Domenico dava, eu tinha mais certeza disso. Os movimentos começaram devagar, mas não demoraram muito para se intensificar.

— Porra, eu senti tanto a sua falta! — sussurrou, praticamente dentro da minha boca.

— Eu... Também — falei pausadamente, nas duas vezes que ele me atingiu no fundo.

Os beijos abafavam os gemidos e toda a atmosfera que nos rodeava esquentou ainda mais, criando uma névoa densa. Minha respiração se tornando ainda mais precária, o suor escorrendo pela minha nuca e os arrepios contínuos escalando pela minha coluna.

A cada estocada eu sentia uma parte de mim se desfazer. Enquanto Domenico me fodia, ele desordenou qualquer pensamento coerente e se tornou o dono até mesmo da minha respiração. Meu sangue borbulhava, o coração pulsava desenfreadamente e a umidade escorria pelo meio das minhas pernas.

Gemi mais alto e na mesma hora, ele cobriu minha boca com uma das mãos e me olhou irritado.

— Mandei ficar quieta.

Fiz uma negativa involuntária com a cabeça e soltei um ruído pela boca quando ele se impulsionou com mais força. Eu vi a raiva nos seus olhos por eu não estar obedecendo e a expectativa do tapa farfalhou dentro de mim.

E se eu não fosse uma boa garota só por um segundinho?

— Não? — ele indagou e eu neguei com a cabeça. — Quer que a festa inteira saiba do estrago que meu pau faz na sua boceta? Vai ficar gemendo alto que nem uma cachorra?

Meu coração martelava contra minhas costelas à espera do que estava por vir.

Então, eu assenti.

Ele tirou a mão que cobria minha boca e acertou um tapa no meu rosto, fazendo com que imediatamente um sorrisinho satisfeito surgisse na minha boca. Não havia sensação melhor, toda a ardência era alucinante.

— Tava com saudades de apanhar, né, sua vagabunda? — perguntou, segurando meu queixo e eu mordi o lábio inferior.

— Pra caralho — afirmei, beijando sua boca.

— Da próxima vez, você pede ao invés de me tirar do sério, ouviu?

— Desculpa — pedi baixinho, arrastando meus lábios nos seus.

— Prometo ser obediente.

— Ótimo, porque se não for, não vou te fazer gozar — avisou em um tom levemente ameaçador, metendo mais fundo enquanto se aproximava do meu ouvido: — E você está tão perto, linda...

— Tão perto — repeti em um choramingo. — Mas você não faria isso com *sua mulher* grávida...

A expressão “*sua mulher*” formigou na minha boca, acomodando-se confortavelmente de uma forma que eu jamais saberia explicar.

— Não, não deixaria a *minha mulher* na vontade...

Ele resvalou o polegar na minha bochecha, saindo de mim lentamente.

— Porque você é minha... Só minha... — As frases eram ditas contra minha boca, conforme seu pau saía e entrava na minha boceta.

— Toda sua...

Mais uma investida.

Comprimi os lábios quando ele levantou um pouco meus quadris, suprimindo um gemido. Porra, eu não aguentaria muito mais tempo, estava pronta para que a avalanche viesse.

— E eu tenho que cuidar de você, não é?

— Sim... Você... Tem — respondi, ofegante. — Deus!

— Eu sei, linda — afirmou, olhando no fundo dos meus olhos.

Domenico se impulsionou mais algumas vezes, apertando-me contra ele, provocando um efeito único que somente aquele homem era capaz de me proporcionar.

Ele varreu minha sanidade, arrebentando o último fio.

Perdi minha consciência por completo. O mundo inteiro se apagou e não existia nada além dos nossos corpos coexistindo, transcendendo e fundindo-se em apenas um.

Todos os meus músculos relaxaram, a névoa nos envolvendo em uma atmosfera lânguida. Ele me beijou preguiçosamente, a língua mergulhando na minha em um torpor delicioso. A ponta dos meus dedos escorregava de forma suave em seu braço e os dele exploravam meu pescoço. Os toques eram lentos, como se nós dois estivéssemos buscando prolongar aquele momento.

— Eu realmente amo você — falei quando Dom se afastou um pouco para olhar nos meus olhos.

Ele suspirou e ficou alguns segundos me examinando, o polegar fazendo carinho na minha pele arrepiada.

— Eu realmente amo muito você — repetiu, sorrindo, e eu fiz o mesmo, como se não fosse capaz de controlar a euforia.

— E Dom... — Mordi o lábio inferior. — Eu sei que temos alguns problemas de confiança para trabalharmos, mas acredito na gente e acho que somos bons o bastante para fazer isso dar certo, não é?

— Sim, somos bons o bastante para isso.

E me beijou.

Ainda estávamos tentando recuperar o fôlego quando ouvimos batidas na porta. Nossos olhos se arregalaram ao mesmo tempo, e ele gritou um “está ocupado” para quem quer que estivesse do lado de fora.

Todo o meu rosto esquentou. Xinguei baixinho e Domenico pegou minha calcinha do chão antes de me ajudar a descer da pia.

— Você sai primeiro e tenta distrair a pessoa — cochichei, tentando ajeitar os meus cabelos desalinhados.

— Distrair como, porra?

— Sei lá, diz que o vaso entupiu.

— Caralho, eu não vou fingir que estava cagando no banheiro da sua irmã!

— Shhhh! — Coloquei o indicador nos lábios. — É melhor do que acharem que estávamos fodendo.

Domenico apoiou as mãos na cintura e me deu um olhar debochado.

— Definitivamente não é.

Bufei, tentando grudar o velcro do seu macacão.

— Como eu estou? — perguntei, apreensiva.

— Com cara de que foi muito bem comida — brincou e eu dei um tapa no seu braço.

— Dom!

Ele segurou meu rosto com as duas mãos e deu um beijo rápido nos meus lábios.

— Você está sempre linda.

— Obrigada, agora anda! — Eu o empurrei em direção à porta.

— Ah, é você. — Ouvi a voz do Guilherme do outro lado, enfadado. — Anda, Carol, pode sair daí.

Merda! Merda! Porra!

Respirei fundo e abri a porta. Olhei para minhas unhas tentando fingir que nada demais estava acontecendo, sem ter coragem de encarar o meu cunhado.

— Não acredito que estavam trepando no meu banheiro, porra!

— Eu não... — comecei a me justificar e chutei Domenico porque ele abafou uma risadinha.

— Não tem graça, Domenico. Já basta ter flagrado seu irmão com a Manuela no meu quarto de hóspedes porque os dois parecem cachorros no cio! — Ele fez uma careta. — Ela é quase minha irmã, porra!

— A gente estava conversando — Dom mentiu, tentando parecer sério, mas suas expressões não passavam credibilidade alguma.

— Não fode!

— Estávamos sim! Sobre a bebê! — insisti, e ele estreitou os olhos para mim, cruzando os braços.

— Vai usar sua filha para encobrir isso? Eu falei pra Julia que essa merda ia acontecer.

— Falou? — Arqueei uma das sobrancelhas.

— Ah, pelo amor de Deus, vocês acham que ela fez essa festa por acaso? Estava tentando reaproximar os dois.

— Que filha da puta! — exclamei.

— Pelo visto ser uma cobrinha sorrateira é algo de família — Dom zombou.

— Vocês são de foder! — Gui se virou para descer as escadas e continuou resmungando: — Qual o problema dessa família que acha que minha casa é um motel?

Eu me virei para ele e apoiei as mãos na cintura.

— Sério, Domenico? Você não tentou dar uma única desculpa?

— Adiantava, realmente? — perguntou, com um sorrisinho de desdém. — Ah, que se foda, a mulher dele que inventou essa gracinha, não foi? Somos um casal apaixonado, ele que lide com isso.

Eu sorri e ancorei minhas mãos ao redor do seu pescoço, ficando nas pontinhas dos pés.

— Somos um casal... — repeti, sentindo meu coração derreter.

— Na verdade, somos uma família — ele corrigiu, fazendo carinho na minha barriga.

E sim, nós éramos.

A vida tinha me dado uma de sangue, mas ali estava eu, escolhendo voluntariamente uma outra por amor.

Capítulo 55



Ana Carolina Lacerda

Ana Carolina Lacerda

As últimas semanas de gravidez foram intensas, mas eu acho que nunca fui tão feliz em toda a minha vida. Nós fizemos planos, conversamos sobre o passado e também sobre o futuro.

Conforme os dias se passavam, podia ver nitidamente nossa relação se estreitando, os laços ficando mais fortes. Nós estávamos

tão apaixonados, tão ansiosos com a chegada da bebê e nada mais parecia ter importância.

Eu voltei para a empresa empenhada a fazer com que a *Petrolio* atingisse suas metas o mais rápido possível e nós trabalhamos juntos, como um time de verdade. Domenico ouviu minhas ideias e, mesmo que não concordasse com algumas delas, cedeu.

Ele estava me dando um voto de confiança, eu sabia disso. E aquele gesto significava tanto para mim, porque aquele homem tinha todos os motivos para querer me afastar, para ter ao menos um pé atrás comigo.

Dom não me pediu para fazer nada, não me pressionou mesmo que houvesse um contrato entre nossas empresas. Ele me deixou livre para tomar minhas decisões.

E com o tempo, eu fui percebendo o que era amor de verdade.

Nós vimos diversos filmes de terror juntos, tantos os clássicos quanto os atuais e eu cheguei à conclusão de que ele estava certo: os antigos eram bem melhores.

Fomos juntos à academia por vários dias e Domenico olhou de cara feia para diversos caras que ficaram tentando me secar. Gostava daquele lado possessivo e ficava ainda mais excitada ao ouvi-lo dizer que eu era somente dele (que Nossa Senhora do Feminismo não me ouvisse falando aquilo).

Ele conversou com nossa filha, colocou músicas (que ele considerava decentes) para que ela ouvisse e fez massagens e escaldas-pés em mim todos os dias após o trabalho. Comprou bolos e foi atrás de todas as coisas que falei que estava com desejo.

Aquele homem que eu jurava ser ranzinza agora me acordava todas as manhãs dizendo que me amava. Ele resmungava bastante durante o restante do dia, mas aquele era seu charme.

Eu tinha cada vez mais certeza de que tinha entregado meu coração para a pessoa certa e em alguns momentos até chorei de felicidade apenas por saber que Domenico era meu. A sensação era de que o meu corpo não conseguia reter todo aquele sentimento e eu simplesmente transbordava.

Tudo se tornou perfeito. E nós teríamos nossa filha em alguns dias.

Ok que ela ainda não tinha um nome, mas estávamos trabalhando nisso. Havia tempo e queríamos algo que fizesse sentido.

O parto estava marcado para o dia trinta de dezembro e Domenico estava o puro surto (já tinha feito e refeito três malas diferentes). Eu decidi por uma cesárea porque não me sentia preparada para ter um parto normal. Conversei com diversos profissionais, com a Manuela, Julia e todos me acolheram afirmado que era uma escolha minha.

Finalmente eu experimentava uma sensação de paz, como se pela primeira vez tudo estivesse alinhado. Conseguia ver a beleza nas pequenas coisas e me sentia livre daquele sentimento amargo que fez morada em mim por tantos anos.

Até mesmo o dia de hoje estava sendo relativamente bom. Era dia vinte e quatro de dezembro e decidimos passar só nós dois. Não era uma data que nos animava e nenhum de nós havia se empolgado com outros planos.

Dante e minha irmã insistiram para que fôssemos para a ceia que eles organizaram, mas nós estávamos curtindo o nosso *Halloween* no Natal como ele tinha prometido para mim.

Domenico enfeitou a casa inteira (e acho que até mesmo exagerou na decoração) e comprou uma infinidade de doces. Então nós vimos alguns filmes de terror, jantamos e agora estávamos assistindo *Nightmare Before Christmas* pela centésima vez.

— Estava aqui pensando... — comentei enquanto ouvia a canção *Jack's Lament* do filme.

— Hm... — perguntou, distraído, sem parar de fazer carinho na minha barriga.

— Posso filosofar?

Ele gargalhou e meu coração esquentou.

Eu era apaixonada por sua risada genuína e amava ainda mais saber que na maioria das vezes eu era o motivo do seu divertimento.

— Pode. Vamos ver o que essa cabecinha está pensando.

— Fiquei pensando... Nós meio que somos como o Jack e Sally.

— Somos? — indagou, divertido. — Como?

— Para começar, o Jack é o Rei do *Halloween* e assim como ele, você parecia ter tudo, mas estava meio perdido, buscando algo significativo na sua vida.

— E eu achei você? — implicou com um sorrisinho sarcástico no rosto. — A gravidez mexeu com seu ego, não é?

— Idiota! Me deixa terminar! — Eu o empurrei um pouco, mas ele me apertou contra seu corpo. — Todos acham que ele tem o mundo nas mãos, mas existe um vazio dentro do Jack...

— A parte do vazio pode ser, mas Jack gosta do Natal...

— E assim como eu, você costumava gostar do Natal — lembrei, e ele revirou os olhos, dando-se por vencido.

— Ele canta.

— Você poderia cantar, se quisesse — zombei, e ele me olhou com deboche, fazendo-me rir.

— O Jack tem o Zero e eu não quero um cachorro — ele contestou, porque eu estava insistindo que seria muito maravilhoso que adotássemos um bichinho eventualmente.

— Ainda vamos voltar para esse assunto daqui um tempo.

— Não, não vamos. Não vamos pegar um cachorro.

— Veremos... Enfim, posso continuar? — perguntei, soltando o ar impaciente e ele riu, assentindo. — Em contrapartida, existe a Sally, que quer desesperadamente a liberdade. Agora eu vejo que, de alguma forma, eu estava buscando isso também.

— A Sally nada mais é do que uma boneca de pano criada por um cientista maluco e narcisista — ele concluiu e depois pareceu pensativo. — Bem, vocês duas se parecem, de fato.

Eu ri, concordando.

— O que quero dizer é que os dois têm diferenças, mas eles se aceitam como realmente são e juntos os dois encontram o seu caminho.

Domenico segurou meu rosto e me beijou.

— E assim como a Sally, você permaneceu ao meu lado e... “Nós podemos contemplar as estrelas e sentar juntos agora e para sempre....” — ele recitou a frase do filme, e eu sorri, completando-a:

— “Porque é claro que qualquer um pode ver que estamos simplesmente destinados a ser”.

Ele sorriu, roubando todo o meu fôlego.

Como eu amava aquele homem.

— Você poderia ter dito isso cantando — brinquei, levantando-me para ir ao banheiro.

— Não vou nem te responder.

— Ah, Ninico, vamos lá. — Eu dei uma gargalhada, puxando seus braços.

— Sério, Carolina? Só a Gigi me chama assim.

Cruzei os braços e ergui uma das sobrancelhas.

— Sua amiga Kátia te chama assim...

— A Tita me chama assim desde criança.

— Hm...

Um sorrisinho prepotente surgiu nos seus lábios e ele se levantou. Segurou meu rosto com as duas mãos, inclinando-o um pouco para que eu olhasse nos seus olhos.

— Está com ciúmes?

— Não — respondi, dando de ombros.

Mais um sorrisinho e agora eu já estava irritada.

— Só acho engraçado que — a merda daquele sorriso aumentou — eu sou sua namorada e não posso te chamar por um apelido fofo, mas sua amiga pode.

— Você pode me chamar do que quiser — afirmou, dando um beijo na minha boca e depois tornou a parecer divertido. — É bonitinho ver você com ciúmes, mas não precisa.

Bufei, sem nem entender direito o meu estresse e me virei para sair dos seus braços, mas Domenico me segurou, mantendo-me ali.

Na mesma hora, eu senti um líquido quente escorrendo pelas minhas pernas. Encarei o chão, perplexa, e levantei os olhos para encontrar os seus, arregalados.

— Meu Deus! Não está na hora — falei, desesperada.

— Calma... — pediu, tentando me tranquilizar, acariciando minha barriga. — A gente se preparou para isso.

— Não, eu me preparei para ir para o hospital bem lindinha e seca! — choraminguei e ele tornou a segurar meu rosto.

Podia ver o desespero em seus olhos, mas era fofa que Domenico estivesse demonstrando que nada o abalava apenas porque eu estava surtando.

— Vai dar tudo certo — garantiu. — Ok? Você está sentindo contrações?

— Só um desconforto, mas... Eu só... Estou com medo.

— Estou com você. Isso é normal, linda. Só vamos ter nossa bebezinha em casa antes do que a gente imaginava.

— Ela não tem nome ainda! — lembrei, sentindo o desespero se intensificar.

Como assim eu iria ter minha filha e ela nem nome tinha?

Não sabia o que estava acontecendo comigo, mas meu coração batia rápido e comecei a hiperventilar.

— Meu Deus, a gente não escolheu um nome e agora ela vai nascer e nós vamos chamá-la do quê? — indaguei, perplexa, e cortei o ar com uma das mãos. — Não, não dá pra ela nascer hoje!

— Carolina... — Dom me chamou em um tom suave. — Não acho que você vá conseguir segurar ela aí.

— Eu posso tentar — falei, chorosa, e ele riu.

— Por favor, a gente pode discutir os nomes a caminho do hospital, ok? Estou aqui, tudo já deu certo. Consegue se acalmar um pouquinho?

Assenti, finalmente ficando mais tranquila apenas ao fitar meu reflexo no castanho esverdeado dos seus olhos.

— Merda, eu desfiz a mala hoje de manhã!

— Dom, você tem duas malas prontas no quarto e uma no carro!

— Tá, mas eu tinha colocado as roupinhas novas... Ah, fodase! — ele se interrompeu e, em seguida foi como se tivesse recebido uma injeção de euforia.

Ele se agitou e deu uma risada.

— Vamos ter nossa bebê! — comemorou, puxando-me para um beijo.

Eu sorri, concordando. Soltei uma respiração lenta, sentindo uma imensidão de emoções me atingirem como um furacão.

Ela estava chegando.

O amor das nossas vidas estava vindo para nossos braços.

E eu era a pessoa mais feliz do mundo.



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

— Dom... Estou bem.

— Não tá, não — afirmei meio desesperado, vendo que ela estava com dificuldade de respirar. — É normal faltar um pouco de ar, doutora?

Era uma pergunta que servia para nós dois, porque eu já estava prestes a infartar. Pelo menos, se isso acontecesse, eu já

estava dentro de uma sala de cirurgia.

Mais chances de sobreviver.

— Sim, Domenico. Fica tranquilo. Estamos quase...

Eu estava tentando me manter calmo, mas era impossível sabendo que eles estavam enfiando um bisturi e cortando várias camadas da minha mulher.

Assim que chegamos no hospital, achamos que por ela já estar entrando em trabalho de parto, faríamos o normal, mas minha filha, bem birrenta do jeito que era, estava sentada, então a médica avisou que seria uma cesárea.

Continuei fazendo carinho na sua testa e no rosto, mas quando me aproximei um pouco do seu ouvido para resmungar sobre a equipe médica, um choro agudo e persistente preencheu a sala.

Na mesma hora, o meu coração tropeçou e todo o mundo foi suspenso ao meu redor. Prendi a respiração e olhei para Carolina, percebendo que ela se encontrava do mesmo jeito, em transe.

Espiei por trás da cortininha que dividia o seu corpo e naquele momento eu senti o vazio se fechando por completo, preenchendo meu coração de forma tão intensa que tive a impressão de que ele iria explodir.

Eu nunca havia sentido algo parecido, uma mistura de alegria, medo, bem-estar, tranquilidade.

Minha bebezinha era tão pequeninha, tão frágil e era simplesmente a coisa mais linda do mundo. Seus olhinhos estavam fechados, o rostinho completamente enrugado e ela gritava a plenos pulmões demonstrando que havia chegado.

Ela estava ali, viva e bem.

— Olha quem está aqui — a médica anunciou, feliz. — Bem-vinda, bebezinha!

Eles abaixaram o pano, mostrando-a para nós e na mesma hora começamos a chorar em sincronia. Ela não precisou falar nada, me deu um único olhar que queria dizer absolutamente tudo. Deslizei o polegar por sua testa, fazendo carinho e dei um beijo rápido na sua boca.

— Meu Deus! Ela é tão pequeninha — Carolina falou, olhando para mim, e eu só assenti, sem conseguir emitir nenhum som.

— Vamos cortar o cordãozinho, papai?

Olhei para a obstetra em desespero. Minhas mãos estavam trêmulas quando ela me entregou a tesoura e fiquei alguns segundos em choque, sem saber o que fazer em seguida.

Era como se aquela fosse minha primeira e real responsabilidade como pai. Encaixei os dedos na base e a enfermeira me direcionou, indicando o lugar em que eu deveria cortar.

Puxei uma respiração, buscando coragem e tudo pareceu ficar em silêncio ao meu redor. Só o que eu fui capaz de ouvir foi o som do metal rasgando o cordão.

A equipe comemorou e eu pisquei, ainda tentando absorver tudo.

Sim, eu tinha conseguido ter sucesso na primeira coisa que fiz pela minha bebezinha!

Olhei para a mulher que eu amava e ela sorriu, como se estivesse orgulhosa de mim. Acho que nunca vou ser capaz de colocar em palavras como a nossa conexão era forte a ponto de ter certeza do que se passava por sua cabeça.

E então aquele pequeno pacotinho foi colocado por cima do peito da Carolina. Uma das enfermeiras ainda estava passando um paninho para limpar toda a secreção e, em seguida, aproximou a bebezinha ainda mais do seu rosto.

A cena da mãe da minha filha beijando seu rostinho pela primeira vez seria a imagem que me transmitiria paz para o resto da vida. Aquele seria meu ponto de equilíbrio. Para sempre.

— Oi, meu amor — ela sussurrou, sem parar de chorar. — Você é tão linda.

Eu não conseguia conter as lágrimas. Estava estático, sem conseguir mover um único músculo, apenas observando a perfeição daquela cena diante de mim.

— Dom, vem aqui, olha como ela é perfeita — Carolina me chamou e eu me aproximei um pouco mais, tentando ignorar que todo meu corpo tremia.

Cheguei o rosto pertinho dos delas e dei uma risada quando a neném tentou pegar o meu nariz. Inspirei, sentindo seu cheirinho

pela primeira vez, ouvindo seu choro bem pertinho do meu ouvido.

— Oi, filha... — falei baixinho com a voz embargada, fazendo carinho na sua cabecinha. — Você é tão linda... Não chora, está tudo bem, o papai tá aqui.

Seu chorinho foi cessando aos poucos, sendo substituído por solucinhos dramáticos.

Era sobre ter aqueles dedinhos minúsculos envolvendo o meu e ter a certeza de que eu faria tudo por ela. Sobre ter um amor tão forte que não cabia dentro do meu corpo, ultrapassando todas as barreiras físicas.

— Meu Deus, você é a coisa mais linda da mamãe — falou com uma vozinha fofa, deslizando a ponta dos dedos por sua cabecinha, toda emotiva. — Não acredito que você nasceu no Natal.

Ela olhou para mim e sorriu.

— Agora eu sei porque essa safadinha quis sair antes... Ela veio hoje para dar um novo significado nessa data pra gente, Dom.

Assenti, sorrindo e sentindo uma espécie de alívio por saber que finalmente meus Natais seriam diferentes a partir daquele dia.

— Clara, pode segurar isso aqui, por favor? — uma das enfermeiras falou para a outra e na mesma hora eu olhei para Carolina.

— Clara — ela repetiu baixinho, como se estivesse me contando um segredo. — O que você acha de Clara?

Eu abri um sorriso, porque aquilo parecia certo demais.

Clara era uma parte da nossa história.

— Eu gosto de Clara...

— Mesmo? Você não odiou nenhuma Clara? — perguntou em um tom divertido.

— Não, eu me apaixonei por uma Clara.

Ela sorriu, me desestruturando ainda mais. E eu suspirei, vendo as duas coisas mais importantes da minha vida.

Uns anos atrás, quando eu me apaixonei pela primeira vez, achei que aquele poderia ser um novo começo para mim. Tive um vislumbre de uma vida muito mais realista e estava disposto a renunciar à minha família por alguém que no fundo me desprezava.

Pensei em desistir de tudo pela Tália, a mulher que eu achava que amava.

Sim, hoje eu conseguia ver que aquele sentimento era só uma fagulha perto do que eu sentia pela Carolina.

E agora ali estava eu, diante de uma nova chance. Um novo recomeço.

Conseguia ver, de forma palpável, todas as possibilidades. Uma vida real onde eu podia fazer minhas escolhas sem me preocupar com a reação de outras pessoas. Nenhuma daquelas coisas banais da alta sociedade importava, porque eu estava diante da coisa mais incrível que tinha acontecido em toda a minha vida.

É estranho quando paramos para refletir sobre os momentos felizes e verdadeiramente importantes nas nossas vidas. Porém, aquele ali especificamente era o mais forte de todos.

Eu estava finalmente vivendo o que havia sido tirado de mim e a intensidade daquele pensamento me atingiu de uma só vez, transbordando todas as minhas emoções.

Todo o amor que eu sentia por aquelas duas fez com que os pedaços do meu coração se solidificassem para que ele voltasse a bater com força. E mesmo que agora ele parecesse totalmente cheio, havia uma parte do meu luto que sempre se manteria ali.

Eu estava em paz com isso.

Era parte da minha história, de quem eu era.

Nunca esqueceria o meu primeiro amor infinito e agora eu tinha um outro ali diante de mim.

Deus, eu tinha uma filha! Uma bebezinha linda!

E ela surgiu de onde eu menos esperei... Da mulher que odiei, da cobrinha traiçoeira de vinte e um anos que virou o meu mundo inteiro de cabeça para baixo.

Trepei com a minha inimiga, com uma pirralha insolente que me dava nos nervos, tive uma filha com ela e agora eu era o cara mais feliz do mundo.

Porra, eu era tão hipócrita...



DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

31 de outubro de 2026

— Agora finge que vocês estão dançando — Dante falou, posicionando o celular para tirar outra foto.

Eu olhei para Carolina, encarando aquele par de esmeraldas que fazia meu coração bater mais forte toda vez. Ela sorriu, fazendo com que eu me esquecesse de como respirava. Tão linda com seu vestido colorido, os cabelos loiros esvoaçantes e as cicatrizes pintadas no rosto.

Minha Sally...

Nós finalmente estávamos em Orlando passando o nosso primeiro *Halloween* de Jack e Sally. No ano anterior não conseguimos fazer a viagem porque decidimos nos casar na nossa data.

Olhei para a pequena criancinha vestida de Zero puxando a barra da minha calça e dei uma risada. Suspirei, vendo a minha pequena cópia, com seus cabelinhos loiros e os olhinhos da cor dos meus.

— *Neném, papai!* — ela brigou, parecendo irritada por não estar na foto.

Clara amava uma câmera.

Ela estava com quase dois aninhos e tinha um gênio do caralho.

Fazer o quê? Era mesmo minha filha.

— Calma, princesinha, o papai estava tirando uma foto primeiro com a mamãe — expliquei e ela só levantou os bracinhos, pedindo colo.

— Tão mimada do papai — Carolina zombou, dando um beijinho na sua bochecha.

— *Titio... Click!* — ela chamou o Dante e ficou fazendo um movimento que indicava o *flash*.

Nós fizemos a mesma pose, agora com a bebê no meu colo. Tiramos mais algumas fotos, e depois ela começou a gritar, animada, querendo correr até onde a Gigi estava com o Lucca.

— Feliz por finalmente usar sua fantasia de Sally? — perguntei, aproximando-me do ouvido da Carolina e dando um beijo no seu pescoço, sentindo a pele se arrepiar.

— Valeu a espera... Agora eu tenho o meu Jack.

— Pena que eu vou rasgar esse vestido todinho mais tarde...

— Dom! — Ela me deu um tapinha e eu gargalhei.

— Não é minha culpa que você conseguiu fazer uma versão sexy da personagem do meu filme preferido... — sussurrei com um tom sugestivo, deslizando a mão por sua cintura em direção à bunda.

— Estamos literalmente na frente de um holofote — ela lembrou, puxando meu braço e indicando a grande luz que simbolizava a lua do cenário que criamos para a foto.

— Não dou a mínima. Eu não posso beijar a minha esposa no nosso aniversário de casamento?

Ela sorriu, derretendo-se nos meus braços como sempre fazia quando eu a chamava daquele jeito.

— Bem, é *Halloween*... — comentou com um tom meloso, contra os meus lábios. — Seria estranho se você não me beijasse...

— Cumpro minhas promessas e eu jurei que iria te beijar em todos os *Halloweens*.

— Todos os *Halloweens* serão nossos — ela afirmou, repetindo uma das partes dos meus votos e então colou a boca na minha.

— Pra sempre — complementei entre os beijos.

— *Ninico*, vem cá! — Giovanna gritou, parecendo brava.

Eu me afastei da Carolina, rindo, e me virei para minha sobrinha, comprovando que aquela garotinha estava realmente aborrecida. Suas mãozinhas estavam na cintura e ela ficava ainda mais fofa assim, com sua roupinha de Jessie, do filme *Toy Story 2*.

— Já volto, vou ver se a Ju precisa de ajuda — minha esposa avisou, dando-me um beijo rápido e fui até a Giovanna, que estava com seus pais, sentada na mesa.

— O que foi?

— *Tô* irritada *voxê*!

— O que eu fiz?

— Não me deu *soverte*.

— Seu pai não deixou.

— Mas *voxê* não é o papai.

— Mas você fez besteira ontem.

— Eu? — A indignação falsa me deu vontade de rir e Dante só me olhou, passando as mãos pelo rosto, chocado com sua filha dissimulada.

— O que foi que você fez? — perguntei, cruzando os braços, e ela se fez de desentendida.

— Nada, ué.

— Fez sim — meu irmão lembrou. — Quebrou os óculos do papai. E o papai disse para você prestar atenção.

— Mas eu quebrei prestando atenção, papai.

Comprimi os lábios tentando não rir, mas não consegui quando ela deu uma risadinha em cumplicidade para mim. Depois, puxou o meu braço e cochichou no meu ouvido:

— Tava feio, *Ninico* — confessou baixinho.

— O que ela disse?

— *Seguedo*, papai. *Seguedo*. Já volto, tá bom? Aí voxe me dá soverte, tá? — Ela não esperou uma resposta, apenas foi correndo em direção ao Pietro, que estava no gramado brincando com alguns bloquinhos.

— Essa garota é foda!

— O que aconteceu? — Manuela perguntou, aproximando-se da mesa em que estávamos.

— Sua filha tá puta que não comeu sorvete ontem.

— Eu não concordo com esse tipo de “castigo” — brincou, envolvendo-se com os braços do meu irmão.

— Ela quebrou de propósito.

— Não acho que ela faria isso de propósito — ela defendeu.

— Jamais — menti, e meu irmão estreitou os olhos na minha direção.

— A Paola parece bem — a ecochata comentou, observando a minha mãe conversando com seu novo namorado em uma mesinha mais afastada e todos nós concordamos.

Ele era um cara legal e parecia gostar dela, mas não o conhecíamos bem o suficiente ainda. Nossa relação ainda não era como no passado, mas era difícil privar minha filha de ter uma avó quando ela sabia que minha mãe era presente na vida da Gigi. Então, pela Clara, eu aceitei que ela convivesse mais conosco.

Não havia nada no mundo que eu não fizesse pela minha garotinha.

Além disso, era a única figura de “avó” possível, porque não queríamos que ela tivesse contato com os dois velhos babacas que eram nossos pais. Tanto eu quanto a Carolina cortamos vínculos com eles e os dois continuavam brigando sempre que tinham oportunidade.

Sim, porque agora ambos estavam dentro do Círculo de Ouro.

O pai do Ícaro tinha conseguido um documento que não deixava dúvidas de que meu pai tinha dado um golpe neles, mas nada que fosse válido juridicamente. Como aquela briga era antiga demais e os Lacerda não tinham mais um padrão de vida alto, os

membros apenas colocaram panos quentes para Genaro, mas deram a entender de que Franciley era bem-vindo caso conseguisse se reerguer.

Ou seja, o babaca teria carta branca para voltar um dia. Acontece que algumas famílias sentiram que ele foi injustiçado e começaram a tentar ajudar aquele pau no cu do caralho a ter mais prestígio. Ele recebeu algumas terras de doação e começou a correr atrás de refazer o seu nome.

Meu relacionamento com a Carolina acabou fortalecendo isso, porque alguns achavam que eu estava ao lado deles ao invés da minha família. E mesmo que eu não me manifestasse sobre nada, era o que parecia.

E foi assim que a Marcella e o Adriano se casaram e o arrombado conseguiu voltar para o Círculo. Os Rangel ficaram putos com a nossa família e viram a oportunidade de se aliar a alguém que estava em ascensão.

Eu tentei me afastar daquela merda, mas era difícil por causa da empresa e dos contatos. Com tudo o que aconteceu (o divórcio dos meus pais e meu envolvimento com a Carolina) o nome da minha família sequer estremeceu.

Meu pai continuava fazendo seus jogos e em contrapartida a *Petrolio* estava a todo vapor, gerando lucro e com uma imagem perfeita.

Óbvio que muitos comentavam sobre o Dante, ele ainda era visto como o pária, mas meu irmão não dava a mínima.

O Ícaro procurou a Carolina algumas vezes e ficou muito puto quando soube que íamos casar. Acho que até o último dia o babaca teve esperanças de que ela “voltaria ao perfeito juízo”. Yuri me disse que ele virou uma decepção ainda maior para a família porque foi incapaz de “segurar” a filha dos Lacerda.

Era exaustivo e eu só queria viver a minha vida tranquilamente com minha mulher e minha filha.

Foi só pensar em paz que o universo riu da minha cara. Na mesma hora, Clara começou a chorar e veio correndo na minha direção, esfregando os olhinhos.

— O que foi, meu amor? — perguntei, pegando-a no colo e dando um beijinho no topo da sua cabeça.

Ela fez um biquinho, suspirando de forma dramática e eu limpei suas lágrimas, repetindo meu questionamento e não recebendo nenhuma resposta.

— Ele *tava bincando*, *Cla!* — Gigi veio em seguida, preocupada.

— O que aconteceu, Gio? — meu irmão quis saber.

— Lucca *dixe* a *Cla* é um cachorro, papai.

— Está triste por isso? — eu perguntei e ela assentiu, chorosa.

— Mas por quê? Cachorros são fofinhos, filha. Você não ama os cachorrinhos?

— *Xim*, mas neném *pinxesinha* papai.

Eu ri. Não sabia o motivo de ela estar assim, até porque minha filha tinha uma infinidade de fantasias. Bem provavelmente o seu primo Lucca estava implicando, como crianças costumavam fazer.

— Sim, claro que você é a princesinha do papai, mas hoje está com uma fantasia lindinha para combinar com o papai e a mamãe — expliquei e ela ficou me olhando, meio confusa. — Você está linda, meu amor.

— *Bigada*, papai. *Ti amo*.

— Também te amo, neném.

Ela sorriu e se inclinou para dar um beijinho no meu rosto. E o meu coração entrou em combustão tão rápido que achei que iria explodir. Ela pediu para descer e foi andando rápido com as perninhos meio bambas em direção ao Pietro para brincar com ele.

Olhei para Carolina e ela sorriu, caminhando na minha direção e em seguida se sentou em uma das minhas pernas, rodeando um dos braços no meu pescoço.

Suspirei, dando uma examinada no jardim, vendo a minha família interagindo e as crianças se divertindo.

Havia passado muito tempo pensando que talvez minha vida seria cinza para sempre e hoje eu conseguia ver a infinidade de cores que ela tinha. Eu estava mais do que grato, mas nunca conseguiria entender como eu podia ser tão sortudo.

Epílogo 02

EPÍLOGO 2

DOMENICO PERAZZO

Domenico Perazzo

— Quem é *ito*? — Clara perguntou quando Dante mencionou o gênio da lâmpada.

Nós estávamos dentro da casinha das meninas, sentados em cadeiras em que não cabíamos com coroas na cabeça e tomando chá.

Eu precisaria de uns dois comprimidos de *Tandrilax*^[29] em breve.

Será que tinha reposto meu estoque?

— É o gênio, Clarinha. Ele vive dentro de uma lâmpada — continuou a contar e os olhinhos da minha filha se arregalaram em choque. Ela se virou para mim, como se estivesse querendo minha confirmação.

Clara sempre fazia isso, todas as vezes queria saber se eu concordava com o que estavam dizendo para ela. Era muito fofinho, como se minha palavra valesse mais do que a de todos.

— É isso, mesmo, filha.

— É do Alladin, Cla! — Gigi explicou. — Você não viu?

Ela negou com a cabeça e minha sobrinha revirou os olhos.

— Ai, ai, *Ninico*... Você não ensina *cultura* pra sua filha, não? — perguntou, e eu e meu irmão gargalhamos.

Clara continuava impressionada, olhando para Dante e parecendo ansiosa.

— Ele mora lá dentro, *Didinho*?

— Sim e você pode fazer três pedidos para ele, sabia?

Ela me olhou novamente e eu ri, confirmando.

— O que você iria pedir para ele, Clarinha? — eu quis saber.

— Bolo.

— Bolo, filha? Mas você pode pedir qualquer coisa!

— *Chorrinho*.

Era cachorrinho e eu respirei fundo, sabendo que aquilo tinha o dedo da Carolina. As duas estavam me azucrinando querendo um animalzinho e, para ser sincero, eu já tinha cedido.

Marco tinha um abrigo e eles resgataram uns filhotinhos na semana passada. Como meu amigo sabia que minha mulher e minha filha estavam desesperadas por um cachorro, me ligou.

Eu o xinguei e falei que não queria um cachorro, mas o filho da puta me mandou várias fotos e acabei escolhendo um todo

branquinho que parecia o Zero. Ainda não tinha contado para elas, só estava esperando uma avaliação do veterinário para que ele viesse para nossa casa.

— Isso, Cla! Pede o cachorrinho pro papai que uma hora ele dá.

— Vamos conversar sobre isso depois — afirmei, olhando com ódio para o meu irmão, e ela sorriu, dançando na cadeira toda felicinha.

— Então também quero um cachorrinho. — Gigi colocou as duas mãos na cintura.

— A gente já tem seu irmão que faz muita bagunça, não dá pra pegar um cachorro agora, Gio — explicou, como se aquilo fizesse muito sentido, e ela arqueou uma das sobrancelhas quase em sincronia comigo e o olhou com deboche.

— Está comparando seu filho com um cachorro? — perguntei, chocado, e Dante riu.

— Eu jamais faria isso...

— Os senhores não vão tomar mais chazinho? — Gigi perguntou, fingindo ser a dona da lojinha de chá, segurando o bule em suas mãozinhas.

— *Xim, vão xim* — Clarinha afirmou.

— Vamos sim! — Dante respondeu, animado.

Claro, com certeza eu queria mais água fria com grama do jardim.

— *Ninico*, você quer seu chá com açúcar ou mel?

— Açúcar, Gigi.

— Mas mel é *mais* melhor — ela decretou, ignorando minha resposta, e eu ri.

Eu esqueci que dentro da lojinha de chá delas o cliente nunca tinha razão.

— Então tá certo.

— Pera, pera! — Clarinha pegou a minha xicrinha, foi até o fogãozinho, colocou alguma coisa dentro. — *Igrediente espacial*.

— Qual é o ingrediente especial, filha? — perguntei, receoso. Deus, que não fosse um bicho.

— Amor, papai.

Fofinha pra caralho.

— *Own*, que fofo. Gigi, eu também quero um assim — Dante falou para a filha.

— Esse é mais caro — ela falou, rindo, enquanto o servia, e meu irmão gargalhou, quase deixando sua coroa cair. — Cinquenta reais.

— Você está cobrando pelo seu amor?

— Eu te faço uma *discotinho*.

— Cem reais! — Clarinha berrou, jogando as mãos para o alto e todos nós rimos.

— Filha, mas isso é muito caro pra um chá — respondi.

— *Voxê* é rico, papai.

— Gigi, então pelo menos me vê um bolinho de brinde.

— Não tem bolinho.

— Mas você disse que tinha.

— Agora não tem mais — ela falou, fingindo estar triste. — Já terminou?

— Ainda não... — Dante respondeu, mas ela já tinha tirado o seu pratinho.

— Seu pai não terminou ainda, Gigi.

— Tá *xatifeito* já — Clara respondeu, abrindo um sorrisão e mostrando os dentinhos.

Ela havia aprendido aquela palavra e estava falando a semana inteira sempre que íamos comer. Eu a puxei para o meu colo, enchendo-a de beijos simplesmente porque não consegui me conter.

— Chega, chega! — Ela começou a gargalhar e sentir cócegas.

— Como você é fofa! Tem horas que tenho vontade de colocar em um potinho.

— Mas não fecha ele, *tá bão*?

— Tá bom, princesinha.

Nós terminamos de tomar o chá e elas saíram correndo pelo jardim. Assim que nós estávamos nos preparando para finalmente sair daquela casinha maldita responsável por todas as minhas dores de coluna, Carolina entrou.

— Posso falar com ele rapidinho, Dante?

— A casa é toda sua — zombou, encolhendo-se para sair.

Sai daquela cadeira horrível que já estava machucando minha bunda e me sentei no chão ao lado dela.

— Não podemos conversar na sala?

— É rapidinho, amor, larga de ser resmungão... — Ela rolou os olhos, sorrindo, e eu a puxei para mais perto.

— Esse não foi o motivo pelo qual você se apaixonou por mim?

— Não, foi sua gavetinha de remédios — brincou, fazendo-me rir. — Ou talvez a minha necessidade de cuidar de pessoas mais velhas...

Joguei a cabeça para trás, gargalhando, e ela meio que pulou em cima de mim, colando a boca na minha.

— Eu amo você.

— Também amo você, Carolina.

— Tenho um presente — avisou, puxando uma caixinha que não tinha visto em suas mãos.

— Por favor, não diz que é um bolo de terra que nossa filha fez.

— Não é um bolo de terra! — afirmou, rindo.

Ela entregou o pacotinho e eu olhei para ela, achando graça de toda sua ansiedade. Havia um sorriso tão lindo no seu rosto e eu novamente me questionei como tinha sido capaz de me casar com a mulher mais linda já criada.

— Que isso?

— Abre!

Eu abri a caixinha, vendo um par de sapatinhos feito de amigurumi.

Na mesma hora meus olhos encheram de água e eu a encarei, sem conseguir dizer uma única palavra.

— Nós vamos...?

Carolina estava sorrindo, também com os olhos marejados e só o que fez foi assentir com a cabeça, como se pudesse ler meus pensamentos. Nós já tínhamos conversado sobre um segundo filho, mas decidimos esperar um pouco mais porque estávamos de mudança.

Eu a puxei para os meus braços mais uma vez e a beijei apaixonadamente. Aquele sentimento voltou a me inundar e meu

coração não parecia caber dentro do meu peito.

Nós teríamos mais um bebezinho!

Comecei a encher seu rosto de beijos, afirmando o quanto a amava e ela fez o mesmo, apertando-me contra seu corpo.

— Eu sei que a gente ia esperar um pouco, mas...

— Não dou a mínima, Carolina. — Segurei seu rosto, olhando no fundo dos seus olhos e sorri. — Se eu pudesse faria um time de futebol com você.

— Pelo amor de Deus, Domenico!

Olhei no fundo dos seus olhos, vendo ali toda a felicidade na mais pura forma. Nossa família era a coisa mais importante em toda a minha vida e eu não via a hora de ter mais uma parte de nós dois. Não via a hora de criar mais memórias, de ter mais momentos incríveis ao lado daquela mulher.

Ela era a responsável por toda minha vida ser o que era hoje.

— Eu sou tão grato por você ter entrado no meu caminho... — falei, deslizando os lábios pelos dela. — E sei que você se arrepende das coisas que fez no passado e também lembro que algumas me machucaram, mas foram essas ações que te trouxeram até mim. Eu não me importaria nem um pouco de passar por tudo de novo se eu tivesse a certeza de que estaríamos assim agora.

— Sei disso, amor. Ainda fico sem chão toda vez que penso que no meio de uma vingança fomos capazes de criar algo tão perfeito quanto a Clara. E agora nossa família vai ficar ainda maior...

Aquela frase fez com que eu lembrasse do cachorro.

Puta merda, um filhote, uma criança e agora outro bebezinho.

Deus, eu precisava contar para minha mulher que teríamos um pouco mais de trabalho do que o planejado.

Eu cocei a cabeça e dei uma risada nervosa.

— Então... Ahn... Talvez... Talvez ela aumente um pouquinho mais.

FIM



AH, NÃO ESQUECE DE AVALIAR! ISSO
AJUDA MUITO AUTORA. E APROVEITA
PARA CONHECER A SÉRIE 'E SE' E
DESCOBIR O MOTIVO DE EU
ATACAR DO MARCO... HIHIHI

Notinha Final

NOTINHA FINAL

Fico muito feliz que tenha terminado o livro e do fundo do meu coração, espero que tenha gostado. Eu escrevi com todo o meu amor, de verdade. Eu me apaixonei por essa história, pelos personagens e espero que o mesmo tenha acontecido com vocês.

Sinta-se à vontade para deixar uma avaliação (vou adorar ler) e também para me procurar nas redes sociais para falar (ou surtar) comigo. Eu amo conversar e fazer amizade. Amo pra caralho... kkkkkkkk

Caso não tenha curtido, tudo bem. Acredito que nem todas as histórias se conectam com as pessoas da mesma forma. Ainda assim, espero que um dia, alguma outra conquiste você.

Ah, e se quiser conhecer mais do meu trabalho, não deixe de ler a série “E se...”.

Beijos,
Tati.

Agradecimentos

AGRADECIMENTOS

A todos os leitores, responsáveis pela minha carreira, e aos que deram uma chance para conhecer o meu trabalho, que vibram e se apaixonam pelas minhas histórias. Eu não seria absolutamente nada sem vocês.

Ao meu marido, Thyerry, que é o grande amor da minha vida. O Jack da minha Sally, o homem que viveria o *Halloween* em todos os Natais por mim (se eu não amasse tanto o Natal). Sei melhor do que ninguém que acompanhar todo o processo desse livro também foi difícil para você e obrigada por sempre me apoiar em absolutamente tudo.

Agradeço também à minha mãe, que me ensinou o significado de família e que fez tanto por mim desde que eu me entendo por gente.

Adrielle, Aline, Patrícia, Isa e Helene, esse foi o livro que eu mais precisei das minhas betas, e eu agradeço demais, principalmente por todo o apoio emocional que vocês me deram em cada página que eu escrevia. Fiquei insegura, tive medo, chorei e me emocionei muitas vezes. Obrigada por nunca soltarem minha mão, obrigada por estarem comigo por todo o percurso. Eu amo cada uma de vocês.

À Camila, por ser uma amiga tão maravilhosa, por me ouvir sempre que eu preciso e por acreditar em mim mesmo quando eu não faço isso.

A todas da minha equipe que estão comigo nos bastidores. April, Bebel, Bru, Day, Gabi, Laís, Rosi, Tati e Yas, as meninas lindas que fazem parte do meu time, cada uma cuidando com muito carinho e profissionalismo de vários pontos essenciais para a minha carreira.

Bu, Carol, Stef e Mi, sou muito grata por toda amizade e o apoio que me dão sempre.

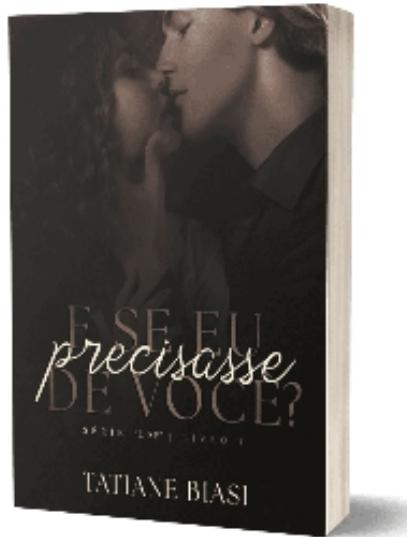
A todas as minhas parceiras e *influencers*, que estão ao meu lado, me divulgando, torcendo por mim e fazendo de tudo para pregar a palavra de Tati Biasi.

A todas as pessoas que estão comigo diariamente, me auxiliando de alguma forma, me dando força e a todos que vão me perdoar por ter esquecido alguém, porque como vocês sabem, a cada dia que passa, lembro menos das coisas.

Outras Obras

OUTRAS OBRA

CONHEÇA MEUS OUTROS LIVROS



E SE EU PRECISASSE DE VOCÊ?

<https://amzn.to/3ZQJKoh>

Alice Rossi tem uma vida sexual um pouco frustrante. Marco Montes tem uma vida sexual invejável.

Ambos se odeiam desde que se entendem por gente, mas Alice vê sua vida virando de ponta cabeça quando descobre uma traição de seu namorado e aceita se mudar temporariamente para o apartamento da sua melhor amiga. Existe apenas um porém, ela mora com Marco.

Depois de muitos encontros frustrantes e uma noite atípica, os dois acham termos para a convivência se tornar mais tolerável.

Sem envolvimento. Sem exclusividade. Sem beijos.

Eles não contavam que o universo, intitulado por Alice como seu arqui-inimigo, fosse criar uma forma de aniquilar todas as questões do passado, reduzindo a pó tudo o que antes era tão bem definido entre os dois.

Marco Montes poderia descrever esse livro como: a nerd insuportável que odeia o gostoso empresário e dá um jeito de foder com toda sua vida.



E SE EU ME IMPORTASSE? LIVRO 2 DA SÉRIE 'E SE'

<https://amzn.to/3JabXjL>

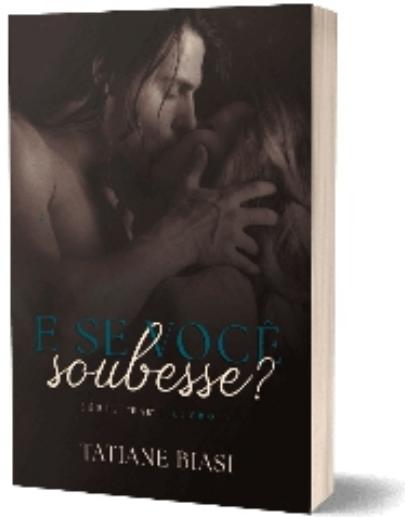
Paula Braga nunca se importou com ninguém além dos seus. Leonardo Ortega se importa com qualquer ser humano que cruza seu caminho.

Ela é a Princesa da Tríade do Mal. Ele é o Garoto de Ouro da cidade.

O ódio sempre ditou a relação dos dois. E quando a fase mais esperada da vida de Leonardo se inicia, ele descobre que Paula será responsável por cuidar da sua imagem para que seja eleito o Prefeito de Coroa do Sul.

Mesmo que Leonardo repita milhares de mantras na sua cabeça, a raiva de Paula por ele parece incontrolável e seu jeito o tira do sério. E por mais que seja difícil trabalharem juntos, com o tempo, se torna ainda pior permanecerem separados.

Totalmente opostos e capazes de criar uma química de intensa potência quando toda raiva explode entre eles.



**E SE VOCÊ SOUBESSE?
LIVRO 3 DA SÉRIE 'E SE'**

<https://amzn.to/3H3PtOK>

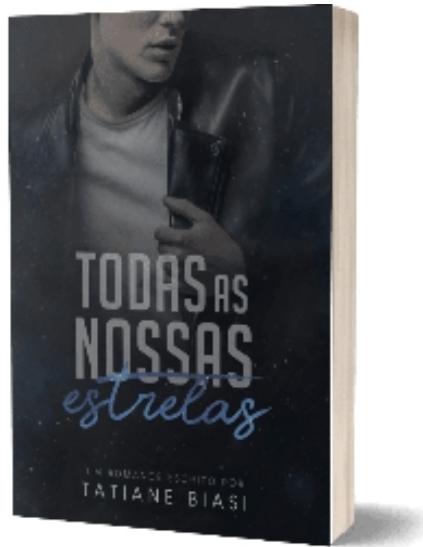
Duda Mazza sempre soube lidar com seus sentimentos. Nicolas Guedes construiu uma barreira em seu coração.

O ódio que se transformou em amizade. A amizade que se transformou em amor.

Um acontecimento altera tudo, desestabilizando o que antes parecia tão intocável. Duda se vê tendo que lidar com as consequências de um segredo de sua família escondido por anos. Nick precisa entender como ultrapassar seus medos e inseguranças.

Em um momento em que todas as relações são postas à prova e os sentimentos são questionados, ambos precisam aprender como domar seus próprios demônios.

A história dos dois parecia escrita, mas sempre houve uma parte que não foi contada. E agora, existia uma outra que ditava novas direções.



TODAS AS NOSSAS ESTRELAS

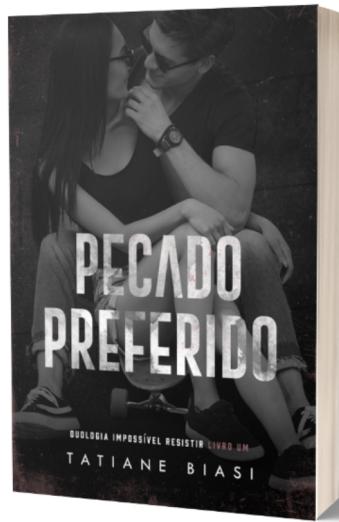
<https://amzn.to/3jN77Pf>

Samuel Medici é um colunista de fofocas que odeia famosos. Conhecido por seu humor ácido e por não perdoar as celebridades, ele diz o que pensa, sem medo de retaliações.

Lexie Taylor é uma artista que cresceu na mídia e não suporta os fofoqueiros de plantão. Sempre com o rosto estampado nas colunas da QueenG!, o maior site de fofocas do Brasil, tem uma lista de namoros fracassados.

Tudo muda quando Lexie ganha o seu próprio reality show: "Quem vai ficar com Lexie?" e se vê indo para um resort em Angra dos Reis em busca de um namorado.

O que ela não contava era que Samuel Medici, seu maior pesadelo, também estaria lá. Em uma confusão de dinâmicas, provas, encontros e desencontros os dois vão percebendo que o ódio é apenas uma combustão para algo ainda mais forte.



PECADO PREFERIDO

<https://amzn.to/3ZbG00N>

:: New Adult :: Haters to Lovers :: Romance Proibido ::

Larissa Albertelli é estudante de Medicina, filha perfeita e herdeira de um dos maiores hospitais do Rio de Janeiro. Pedro Queiroz é um tatuador que mora em uma comunidade no Recreio e também ganha a vida sendo garçom em um condomínio luxuoso na Barra da Tijuca.

Ele não suporta pessoas com dinheiro. Ela abomina pessoas que se acham donas da razão.

E os dois se odeiam desde a primeira interação.

Por obra do destino, Pedro recebe uma proposta que pode mudar sua vida profissional. E como alegria de pobre dura pouco, a consequência é se tornar o novo vizinho da patricinha que detesta.

Ele tem um mandamento de vida e ela veio para quebrá-lo.

Olhares furtivos. Desejos escondidos. Um romance proibido.

Uma atração explosiva e simplesmente irresistível.

E à medida em que a tensão aumenta, os sentimentos surgem, arrastando-os para um romance intenso a ponto de quebrar todas as barreiras pessoais e sociais.

- [1] Governança ambiental, social e corporativa.
- [2] Caneta esferográfica da marca *Montblanc*.
- [3] Joana Prado Belfort é uma empresária brasileira, naturalizada norte-americana, que iniciou sua carreira artística como dançarina e modelo. Ficou nacionalmente conhecida por sua personagem de dança, Feiticeira.
- [4] O Estranho Mundo de Jack (em inglês: *The Nightmare Before Christmas*) é um filme de *stop motion* norte-americano de 1993, do gênero fantasia musical, dirigido por Henry Selick, produzido e coescrito por Tim Burton.
- [5] Amigurumi é uma técnica japonesa para criar pequenos bonecos feitos de crochê.
- [6] O INCA é o órgão auxiliar do Ministério da Saúde no desenvolvimento e coordenação das ações integradas para a prevenção e o controle do câncer no Brasil.
- [7] Marco Montes, personagem fictício do livro "*E se eu precisasse de você?*", da autora.
- [8] Stakeholders são os indivíduos e organizações impactados pelas ações da empresa.
- [9] Tradução do inglês: Mesmo? De verdade?
- [10] Samuel Medici é um colunista de fofocas da *QueenG!*, personagem principal do livro "Todas as nossas estrelas", da autora.
- [11] Leia a série "E se", da autora!
- [12] Blockbuster LLC, também conhecida como *Blockbuster Video* ou simplesmente *Blockbuster*, foi a maior rede de locadora de vídeos de filmes e *videogames* no mundo.
- [13] Gíria que significa: Tudo de bom.
- [14] Xou da Xuxa foi um programa infantil nos anos 90 apresentado por Xuxa Meneghel.
- [15] Casa noturna do Rio de Janeiro.
- [16] Vonau Flash e Bromoprida são utilizados na prevenção e no tratamento de náuseas e vômitos em geral.
- [17] Medicamento indicado para aliviar a azia, a má digestão.
- [18] Jack Skellington é o protagonista no filme da Disney de 1993, *O Estranho Mundo de Jack*, de Tim Burton.

[19] *Pânico* é uma série de filmes norte-americana de suspense e terror criada por Kevin Williamson e Wes Craven.

[20] O *bento cake* é um bolinho pequeno individual que viralizou por ser um bolo divertido com frases ou memes.

[21] *Krispy Kreme* é uma empresa multinacional de *donuts* e rede de cafeterias.

[22] Revista de fofocas fictícia do livro "*Todas as nossas estrelas*", da autora.

[23] Personagem principal do livro "*Todas as nossas estrelas*", da autora.

[24] *Halloween* é um filme dirigido por David Gordon Green, com Jamie Lee Curtis e Judy Greer.

[25] Canção de Pedro Sampaio.

[26] *Greenwashing* (do inglês, "lavagem verde") consiste no ato de divulgação falsa sobre sustentabilidade — onde empresas afirmam que seus produtos são sustentáveis — seja usando publicidade, seja colocando informações indevidas nos rótulos.

[27] Menção à parte da letra da música "*I miss you*", do *Blink-182*.

[28] *Bananas de Pijamas* foi uma série de televisão infantil produzida na Austrália pela ABC, lançada em 20 de julho de 1992.

[29] *Tandrilax* é um medicamento com uma composição relaxante muscular, anti-inflamatória e analgésica (ação contra a dor).